



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
UNIRIO - CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
Programa de Pós-Graduação em História

UNIRIO
história

PAULO ITALO MOREIRA

**As viagens naturalistas de Antônio Bezerra
de Menezes e as Ciências Naturais no
Ceará na segunda metade do século XIX**

Rio de Janeiro

2016

PAULO ITALO MOREIRA

As viagens naturalistas de Antônio Bezerra de Menezes e as Ciências Naturais no Ceará na segunda metade do século XIX

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Heloisa Maria Bertol Domingues

Rio de Janeiro

2016

PAULO ITALO MOREIRA

As viagens naturalistas de Antônio Bezerra de Menezes e as Ciências Naturais no Ceará na segunda metade do século XIX

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Heloisa Maria Bertol Domingues

Aprovada em: ___/___/_____

BANCA EXAMINADORA:

Prof^ª. Dra. Heloisa Maria Bertol Domingues (Orientadora)
Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST

Prof. Dr. Carlo Romani
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO

Prof. Dr. Almir Leal de Oliveira
Universidade Federal do Ceará – UFC

Prof. Dr. Pedro Eduardo Mesquita de Monteiro Marinho (Suplente)
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO/MAST

*Aos meus pais, Manoel (em memória) e
Albéria. À minha irmã, Vitória. À “dona” Alfa
e ao “Seu” Rosendo. À “dona” Zezete.*

AGRADECIMENTOS

A escrita desta dissertação só se tornou possível graças ao apoio de muitas pessoas, com as quais eu absorvi o máximo de bons valores. O nome do autor que elabora todo e qualquer trabalho acadêmico muitas vezes não exprime a quantidade de pessoas que são necessárias para a sua realização. As linhas que se seguem nada mais são do que dívidas de gratidão a cada pessoa que se envolveu, direta ou indiretamente, com esta dissertação.

Primeiramente, devo agradecimentos à minha família, sem a qual, com absoluta certeza, eu não teria conseguido nada em minha vida. Ao meu pai, Manoel, que não presenciou fisicamente o início de minha carreira acadêmica, mas que está presente dentro de mim. À minha mãe, Albéria, uma guerreira, que criou os filhos que tem com muito amor, apesar de não ter o entendimento do que faço, sempre apoiou-me e incentivou-me a voar mais e mais alto. Sua sabedoria não se mede em títulos, mas, isso sim, em sua experiência de vida. À minha irmã, Vitória, minha alunazinha dentro de casa, ouviu muitas vezes, e sem reclamar, a palavra Antônio Bezerra sair de minha boca nos meus momentos de euforia com a pesquisa. À “dona” Alfa e ao “seu” Rosendo, que são minha segunda mãe e meu segundo pai, deram (e continuam dando) todo o apoio possível no período em que permaneci no Rio de Janeiro. Agradeço imensamente a eles dois, sua família e a Marleide, os quais por muitas vezes me deixarem um pouco “sem graça” por me tratarem tão bem, e por serem meu alento nos períodos em que a saudade de casa apertava.

Agradeço aos meus amigos do peito Luiz Alves, Verinha e Pedro Filho. Especialmente aos dois primeiros, pela convivência por um período de um ano em que dividimos o mesmo teto. Nesse período, compartilhamos nossos conhecimentos, ajudando um ao outro nos momentos mais difíceis. Com eles, aprendi, de um lado, a parte complicada da vida, ou seja, cozinhar, lavar, passar, varrer etc. Mas por outro lado, nos divertíamos bastante nos momentos em que nada dava certo e nos que tudo dava certo. Desejo-lhes tudo de melhor, sempre.

No período da minha graduação em História na Universidade Federal do Ceará (UFC), aprendi a ser o historiador que sou hoje. Agradeço a todos os professores e professoras do departamento de História; em especial, ao professor Almir Leal de

Oliveira, que desde o início apoiou-me e fortaleceu-me com suas palavras, ensinando-me o ofício do historiador em seu nível mais elementar. Sempre alimentei uma profundamente admiração e respeito pela sua generosidade intelectual e pelo ser humano que é. Agradeço ao Programa de Educação Tutorial (PET), nomeadamente aos tutores profs. Antonio Gilberto Ramos Nogueira, Mário Martins, Jailson Pereira da Silva e Ana Carla Sabino. Aos bolsistas que estiveram no período de vigência de minha bolsa no PET entre 2011 e 2014. São tantas pessoas que, realmente, não me arrisco a citar todos os nomes, com muito receio de esquecer alguém, visto que todos foram importantes.

Sou muito grato aos funcionários (as) das seguintes instituições: Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará; Academia Cearense de Letras, em especial a dona Madalena; Biblioteca Pública Menezes Pimentel; Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; Biblioteca Nacional; e Museu de Astronomia e Ciências Afins. Agradeço, principalmente, o suporte material que eles e elas me concederam.

Aos professores do mestrado do Programa de Pós-Graduação em História da UNIRIO/MAST, Paulo André, Heloisa Gesteira, Christina Helena Barboza e Anderson de Oliveira. A todos os meus colegas de mestrado, em especial, à Priscila, que sempre foi minha tira-dúvidas.

À minha orientadora, prof^a. Heloisa Maria Bertol Domingues, devo profundas gratidões. Primeiramente, por aceitar, de chofre, a minha proposta de pesquisa. Em segundo lugar, pela admirável disponibilidade, que, mesmo assumindo um cargo tão atribulado, reservava um tempinho para mim. A cada sessão de orientação, ela me brindava com muitos questionamentos e com muitas sugestões, envolvendo-se profundamente com meu objeto de pesquisa, e eu sempre procurei registrar no meu caderninho tudo o que ouvia. Por último, devo agradecer o total suporte material e intelectual concedidos a mim, sem os quais eu não teria chegado nem perto de concluir esta etapa de minha vida.

Agradeço também aos professores que fizeram parte da minha banca de qualificação, Dominichi Miranda de Sá e Heloisa Gesteira, pelo compartilhamento de sugestões importantíssimas para o ajuste da minha escrita.

Aos professores da banca de defesa, professor Carlo Romani, prof. Almir Leal de Oliveira e prof. Pedro Marinho, agradecido por aceitarem estar avaliando esta dissertação.

Por fim, agradeço à CAPES pela concessão de bolsa de estudos para o fomento desta pesquisa.

“Quem estuda atentamente o homem cearense em relação ao seu território, a sua educação, sua inteligência, sua coragem, vida aventurosa, tendências para as letras, meios de que se serve para impor-se onde quer que se ache, selvageria das suas paixões, atos de abnegação e grandeza d’alma na realização de nobres cometimentos, inexcusável resignação ante os rigores do clima e estragos das secas, estranhando amor à terra do berço da qual jamais se esquece, conclui que é ele uma exceção no país, isto é, que tem características diferentes entre os demais filhos do Norte e do Sul” (Antônio Bezerra de Menezes).

“Já Bacon dizia: intérprete e ministro da natureza, o homem não a pode conhecer senão quando a tem observado profundamente” (Antônio Bezerra de Menezes).

RESUMO

Este trabalho analisa a trajetória científica de Antônio Bezerra de Menezes (1841-1921) como ponto de partida para a investigação das ciências naturais no Brasil e, especificamente, no Ceará na segunda metade do século XIX. Antônio Bezerra foi um dos intelectuais mais atuantes nos círculos letrados de Fortaleza durante a década de 1880 em diante. Foi um dos fundadores do Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará (1887) e da Academia Cearense (1894); investigou e desenvolveu trabalhos concernentes à história e à natureza cearenses; contribuiu significativamente para a formação de associações com o intuito de promover a literatura e as ciências; foi um dos mais atuantes abolicionistas cearenses; e escreveu em quase todos os jornais da capital cearense naquele período. Sobre as ciências naturais o trabalho se atém a analisar duas viagens naturalistas que Bezerra realizou ao interior da província do Ceará na década de 1880. Nessas viagens, Bezerra elaborou e exercitou seus procedimentos científicos com base no naturalismo científicista no mapeamento e inventário da natureza cearense. Nesse sentido, compreende-se que o estudo das investigações científicas de Antônio Bezerra contribuíram para situar as ciências naturais no Ceará na segunda metade do século XIX.

Palavras-chave: Antônio Bezerra de Menezes. Ciências Naturais. Expedições Científicas. Ceará. Práticas Científicas.

ABSTRACT

This work aims to analyze the scientific trajectory of Antonio Bezerra de Menezes (1841-1921) as a starting point to research the natural sciences in Brazil, specifically in Ceará, in the second half of the 19th Century. Antonio Bezerra was one of the most active intellectuals in literati circles of Fortaleza during the 1880s. He was one of the founders of the Historical, Geographical and Anthropological Institute of Ceara (1887) and the Cearense Academy (1894); he explored and developed works concerning the history and nature of Ceara; he contributed significantly to the formation of associations in order to promote literature and sciences; he was one of the most active abolitionists from Ceara; and he wrote in almost all newspapers of Fortaleza during that period. About natural sciences, purpose of this study is to trace the intellectual profile of Antonio Bezerra, and specifically analyze his scientific surveys in two naturalists' trips that aimed the inland of Ceara Province, in the 1880s. In these trips, Bezerra prepared and exercised his scientific procedures based on scientific naturalism in mapping and inventorying Ceara's nature. In this sense, it is assumed that the study of Antonio Bezerra's scientific research will help placing natural sciences in Ceara, in the second half of the 19th Century.

Key-words: Antonio Bezerra de Menezes. Natural Sciences. Scientific Expeditions. Ceara. Scientific Practices.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 A TRAJETÓRIA CIENTÍFICA E SOCIAL DE ANTÔNIO BEZERRA DE MENEZES	21
1.1 A formação e as atividades intelectuais de Antônio Bezerra nos Círculos letrados de Fortaleza	21
1.2 Ambiente de formação intelectual de Antônio Bezerra	26
1.3 Formação educacional na juventude	28
1.4 O regresso de Antônio Bezerra e maturidade intelectual	32
2 AS NOTAS DE VIAGEM E O EXERCÍCIO DE CIÊNCIAS NATURAIS NO CEARÁ PROVINCIAL	55
2.1 As viagens científicas de Antônio Bezerra de Menezes e seus percursos	58
2.2 O naturalista viajante e as ciências naturais	79
2.2.1 O classificador	87
2.2.2 O Zoólogo e o Botânico	90
2.2.3 O Geólogo	93
2.3 A construção geográfica do Ceará	100
2.4 O inventário da natureza do Ceará	124
3 OS TRABALHOS DE CIÊNCIAS NATURAIS DE ANTÔNIO BEZERRA	126
3.1 Divulgação científica nos escritos sobre as ciências naturais e a Exposição Nacional do Rio de Janeiro (1892)	128
3.2 Antônio Bezerra e as atividades científicas no Amazonas	145
CONSIDERAÇÕES FINAIS	147
LISTA DE FONTES	151
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	154
ANEXOS	161

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa se propõe a investigar a trajetória científica de Antônio Bezerra de Menezes (1841-1921) e suas explorações naturalistas como parte da construção da ciência natural do Ceará. No Ceará, os estudos e as leituras de obras científicas se davam através de iniciativas individuais e sobretudo coletivas, na formação de agremiações ou de associações, que tinham a ciência como mote para a interpretação do mundo e como instrumento para alcançar o progresso. Os trabalhos de Bezerra se enquadraram nessa caracterização, e a sua obra, como propulsor de investigação desta pesquisa, principalmente no que tange às suas atividades como naturalista, foi um esforço de formação dos estudos de ciências naturais no Ceará. Ademais, justifica-se esse trabalho pelo engajamento de Bezerra como um intelectual bastante atuante nos círculos letrados da capital da província. Ele escreveu sobre a história do Ceará, buscando os marcos de origem; se alistou como voluntário da pátria na Guerra do Paraguai; participou ativamente como defensor da abolição na província na década de 1880; escreveu em quase todos os jornais que circulavam em Fortaleza em finais do século XIX; realizou viagens de cunho exploratório para o interior da província, a mando do governo; organizou exposições sobre os produtos naturais do Ceará; ou seja, foi um intelectual extremamente engajado, pertencente aos ciclos letrados de Fortaleza, e com vasta atuação em variados campos do conhecimento, característica de sua formação em moldes ilustrados. Por fim, busca-se compreender o significado peculiar que a natureza do Ceará despertou – e ainda desperta – para o poder público e para os cientistas. Sem dúvida, a natureza do Ceará, seja por conta do fenômeno da seca ou mesmo em decorrência da posição geográfica, teve um grau de importância para as autoridades públicas. Como exemplo disso, pode-se notar a presença da Comissão Científica de Exploração (1859) que se deteve somente no Ceará, além do interesse de naturalistas renomados no cenário científico internacional em estudar a natureza do Ceará, como Louis Agrasiz, George Gardner, dentre outros.

O interesse para o desenvolvimento da temática desta pesquisa surgiu, de forma embrionária, na minha infância. O nome do bairro em que eu nasci se chama Antônio Bezerra, e desde os percursos que fiz nos trabalhos escolares para o conhecimento do bairro, eu me intrigava a respeito do porquê da escolha desse nome. À época, imaginava que esse sujeito só poderia ter sido muito importante para o Ceará, em virtude da

escolha de seu nome para a denominação de uma das localidades de Fortaleza. As informações que obtive sobre a sua biografia não me bastavam, e fiquei com essa lacuna até a entrada no curso de História da Universidade Federal do Ceará (UFC).

Na disciplina de Historiografia Cearense, ofertada para o curso como opcional/eletiva, tive a oportunidade de aprofundar os estudos da história do Ceará no século XIX. Foram elencados vários autores e seus respectivos trabalhos de referência para o conhecimento da história do Ceará, e dentre eles estavam os livros *Algumas Origens do Ceará* e *O Ceará e os Cearenses*, ambos de Antônio Bezerra de Menezes. A partir desse momento, iniciei os estudos a respeito da trajetória de Bezerra, colocando-me as perguntas que nortearam o processo de investigação desta pesquisa, quais sejam: quem foi Antônio Bezerra de Menezes? Onde estudou? Em que período viveu? Qual a sua obra? Por onde passou? Quais as concepções intelectuais desse autor? Quais as suas atividades nos círculos letrados de Fortaleza? A partir disso, fui adentrando no universo cultural de Fortaleza do século XIX do qual Bezerra fez parte.

Em certo momento da pesquisa, deparei-me com o livro *Notas de Viagem*, escrito por Antônio Bezerra entre 1884 e 1885, e publicado em 1889, oriundo de viagens naturalistas realizadas pelo mesmo com destino ao norte da província do Ceará. Esse trabalho me chamou a atenção justamente por destoar sobremaneira dos escritos de referência de outros intelectuais contemporâneos a Bezerra, por delinear um quadro político, econômico, social e, sobretudo, natural do Ceará partindo de estudos das ciências naturais em viagens de prospecções naturalistas. Bezerra, nesse trabalho, buscou partir de uma prática científica em moldes de um naturalismo-cientificista para analisar o Ceará daquele período. Em *Notas de Viagem*, a concepção de natureza assimilada e propalada por Antônio Bezerra seguiu as discussões acerca do cientificismo aflorado no Império do Brasil principalmente a partir da década de 1870. Os movimentos políticos e intelectuais em fins do século XIX no Império do Brasil principalmente na virada para a década de 1870 foram importantes para o fortalecimento do cientificismo nos círculos letrados do país. O positivismo, o darwinismo, o spencerianismo¹, dentre outros, seriam concepções científicas recorrentes nos debates e no cotidiano intelectual a partir, propriamente, da década de 1870, pela

¹ Ver: DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol. Spencerism in Brazil: An Introduction. In: LIGHTMAN, Bernard (ed.). **Global Spencerism: The Communication And Appropriation of a British Evolutionist**. Brill Academic Pub; Koninklijke Brill NV, 2016, pp. 192-217. Disponível na página: http://www.mast.br/pdf/global_spencerism.pdf Consultado às 9:34, no dia 22/02/2016.

elite intelectual e política do Império, visando sobretudo às modificações sociais, políticas, culturais e econômicas. Esse movimento intelectual não apenas assimilaria os ideais europeus, mas poderia ser também “uma duplicação, adaptação ou reação” (ALONSO, 2002; MURARI, 2009; DOMINGUES, 2016; SCHWARCZ, 1993; GUALTIERI, 2008). O ambiente intelectual no Ceará também seguiu essa caracterização, e praticamente no mesmo período, principalmente por estudos cearenses que retornaram diplomados das faculdades de medicina e direito da corte, de São Paulo, da Bahia, de Pernambuco ou do Rio de Janeiro (OLIVEIRA, 2002; CARDOSO, 2002).

Serão analisadas as atuações de Antônio Bezerra nas esferas social e intelectual, enfocando sobretudo a sua trajetória de naturalista e como membro de comissões científicas subsidiadas pelo governo provincial e do estado do Ceará, como as viagens naturalistas da década de 1880 e da comissão para exposição do Rio de Janeiro, preparatória para a exposição universal de Chicago, em 1892; a sua atividade como diretor do museu botânico do Amazonas entre os anos 1896 e 1901 e como sócio correspondente do Jardim Botânico do Rio de Janeiro. No segundo eixo, o ponto de partida serão os procedimentos de história natural deste autor nas suas viagens de exploração da natureza do território da então província do Ceará na década de 1880, no intuito de compreender o conteúdo científico dessas viagens e o valor social das mesmas. Serão discutidos e historicizados os procedimentos científicos de história natural de Antônio Bezerra como componentes da construção do naturalismo científico no Ceará, enfocando a segunda metade do século XIX. Será analisado, como ponto de partida, o livro *Notas de Viagem* (1889), de Bezerra, em que o historiador da natureza organiza uma sistemática para a prática científica da história natural.

No século XIX, as particularidades da natureza nacional e regional foram objeto de investigação científica e de cobiça econômica/comercial por naturalistas e exploradores brasileiros e estrangeiros. Seja para a comprovação de teorias científicas, caso da *Thayer Expedition*, comissão chefiada por Louis Agassiz, que permaneceu no Brasil entre 1865 e 1866; seja pelas comissões exploratórias do início do século XIX², o mundo natural³ circunscrito ao território brasileiro despertou o interesse de uma gama de estudiosos que o visualizavam como exótico e, sobretudo, passível de inventariação e análise, visto os poucos estudos trataram da natureza brasileira até então. Em outros

² LISBOA, Karen Macknow. **A nova Atlântida de Spix e Martius: natureza e civilização na viagem pelo Brasil, (1817-1820)**. São Paulo, SP: Hucitec; FAPESP, 1997.

³ THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural: mudança de atitude em relação às plantas e aos animais, 1500-1800**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

casos, a natureza foi vista como objeto primordial para a construção da identidade nacional⁴, por expressar alguns elementos da essência da nacionalidade brasileira. Para tanto, o naturalismo na literatura foi um dos, mas não o único, divulgador dessa perspectiva.⁵

Em âmbito local, a natureza do Ceará também foi objeto de investigação no século XIX. Nesse ponto, as concepções acerca da natureza local assumem uma dupla visualização, que pode ser discernida em polos contrários. A primeira, caracteriza-se pelas peculiaridades com relação às mudanças climáticas em decorrência de longos períodos de ausência parcial ou completa de precipitações pluviométricas, fenômeno que caracteriza os regimes de seca e que produziu um imaginário acerca da natureza cearense, fortemente presente em obras literárias. Essa perspectiva descreve um Ceará paupérrimo, ausente de recursos naturais, marcado pela migração de um sem-número de sertanejos às regiões serranas e ao litoral, em busca tão-somente da sobrevivência em meio tão escasso. A segunda, explanada principalmente pelas comissões naturalistas com bases fincadas nos procedimentos das ciências naturais, delinea a natureza do Ceará em seus pormenores, construindo um quadro relativamente otimista no que diz respeito à pluralidade nos âmbitos da flora, da fauna e, contrariamente à visão exposto anteriormente, descreve e identifica uma relativa riqueza de recursos naturais.

Durante o século XIX, naturalistas estrangeiros e nacionais das mais altas qualificações perscrutaram a natureza cearense, deixando contribuições a respeito de sua flora e fauna, bem como de seus aspectos geológicos, mineralógicos, etnológicos etc. Naquele período, como complemento do estilo narrativo dos livros de viajantes/naturalistas, as questões sociais, culturais e econômicas também passaram pelo crivo do naturalista, este muitas vezes registrando o choque cultural ao deparar-se com outros costumes, crenças religiosas e visões de mundo diferentes das suas. As expedições científicas que vieram ao Ceará foram de relevante importância para inventariar a natureza da região. As coleções biológicas e geológicas derivadas dessas expedições foram fundamentais no intento de tornar conhecido o Ceará aos olhos das

⁴ DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol. **Ciência: um caso de política**: As relações entre as Ciências Naturais e a Agricultura no Brasil-Império. Tese doutorado. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - USP, 1995; GUIMARAES, Manoel Luiz Salgado. **História e natureza em von Martius: esquadrinhando o Brasil para construir a nação**. Hist. cienc. saude-Manguinhos [online]. 2000, vol.7, n.2, pp. 391-413; MURARI, Luciana. **Natureza e cultura no Brasil (1870-1922)**. São Paulo: Alameda, 2009; LIMA, Nísia Trindade. **Um sertão chamado Brasil: intelectuais e representação geográfica da identidade nacional**. Rio de Janeiro: Revan: IUPERJ, UCAM, 1999.

⁵ MURARI, Luciana. **Natureza e cultura no Brasil (1870-1922)**. São Paulo: Alameda, 2009.

outras províncias e dos outros países, a partir do inventário da natureza, contribuindo dentre outros fatores para colocar esta província no debate científico evolucionista em curso na segunda metade do século XIX (OLIVEIRA, 2013).

A seca revelava-se às vezes como pano de fundo, às vezes como objeto central de investigação das comissões, e principalmente a forma com que esse fenômeno climático influenciava a constituição natural do Ceará. Muitas vezes vista como empecilho ao desenvolvimento da província, tentou-se de várias formas dirimir os danos causados por tal fenômeno natural, como a construção de açudes e o melhor aproveitamento da água nos regimes de chuva, com a construção de poços. O olhar do naturalista, acurado para a complexidade do mundo natural, visualizava a natureza em sua totalidade, e, por conta disso, mesmo nos períodos de maior escassez de água, o naturalista percebia uma pluralidade em meio à sequeidão. Portanto, as expedições que percorreram o Ceará no século XIX serviram sobretudo como fontes de análise para os naturalistas que viriam a seguir. Pode-se elencar as viagens de João da Silva Feijó (1760-1824), George Gardner (1812- 1849), a Comissão Científica de Exploração (1859-1861) e Louis Agassiz (1807-1873), dentre outros. Compreende-se que este movimento das expedições científicas foi significativo para o entendimento da conjuntura social e política das ciências naturais, estando a província do Ceará e sua natureza na rota de alguns dos principais nomes das ciências naturais nacionais e internacionais.

Para a compreensão da trajetória de Antônio Bezerra e suas concepções propriamente relacionadas às ciências naturais, opera-se metodologicamente sob duas vertentes: na primeira, analisa-se o período de formação intelectual e o ambiente cultural no qual Bezerra se inseriu. Intenta-se, com isso, perscrutar as relações que Bezerra estabeleceu com o contexto social, político e cultural e as suas apropriações no que diz respeito às concepções teóricas e metodológicas em que ele optou, como parte da construção social do conhecimento científico; em um segundo momento, mas não totalmente desvinculado do primeiro, buscaremos investigar a sua produção intelectual a partir da proposta arqueológica de Michel Foucault, no que tange à “escavar o objeto”, retirando as camadas sociais, políticas e culturais que encobrem e ao mesmo tempo produzem o discurso e também a concepção do “autor” e a relação que ele estabelece com a sua obra (FOUCAULT, 2008; Idem, 1969). Para o caso desta pesquisa, busca-se compreender como as camadas da formação intelectual, política, social e cultural de

Bezerra influenciaram o seu discurso, ou, mais precisamente, a sua obra e sua concepção científica da natureza.

Michel Foucault parte dos procedimentos da arqueologia para o entendimento das práticas discursivas. Nesse sentido, o discurso e seu núcleo interior só podem ser acessados de forma profunda a partir da retirada de camadas que o encobrem; é passar do exterior para o interior e vice-versa, no sentido de revelar a profundidade dos conceitos e das ideias que estão latentes. Portanto, buscamos analisar a obra do intelectual Antônio Bezerra a partir, primeiro, da retirada das camadas sociais, intelectuais e sobretudo das concepções científicas para, posteriormente, “escavarmos” a sua obra, no intuito de compreender de que forma e a partir de quais referências Bezerra se fez valer para a produção das suas viagens naturalistas.

Alguns centros de pesquisa do Ceará e do Rio de Janeiro foram extremamente importantes para a realização da escrita deste trabalho de dissertação. No Ceará, a minha agenda de pesquisa contemplou as seguintes instituições: Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará, Academia Cearense de Letras e Biblioteca Pública do Ceará. Ao Instituto e à Academia, foram inumeráveis visitas para a identificação e análise das obras de referência sobre o Ceará, e em relação, propriamente, à obra de Antônio Bezerra, visto que ele foi um dos fundadores dessas instituições. À Biblioteca Pública do estado do Ceará, especialmente ao setor de Obras Raras, foram várias as sessões de pesquisas e leituras, e foi o local onde encontrei alguns trabalhos raros de Bezerra.

No Rio de Janeiro, os acervos documentais do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e da Biblioteca Nacional forneceram-me fontes valiosas referentes à trajetória de Antônio Bezerra. No primeiro, deparei-me com uma documentação escrita pelo próprio Bezerra, o qual descrevia as suas atividades como naturalista no Ceará, em Manaus e no Rio de Janeiro. Essa fonte foi importante para a costura de alguns pontos obscuros até então na pesquisa sobre o sujeito histórico aqui estudado. Na Biblioteca Nacional, identifiquei um documento produzido no final do século XIX, feito por intelectuais cearenses que viviam no Rio de Janeiro e em Manaus, a respeito do perfil biográfico, com destaque para as suas atividades no movimento abolicionista no Ceará.

As pesquisas na base de periódicos da Hemeroteca Digital Brasileira foram fundamentais para esta pesquisa. Nessa base, tive contato com os seguintes periódicos: as *Revistas do Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará* (1887), *Revista A Quinzena* (1887) e *Revistas da Academia Cearense de Letras* (1896), jornal *A*

Evolução (1888-1889), jornais *O Libertador*, *Minas Gerais* e *Jornal do Comércio*. Ademais, visamos perceber a formação intelectual de Bezerra nos círculos letrados de Fortaleza através de sua obra completa e das publicações nessas revistas, priorizando, propriamente, seus trabalhos de ciências naturais.

No segundo corpo documental, para a análise da trajetória intelectual/científica de Antônio Bezerra, percorremos o caminho de sua formação e atuação, desde os estudos na Faculdade de direito do largo do São Francisco e de estudos no Rio de Janeiro; o seu retorno para Fortaleza, sua atuação nos círculos letrados na capital cearense; a sua viagem para Manaus, entre os anos de 1896 e 1901, destacando a sua atuação enquanto diretor de um museu botânico e as suas publicações no jornal *A Pátria*, de Manaus. Para tanto, analisamos as revistas supramencionadas e os documentos relativos ao governo provincial, sobre a atuação de Bezerra como empregado público. Com relação ao percurso de Antônio Bezerra em Manaus, trabalhamos com os Diários Oficiais do Estado do Ceará e do Amazonas.

Com vistas ao desenvolvimento dos trabalhos na segunda parte da dissertação, perscrutamos as concepções teóricas e metodológicas e a produção científica de Antônio Bezerra enquanto naturalista-viajante contratado pelo governo provincial. Para tanto, foram motes de investigação os livros *Notas de Viagem* (1889) e *Maranguape: notas de viagem* (s/d). No terceiro momento, compreendemos a sua efetiva participação na comissão encarregada de divulgar o então estado do Ceará na exposição do Rio de Janeiro, em 1892, preparatória para a exposição universal de Chicago, em 1893, registradas nos livros *Estado do Ceará na Exposição de Chicago* (1893) e *Catálogo dos Productos do Ceará, remetidos a Exposição Preparatoria do Rio de Janeiro pela Comissão Central do Ceará* (1893) os quais deram embasamento a toda nossa análise, pois partimos deles em busca de entender as formas pelas quais Bezerra pratica o naturalismo cientificista no Ceará. Enumeramos as atividades como cientista natural para entender de que maneira cada uma se relaciona com o fazer científico do final do século XIX e de que forma Bezerra opera metodologicamente o conhecimento das ciências naturais. Como operação metodológica, fizemos listagens: das obras e autores citados por Bezerra; o caminho percorrido por ele nos dois livros; as espécies e seus nomes científicos; dos locais das pesquisas de campo e o material coletado pelo naturalista.

Esta dissertação está dividida em três capítulos. O primeiro capítulo irá se restringir à análise da trajetória de Antônio Bezerra de Menezes, com destaques para a

sua formação intelectual desde os estudos em primeiras letras, até a sua maturidade intelectual; as atividades de Antônio Bezerra nos círculos letrados de Fortaleza, especialmente nas décadas de 1880 e 1890, período de maior ebulição dos movimentos da abolição no Ceará, de criação de jornais e revistas vinculadas às associações que aglutinaram os intelectuais do período; e, ainda nesse capítulo, analisaremos os últimos trabalhos bibliográficos de Bezerra, nos quais ele se aproximou mais claramente com o fazer histórico do século XIX.

No segundo capítulo, voltaremos as atenções para a prática científica de Antônio Bezerra em suas viagens de prospecções naturalistas realizadas na década de 1880. Procuraremos, assim, delinear as suas atividades relativas ao campo das ciências naturais no Ceará, investigando o *pari passu* da prática naturalista de Bezerra, as suas concepções de ciências naturais e as características do naturalismo científicista presentes nessas viagens. Como veremos, a formação ilustrada, enciclopédica, foi importante para a abordagem de Bezerra como naturalista, visto o tratamento do mundo natural em sua totalidade.

No terceiro e último capítulo, buscaremos compreender a trajetória de Antônio Bezerra posterior as viagens naturalistas, propriamente na década de 1890 e 1900, como as suas atividades na Exposição Nacional do Rio de Janeiro (1892), preparatória para a Exposição Universal de Chicago (1893), onde ele fez parte da Comissão Central do Ceará, e trabalhou como um dos organizadores e expositores de todos os objetos naturais do Ceará enviados a tais exposições. Ele ficou encarregado de inventariar, identificar e classificar os objetos remetidos à Comissão Central, e elaborou um catálogo de todos os produtos enviados pelo então estado do Ceará para o Rio de Janeiro. Ainda nesse capítulo final, como fechamento da investigação da trajetória científico-naturalista de Bezerra, perscrutaremos as suas atividades como diretor do Museu Botânico do Amazonas, entre 1898 e 1901 e a sua nomeação como correspondente do Jardim Botânico do Rio de Janeiro também na década de 1890.

No mais, a análise da trajetória de Antônio Bezerra nas páginas que se seguem, especialmente relativas às discussões acerca das ciências naturais desse sujeito histórico, insere-se na construção das ciências naturais em âmbito nacional e, principalmente, regional, no final do século XIX. As notas de viagem de Antônio Bezerra, portanto, foram fundamentais para o mapeamento da biodiversidade da natureza cearense.

CAPÍTULO 1

A Trajetória Científica e Social de Antônio Bezerra de Menezes

Neste capítulo, investiga-se a trajetória biográfica de Antônio Bezerra de Menezes (1841-1921) no primeiro momento, partindo dos primeiros anos de formação em cursos primários e secundários de Fortaleza e da malograda conclusão do curso de direito da Faculdade do Largo do São Francisco em São Paulo. No segundo momento, analisa-se a produção intelectual de Bezerra a partir do seu retorno à capital cearense, na década de 1870. A segunda metade do século XIX, a partir propriamente dos anos 1880, foi o período de maior atividade intelectual de Antônio Bezerra, na publicação de livros, na efetiva participação nos movimentos de abolição da escravidão no Ceará, na redação de jornais e de revistas e nas fundações de instituições e associações letradas da capital cearense, como o Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará e da Academia Cearense.

Como terceira parte deste capítulo, a análise se circunscreve às publicações de Antônio Bezerra no início do século XIX, mais voltadas à construção da identidade do Ceará e dos cearenses e o delineamento dos contornos acerca da história científica do Ceará, com base em uma metodologia que elegia o documento oficial como o fato inquestionável e necessário para a construção da verdade histórica. Neste capítulo, portanto, veremos com maior clareza as atividades do intelectual cearense como integrante da elite letrada de Fortaleza e as suas concepções acerca da conjuntura social da qual fez parte.

1.1. A formação e as atividades intelectuais de Antônio Bezerra nos círculos letrados de Fortaleza

Antônio Bezerra de Menezes morreu em 28 de agosto de 1921, em Barro Vermelho, pequeno aglomerado situado nos arrabaldes de Fortaleza. A imprensa cearense logo registrou o falecimento do “ilustre intelectual” nas páginas dos jornais correntes na capital, divulgando o fato para a população local. O *Correio do Ceará*, em 29 de agosto de 1921, divulgou uma nota a respeito do ocorrido, acompanhada de uma sucinta biografia.

Ontem, às 23 horas, finou-se nesta capital o nosso ilustre e prezadíssimo amigo sr. Antônio Bezerra de Menezes, nome dos mais distintos entre os escritores do Ceará e cidadão das mais dignas e dos que mais trabalharam

pelas conquistas liberais em nossa terra [...] Nunca pessoa alguma trabalhou com maior desinteresse e renúncia de toda e qualquer vantagem, em bem do progresso da nossa gleba [...] Foi sempre pobre, mas o seu patriotismo sincero e ardente nunca anteviu proveitos, nunca pleiteou regalias e favorecimentos.⁶

O *Diário do Ceará*, em 30 de agosto de 1921, registrou a morte de Bezerra e descreveu-o como apaixonado pela sua terra, “a cujo serviço dedicou toda a sua vida, servindo sempre às boas causas cearenses”.⁷ O ponto destacado por este jornal, bem como de vários outros que trataram da morte de Bezerra, foi a questão da “causa abolicionista”, na qual Bezerra foi um dos mais ativos defensores, escrevendo e militando a favor da eliminação do elemento servil na província do Ceará. Ademais, a reputação de Antônio Bezerra como historiógrafo e estudioso das ciências naturais, bem como de poeta e prosador, circulava nos meios letrados de Fortaleza. Esse destaque construído e afirmado, mesmo que indiretamente, por Bezerra, além propriamente do pertencimento a uma das famílias tradicionais da província, são alguns pontos que denotam a importância de Bezerra. Registra-se essa importância até mesmo no seu funeral, contando com a participação de homens ilustres da mais alta estirpe na política e intelectualidade local.

Além de vultos distintos de nosso meio, representantes da nossa intelectualidade, compareceram o Sr. Coronel Raymundo Guilherme, em nome do Sr. Dr. Justiniano de Serpa, comissões da Academia Cearense, do Instituto Histórico do Ceará, da Faculdade de Direito do Ceará, do Círculo Católico de Fortaleza, do Conselho Central Vicentino e outras sociedades.⁸

Além disso, como demonstração da importância dos serviços de Bezerra enquanto empregado público, o próprio enterro “foi feito a expensas do Estado, como homenagem do governo do Ceará aos grandes e relevantes serviços prestados à nossa terra pelo abnegado e inesquecível coestadano”.⁹

A discussão nos jornais de Fortaleza em torno da imagem de Antônio Bezerra enquanto intelectual pertencente aos círculos letrados de Fortaleza possui ausências e lacunas a respeito da trajetória do intelectual cearense. Os biógrafos – pouquíssimos, aliás – de Antônio Bezerra sempre destacaram as contribuições dos trabalhos de Bezerra para a historiografia cearense e no que diz respeito às causas sociais, sobretudo o movimento abolicionista da década de 1880, no Ceará. A memória em torno da

⁶ Jornal Correio do Ceará, 29 de Agosto de 1921. In: **O Falecimento de Antônio Bezerra e a Imprensa Cearense**. Revista do Instituto do Ceará, 1921.

⁷ Idem, p. 359.

⁸ Idem, p. 358.

⁹ Idem, p. 359.

personagem limita-se justamente a essas duas vertentes da sua trajetória intelectual, deixando ausente várias outras atividades exercidas por Bezerra, notadamente as suas contribuições para o estudo das ciências naturais no Ceará e em Manaus, onde esteve no final do século XIX como diretor de um museu botânico. Como Bezerra construiu a sua imagem como intelectual respeitado nos círculos letrados de Fortaleza? Qual a trajetória deste intelectual cearense para a história e as ciências naturais? O fim da sua vida foi relatado por alguns companheiros de instituições intelectuais com tons dramáticos, registrando a situação paupérrima a que se encontrara Bezerra, em meio às descrições de centenas de datas de sesmarias. Portanto, busca-se aprofundar sobremaneira os estudos da trajetória de Antônio Bezerra, tão pouco analisado pela historiografia local.

Antônio Bezerra, ao longo dos seus 80 anos, participou de forma ativa da vida intelectual da capital cearense, contribuindo, juntamente com muitos outros, para a construção de uma narrativa para a história do Ceará, pautada em moldes teórico-metodológicos que englobava estudos de história natural (geologia, geografia, zoologia etc.). Ele mostrou-se profundamente engajado com as causas da província, marcando presença em várias frentes: como na questão abolicionista; escritor em diversos periódicos; sócio fundador de instituições de relevo, como o Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará e Academia Cearense; nas ciências naturais, destacam-se a atividade como viajante-naturalista contratado pelo governo provincial para explorar o interior cearense; como representante do estado e um dos organizadores do catálogo dos produtos do Ceará a serem exibidos na Exposição Nacional, ocorrida em 1892, na cidade do Rio de Janeiro, como atividade preparatória para a *World's Columbian Exposition*, em Chicago, no ano seguinte; e a participação em instituições pouco conhecidas da historiografia cearense, como a Sociedade de Ciências Práticas¹⁰ e a Associação Propagadora da Arboricultura¹¹; ainda no final de sua trajetória de vida, Bezerra foi visto imerso em calhamaços de datas de sesmarias, transcrevendo-as e catalogando-as com ajuda de suas filhas, visto a sua debilidade física.

¹⁰ “7 de setembro de 1894: funda-se em Fortaleza a sociedade Congresso de Ciências Práticas. Seus Estatutos foram aprovados em sessão da assembleia geral de 3 de julho de 1895. Essa associação, que custeava e dirigia escolas em vários bairros da cidade, teve por presidentes Antônio Bezerra de Menezes, Dr. Guilherme Studart, tenente Coronel Antonio Guedes de Miranda e Henrique Autran”. STUDART, Barão de. **Datas e fatos para a história do Ceará**. Edição fac-sim. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2001. Tomo III, pp. 53-54.

¹¹ “9 de dezembro de 1894: funda-se em Fortaleza a esforços de Francisco Fontenelle Bizerril a Associação Propagadora da Arboricultura, cuja diretoria provisória ficou assim constituída: Presidente Francisco Fontenelle Bizerril, vice-presidente Dr. Alvaro de Souza Mendes, Secretário Affonso Américo de Freitas, Tesoureiro Coronel Manoel Rodrigues dos Santos Moura, Orador Dr. Guilherme Studart. Diretores Dr. Henrique Theberge, Antonio Bezerra de Menezes e Julio Braga”. Idem, 2001, p. 77.

Então, podemos nos indagar: onde Bezerra se formou? Quais eram os seus referenciais de leitura e de que forma a convivência no seio familiar o influenciou na construção de sua visão de mundo? Como veremos adiante, Bezerra buscou formar-se em direito, como seu pai, na Faculdade do Largo do São Francisco, em São Paulo. Quais os significados de ingressar em um curso de direito e tornar-se bacharel no período do Império? Com essas perguntas, tentaremos costurar a trajetória intelectual de Bezerra, percebendo como o período de formação foi importante para a elaboração de sua obra.

Para Pierre Bourdieu, o processo de formação – ao qual ele denomina de *habitus* - é revelador das posturas intelectuais de um sujeito no decorrer de sua prática intelectual na maturidade. Segundo ele, o *habitus*:

[...] entendido como um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma *matriz de percepções, de apreciações e de ações* [...] Princípio gerador duravelmente armado de improvisações regradas (*principium importans ordinem ad actum*, como diz a escolástica), o *habitus* produz práticas que, na medida em que elas tendem a reproduzir as regularidades imanentes às condições objetivas da produção de seu princípio gerador, mas, ajustando-se às exigências inscritas a título de potencialidades objetivas na situação diretamente afrontada, não se deixam deduzir diretamente, nem das condições que produziram o princípio durável de sua produção: só podemos, portanto, explicar essas práticas se colocarmos em relação a *estrutura* objetiva que define as condições sócias de produção do *habitus* (que engendrou essas práticas) com as condições do exercício desse *habitus*, isto é, com a *conjuntura* que, salvo transformação radical, representa um estado particular dessa estrutura. (Os grifos são do autor) (BOURDIEU apud ORTIZ, 1983:65)

A compreensão da trajetória individual ou coletiva de um sujeito histórico perpassa por essas questões que Bourdieu aponta, na medida em que elas são reveladoras dos aspectos formadores e dos repertórios sociais, políticos e culturais assimilados em determinado recorte temporal. Utiliza-se a proposta teórica de Bourdieu como modelo para a análise aqui realizada, qual seja, traçar o perfil intelectual de Antônio Bezerra, desde o seu período de formação no Liceu do Ceará e na Faculdade de direito de São Paulo, até à sua atividade intelectual na maturidade, a qual ocorreu de forma mais efetiva na década de 1880.

Antônio Bezerra de Menezes nasceu em Quixeramobim, em 21 de fevereiro de 1841. Seus pais eram Dr. Manuel Soares da Silva Bezerra e Dona Maria Tereza de Albuquerque Bezerra (FURTADO, 1991: 274-275).¹² A maioria dos biógrafos de

¹² Os trabalhos relativos a Antônio Bezerra de Menezes são escassos. Apesar de ser uma personagem importante para a história do Ceará, principalmente – porém, não apenas – no que se refere à libertação dos escravos e ao desenvolvimento do conhecimento histórico das origens do Ceará, sendo um dos

Antônio Bezerra aponta para as atividades dele na campanha abolicionista no Ceará e os estudos de Bezerra em relação às origens da história do Ceará. Em relação ao perfil de Bezerra, sublinham, sobretudo, a sua idolatria por todos os assuntos relativos ao Ceará. Em um pequeno artigo no jornal *O Libertador*, escrito em 1884, intitulado *Perfis à Lápis*, o biógrafo tratou de alguns aspectos relativos à personalidade e ao trabalho intelectual de Bezerra.

Empregado publico, e poeta. Sempre com o coração a expandir-se, salta, brima e ri como uma criança. Escreve ótimos folhetins, e é bacharel em floricultura. Gosta tanto dos pretos que já adquiriu deles o hábito de não ser gaveta dos segredos de ninguém, nem também dos seus. Foi procurado por ladrão de escravos, e logo após sagrado herói Libertador! Tem mais coração do que cabeça.¹³

Outros biógrafos buscaram definir Antônio Bezerra como o “cearense padrão”, “paradigma étnico da raça cearense”,¹⁴ principalmente por causa da abdicação de Bezerra aos estudos relativos à sua terra natal e como defensor dos cearenses. De fato, é inegável o esforço despendido por Bezerra ao debruçar-se sobre os variados ramos do conhecimento tendo como objeto de estudo o Ceará. Como visto acima, os biógrafos de Antônio Bezerra o caracterizam como historiador e literato. Porém, os trabalhos de Bezerra alcançam dimensões que vão além dessas duas especialidades, e o panorama da obra de Bezerra é o ponto central a ser analisado nas linhas que se seguem.

Considera-se a família Bezerra de Menezes uma das mais influentes nos primórdios da ocupação do território cearense.¹⁵ Vindos da pequena nobreza pernambucana, onde os Bezerra de Menezes “opulentaram-se na indústria açucareira, engrandeceram-se na administração pública, nas letras, na religião e nas armas” (LEAL, 1976:7), eles vieram com o intuito de povoar o sertão cearense. Antônio Bezerra de Menezes era filho de um dos mais proeminentes políticos ilustrados da província, o Dr. Manuel Soares da Silva Bezerra. Convém traçar um breve perfil de seu pai, para

primeiros a apontar a possibilidade de uma história científica, baseada sobretudo em uma metodologia científica, Bezerra não teve a devida atenção dos estudiosos. São poucas as biografias de contemporâneos de Bezerra e pouquíssimas pesquisas atuais, que apenas tangenciam a trajetória do intelectual cearense. Por conta disso, uma das intenções aqui demonstradas foi a de desnaturalizar o que já foi escrito sobre Antônio Bezerra. Entende-se, aqui, a junção de partes que formam um todo, sendo este todo a obra de Antônio Bezerra e sua atuação nos círculos letrados de Fortaleza e de outras localidades do país.

¹³ *O Libertador*, Ano IV, n. 93, Fortaleza, 10 de maio de 1884, p. 3.

¹⁴ FURTADO, Andrade. **Cearense-Padrão**. In: Revista do Instituto do Ceará, Tomo LV, Ano LV, Fortaleza: Tipografia Minerva, 1941, pp. 180-188.

¹⁵ Segundo Vinícius de Barros Leal: “Como é de notar, todo o Ceará recebeu sua parcela de sangue dessa gente brava e fecunda, podendo-se dizer hoje, que poucos são os cearenses de tradição que não sejam consanguíneos por este tronco genealógico. São dezenas de milhares que se encontram nesta confluência genética”. Ver: LEAL, Vinícius de Barros. **Os Bezerra de Menezes: as origens**. In: Revista do Instituto do Ceará, Tomo XC, Ano XC, Fortaleza, 1976, pp. 7-18.

compreendermos o meio intelectual e familiar no qual Bezerra se formou e do qual assimilou várias características.

1.2. Ambiente da formação intelectual de Antônio Bezerra

Manoel Soares da Silva Bezerra nasceu no Riacho do Sangue¹⁶ em agosto de 1810. É filho do Tenente-Coronel Antônio Bezerra de Menezes, o qual teve importante participação nos movimentos de independência e foi comandante de armas da Confederação do Equador.¹⁷ Silva Bezerra concluiu o curso de direito na Faculdade de Direito de Olinda, em Pernambuco, obtendo o título de bacharel em 1836. No entanto, a sua trajetória é marcada por participações efetivas no exercício de cargos públicos e políticos na província em dois mandatos como Deputado Provincial entre 1840 e 1843 e 1870 e 1873, presidindo a Assembleia de 1870 a 1871. Foi também Deputado Geral, juiz municipal de Quixeramobim, vereador, vice-presidente da província, assumindo interinamente o cargo em algumas ocasiões. Exerceu atividades como professor de geometria, latim e língua nacional – português – no Liceu de Fortaleza¹⁹ e de geometria no Atheneu Cearense²⁰; inspetor de Instrução Pública; Procurador Fiscal da Tesouraria da Fazenda; Inspetor do Tesouro Nacional. Assumiu convicções fortemente católicas e conservadoras, envolvendo-se em debates ideológicos nos jornais da capital cearense contra as forças modernistas do pensamento científico e positivista. Aposentou-se como Inspetor do Tesouro Nacional em 1874. A partir daí, assumiu alguns casos como advogado em Fortaleza e Quixeramobim. Morreu aos 79, vítima de broncopneumonia.²¹ (BLAKE, 1900; STUDART, 1913).

¹⁶ Hoje, chama-se Jaguaratama, localizado na região centro-leste do Ceará.

¹⁷ Em conversas pessoais com o Doutor Eduardo Castro Bezerra, sobrinho-neto do sujeito histórico estudado nesta dissertação, obtive a informação de que o tenente-coronel Antônio Bezerra de Menezes, além de assumir esses postos, foi um boticário, trabalhando na produção e estudo de plantas medicinais. Percebe-se, assim, um a conexão importante entre o avô Antônio Bezerra e seu neto homônimo no que diz respeito ao interesse deste último para os estudos de ciências naturais.

¹⁸ NETO, Eduardo de Castro Bezerra; LEAL, Vinicius Barros; PINHEIRO, Raimundo Teles. **Os Bezerra de Menezes**: do Riacho do Sangue, da Zona Norte e do Cariri. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1982, pp. 59-61.

¹⁹ “O presidente da província, em virtude do disposto nos arts. 14 e 15 da lei n.1138 de 5 de dezembro do anno próximo passado e autorizado (sic) pelo art. 1º da resolução provincial n.6000 de 30 de outubro de 1852, nomeia o bacharel Manoel Soares da Silva Bezerra para reger internamente a cadeira de língua nacional do Lyceu d’esta capital: o que se comunicará a quem competir” **O Cearense**, Fortaleza/CE, Ano XIX, Nº1784, 04 de fevereiro de 1865, p.1.

²⁰ **O Cearense**, Fortaleza/CE, Ano XXII, Nº. 2647, 11 de junho de 1868.

²¹ **O Cearense**, Fortaleza/CE, Ano XLIII, Nº.278, 06 de dezembro de 1888.

O Curso Jurídico de Olinda, criado em 1827, teve como precursor o Seminário de Olinda (SANTOS, 2013). O Seminário foi uma importante instituição formadora de uma elite intelectual que assumiria variadas frentes na vida política e que contribuiria para a gestão do Império a partir de então. Criado em 1800, tendo como primeiro diretor o bispo D. José de Azeredo Coutinho, assumiu desde o início duas fortes concepções de formação: os ideais iluministas/ilustrados e liberal/burguês (ALVES, 1991). Foi também um dos espaços institucionais de relevo para o início do processo de modernização do ensino, pelo seu caráter de formação ligado às ciências naturais (DIAS, 2009:53).²² Algumas características do Seminário foram introduzidas no curso jurídico, posto que o Seminário “não só [se preocupou com] a busca dos educandos pela formação eclesiástica, mas, a cultura, a erudição, o conhecimento das ciências” (SANTOS, 2013). Portanto, Silva Bezerra foi formado em um ambiente no qual as concepções ilustradas eram ensinadas, as quais estavam diluídas em todo o plano de estudos. As aulas de teologia, latim e geometria que Silva Bezerra teve como estudante de direito do Curso Jurídico de Olinda foram também pilares importantes para a sua carreira como professor, pois ele lecionava justamente essas matérias no Liceu de Fortaleza.

A intenção de trilhar o caminho profissional através da formação em direito e, portanto, pela obtenção do título de bacharel serviriam como portas de entrada para a vida pública e, principalmente, para a aquisição de altos cargos políticos e administrativos da província. Ao passo que grande parte da população da capital cearense – em torno de 20.000 almas apenas²³ – não tinha formação em um curso superior ou mesmo em cursos primários ou secundários, tornar-se um bacharel seria algo de enorme significado como maneira de se distinguir dos demais. Segundo Adorno, que denomina essa classe de bacharéis como uma nova “intelligentsia profissional liberal”, a formação desse grupo seria importante para a coesão administrativa do império, na medida em que reestabeleceria laços do mundo rural e do mundo urbano. Para Adorno:

²² O plano de estudos do Seminário de Olinda: Gramática: língua latina, retórica, poética, história universal e geografia; Filosofia: filosofia racional, lógica e metafísica; filosofia moral, ética; filosofia natural, física experimental, história natural, química, desenho; Geometria: aritmética, geometria elementar, trigonometria, álgebra elementar. Ver: ALVES, Gilberto Luiz. **O pensamento burguês e o plano de estudos do Seminário de Olinda (1800-1836)**. Tese de Doutorado. UNICAMP. São Paulo, p.153.

²³ FURTADO, Francisco de Assis Arruda. **Antônio Bezerra de Menezes: sesquicentenário**. In: Revista do Instituto do Ceará, 1991.

O bacharel acabou por constituir-se, portanto, em sua figura central porque mediadora entre interesses privados e interesses públicos, entre o estamento patrimonial e os grupos sociais locais. A criação de uma verdadeira *intelligentsia* profissional liberal, nascida no bojo da sociedade agrário-escravista, compreendida, na sua grande maioria, de bacharéis, promoveu a ampliação dos quadros políticos e administrativos, sedimentou a solidariedade intra-elite de modo a rearticular as alianças entre os grupos sociais representantes do mundo rural e do mundo urbano e, sobretudo, possibilitou a separação entre o poder doméstico e poder público, fundamental para a emergência de uma concepção de cidadania (ADORNO, 1988:78).

Ainda segundo Adorno:

[...] a profissionalização da política, principiada no interior das Academias de Direito, conferiu papel determinado ao bacharel. Operando no contexto de uma monarquia patrimonial, apropriaram-se os bacharéis das oportunidades de acesso e promoção nas carreiras diretivas dos órgãos centrais e regionais de governo. Via de regra, os cargos do judiciário (juízes e carreiras afins à magistratura), no executivo (delegados de polícia, presidentes e secretários provinciais, ministros e conselheiros de Estado) e no legislativo foram predominantemente ocupados por bacharéis (Idem, *ibidem*:78).

A partir dessas considerações, percebemos que Soares Bezerra se enquadrou perfeitamente às características da maioria dos bacharéis do século XIX. Obter o título de bacharel, portanto, era requisito básico para adentrar na vida política e/ou intelectual do Império e das províncias. Assim como outros conterrâneos também de famílias tradicionais e de prestígio da província, Soares Bezerra buscou o letramento como maneira de adquirir um maior capital intelectual, ação recorrente não apenas na província do Ceará, mas também em outras localidades do Império, como um *ethos* da elite intelectual e burguesa que iria ser o sustentáculo das transformações políticas e sociais no Império e, posteriormente, na República.

Alguns aspectos da trajetória de Manuel Soares foram absorvidos, embora não integralmente, por seu filho, Antônio Bezerra, como a formação em direito – que, como veremos, não será concluída -, a educação ilustrada, o catolicismo, a carreira profissional como empregado público na Tesouraria da Fazenda, e também como professor de Inglês e Geografia no colégio São José²⁴.

1.3. Educação secundária na juventude

Como vimos, Antônio Bezerra nasceu em Quixeramobim. Porém, logo se mudou para Fortaleza, por conta dos cargos políticos e administrativos assumidos pelo

²⁴ A Constituição, Ano. XX, N. 52, 5 de julho de 1882.

seu pai. Ainda na sua cidade natal, acredita-se que Bezerra iniciou os seus estudos em casa, ou com seu pai, ou com professores particulares, o que era uma atividade corrente nas famílias de prestígio do Império. Já na capital da província, Antônio Bezerra estudou no Liceu.²⁵ Esta instituição foi uma das primeiras escolas de ensino secundário da província. Segundo Almir Leal de Oliveira:

[...] a criação do Liceu do Ceará em 1845 abriu um espaço de formação intelectual fundamental para a elite cearense, uma vez que no interior da própria província se estabeleceu e se efetivou a organização de instrumentos de capacitação da elite local. Com ou sem o título de bacharel em letras, abriram-se as condições de se pensar uma elite letrada local, bem como o estabelecimento de parâmetros intelectuais para uma possível atuação crítica, fosse ela política ou não (OLIVEIRA, 1998:23).

O Liceu do Ceará, como o primeiro espaço institucional de instrução pública da província, seria o lugar privilegiado como espaço de sociabilidade dos futuros intelectuais que atuariam nos movimentos abolicionistas e na formação de instituições letradas da capital cearense. No Liceu os alunos tinham aulas de história, filosofia, retórica, geometria, aritmética, trigonometria, além de latim, inglês e francês. Antônio Bezerra estudou nessa instituição de ensino por volta dos anos 1850 e 1860. Eram professores do Liceu nesse período: seu pai, Manuel Soares da Silva Bezerra, encarregado de ministrar aulas de geometria e, por algum tempo, português e latim; seu tio e futuro sogro, Theophilo Rufino Bezerra de Menezes, filosofia; Tomás Pompeu de Sousa Brasil, História e Geografia; Manoel Theophilo Gaspar d'Oliveira, retórica; Gonçalo d'Almeida Souto, inglês; José Lourenço de Castro e Silva, francês; Padre Antonio Pereira de Alencar, latim.

A partir da criação do Liceu, bem como, posteriormente, da fundação de um colégio particular, o Atheneu Cearense, em 8 de janeiro de 1863, os filhos das famílias de prestígio da província puderam estabelecer laços de sociabilidade, com a possibilidade de criação de grupos de estudo dentro das instituições de ensino para debaterem sobre questões sociais e/ou fazerem leituras coletivas de obras que vinham da Europa, principalmente dos ideais evolucionistas, positivistas e deterministas. Ademais, a possibilidade de ingressar em um curso superior, e, por meio deste, obter o título de

²⁵ Criado em 1844, pela lei n. 304, de 15 de julho; porém, só no ano seguinte, em 12 de setembro, fora regulamentada a lei que se segue: “Lei n. 361, art.1: fica criado nesta capital um lyceo, que se comporá das cadeiras seguintes: filosofia racional e moral; retórica e poética; aritmética, geometria, trigonometria; geografia, e história, latim, francês e inglês” (VITOR, 1945: 8). Para um maior aprofundamento da história da criação do liceu e trajetória dos seus alunos e professores, ver: VITOR, Hugo. **O Liceu do Ceará em cem anos**. Fortaleza: Tipografia Iracema, 1945.

bacharel em letras em direito, visando ao ingresso na magistratura local e imperial, aumentaria significativamente. Para Almir de Oliveira:

A criação de um liceu na província ampliava a possibilidade de ingresso de membros da elite local nas academias, e ampliaria também o nível de participação política provincial no universo político imperial. Nesse sentido, a criação do Liceu do Ceará se inscreve em um processo mais amplo de constituição da própria elite dirigente (OLIVEIRA, 2002:19).

A formação no curso secundário do Liceu concedeu a Bezerra a possibilidade de ingressar na vida intelectual nos centros letrados do Império. Logo após a sua formatura no Liceu, Bezerra buscou, como muitos outros, obter o título de bacharel, alimentando a cultura bacharelesca da elite política imperial e local (OLIVEIRA, 2002:19). Ingressou no curso de direito dos mais renomados do Império, a Faculdade de Direito do Largo do São Francisco, em São Paulo. Certamente, a trajetória de seu pai seria um modelo a ser seguido, e provavelmente seu pai o advertiu nesse sentido. Antes disso, porém, Bezerra, aos 18 anos, publicou, juntamente com o seu amigo de Liceu, José de Barcelos o primeiro jornal literário do Ceará, chamado “A Estrela”²⁶ (FURTADO, 1991:277). Era um jornal de cunho recreativo, profundamente literário, o qual pretendia difundir e reproduzir alguns trechos de clássicos da literatura ocidental, especificamente ligados ao movimento literário do romantismo. Percebemos a partir desse jornal o quanto Bezerra admirava a literatura, dando ênfase à poesia e ao poema. Em um dos textos lidos por ele, publicado em outro periódico, o qual se chamava “o Escravo”, Bezerra se derrama em elogios

A abundância de pensamentos, energia de palavras, estylo eloquente e maravilhoso é o que verdadeiramente nelle se nota.

[...]

E aquelle artigo intitulado – o Escravo? Oh! Aquillo é bello, é sublime! Ouça, leitor, o seguinte: - Escravo! – esta palavra atterradorá deve sensibilizar a qualquer ente humano – esta palavra jamais devia ouvir-se pronunciar em um paiz onde reina alguma civilidade.²⁷

Portanto, nessas páginas Bezerra exercitaria a sua característica de poeta, a qual afloraria nos períodos em que ele esteve em São Paulo, pouco depois de deixar a capital cearense, na tentativa de formar-se no curso de direito.

Logo após o término dos estudos no Liceu, Antônio Bezerra mudou-se para São Paulo, e ingressou no curso de direito da Faculdade de Direito do Largo do São

²⁶ Infelizmente, por tratar-se de um periódico raríssimo, encontramos apenas um exemplar, o número 14, de 30 de Abril de 1860, depositado na Hemeroteca Digital Brasileira.

²⁷ **A Estrela**, Fortaleza, Anno. 1, N°. 14, 30 de Abril de 1860, p.4.

Francisco, fundada por decreto-lei de 11 de agosto de 1827²⁸. Como foi dito, as formações em direito de seu pai exerceram uma influência considerável na sua tomada de decisão de sair da província do Ceará, em busca de adentrar no universo letrado do império e, posteriormente, de almejar algum cargo político ou administrativo em Fortaleza ou no interior da província. Não se sabe ao certo a data de ingresso de Bezerra no curso jurídico de São Paulo; porém, os documentos anteriores e posteriores nos fazem afirmar que Bezerra estudou em São Paulo na virada das décadas de 1850 e 1860.

Em São Paulo, Bezerra frustrou-se com o curso de ciências jurídicas e com o cotidiano intelectual de troca de favores e interesses entre alunos e professores. Ele registrou as suas observações quando da época em que esteve em São Paulo e também no Rio de Janeiro. Seguem algumas notas de Bezerra. A citação é longa, porém descreve perfeitamente a extrema decepção de Antônio Bezerra como estudante de direito em São Paulo.

Cedo me convenci de que, para me salientar em qualquer posição na vida, seria preciso dispor de talento de eleição, que deslumbrasse, ou de gênio de baixaza que agradasse a todos, andando sempre de rastros aos pés dos donos deste País, pois que só assim teria a todo tempo brilhante colocação [...] Não possuindo esse talento que domina as multidões, nem sendo possível habituar-me às curvaturas do servilismo, dei com os pés nos estudos e vim conviver entre gente que prezava ainda as normas de dignidade e honra, embora em esfera menos alevantada [...] Voltei para o meio dos meus, que se não tinham bens a faltar, nem festas para me regalar o paladar, tinham lições de religião e ensinamentos de muito amor ao próximo [...] Não me doeu a perda do pergaminho porque com os livros perdi o desgosto de assistir a misérias, pois que cheguei a ver bacharéis que não sabiam ler (FURTADO, 1991: 279).

A desistência de cursar direito, portanto, foi eminente. Os motivos para tal desistência não sabemos ao certo. Porém, por esses relatos autobiográficos podemos ter algumas noções. Provavelmente, Bezerra não aderiu a esse movimento que, como vimos em Adorno, buscou construir uma elite dirigente do país. Na verdade, diferentemente de seu pai e de seu tio, a política então não seria o campo de modificação da realidade social no qual Bezerra atuaria. A sua “missão” seria concretizada através de outros meios, como, por exemplo, a atividade como *homem de letras* na capital cearense, publicando livros, escrevendo poesias de combate à

²⁸ Adorno analisa um profundo debate sobre a localização dos cursos jurídicos no Império. Em meio aos conflitos regionais de interesses, a determinação foi a de criar dois cursos jurídicos, um em São Paulo e outro em Olinda. Para um maior aprofundamento dessas questões, Ver: ADORNO, Sérgio. **Os aprendizes do poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

escravidão, atuando em prol da história e das ciências naturais na província, sendo sócio fundador, como veremos, da Academia Cearense e do Instituto Histórico do Ceará. A falta de um “pergaminho”, nas palavras de Bezerra, serviu, na verdade, como um estímulo e, portanto, a partir desse episódio, Bezerra passou a trilhar o seu caminho imerso nos livros. Retornou ao Ceará em 1864, conseguindo o cargo de empregado público na Tesouraria da Fazenda.

A convivência de Bezerra em um meio intelectual, letrado e ilustrado, a partir da sua formação à sombra de seu pai e seu tio que, como vimos, bacharelaram-se em direito e exerceram atividades políticas e assumiram cargos públicos na capital da província do Ceará exerceu uma forte influência a Bezerra. A tentativa de bacharelar-se em direito demonstra que essa convivência acabou impulsionando a escolha de Bezerra. Entretanto, ele não quis seguir a carreira como seu pai e seu tio, preferindo abandonar o curso de direito e a vida política, enveredando para a carreira administrativa e docente. Porém, mesmo não tendo sido diplomado, essa rápida passagem pela Faculdade de Direito de São Paulo foi importante para Bezerra, principalmente pelos contatos que teve com as ideias positivistas e cientificistas que estarão a partir de então presentes em seus trabalhos.

1.4. O regresso de Antônio Bezerra: atividades e maturidade intelectual

Ao retornar à província, Bezerra se resguardou por algum tempo da vida pública e intelectual da capital cearense. O retomar de suas atividades intelectuais se deu já na década de 1880, período no qual percebemos um aprofundamento dos ideais defendidos por Bezerra e uma maturidade intelectual em suas convicções e visões de mundo. Porém, a vida intelectual da capital da província tinha se modificado consideravelmente uma década antes. A partir da década de 1870, com o retorno de alguns intelectuais cearenses dos cursos de direito de São Paulo e de Recife, inclusive do próprio Antônio Bezerra, a vida científica e intelectual da província do Ceará modificou-se consideravelmente.

Esse período foi de grande importância para o Ceará. Na economia, a província passava por um momento de desenvolvimento econômico com o cultivo do algodão. Com a guerra de secessão nos Estados Unidos, o Ceará teve um aumento significativo na produção dos grãos e exportação para outros países. No plano político, as bases monárquicas começariam a ser questionadas, principalmente pela participação de um

grande voluntariado cearense na guerra do Paraguai (1864-1870) inclusive o próprio autor hora analisado, e, por conta disso, a visão da política que esses voluntários trouxeram para a província assumia contornos positivistas, com bases no progresso e no desenvolvimento da civilização. Portanto, a escravidão, o conservadorismo e o tradicionalismo monárquico seriam empecilhos para essa visão, que tomava ares de modernizadora. Ideias republicanas surgiram no bojo dessa discussão, partindo de intenções federalistas. No plano cultural, a formação de agremiações literárias e gabinetes de leituras, ambos de cunhos eminentemente científico e filosófico, seriam formadas, onde eram discutidas as obras de Herbert Spencer, Thomas Buckle, August Comte, dentre outros. Portanto, uma leitura social compartilhada estaria em vias de formação e organização nesse período. Todavia, todo esse quadro modificou-se, por conta da seca de 1877-1879, uma das mais fortes registradas até hoje na província. Toda a esperança de progresso e desenvolvimento da província seria arrasada por esse fenômeno natural. Portanto, o período posterior à seca seria o de extremas modificações da realidade social. Os “sobreviventes” a essa catástrofe teriam que se reerguer diante das adversidades e do ambiente desfavorável que lhes afligia (OLIVEIRA, 2001).

Em texto de 1888, da revista de divulgação dos trabalhos do Club Literário - do qual será falado adiante - *A Quinzena*, denominado “O nosso progresso”²⁹, Antônio Bezerra de Menezes descreveu o movimento da vida intelectual no Ceará antes e depois de 1870. Para ele, antes da década de 1870, “poucos, bem poucos dos nossos compatriotas, residentes na província, se dedicavam a estudos de literatura, e ainda menos a especulações científicas”. Os que se dedicavam ao estudo das letras logo se desestimulavam, pela falta de instituições e de grupos que congregassem e discutissem sobre a realidade social da província. As tentativas de publicação e divulgação em jornais, de formação de bibliotecas e de grupos de leitura fracassavam, pelo número reduzido de assinantes, de leitores e frequentadores.

Segundo Bezerra, esse quadro mudou a partir do retorno do estudante R.A. Rocha Lima, Capistrano de Abreu e Thomaz Pompeu Filho e, por conseguinte, da formação da Academia Francesa e da criação da Escola Popular, destinada à população em geral, que tinha como membros Thomaz Pompeu Filho, Capistrano de Abreu, João Lopes, Araripe Júnior, Benjamin Moura, Dr. Mello, Felino entre outros, “todos moços e não menos entusiastas, que propagaram a supremacia das ideias novas, que ainda não

²⁹ *A Quinzena*, anno II, n.º. 7. Fortaleza, 3 de maio de 1888.

tinham curso entre nós”. Foram surgindo jornais e agremiações que tinham por objetivo divulgar e sobretudo visualizar o universo social a partir da apropriação dessas novas ideias. Segundo Raimundo Girão, sobre a Academia Francesa do Ceará:

Quem vai imprimir indelével marca na vida cultural cearense são os mancebos da chamada Academia Francesa do Ceará, de início em 1872. Na realidade, é a nossa primeira *roda* (de espontâneo sentido associativo e sem programa rígido) de que se tem memória, fraternizando estudiosos das letras e ciências. Meio agnósticos, um tanto filosóficos, ardendo em ideias inovadoras, divertiam-se em palestras verdadeiramente espirituais: Tomás Pompeu, Raimundo Antônio da Rocha Lima, Capistrano de Abreu, João Lopes, Xilderico de Faria e Antônio José de Melo, aos quais foram outros aderindo. Não havia sede, nem aquilo era um sodalício, e sim um círculo de permuta de opiniões, de discussões elucidativas de críticas a doutrinas e obras. Por fim, utilizando o jornal maçônico *Fraternidade*, deram mais corpo e vivacidade ao movimento, sem contudo, transformá-la numa sociedade. O título Academia Francesa era usado como simples gracejo. Mesmo quando a sobreexcitação evoluiu para a fase mais alcondorada das conferências na Escola Noturna, não receberam sistemática estatutária as atividades dos acadêmicos (GIRÃO, 1997: 181-183).

A Sociedade Cearense Libertadora (1880)³⁰ e as suas publicações no jornal *O Libertador* marcaram a vida intelectual e social de Fortaleza. Combatia veementemente o “mal da escravidão”, como um atraso na história do progresso humano e a Sociedade, como diz Bezerra, “tornou-se em breve uma escola de patriotismo e instrução”. Os estudiosos que foram formados pela Sociedade em meio às leituras e ao compartilhamento de ideias se destacaram no cenário intelectual da capital. Para Bezerra, contemporâneo a esse movimento, as contribuições desse movimento foram sobretudo pelas concepções teóricas que daí surgiram e por aglutinar os intelectuais do período:

Os autores das excelentes publicações que possuímos, tiveram aí a sua aprendizagem, pois que quase todos os que se aplicam hoje com afinco a trabalhos de literatura ou investigações científicas aperfeiçoaram-se nesta escola ou se orientaram estimulados por hábeis companheiros (BEZERRA, 1888:52).

O movimento abolicionista na província do Ceará assumiu grandes proporções no cenário político do Império. O intuito deste trabalho não é o de analisar profundamente este movimento, nem propriamente as publicações acerca da abolição da escravatura. Porém, vale registrar algumas atividades e, sobretudo, os escritos e as atividades de nosso personagem, visto que ele foi um dos mais combativos.

³⁰ *O Cearense*, Ano. XXXV, N.156, 8 de dezembro de 1880, p.3.

A Sociedade Cearense Libertadora foi criada “sob os auspícios da sociedade Perseverança e Porvir”³¹, uma pequena agremiação que também defendia a libertação dos escravos, mas que não tinha grandes proporções. O seu maior veículo divulgador de suas ideias era o jornal *O Libertador*, criados por Antônio Bezerra, Teles Marrocos e Antonio Martins, que teve sua publicação iniciada em 1 de janeiro de 1881. Nele, os intelectuais cearenses reforçaram a luta em prol do fim da escravidão, considerada um atraso ao progresso científico e social. Vejamos um excerto

Em quanto a liberdade não congregar-nos no mesmo amplexo, como irmãos que somos perante Deus e a humanidade, perante a civilização e o progresso, seremos um povo sem autonomia, sem consciência do nosso valor, por quanto amesquinha a nossa grandezas instituições liberais que nos governam, o desequilíbrio de ação, o poderio do forte contra o fraco, do senhor contra o escravo, cuja permanência criminosa, a despeito dos brados de indignação da imprensa livre, atira ainda á face da nação a repetição de cenas de horrores, praticadas a sangue frio e em pleno século! XIX. Oh! não; a escravidão não tem mais razão de ser; desaparece a recíproca de todas as nações que com grandes sacrifícios lavaram-na de seu solo, desaparecera também do Brasil, que deve orgulhar-se de não ceder-lhes o passo na expansão dos sentimentos generosos.³²

Como na corte Imperial, os ideais abolicionistas adentraram no Ceará com bastante virulência. Os jornais da época, tanto regionais como nacionais, noticiaram com alarde a criação da Sociedade Cearense Libertadora. O *Gazeta do Norte*, para ficar só em um dos jornais, saudou a Sociedade Cearense e também o jornal *O Libertador*:

Com o titulo – *Libertador* – veio a luz nesta capital mais um órgão de publicidade, da sociedade cearense libertadora. [...] Aspiração humanitária e digna de uma província que iniciou o trabalho livre, o novo órgão é comprimento necessário do movimento generoso em favor da extinção da escravidão, que se opera em todo o país.[...] Simpático a causa que defende o colega, só temos palavras de animação para dispensar-lhe, desejando-lhe longos dias de vida.³³

Com os ideais do Iluminismo francês – liberdade, igualdade e fraternidade – os membros da Sociedade Cearense Libertadora iniciaram as suas atividades. No dia 27 de janeiro de 1881, ocorreu um dos primeiros grandes passos para a abolição da escravidão no Ceará. Os jangadeiros, encarregados de transportar os escravos da orla marítima até aos navios negreiros que ficavam ancorados mais ao largo da costa, decidiram - juntamente a uma aglomeração de cerca de 1.500 - cessar esse transporte, declarando:

³¹ **O Libertador**, Anno. 1, N. 1, 1 de janeiro de 1881, p.4.

³² **O Libertador**, Anno 1, N. 2, 15 de janeiro de 1881, p.1

³³ Idem, ibidem, p.4

“no porto do Ceará não se embarca mais escravos”³⁴. Esse momento foi significativo para o movimento abolicionista, pois eles estavam conseguindo atingir parte da população com suas divulgações do *Libertador*.

Na corte, as ações dos abolicionistas cearenses ganharam coro no meio intelectual pró-abolição. Os jornais da capital do Império noticiaram essa manifestação, que foi o primeiro movimento de vulto em prol da libertação dos cativos. Um escritor da corte enviou uma carta à redação do jornal *Constituição*, demonstrando a repercussão da ação dos jangadeiros e do movimento abolicionista do Ceará:

Ainda mais uma vez: hosana à associação emancipadora do Ceará! Hosana aos heroicos jangadeiros dos verdes mares bravios dessa terra, que souberam tão humanamente compreender o pensamento dos homens que empreenderam a obra da liberdade. O centro abolicionista dessa corte encarou esse fato sob o ponto de vista de uma enorme simpatia. Não se fala em outra coisa nos círculos dos adeptos da ideia emancipadora: o povo cearense passou a ser contemplado entre os mais afoitos na senda do progresso e seu nome entre os mais lembrados nas discussões.³⁵

As formas de atuação dos “moços abolicionistas” eram as mais diversas, desde propriamente os escritos do jornal, que versavam sobre o cotidiano e as atividades dos abolicionistas, publicando poesias e divulgando palavras de ordem, até mesmo o uso do hino da Sociedade Libertadora no início de concertos musicais em Fortaleza.³⁶ Outras atividades se dirigiam à concessão de cartas de liberdade aos cativos, a qual Antônio Bezerra se destacou.³⁷ Essa concessão se dava da seguinte forma: os defensores do abolicionismo compravam a seus próprios custos algum escravo, somente com a intenção de libertá-lo em seguida. Antônio Bezerra foi um dos mais ativos deste movimento. Conforme Raimundo Girão,

A ação de Antônio Bezerra seria **decidida e decisiva**. Onde estivesse o dever de ir, lá estava ele, e na vanguarda. E foram necessários quatro anos para atingir o que se queria, dia e noite, cada minuto. Uns preferindo andar pelos caminhos das conquistas mais sentimentais, menos pancadaria; outros, ao invés, não hesitaram em adotar o ‘desse no que desse’. (GIRÃO apud FURTADO, 1991: 284).

Ainda segundo Girão, Bezerra fez parte dos que se exaltaram e procuraram defender os ideais de liberdade a todos a todo custo, inclusive contribuindo para o rapto

³⁴ *O Libertador*, Anno.1, N.3, 7 de fevereiro de 1881, p.1.

³⁵ Idem, Anno 1, N. 6, 16 de março de 1881, p.3.

³⁶ “E que a águia altaneira que voa pelo dorso dos serros azuis; leve aos astros na garra gigante a bandeira banhada de luz”. *O Cearense*, Ano. XXXVI, N. 21, 27 de janeiro de 1882, p.3.

³⁷ *O Libertador*, Ano. I, N. 10, 7 de junho de 1881, p.3.

de escravos, posteriormente concedendo-lhes cartas de liberdade. Porém, foram nos versos poéticos que Bezerra encontrou o veículo de suas ideias abolicionistas. Em 1883, em pleno auge do movimento, publicou, juntamente com Antônio Martins e Justiniano de Serpa, o livro “Três Liras”. Este pequeno livro foi a maior arma de luta dos abolicionistas cearenses e estava na agenda do movimento, como maneira, pelos versos poéticos, de sensibilizar a população letrada de que a escravidão era um mal a ser combatido, sendo a abolição do trabalho escravo uma “possibilidade de inaugurar uma nova sociedade, extinguindo o princípio da atrofia social que era a escravidão” (OLIVEIRA, 2001: 87). A partir da poesia, os abolicionistas condensaram todos os seus anseios e ideais pela “causa” da abolição.

O livro foi composto de três corpos de poesias, redigidas e declamadas em ocasiões as mais diversas, como movimentos de libertação de escravos nas localidades do interior da província, bem como em solenidades em teatros da capital cearense. Intitulam-se: Lampejos, de Antônio Bezerra; Cintilações, de Justiniano de Serpa; e Harpejos, de Antônio Martins. Os autores receberam o epíteto de heroicos, por estimularem, a partir de seus versos, a divulgação da ideia de liberdade e igualdade entre os compatriotas da província. Segundo Pedro de Queiroz, contemporâneo a esse movimento:

Escalda-lhes os cérebros um Vesúvio de ideias novas, borbulha-lhes um mundo encantado, como as homéricas grandezas da imaginação semítica, irresistivelmente atrativo, como esses palácios de fadas dos contos árabes. Desdobraram a bandeira da liberdade dos cativos e sacodiram pelos fundamentos a monstruosa bastilha, o Sant’Elmo caquético, pequenino, escalavrado da escravidão.³⁸

Os primeiros versos são de Antônio Bezerra. Neles, percebe-se a profunda adesão à causa da abolição, conclamando os demais cearenses para engajarem-se na luta pela liberdade dos escravos. Bezerra se utiliza de uma nomenclatura que foi muito recorrente na época, provavelmente advinda com os ideais positivistas de progresso científico e da humanidade em si. Vê-se aqui um exemplo disso:

Avante, pois, que este século
É o século da grande ação,
Repugna à luz do progresso
A ideia da escravidão;
Bem firmes no vosso posto

³⁸ Pedro de Queiroz, In: BEZERRA, Antonio; SERPA, Justiniano de; MARTINS, Antonio. **Três Lyras**. Ceará: Typografia Economica, 1883, p.X

Oh! Nunca volteis o rosto
 Aos inimigos da luz,
 Se vos é dura a provança
 Tende no céu confiança
 Que a gloria ao fim vos conduz

A pátria de tantas glórias
 Que viu-nos livre nascer,
 Embora lhe embarguem a marcha
 Não pode escravos conter;
 É tempo que a liberdade
 Aos brados da mocidade
 Erga os brios da nação,
 Que igualados os direitos,
 Batidos os preconceitos
 Seja o escravo um cidadão.³⁹

As palavras-chave do movimento, quais sejam, liberdade, progresso, luz, são as mais ressaltadas nos versos desses poetas abolicionistas. Sem dúvida, as ideias progressistas, baseadas singularmente no cientificismo, vindas da Europa a partir, propriamente, de 1870, foram apropriadas para a modificação da realidade social da província do Ceará. Nesse sentido, os intelectuais cearenses engajados nessa “luta” buscavam também a inserção da província no “rol das civilizações”, tendo o progresso científico e social como os requisitos básicos para o ingresso a esse grupo. Como nos aponta Almir de Oliveira:

O pensamento abolicionista no Ceará incorporou em sua elaboração da sociedade os referenciais de leituras positivistas de Comte (estágios de evolução social) e as leituras mesológicas de Buckle (superação da natureza pelo homem). Ampliou uma análise da sociedade que até então se limitava às relações do desenvolvimento provincial com as categorias correntes de civilização e progresso (OLIVEIRA, 2001:49).

Assim, a escravidão estaria barrando essa entrada e, para além das questões cívicas e humanitárias que o movimento abolicionista cearense proclamou, a extinção desse mal seria necessária. O movimento de vanguarda da Sociedade Cearense Libertadora, juntamente com todo o aparato intelectual e ideológico rendeu à província o epíteto de primeira província a libertar os seus escravos, fato ocorrido em 25 de março de 1884.

Em 1886 foi criado o Club Literário, agremiação literária que buscava, por meio da literatura, a modificação da ordem social e o progresso da humanidade a partir, também, dos estudos da ciência. A veiculação das discussões dos intelectuais participantes dessa agremiação se dava pela confecção de uma revista, denominada A

³⁹ BEZERRA, Antonio. **Lampejos**. In: BEZERRA, Antonio; SERPA, Justiniano de; MARTINS, Antonio. **Três Lyras**. Ceará: Typografia Economica, 1883, p. 2.

Quinzena, criada em 1887. Nessa revista, continha alguns escritos sobre aspectos da psicologia, sobre o cotidiano da província, reproduziam obras literárias, e debatiam temas da ciência, sobretudo a ciência natural. É significativo do debate sobre as ciências naturais os textos de Rodolfo Theóphilo, que analisa questões ligadas ao funcionamento do mundo natural.

Posterior ao movimento abolicionista e, portanto, contando com alguns membros do mesmo, o Club Literário, em suas primeiras publicações, relembra e dava significado de importância à concretização da abolição dos escravos no Ceará. Tido como um marco do progresso civilizador já pelos contemporâneos, para os membros do Club Literário, a abolição foi sobretudo um marco na “evolução do espírito moderno”.⁴⁰

⁴⁰A *Quinzena*, Anno. I, N.1, 15 de janeiro de 1887, p.7.

RETRATO DE ANTÔNIO BEZERRA DE MENEZES, POR VOLTA DA DÉCADA DE 1880



Fonte: acervo pessoal do sobrinho-neto de Antônio Bezerra, Doutor Eduardo de Castro Bezerra Neto.

O cearense, na abordagem dos membros do Club Literário, seria aquele que evolui de acordo com os meios necessários e sobretudo as condições impostas pelo ambiente em que está inserido. Um povo “laborioso”, característica fundamental para a evolução. Por parte dos defensores da abolição da escravidão, portanto, entendia-se que esta seria uma “revolução” do espírito moderno, na medida em que o trabalho era uma

das virtudes básicas para a evolução do ser humano. Dessa forma, iniciaram-se os trabalhos da revista *A Quinzena*, lembrando os feitos passados dos cearenses e propondo modificações da conjuntura política, social, cultural e científica da sociedade cearense.

As discussões em torno das leituras científicas, como foi visto, tiveram um crescimento considerável a partir da década de 1870. As Instituições e agremiações que surgiram a partir dos anos 1870 até a criação da Academia Cearense, em 1894, a qual se pode considerar como a mais voltada para um discurso científico sólido, tinham um caráter científicista. A criação do Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará, em 1887, e da Academia Cearense, em 1894, e seus veículos de divulgação, a Revista do Instituto e a Revista da Academia Cearense, respectivamente, foram os que mais se aproximaram de instituições científicas. Porém, apenas em artigos aleatórios dessas revistas conseguimos visualizar o conteúdo científico diluído nos textos. No caso do Instituto, a geografia, como uma ciência natural, pode ser considerada como vertente científica desta instituição. Mas a investigação histórica do Ceará, a partir dos pressupostos de coleta e análise crítica dos documentos preponderava nas edições da revista.

Nas instituições em que Bezerra participou como um dos fundadores, destacam-se o já citado Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará (1887) e a Academia Cearense (1894). Fundado em 4 de março de 1887, o Instituto do Ceará tinha como objetivos “(...) tornar conhecidas a história e a geografia da Província e concorrer para o desenvolvimento das letras e das ciências”.⁴¹ Contava com 12 sócios efetivos, com a estrutura burocrática distribuída da seguinte maneira: presidente, vice-presidente, 1º. secretário, 2º secretário, orador, tesoureiro. Para a organização dos trabalhos, dividia-se em comissões de estatutos, redação, de história, geografia e estatística, de ciências e letras, de aquisição de documentos e de admissão de sócios. Como veículo de divulgação, produziam uma revista trimestral, em atividades até hoje. Antônio Bezerra fazia parte da comissão de história, geografia e estatística e na de aquisição de documentos, as quais tinham como objetivos de “dar parecer sobre trabalhos oferecidos

⁴¹ Extraído dos Estatutos do Instituto do Ceará, Art.1, de 4 de março de 1887. **In: Revista do Instituto do Ceará.** Typ. Cearense, ANNO I, TOMO I, 1887.

ao Instituto e que digam respeito àquelas matérias” e “aquisição de documentos relativos à história e à geografia da Província”.⁴²

O Instituto Histórico do Ceará foi importante, sobretudo, pela “contribuição para o conhecimento das origens do Ceará, seu povoamento, suas fronteiras, sua trajetória no tempo e as particularidades que o singularizam na nacionalidade” (OLIVEIRA, 2001:83). Nesse sentido, alguns trabalhos voltavam-se para as biografias dos fundadores e primeiros capitães-mores, de padres jesuítas, memórias de viajantes, fontes que elucidassem, dentre outras coisas, os limites geográficos da província, a origem do nome Ceará e a influência da língua indígena. Como narrativa para os discursos históricos, utilizava-se dos “estudos históricos”, forma de narrativa que determinava:

Primeiro a descrição dos variados autores que trataram do tema, apresentando as suas contradições (geralmente divergências com relação à datação, referências espaciais e biográficas); em segundo lugar as apresentações de novos elementos de pesquisa empírica (à voz da documentação, em geral inédita ou mais próxima, em sua produção, do período discutido) e a apresentação da nova documentação (parte documental) (OLIVEIRA, 2001: 90).

Os membros do Instituto do Ceará publicaram também trabalhos sobre as ciências naturais, como o texto de um dos sócios fundadores, Joaquim Catunda, sobre o clima, as biografias de cientistas e naturalistas de renome no cenário científico nacional e internacional, como de Alexander Von Humboldt, de João da Silva Feijó e Herbert Spencer, dentre outros.

Igualmente, na Academia Cearense, Bezerra assumiu papel de destaque. Fundada em 15 de agosto de 1894, a Academia, que posteriormente viraria Academia Cearense de Letras, mas que, no período de criação, voltava-se para os estudos científicos, com maiores semelhanças à Academia de Ciências, tendo como modelo a Academia de Ciências de Lisboa.⁴³ Portanto, os objetivos dessa sociedade foram:

⁴² **Revista do Instituto do Ceará.** Typ. Cearense, ANNO I, TOMO I, 1887, pág. 8.

⁴³ Inicialmente, Academia Real de Ciências de Lisboa, fundada em 24 de dezembro de 1779, criada com o intuito ao fomento à cultura científica em Portugal, com moldes da Royal Society (1662), em Londres, e da Academie Royale des Sciences (1666), em Paris. Segundo Varela: “A Academia estava dividida em três classes, duas de Ciências (1ª Ciências da Observação – Meteorologia, Química, Anatomia, Botânica e História Natural e 2ª Ciências do Cálculo – Aritmética, Álgebra, Geometria, Mecânica e Astronomia) e uma de Belas-Letras, que deveria dedicar-se ao estudo dos vários ramos da Literatura portuguesa. Cada uma das classes tinha oito sócios efetivos, além dos sócios supranumerários, sócios honorários e sócios correspondentes. Tinha um observatório matemático, um laboratório químico, e dois museus de história natural, ou seja, espaços voltados para pesquisas no campo da história natural baseados na observação e experimentação”. VARELA, Alex. **“Juro-lhe pela honra de bom vassalo e bom português”**: filósofo natural e homem público – uma análise das memórias científicas do ilustrado José Bonifácio de Andrada e Silva. Dissertação (mestrado). São Paulo: UNICAMP. Instituto de Geociências, 2001, pp. 98-99. Além

“promover o exame das doutrinas ou questões litterárias e scientificas de actualidade por meio de pareceres, memorias, livros que serão entregues á publicidade, ou por discussões, palestras e conferencias, cujos resumos ficarão consignados nas actas das respectivas sessões”.⁴⁴ De igual forma, dividia-se estruturalmente da mesma forma que o Instituto do Ceará. Porém, as comissões eram outras. As comissões compartimentavam-se em 8: 1ª Sciencias mathematicas e phisicas; 2ª Sciencias biológicas – hygiene e medico – phamaceuticas; 3ª Sciencias sociológicas – direito; 4ª Sciencias sociológicas – anthropologia – philologia, da qual Antônio Bezerra fez parte; 5ª Sciencias sociológicas – economia politica, estatística, demographia, geographia e historia; 6ª Sciencias sociológicas – instrução publica e profissional; 7ª Sciencias sociológicas – litteratura e artes; 8ª Sciencias em geral - philosophia, historia das sciencias.

A década de 1880, portanto, foi o período no qual Antônio Bezerra e a elite intelectual buscou a modificação da realidade social e política através dos movimentos sociais e do engajamento em causas para o progresso social e moral, da criação de instituições, e da iniciativa de construir uma narrativa e formação de uma identidade para o Ceará. Além disso, viu-se o que Almir de Oliveira chamou “emergência de uma narrativa historiográfica para o Ceará”, profundamente relacionada ao ambiente intelectual e social latente na década de 1880. Ainda conforme Oliveira:

A criação do Instituto Histórico do Ceará em 1887 está particularmente associada às transformações sociais ocorridas no Ceará durante a década de 1880. Entendemos a organização dessa academia de intelectuais voltados para a produção de um saber histórico om base na emergência da narrativa historiográfica sobre o Ceará, desenvolvida a partir do final da década anterior. Questões como a grande seca entre 1877 e 1880, os movimentos sociais em torno da abolição da escravidão na província entre 1879 e 1884, a própria abolição da escravidão na província entre 1884 e os diferentes movimentos literários da década de 1880 marcaram as atitudes intelectuais e definiram os padrões da ação civilizatória pretendida por eles, e aí o saber histórico encontrou seu espaço para florescer (OLIVEIRA, 2001: 38).

Houve também um tímido, porém importante movimento de estudo das ciências naturais. Antônio Bezerra foi contratado pelo governo provincial para viajar pelo interior da província para explorar sua constituição física, social, econômica e, sobretudo, os recursos naturais. Essa foi uma expedição naturalista que ocorreu entre os

do trabalho de Varela, ver: SILVA, Clarete Paranhos da. **Garimpando Memórias: as ciências mineralógicas e geológicas no Brasil na transição do século XVIII para o XIX**. Campinas, SP, 2004, Tese (doutorado).

⁴⁴ Estatutos da Academia Cearense. In: **Revista da Academia Cearense**. Fortaleza: Typ. Studart, Ano I, fascículo I, 1896.

anos 1884 e 1885. Essa viagem, como também as atividades relativas às ciências naturais de Antônio Bezerra, serão bem mais exploradas no capítulo seguinte. A evocação desse período da trajetória de Bezerra já nessas linhas busca demonstrar que a década de 1880 foi o período no qual Bezerra iniciou oficialmente os trabalhos como praticante das ciências naturais.

Na década seguinte, Bezerra continuou a sua trajetória como cientista natural – embora amador, como ele mesmo se denominou – como coletor e organizador de material do Ceará que será exposto na Exposição Nacional do Rio de Janeiro (1892), preparatória para a *World's Columbian Exposition*, em Chicago, no ano seguinte. Esse período demarca os trabalhos de Antônio Bezerra após a proclamação da República em 1889.

No Ceará, esse fato não impactou profundamente a sociedade cearense. Como apontou Girão, momentos antes da proclamação da República, o Ceará estava passando por um período conturbado por conta de uma seca que ocorreu no ano anterior, vitimando cerca de 60.000 pessoas, e as mudanças esperadas com o novo regime político efetivamente não ocorreram. Ainda segundo Girão:

Num ambiente assim de generalizado desajustamento é que sobreveio a República, sem, como a abolição, produzir maiores emoções, eis que a grande maioria nem sequer estava ao jeito de compreender a metamorfose do velho Império no novo regime, do qual apenas se davam conta alguns moços ardorosos reunidos em clubes de âmbito muito pequeno. A transição, com efeito, provocada por um telegrama chegado do Rio de Janeiro a 16 de Novembro, deu-se timidamente, com a, para muitos, decepcionante substituição do governador, o militar coronel Moraes Jardim, por um outro militar, o tenente-coronel Luis Antonio Ferraz, comandante do batalhão do Exército e cuja presença alguns populares, dirigidos pelo aventureiro espanhol Seraphym Grau e Ferrer, alcunhado Catalão, foram solicitar, para assumir as responsabilidades da administração civil (GIRÃO, 1947: 407-408).

E continua:

Semi-ignorantes da forma de governo em estreia, pois até chegarem a constituir um ministério, com pastas de Marinha e Relações exteriores, os novos dirigentes do agora Estado do Ceará enfiaram-se na iconoclastia própria desses momentos, alterando tudo que pudesse lembrar a dinastia derrubada, arrebatando símbolos, rasgando retratos, mudando o nome das ruas, demitindo funcionários, proibindo o ensino religioso nas escolas, revogando leis (Idem, ibidem: 408).

As movimentações em virtude da mudança de regime político no Ceará foram registradas pelos contemporâneos a esse movimento. Em artigo da revista do Instituto Histórico do Ceará, Júlio César da Fonseca Filho (1850-1931), considerado um

republicano histórico, registrou as suas considerações acerca da passagem para a República no Ceará. Ele apontou que afora algumas comemorações na praça do passeio público em Fortaleza no dia seguinte à proclamação da República, a sociedade cearense – principalmente a elite letrada e comercial – no primeiro momento não notou modificações em relação ao regime anterior. Uma das questões para tal inércia apontada por Fonseca Filho foi a modificação dos administradores do agora Estado do Ceará. Segundo Fonseca Filho, quem assumiu como governador do estado foi o tenente-coronel Ferraz, outro integrante do exército e que, na memória escrita por Júlio César, Ferraz era contra a república.

Tal como em outros estados, o regime republicano no Ceará, tendo sido, juntamente com a abolição, uma das palavras-chave de modificação da realidade social, defendida por grande parte dos intelectuais cearenses principalmente na década de 1880, não obteve o êxito desejado, até mesmo pelos seus defensores.⁴⁵ Segundo Fonseca Filho:

A nossa República, como república propriamente dita, é uma super-máxima mentira, consubstanciação de todas as mentiras e mentirolas, que estabeleçam as multidões ávidas de comoções [...] É uma fraternidade cheia de cainitas, uma liberdade cheia de servilismos, uma igualdade cheia de ridículas superioridades. É um pequeno que se considera uma majestade, um anão de pé numa montanha. É uma república artificial, mecânica, sem alma. Não é a república natural, a que encerra em si, como num seio de mãe, a democracia pura. É a república rebaixada às misérrimas condições de uma legítima autocracia. É a república invertida, pervertida, paradoxal, heterodoxal, de anomalias singulares e de singularidades anômalas, de contrastes, de abusões, subversões, explorações e diversões, feitas não por apóstolos e sim por apóstatas, por uma espécie de deus ex-machina, um órgão sem a sua função própria e que, por uma aberração ou desvio teratológico exerce uma função vicariante, heteróclita.⁴⁶

O contraste, a partir da citação acima, está entre a república ideal e a real. A campanha realizada por intelectuais cearenses em jornais da capital, nas reuniões de associações, e os veículos de imprensa cearense, que “[...] aderiram ou aceitaram o nome regime e prontamente arvoraram o barrete frígio”⁴⁷, expressava a vontade de mudança, de “regeneração” em relação ao regime antecessor.

⁴⁵ Com relação à implementação do regime republicano em outros estados, bem como pelo descrédito obtido por esse regime após a sua implementação, ver: SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

⁴⁶ FILHO, Júlio César da Fonseca. **O Ceará e a Proclamação da República**. In: Revista do Instituto do Ceará. Fortaleza: Typographia Minerva, 1924, Tomo Especial, XXXVIII, p.352.

⁴⁷ **O Libertador**, Ano IX, N. 270, Fortaleza, 25 de Novembro de 1889, p. 2.

Antônio Bezerra declarava-se republicano, diferentemente de seu pai, Manoel Soares, que era monarquista convicto e combativo, e de quase toda a sua família, exceto o seu avô, Tenente-Coronel Antônio Bezerra de Sousa Menezes, que lutou pela instalação da República como comandante das armas nos movimentos de adesão à República do Equador.⁴⁸ Bezerra aderiu à república e consentiu a instalação da mesma em 18 de Novembro de 1889.⁴⁹ Para a trajetória de Bezerra, tal fato não modificou em nada a sua rotina como empregado público e as suas concepções intelectuais, pois continuou servindo ao governo em comissões dirigidas ao melhoramento do que ele chamava de pátria cearense.

Em 1896, já aposentado da Tesouraria da Fazenda, Bezerra mudou-se para Manaus. Em número do Jornal O Pão, da Padaria Espiritual, Bezerra registrou as suas palavras de despedida, denunciando os motivos por meio dos quais deixou a capital cearense com destino à capital amazonense. Após enumerar as despedias às sociedades das quais fazia parte, Bezerra salientou:

[...] E à terra do meu berço, o meu idolatrado Ceará, ao qual desde criança dediquei o meu esforço e vitalidade servindo-o como voluntário da Pátria, como abolicionista, como republicano, como professor de preparatórios durante dezoito anos gratuitamente; como jornalista, como escritor em seis livros em que procurei-lhe o renome e a glória, como historiador salientando-lhe os seus nobres feitos e grandezas naturais, como empregado da Fazenda em inúmeras comissões ao interior, a Pernambuco e ao Rio de Janeiro, na Exposição preparatória de Chicago, que pagou os meus extremos de filho com muita ingratidão e injustiça, malbaratando os meus serviços a ponto de me deixar sem o mínimo recurso por mais de dois meses em Pernambuco, onde examinava eu os arquivos a cata de documentos para a sua história; apesar de tudo quanto ei sofrido, empenho a minha honra em como sejam quais forem as condições de prosperidade em que me ache, toda a vez que a minha querida terra precise dos meus serviços, estarei do seu lado, com o extremado amor que lhe consagro, para defender, ainda à custa da própria vida, a sua soberania e integridade.⁵⁰

Ainda no estado do Amazonas, ademais, envolveu-se em defesa de melhores condições de trabalho dos cearenses nos seringais. Em virtude de sua estada em Manaus, publicou o livro “O Ceará e os cearenses” (1906), reunião de textos quando da função de redator do jornal “A Pátria”.

A escrita dos textos que compuseram o livro “O Ceará e os cearenses” merece destaque, pois sintetiza muitas concepções do autor. Primeiramente, Bezerra estava em Manaus, publicando no jornal “A Pátria”, longe, portanto, de sua terra natal, o que

⁴⁸ BEZERRA, Antonio. **Notas de Viagem**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1965 [1889], p. 334.

⁴⁹ **O Libertador**, Ano IX, N. 264, 18 de Novembro de 1889, p. 3.

⁵⁰ Jornal **O Pão**, órgão da Padaria Espiritual. Anno. III, N. 34, Fortaleza, 30 de Setembro de 1896, p. 8.

certamente influenciou o estilo narrativo, com menções à terra e à defesa e distinção dos cearenses em relação ao restante do país. Apesar da sua formação tributária das narrativas historiográficas dos *estudos históricos*, aprofundadas anos antes pelo Instituto Histórico do Ceará, Bezerra procurou conceder um tom afetivo aos seus reclames. Para Almir de Oliveira:

Tratavam os seus textos sobretudo de preencher uma necessidade de desterrado, qual seja, o reforço de laços com a terra perdida, de suprir uma falta e, nesse sentido, os temas elencados por Bezerra deslocavam-se do sentido estritamente historiográfico, mas tributário desse, para sintetizar uma identidade que encontrava na história a sua razão existencial. Os fragmentos culturais que ele apropriou para definir uma série de identificações funcionavam assim como uma possibilidade de buscar na vida afetiva da terra distante os signos de sua inserção na nacionalidade (OLIVEIRA, 2001:199).

Foi sob a intenção de diferenciar o cearense do restante da nação e, portanto, construir a identidade do cearense a partir da diferença que os textos e as temáticas trabalhadas por Bezerra incidiram. Nesse sentido, começou a sua redação partindo da especificidade do clima, de um calor “abrasador”, por conta da formação de tabuleiros e de sua formação geográfica, que impede a passagem dos ventos alísios e, assim, torna-se sujeito a sérios períodos de seca. Para Bezerra, o motivo da “calamidade da seca” é natural, apesar dos melhoramentos advindos com a ciência na construção de açudes e do reflorestamento.

A seca, portanto, foi uma temática bastante trabalhada por Bezerra nesses textos. Porém, ele procurou relacionar esse fenômeno natural como uma maneira de fortalecer o habitante local. As leituras de Spencer, Buckle e Taine, portanto, tiveram influência significativa nos círculos letrados de Fortaleza a partir, propriamente, dos anos 1870. O flagelo da seca, ao invés de invalidar as ações dos cearenses, foi tratado como encorajador e motivador na forma como o homem deveria dominar a natureza. Nesse sentido, a “inexorabilidade das secas que traz para o cearense a sua distinção, a sua superioridade, a sua glória”.

O fator da seca determinou, dessa forma, as características dos habitantes. O tipo tratado por Bezerra que combatia e sobrevivia diante das desventuras da seca é o do Vaqueiro/Sertanejo. Para tanto, produziu uma caracterização das suas qualidades, como trabalhador incansável, que luta diariamente para manter o sustento da família. Parte das especificidades da vestimenta, muitas feitas a base do couro, do cotidiano sofrível no contato com a natureza, ao embrenhar-se por entre as matas espessas, e descreve o seu caráter, como aquele que é “alegre, indolente, hospitaleiro, generoso e franco”.

O vaqueiro, então, é o tipo mais aproximado do cearense. Bezerra descreve as qualidades do vaqueiro como semelhantes às características do cearense, como trabalhador incansável, afeito ao trabalho pesado e dado como “exceção no país”. A análise etnológica de Bezerra parte do argumento não apenas do vaqueiro, mas, sobretudo, e o que é mais interessante na sua obra, dos ciganos, que, segundo ele, “por ordem régia de 15 de abril de 1718, se mandou que os ciganos residentes em Portugal fossem embarcados para a Índia, Angola, S. Thomé, Cabo Verde, Ceará e Maranhão” (BEZERRA, 1900:154). Na constituição da população do Ceará, segundo Bezerra, os ciganos herdaram muitas características, como: “horror a imutabilidade”, “zelo pela liberdade”, “adoração à música”, o que podemos relacionar com a prática da utilização da viola como instrumento musical típico do sertanejo, dentre outros aspectos. Segundo Bezerra, a característica da mobilidade e da fácil adaptação dos cearenses era perceptível pela presença deles em vários outros países, exercendo os mais variados trabalhos e funções, e para quaisquer demandas, os cearenses tinham lugar de destaque.

Seguindo sua narrativa, Bezerra descreveu rapidamente os momentos decisivos da abolição da escravidão, enfatizando o pioneirismo desta ação na província do Ceará antecedendo em quatro anos o decreto da abolição da escravidão no Império em 1888. Primeiramente, ele falou da criação da Sociedade Cearense Libertadora (1880), e dos escritos combativos desta em seu veículo de divulgação, o jornal *Libertador*. Posteriormente, a adesão do povo para com as ações de libertação dos escravos. Para Bezerra, esse pioneirismo foi e sempre será motivo de orgulho, pelos combates efetivos dos intelectuais para com a “causa” da abolição.

Na produção de um discurso para a formação de um tipo ideal cearense, Bezerra analisou a mulher cearense como componente deste amálgama identitário. Distingue-a da paraibana e da catarinense por não ser tão formosa, mas debatendo sobre a sua virtuosidade, como bastante educada com “esmero nas letras e belas artes”. O diferencial da mulher cearense, para Bezerra, diz respeito à devoção à família. Ela sempre busca manter a ordem em casa e é muito fiel ao marido. Porém, é interessante ressaltar que Bezerra estava analisando um tipo ideal e, para tanto, buscava características as mais engrandecedoras possíveis. Nesse sentido, a perspectiva de mulher assinalada por Bezerra era a da classe alta, ou pelo menos a que tivesse acesso à educação.

Toda a obra de Bezerra buscou defender e engrandecer o Ceará e os cearenses. Entretanto, esse livro em específico demonstrou claramente o seu empenho em produzir

uma narrativa que pudesse abarcar todas as características do “ser” cearense, seja na produção de um tipo ideal cearense, deixando em relevo o que tivesse de mais proveitoso do caráter e da moral, seja nas ações mais nobres e patrióticas, como a abolição da escravidão no Ceará ainda em 1884. Como Almir de Oliveira apontou, a herança dos *estudos históricos* se fez presente nos escritos dos membros do Instituto do Ceará, e, como membro fundador, Bezerra, portanto, não apenas absorveu esse discurso, como foi um dos propagadores. O livro *O Ceará e os Cearenses* distancia-se do modelo dos *estudos históricos*, entretanto ali podemos notar de forma mais condensada e refinada os temas tratados por esse modelo.

Em 1901, retornou ao Ceará. Na ocasião, publicou na Revista do Instituto do Ceará o trabalho intitulado “Descrição da cidade de Fortaleza” (1901), no qual abordou a constituição física e arquitetônica da cidade, das repartições públicas e instituições científicas e culturais. Esse retorno demonstrou uma cisão nos estudos de ciências naturais de Antônio Bezerra. O ambiente político no Ceará estava sob os domínios da oligarquia da família Acioly, a qual assumia o poder de tomada de decisões importantes não somente na política, como também na economia e nas atividades culturais da sociedade cearense da época. Um dos casos que saltou aos olhos como demonstração dos mandos e desmandos da oligarquia acyolina no estado do Ceará foi a exoneração do farmacêutico Rodolpho Theóphilo do cargo de professor de ciências naturais do Liceu do Ceará.⁵¹ Dessa forma, percebe-se o quão obscuro foi este período para as letras e ciências no Ceará.

Antônio Bezerra, ao retornar à sua terra natal, distanciou-se da vida pública tal como fizera no seu regresso na década de 1860, bem como dos estudos de ciências naturais. Preocupou-se, no entanto, em pesquisar e trabalhar especificamente sobre o desenvolvimento dos estudos em história do Ceará, caso de um dos seus últimos trabalhos bibliográficos, *Algumas Origens do Ceará* (1918),⁵² no qual buscou esclarecer os marcos demarcatórios e originários do Ceará a partir da abordagem metodológica pautada nos *estudos históricos*.

⁵¹ PORTO, Eymard. **Babaquara, chefetes e Cabroeira**. Fortaleza no início do século XX. Coleção Teses Cearenses. Fortaleza: Fundação Waldemar de Alcantara, s/d. A respeito da política do Ceará nesse período, soma-se a esse trabalho o livro: CAMURÇA, Marcelo. **Marretas, Molambudos e rabelistas**. A Revolta de 1914 no Juazeiro. São Paulo: Maltese, 1994.

⁵² BEZERRA, Antônio. **Algumas Origens do Ceará**: defesa ao Desembargador Suares Reimão á vista dos documentos do seu tempo. Ed.fac-sim.- Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2009 [1918]. Este trabalho foi primeiramente divulgado na revista do Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará, em 1901.

A tônica em relação aos escritos históricos do século XIX, tanto no âmbito nacional como internacional,⁵³ e ao *métier*⁵⁴ do historiador foi se constituindo na relação entre o “rigor do fato e o primado do documento” (OLIVEIRA, 2001: 59), tendo como base de sustentação o documento concebido como prova. No Ceará, Antônio Bezerra, na virada do século XIX para o XX, mostrou-se conectado com esta perspectiva de investigação histórica. A historiografia local caracteriza o trabalho historiográfico de Bezerra como um modelo mais aprimorado da análise amparada no rigor documental para extrair da fonte histórica a verdade dos fatos, conectando-o à metodologia empírica da história científica do século XIX. *Algumas Origens* exprime-se a partir desse primado.

O livro *Algumas Origens do Ceará* foi lido em uma das associações da capital cearense, a Fênix Caixeiral, em 1901, “onde compareceu o que a capital tinha de mais ilustre e mais distinto”⁵⁵ e foi publicado primeiramente na revista do Instituto do Ceará no mesmo ano. A publicação na Revista do Instituto Histórico do Ceará sugere que os trabalhos de Antônio Bezerra carregavam as marcas da historiografia disseminada entre os intelectuais do período em Fortaleza, baseada nos *estudos históricos*. Além disso, a temática imprimida por Bezerra estaria na agenda sublinhada pelas diretrizes do Instituto, no que se refere ao aprofundamento do conhecimento das origens do Ceará. Posteriormente, em 1918, Bezerra, com o auxílio e intermédio de Thomás Pompeu e Barão de Studart, que recorreram ao governador do estado do Ceará à época, João Thomé de Saboya e Silva, foi publicado em formato de livro sob custeio do poder público, visto que Bezerra não podia publicá-lo “por falta de recursos”. O governador, visto a importância e utilidade do livro para a explicação das origens do Ceará, não titubeou e deu início e seguimento ao processo de impressão nas oficinas da tipografia Minerva.

⁵³ Segundo Angela de Castro Gomes: “A historiografia do Brasil, como toda aquela que se conforma no século XIX europeu sob os auspícios da influência historicista, constrói-se no culto ao documento escrito e no rigor do método crítico que assenta o vínculo entre verdade histórica e prova documental. A reconstituição dos fatos do passado no tempo, através da comprovação minuciosa de tudo o que era afirmado, distanciava o trabalho historiográfico das reflexões socioliterárias e sociopolíticas a que ‘os historiadores’ também podiam se aplicar”. GOMES, Angela de Castro. **História e Historiadores**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 122.

⁵⁴ Com relação ao *métier* do historiador, ver: GOMES, Angela de Castro. **História e Historiadores**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996. No que tange ao *métier* dos historiadores cearenses no século XIX, ver: OLIVEIRA, Almir Leal de. **O Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará – Memória, Representações e Pensamento Social (1887-1914)**. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2001.

⁵⁵ BEZERRA, Antônio. **Algumas Origens do Ceará**: defesa ao Desembargador Suares Reimão á vista dos documentos do seu tempo. Ed.fac-sim.- Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2009 [1918], Antilóquio, p. I.

Algumas Origens condensa o que de mais apurado grau se encontrava a crítica documental do período no Ceará. A preocupação da análise e, sobretudo, da divulgação dos documentos que comprovassem determinado fato histórico, em detrimento do estilo narrativo, considerado pelo próprio autor “desenxabido e pesado”, norteou a perspectiva teórica e metodológica de Bezerra. Ele apontou que os estudos anteriores ao dele não passavam de crônicas descompromissadas com a prática da crítica histórica moderna. Sobre as origens do Ceará, Bezerra escreveu:

Com relação a origens do Ceará, teimo em dizer que não há tradição por mais razoável que pareça, que não seja uma mentira totalmente inventada. Não conheço uma, uma ao menos, que resista à crítica de alguns minutos. Se não tenho razão no que escrevi, consola-me contudo a certeza de que o que eu disse foi feito em vista de documentos quase todos inéditos, talvez incompletos, mas que derramam luz bastante para trabalho mais seguro, que outros mais aptos aproveitarão melhor.⁵⁶

Os alvos de Bezerra eram as publicações sobre história do Ceará a partir da década de 1850. Autores reconhecidos pela elite intelectual local e nacional, como Thomaz Pompeu de Sousa Brasil⁵⁷ e Tristão de Alencar Araripe⁵⁸, os pioneiros nos estudos sobre as origens do Ceará, para ficar somente nesses dois grandes exemplos, foram submetidos à crítica histórica e contestados pela exposição da verdade dos inéditos documentos revelados por Bezerra. Sobre as discussões acerca do povoamento do sul do Ceará feita por Araripe, Bezerra afirma que “está tão longe da verdade que faz pasmar”, admirando “como se inventam fatos e circunstancias que nunca se deram, nem se podiam dar!”.⁵⁹ Assim, o que dava sustentação às afirmações de Bezerra era a utilização de documentos oficiais que sustentavam a sua verdade, ou a verdade exposta pelos documentos, em detrimento aos escritos dos outros autores. Nesse sentido, Bezerra não titubeia e crava a sua verdade sobre a ocupação do Ceará, ponto importante nas discussões presentes na revista do Instituto.

A verdade com relação ao nosso território é inquestionavelmente esta: as terras iam-se povoando à medida que os exploradores obtinham sesmarias, e estas vinham sendo pedidas do Rio-Grande para o norte, pois que até 1678 não passava a colonização do município de Natal, e do de San-José de Mipibú para o sul, sendo que as terras daquela capitania, de Guamaré, no município de Assú, para cima, foram concedidas aos requerentes pelos

⁵⁶ Op.Cit. p. 189.

⁵⁷ BRASIL, Tomás Pompeu de Souza. **Ensaio estatístico da província do Ceará**. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997.

⁵⁸ ARARIPE, Tristão de Alencar. **História da Província do Ceará**. Fortaleza: Tipo Litografia Gadelha, 1958, 2ª Edição.

⁵⁹ BEZERRA, Antônio. **Algumas Origens do Ceará**: defesa ao Desembargador Suares Reimão á vista dos documentos do seu tempo. Ed.fac-sim.- Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2009 [1918], Antilóquio, p. VI.

capitães-mores do Ceará, a começar em 1681, de Sebastião de Sá, e pelo Governador geral do Brasil, Roque da Costa Barreto, quando entraram em terreno cearense, a primeira foi pedida pelo capitão-mor Manoel de Abreu Suares e 13 companheiros, todos rio-grandenses, no rio Jaguaribe, da barra para o sertão, em 23 de janeiro de 1681.⁶⁰

Portanto, a busca pela “verdade inquestionável” alimentou o desejo de Bezerra. Como afirmou Angela de Castro Gomes a respeito desse período, “a verdade histórica era, nesses termos, a verdade dos fatos comprovado por um instrumental de que se armava o historiador” (GOMES, 1996: 124). Munido de documentos “desconhecidos dos nossos colegas do *Instituto*”, Bezerra contribuiu para a pesquisa sobre a história do Ceará sob a ótica da história científica.

A opção que fizemos para este trabalho não buscou o aprofundamento do conteúdo do livro de Bezerra; mas, sim, o que elencamos foi a metodologia e a perspectiva de história de Antônio Bezerra, que marcou a trajetória intelectual desse autor. Bezerra era um historiador de arquivo. Em alguns casos, ele foi financiado por intelectuais abastados da província ou até mesmo pelo governo, que o sustentavam em viagens para que Bezerra pesquisasse em arquivos municipais e estaduais do Ceará, Pernambuco e Bahia, e recolhesse o maior número de documentos para a construção de uma narrativa histórica do Ceará colonial que fosse solidificada e “inquestionável”. Conforme Almir de Oliveira, como membro de um instituto histórico, ele possuía as credenciais necessárias para analisar a história local, e o fez tendo em mente “o amor à verdade e o interesse que tomo pelas coisas da terra de meu berço”.⁶¹

O estudo das ciências naturais e dos seus variados ramos, como a botânica, zoologia, geologia, englobava a gama de conhecimentos úteis na plêiade intelectual do período. Nesse sentido, no Ceará, podemos supor que a elite intelectual representou este movimento. Pertencente a essa elite intelectual, a trajetória de Antônio Bezerra enquadrou-se em todos os sentidos a esse movimento. Um verdadeiro *homem de letras*, e um estudioso afinado com as temáticas referentes às ciências naturais do seu período, utilizando-se dessas especialidades no intuito de modificara a realidade social cearense em sua obra. Como foi discutido, ele produziu trabalhos desde a história até às ciências naturais. Apesar de não ter obtido diploma, Bezerra foi formado justamente nos enciclopédicos e humanistas cursos de direito. Combateu na “causa” da escravidão no

⁶⁰ BEZERRA, Antônio. **Algumas Origens do Ceará**: defesa ao Desembargador Suares Reimão á vista dos documentos do seu tempo. Ed.fac-sim.- Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2009 [1918], p. VII.

⁶¹ Idem, 2009[1918], p. 9.

Ceará, como forma de consagrar uma utilidade civilizatória aos seus estudos, visando ao progresso de sua terra natal.

Portanto, a partir do que foi exposto até o momento, compreende-se que Bezerra enquadrava-se a uma comunidade científica e intelectual que se formou em Fortaleza no final do século XIX. As suas atividades enquanto membro de instituições científicas e literárias bem como a sua circulação nesses espaços de sociabilidade entre os intelectuais davam respaldo ao seu discurso científico. No caso do Instituto do Ceará e no da Academia Cearense, por exemplo, notamos muitos nomes compondo as duas instituições ao mesmo tempo, o que demonstra um acesso a esses dois espaços de circulação e construção de conhecimento. Ademais, a produção e circulação de jornais e revistas, bem como a criação de sociedades de incentivo à abolição, como a “Perseverança e Porvir” e “Sociedade Cearense Libertadora”, contam também com a participação de intelectuais que transitam no meio letrado cearense, ou seja, os círculos letrados da capital restringiam-se a poucos nomes. Além disso, Bezerra se fez valer de um *modus operandi* e de uma prática científica de investigação semelhantes a maioria dos intelectuais deste período, que tinham o positivismo como mote teórico-metodológico de abordagem.



Retrato de Antônio Bezerra de Menezes, por volta da década de 1910.

Fonte: acervo pessoal do sobrinho-neto de Antônio Bezerra, o Doutor Eduardo de Castro Bezerra Neto

CAPÍTULO 2

As Notas de Viagem de Antônio Bezerra e o exercício de ciências naturais no Ceará provincial

O capítulo anterior procurou construir a trajetória intelectual de Antônio Bezerra, desde os períodos de formação em Fortaleza, São Paulo e Rio de Janeiro, até a atuação de Bezerra nos círculos letrados da capital cearense, estabelecendo conexões de trabalho no Rio de Janeiro e em Manaus. Para este capítulo, intenta-se analisar *pari passu* a realização das duas viagens de exploração científica de Antônio Bezerra, e o impacto que teve a publicação em formato de livro dos seus relatos e relatórios de viagens nos jornais de Fortaleza e para a elite intelectual da capital cearense. Portanto, busca-se analisar os aspectos exteriores à constituição da viagem científica de Bezerra, ou seja, como ele chegou ao ponto de empreender as suas prospecções científicas no interior do Ceará. Para isso, foi fundamental a percepção das suas concepções de mundo e a ligação da sua atuação como intelectual, *homem de letras* para a formação de Bezerra enquanto *homem de ciências*, delineados no capítulo 1.

Para o segundo capítulo, o intuito é analisar a formação dessa terceira vertente da trajetória intelectual de Antônio Bezerra, com foco nas suas prospecções de viagem no sertão, na serra e no litoral cearenses, na década de 1880. Para tanto, faz-se necessário desconstruir⁶² o máximo possível as suas notas de viagem, objetivando esmiuçar as discussões de Bezerra durante os seis meses de exploração científica da natureza do Ceará. A primeira viagem foi realizada para a cidade de Maranguape e seus arredores, por volta de 1883 e 1884.⁶³ Como será visto, essa viagem foi fundamental para o desenvolvimento e aprimoramento das concepções científicas de Bezerra, bem como do formato narrativo adotado pelo naturalista cearense. Essa viagem, portanto,

⁶²Michel Foucault parte dos procedimentos da disciplina arqueológica para o entendimento das práticas discursivas. Nesse sentido, o discurso e seu núcleo interior só podem ser acessados de forma profunda a partir da retirada de camadas que os encobrem; é passar do exterior para o interior e vice-versa, no sentido de revelar a profundidade dos conceitos e das ideias que estão latentes. Portanto, buscamos analisar a obra do intelectual Antônio Bezerra a partir, primeiro, da retirada das camadas sociais, intelectuais e sobretudo das concepções científicas para, posteriormente, “escavarmos” a sua obra, no intuito de compreender de que forma e a partir de quais referências Bezerra se fez valer para a produção das suas viagens naturalistas. Ver: FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008; _____. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

⁶³ Uma edição do livro **Maranguape – Notas de Viagem** foi localizada na Biblioteca Pública do Estado do Ceará Menezes Pimentel. Por conta do seu mau estado de conservação, inclusive sem folha de rosto e sem prefácio, não se sabe ao certo em que ano ocorreu a dita viagem. Porém, alguns indícios, bem como referências de biógrafos de Bezerra, datam a publicação desse livro em 1885.

serviu como uma espécie de exercício das características de viajante-naturalista que serão empregadas meses depois na feitura e na publicação do seu livro de maior fôlego, o *Notas de Viagem – Parte Norte*.⁶⁴ Nesse segundo livro, Bezerra – que já obtinha uma ligeira experiência nas suas descrições de Maranguape – analisa quarenta e quatro localidades do sertão, serra e litoral cearenses, em uma comissão financiada pelo governo da então província do Ceará.

No dia 12 de setembro de 1884 Bezerra partiu em viagem a bordo do vapor **Cabral**. Em sua viagem, Bezerra visitou ao todo 44 localidades do Ceará, mas analisou mais detidamente 19 delas. No mapa abaixo, o mais aproximado da época da viagem, as localidades enumeradas são as que Bezerra visitou. Por questão de visualização, em anexo segue a lista dos nomes dos municípios. Em toda localidade que Bezerra visitou, havia quem o recebesse, muitas vezes políticos, os quais já sabiam da vinda do intelectual da província, denotando, assim, uma teia de relações entre os políticos da capital e do interior, compactuando com a mesma intenção, a de promover um estudo mais detalhado de todos os aspectos relativos ao econômico, social, político e natural das localidades cearenses.

⁶⁴ MENEZES, Antônio Bezerra de. **Notas de Viagem**. Fortaleza: Imprensa Universitária. 1965 [1889].

porquanto as condições de locomoção da província ainda se achavam precárias. Porém, a sua declinação não foi aceita pelo governo, que o ordenou a partir o mais brevemente possível. Em sua bagagem, levava “alguns instrumentos e poucos livros”.

Inicialmente, busca-se compreender as características de Bezerra enquanto naturalista viajante e as suas habilidades em relação às ciências naturais no trato com discussões de teorias e controvérsias zoológicas, botânicas e geológicas. Numa segunda parte, objetiva-se o delineamento dos locais de pesquisa de campo de Bezerra e as temáticas trabalhadas pelo intelectual cearense nas localidades percorridas, como as suas concepções de ciências naturais, a seca e os melhoramentos advindos com os métodos da arboricultura, a construção de açudes, a questão do clima e a influência que este exerce na constituição física e moral dos cearenses. Por fim, registra-se o inventário da biodiversidade da natureza cearense, pelo levantamento das espécies citadas e coletadas por Antônio Bezerra.

A partir dessa abordagem das explorações científicas de Bezerra, pretende-se compreender as suas concepções científicas e a importância que ele teve para a documentação da natureza cearense em seus mais variados aspectos.

2.1. As viagens científicas de Antônio Bezerra de Menezes e seus percursos

“Esplêndido! Magnífico! A variação de tons que coloria a grande extensão ondulada, as miríades de borboletas e outros insetos que nos voltejos irregulares animam a paisagem, o estremecimento, o rumor que produz o vento vergando a coma dos arvoredos, as cintilações que desprende a folhagem ao reflexo dos raios dourados do sol, as flores que como rica palheta alegam de todos os matizes aquele oceano de verdura, o manto azul do céu sereno e puro a refletir-se nas águas dos lagos na planície, todos os deslumbramentos dessa natureza enfim inebriavam-me a alma de gozo inefável e despertavam-me o capricho de eterna contemplação, sem que me enfastiasse nunca o tédio ou o cansaço” (BEZERRA, Antonio, s/d: 77)

A viagem, científica ou não, constitui-se como uma forma de experimentar o novo, o único, aguçando os sentidos para a perspectiva que se põe diante do observador/viajante. Em alguns casos, a viagem pode constituir-se como uma

modificação das concepções de mundo do observador e do observado por meio do contato com outra cultura e com outras formas de comportamento em sociedade, ou nas relações interpessoais. Mesmo as viagens de exploração, muito recorrentes a partir do século XVI, as quais estavam em sua maioria vinculadas ao processo colonizador, expressaram-se, posteriormente, como experiências de troca submetidas ao processo de aculturação. Portanto, a viagem, bem como seu relato, são possibilidades de explorar, economicamente ou não, os espaços desconhecidos, ou conhecer sob outros pontos de vista os mesmos espaços. Como afirma Todorov:

A viagem no espaço simboliza a passagem do tempo, o deslocamento físico o faz para a mudança interior; tudo é viagem, mas trata-se de um tudo sem identidade. A viagem transcende todas as categorias, incluindo a da mudança, do mesmo e do outro, pois desde a mais remota Antiguidade são acumuladas viagens de descolamento, explorações do desconhecido, e viagens de regresso, reapropriação do familiar: os argonautas são grandes viajantes, mas Ulisses também o é (TODOROV, 2006: 231).

As viagens do século XIX, em grande medida, em relativo contraste ao ocorrido anteriormente, podem ser caracterizadas como expedições científicas, na medida em que a ciência natural passou a ter destaque, em detrimento das outros âmbitos de análise do viajante/naturalista. A descrição ou relato de viagem serviria, nesse período, como pano de fundo, como ferramenta de transmissão do conhecimento científico, a partir da experiência da viagem científica.

A exploração do território e, ao mesmo tempo, a prospecção científica estavam na agenda de pesquisa de Antônio Bezerra ao participar de sua primeira comissão para a análise da natureza da província do Ceará. A primeira expedição chefiada por Bezerra - descrita no livro **Maranguape** - Notas de Viagem⁶⁵ - ocorreu por volta do início da década de 1880, com destino à Maranguape, cidade serrana localizada próximo a Fortaleza. Nessa viagem de exploração científica, Bezerra iniciou a sua prática naturalista. As citações das espécies em nomes científicos, distinguindo-as, comparando-as e classificando-as de acordo com a sua família, ordem etc.; a descrição da natureza em suas variadas especialidades; a coleta de espécimes; e o registro da biodiversidade local foram os pontos de maior relevo na sua narrativa de viagem. A partir da análise do livro, percebe-se a importância dada pelo autor à construção de um inventário da natureza local, seguramente o enfoque de maior relevo de suas

⁶⁵ MENEZES, Antonio Bezerra de. **Maranguape** – Notas de Viagem. S/i, S/d.

investigações. Para tanto, Bezerra registrou o maior número possível dos espécimes da flora e da fauna, destacando a pluralidade da natureza de maranguapense.

A vegetação da Rajada é tão opulenta, tão rica a natureza, que a vida transborda de toda a parte em flores, folhas, espigas e frutos. As lianas galgam o cimo das grandes árvores e formam grutas impenetráveis, onde as aves silvestres alegam o ermo com a melodia de seus cantos. As orquídeas [...] agarradas aos velhos ramos, ostentam de modo esplêndido sua florescência caprichosa, que deslumbra pelo brilho, graça e bisarria. Das fendas da rocha as Bromeliáceas, com os seus esplendentes cachos ou capítulos acompanhados de brilhantes brácteas coloridas, surgem alteirosas, realçando a elegância e suntuosidade de sua folhagem; e a beira da torrente as Nimpheas, Marantas e Colocasias de espécies diversas, balançam ao sopro da brisa os largos limbos, cordiformes, cujo centro listado de vermelho contrasta com o belo verde que o circula (BEZERRA, s/i, pp.8-9).

Foram citados, também, espécimes da fauna entomológica, como gafanhotos, borboletas, besouros, abelhas e seus respectivos nomes científicos. Essas descrições e a utilização de um referencial oriundo das ciências naturais eram características da prática naturalista, configurando as prerrogativas do naturalismo científico, e dão o tom dos objetivos de Bezerra na viagem científica em Maranguape.

Outros pontos foram sublinhados e compunham parte da agenda das investigações científicas de Bezerra em Maranguape, como o diagnóstico dos problemas nas plantações e as possibilidades de melhoramento com base na relação das ciências naturais com a agricultura. Para o primeiro ponto, Bezerra tentou identificar os locais onde os métodos agrícolas se davam de forma rudimentar. Em uma perspectiva geral sobre o tratamento das lavouras, Bezerra afirmou:

Planta-se n'aquelas paragens como Adão plantava no Paraíso, abatendo as florestas para semear no seu lugar os grãos das plantas leguminosas. [...] Não vi em todas as terras por onde andei um só instrumento do progresso agrícola, que me despertasse a ideia de que a ciência aperfeiçoa por ali o trabalho do homem. Os processos empregados no plantio, cultura, preparo e colheita do café, gramíneas leguminosas e frutos são primitivos; entretanto quanta riqueza, quanta abundância não produziriam aquelas opulentas regiões, se fosse o solo arroteado, amanhado, e tratado convenientemente, aplicando-se os instrumentos e meios aconselhados pela moderna agricultura, que tantos prodígios tem produzido em outras partes muito menos favorecidas de que a nossa (BEZERRA, s/i; pp. 24-32).

Segundo Bezerra, “o atraso de Maranguape bem como de outros lugares apropriados para a lavoura, na província, nasce da ignorância dos plantadores em tirarem do solo o maior proveito possível” (Idem, s/i: 43), pois “[...] abandonam as terras por cansadas, dizem eles, e estragam as matas que lhes forneciam salubridade e atraíam os vapores que geram chuvas” (Idem, s/i: 42). Para Bezerra, não bastava a produção para

subsistência. Portanto, para o melhoramento dos métodos agrícolas e, por conseguinte, a diversificação e desenvolvimento dos produtos naturais, com vistas à comercialização e para a obtenção de lucro, Bezerra defendeu a relação estrita entre a agricultura e as ciências naturais, principalmente a especialidade da botânica ao sublinhar a introdução da horticultura. Em uma passagem singular, Bezerra exprimiu as suas considerações acerca dos possíveis melhoramentos que, segundo ele, seriam essenciais contra o “atraso” da província.

Se nos municípios da província se estabelecessem associações para o fim de corrigir esse e outros motivos do retardamento do progresso e de sua riqueza; - se os agricultores e criadores levados do amor à pátria e a seus próprios interesses fizessem importar melhores sementes de café, cana, algodão, cacau, maniçoba etc., cujas vantagens bem poucos são os que conhecem de notícia, bem como animais de boa espécie para melhorar as que possuem degeneradas e sem esperanças de maiores rendimentos, curando-se até, como se procede nos Estados Unidos e em grande parte da Europa, do plantio de forragens mais úteis para a cria e engorda dos gados, matéria de constantes estudos e cuidados de Leconteux, Goffart, Moreul, Reilhen, Crevat, conde Roederer etc. - se não fossemos tão ignorantes, perdoe-se-me a dureza da frase, dos melhoramentos da indústria e da lavoura do próprio país, aferrolhando os mais ricos a fortuna para legá-la a família, sem deixar na sua passagem se quer um ato de bem público, - fortuna que se esvai a falta de emprego e de ciência da lentidão e dificuldade com que foi acumulada [...] [se] substituísse legítimo patriotismo em aproveitar os recursos de que é capaz o nosso solo, por certo que outro seria o grau do nosso desenvolvimento, e não se repetiria eternamente o mote do nosso atraso e miséria diante de outros países menos favorecidos da natureza e que no entanto se avantajam ao nosso, devido ao bom emprego que dão seus filhos ao seu talento e aos seus capitais (BEZERRA, s/i: pp. 130-132).

Nessa passagem, fica evidente o engajamento de Bezerra para a melhoria das condições sociais e econômicas da província, buscando sanar as dificuldades enfrentadas pelos habitantes com o aprimoramento dos estudos de ciências. Na concepção de Bezerra, a atuação do homem no meio natural deveria ser realizada, com melhores métodos e a partir da formação de associações de agricultores.

Assim, a relação entre ciências naturais e a agricultura foi o ponto maior das prospecções de Bezerra em Maranguape. O estudo das ciências naturais, especialmente da botânica, seria a solução para o desenvolvimento da província. A visão romântica da natureza, na qual subjaz o entendimento de uma natureza edênica, primitiva, abriria espaço para uma visão cientificista, na qual creditava à ciência a chave para progresso, no combate aos problemas sociais. Ligado a isso, as narrativas de Bezerra seguiram o enfoque das narrativas de viagens do século XIX, sendo elas expedições científicas ou

não, ao tratarem das questões políticas, da história, da cultura e aspectos do cotidiano de cada localidade investigada.⁶⁶

A viagem de prospecção à Maranguape pode ser entendida como um importante exercício da prática naturalista na trajetória científica de Antônio Bezerra. As suas leituras e os seus referenciais das ciências naturais foram exercitados no decorrer das investigações de Bezerra, e a sua formação como cientista-viajante-naturalista ia pouco a pouco sendo constituída. Muitos pontos abordados por Bezerra foram retomados posteriormente em sua viagem naturalista à região norte da então província do Ceará, trabalho no qual se nota o refinamento e o aprofundamento dessas questões levantadas anteriormente.

Após a viagem à Maranguape, Antônio Bezerra foi convidado a percorrer uma parcela significativa da província do Ceará em viagem oficial. Em setembro de 1884, ele recebeu ordem do governo provincial - que, à época, estava sob a presidência de Carlos Honório Benedito Ottoni⁶⁷ - para chefiar uma comissão que deveria se dirigir ao interior da província. Não se sabe ao certo como se deu o processo de nomeação de Bezerra para tal comissão, nem propriamente quais seriam as intenções do governo para financiá-la. O historiador Raimundo Girão - que realizou o prefácio da terceira edição do livro *Notas de Viagem*- parte Norte, em comemoração ao décimo aniversário da instalação da Universidade Federal do Ceará - classificou essa comissão como “embaraçosa”. De fato, não se encontrou nenhum documento que expressasse diretamente as intenções do governo para tal iniciativa. No entanto, o relatório do presidente da província do Ceará do ano de 1885, referente ao ano anterior, que, se não denota claramente os objetivos da feitura da comissão, ao menos lançam alguns indícios.

⁶⁶ Essas observações feitas nos trabalhos de Antônio Bezerra corroboram a tese de Heloisa Domingues, a qual analisa as relações entre a agricultura e as ciências naturais no Brasil no século XIX. Ver: DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol. **Ciência: um caso de política:** As relações entre as Ciências Naturais e a Agricultura no Brasil-Império. Tese doutorado. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - USP, 1995

⁶⁷ Presidente da Província do Ceará de 12 de julho de 1884 a 19 de fevereiro de 1885. Ottoni nasceu em Minas Gerais, na cidade de Serro em 20 de abril de 1846. Formado em ciências sociais e jurídicas pela faculdade de São Paulo em 1866. Foi juiz municipal, promotor público, chefe de polícia, e antes de assumir o cargo de presidente da província do Ceará, administrou a província de São Paulo em 1884. Publicou vários livros que versaram sobre ciências jurídicas. Morreu em 21 de julho de 1919. BLAKE, Sacramento. **Dicionário Bibliográfico Brasileiro.** Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1893, segundo volume, pp. 72-73.

Sabe-se que, nesse período, Antônio Bezerra assumia cargos administrativos na província, principalmente relacionados ao Tesouro Provincial do Ceará. Conforme o relatório do presidente da província do Ceará em 1885, Bezerra era chefe de seção do tesouro provincial e, justamente no primeiro mês de sua viagem, em mensagem do dia 14 de outubro de 1884, escreveu para o inspetor do tesouro provincial, José Ladislau Pereira da Silva, sobre as condições de coleta de impostas da vila de Sant'Anna:

A exceção das instruções que prestei acerca da lei orçamentária para 1885, na parte que manda cobrar imposto desde já, nada mais tive que fazer, visto como o sistema de arrecadação admitido naquela estação é perfeito e para assegurar a V.S. que o respectivo escrivão é sobremodo habilitado e cumpridor de seus deveres. Do longo exame que fiz nos papéis da coletoria da cidade de Sant'Anna, já quanto a escrita, já quanto a execução das leis fiscais, não achei falta que notar, mas ao contrário tive que louvar o asseio e ordem com que é feito o trabalho dessa estação, devido exclusivamente as habilitações daquele empregado.⁶⁸

E finaliza:

Tenho assim prestado minuciosa informação sobre o estado da coletoria de rendas provinciais de Sant'Anna, assegurando a V.S. que se recente ela de alguma falta procurei tão somente desempenhar com inteireza a *comissão que fui incumbido*. (grifos meus).⁶⁹

Essa é uma das pistas em relação ao objetivo da formação da dita comissão, chefiada por Bezerra. No entanto, não se pode asseverar com clareza que esse tenha sido o único motivo. No decorrer da viagem de Bezerra, como será exposto, nota-se a extrema variedade de temas analisados, desde as considerações a propósito da economia e da sociedade, passando pelos aspectos culturais, históricos a respeito também dos usos e costumes, até propriamente às questões relativas à natureza de cada localidade visitada. Portanto, com a leitura das narrativas de Bezerra, vê-se um quadro social, econômico, político, no qual a natureza assumia a centralidade do discurso de Bezerra com investigações acerca do mundo natural e da geografia da província. A sua agenda perpassou exatamente todas essas questões.

As suas primeiras digressões versaram sobre astronomia, ao analisar a lua, em conversa com um passageiro da mesma embarcação. Bezerra procurou – como se vê em todas as suas análises científicas – embasar as suas investigações a partir da citação de

⁶⁸ Fala que o exm. Sr. Conselheiro Sinval Odorico de Moura, Presidente da Província do Ceará dirigiu à respectiva Assembleia Legislativa no dia 2 de julho de 1885, por ocasião da instalação de sua sessão ordinária. Fortaleza: Typ. Da “Gazeta do Norte”, 1885, Anexo 1, p.24.

⁶⁹ Idem, ibidem, p.24.

larga bibliografia sobre cada temática trabalhada. Sobre a astronomia, e sobretudo a análise da existência ou não de vida na lua, Bezerra citou Jordano Bruno, Kepler, Lucianus de Samosate, Cristian Huyghens, Cyrano de Bergerac, Fontenelle, Jules Verne, William Godwin, Svedenborg. Vê-se, a partir dos autores citados, a gama de conhecimento bibliográfico de Bezerra, que parte dos nomes mais célebres da astronomia e da ficção científica até aos menos conhecidos, demonstrando, assim, erudição ao tratar de temáticas científicas.

No dia seguinte, Bezerra continuou a conversa com o seu interlocutor/passageiro, agora tratando sobre o oceano. Novamente, demonstrou dominar, mesmo que minimamente, as questões que envolvem as ciências naturais no geral. Assim sendo, asseverou sobre a diversidade da vida marinha. Para ele, com base em suas leituras:

O solo submarino é o prolongamento do solo subaéreo. Naquele encontram-se vales, planícies, desfiladeiros, desertos de areia, rochedos, fontes d'água doce e vulcões em atividade. Demonstrar-vos-ei categoricamente. [...] É notável a analogia do relevo dos continentes e o fundo do mar, de sorte que os pontos mais elevados se acham próximos das bacias mais baixas. Assim, o cume do Himalaia pouco dista do fundo da bacia das Índias, as montanhas Rochosas do fundo do oceano Pacífico, o Monte Branco do fundo do Mediterrâneo, etc., isto é, o que falta aqui sobra ali, pelo que me parece que, preenchidas as depressões, nosso globo seria perfeitamente redondo e liso como uma bola. [...] Nos vales e planícies submarinas a vida vegetal é admirável. Se bem que se não conheça senão uma classe de plantas, as algas, estas formam vastas florestas mais espessas que as florestas do novo Mundo. Lineu, no seu tempo, classificou 50 espécies; hoje são conhecidas para mais de 2.000 [...] Algas têm-se encontrado de tamanho descomunal, como por exemplo a **Macrocystis pyrifera**, que chega a 500 metros de altura. Outras vezes são microscópicas e como tais dão cores aos mares, quando flutuam em grande quantidade (BEZERRA, 1965 [1889], pp.30-31).

Alguns pontos importantes da metodologia adotada por Bezerra chamam a atenção a partir dessa passagem. Primeiramente, demonstrou segurança nas suas afirmações em torno do solo aquático e terrestre. Para tanto, Bezerra tomou como embasamento leituras de manuais científicos e de popularizadores das ciências naturais em relação à vida submarina. Ele citou: L. Sonrel e Elie Margollé. Sonrel escreveu um ilustrado livro chamado “The Bottom of the sea”.⁷⁰ O tradutor e editor do livro, Elihu Rich, adverte o leitor, logo no prefácio, sobre o tipo de abordagem científica tratada pelo autor:

⁷⁰ SONREL, L. **The Bottom of the sea**. Translated and Edited by Elihu Rich. New York: Charles Scribner and CO., 1870.

It bears the same relation to the strictly treatment of the subject as a popular lecture on art to instruction in the studio , a ramble through a museum to a lecture on science; or a short pleasure-sail on the coast, with here and there an opening glimpse of the scenery, and a pleasant chat on the wonders of the deep , to an accurate survey and a formal report on the same subjects.⁷¹

O livro de Sonrel busca um amálgama entre o relatório científico e o relato desprezioso em relação ao método estritamente científico. Dessa forma, são contemplados os leitores que não pretendem se especializar cientificamente para compreender a vida submarina. Nesse sentido, o tratamento dado ao texto lança mão de algumas considerações embasadas em tratados científicas; porém, “avoiding the dryness of scientific details”⁷², o autor intenta atingir o amador das ciências naturais, de forma a popularizar o conhecimento científico. Da mesma forma, Elié Margollé, em seu “Les Phénoménés de La Mer”⁷³, percebe-se a tentativa, mesmo que de forma indireta, de “traduzir” os grandes trabalhos científicos, carregados de nomes incomuns e de números, para uma linguagem mais acessível ao leitor comum. Esses dois trabalhos utilizados por Bezerra tratam, de forma bastante abrangente, das noções básicas em torno do surgimento dos oceanos, do solo aquático, geografia física do fundo do mar, e também da relação homem e natureza. Neles, são utilizados muitos relatos de viajantes/navegadores que registraram as suas experiências em várias partes do mundo, os quais foram citados por Bezerra no decorrer das suas análises.

Bezerra continuou a sua narrativa, ainda a bordo do vapor **Cabral**, descrevendo morros, os rios e as cidades por onde percorria até aportar na cidade de Camucim (no mapa, número 1), primeira localidade a ser analisada de acordo com seu roteiro. Camucim se situa no extremo norte, região do litoral da província. Inicialmente, Bezerra tratou de descrever a geografia local:

A vila de Camucim assenta numa planície arenosa, contornada do lado do norte pelo Atlântico, e a leste pelo rio de seu nome, que oferece um excelente ancoradouro, o melhor da Província, o qual tem proporções para acomodar cerca de 30 navios de alto calado. Em frente da vila a sonda tem sempre encontrado de 12 a 25 pés d’água. Próximo ao porto ergue-se a Estação da via-férrea de Sobral, edifício de nobre aparência, cujo andar superior domina o resto das construções circunvizinhas. Incontestavelmente é mais imponente que a da cidade de Fortaleza, que, por causa da arquitetura acaçapada, perde toda a elegância. Dali se descortina magnífica vista do oceano; à esquerda uma extensão plana e triste, como a **puszta** dos húngaros, coroada aqui e ali de árvores de cor ver-negro que fazem avultar a solidão do deserto; e à direita ilhas de aspecto pitoresco sombreiam as margens do rio com o luxo de virente vegetação (BEZERRA, 1965 [1889], pp. 38-39).

⁷¹ Op. Cit., p. V.

⁷² Idem, p. VI.

⁷³ MARGOLLÉ, Élie. **Les Phénoménés de La Mer**. Paris: Imprimerie de Dubuisson, s/d.

A forma de abordagem de Bezerra está delineada nessas linhas acima. Em todas as localidades visitadas, ele descrevia os aspectos inerentes à geografia, aos meios de transporte disponíveis e à paisagem que avistava no momento de suas anotações. Posteriormente, dedicava as suas páginas às questões históricas das origens de cada cidade, partindo de registros documentais bastante detalhados. Em algumas situações, como será abordado adiante, Bezerra analisava também a constituição física dos habitantes, relacionando-a diretamente ao fator climático. E, como fechamento de seu quadro interpretativo, ele dissertava sobre as especificidades da natureza de cada localidade. Em uma das suas primeiras abordagens sobre a natureza de Camucim, Bezerra expôs o seu olhar atento às especificidades naturais da vegetação do litoral e das que ficam próximas à costa. Ao desembarcar em um ponto onde se encontra um rio próximo ao litoral, Bezerra destacou:

Ao saltar em terra observei que a vegetação era mesquinha, enfezada, composta de plantas salsuginosas e arenosas (Eriocaulonáceas, Portulacáceas, Utriculárias, Ciperáceas, entre as quais em abundância a **Remirea marítima**, e uma alga terrestre do gênero **Scytonema**, que vai por ali fixando as areias); no centro, porém, onde se ergue a casa de campo, de medíocre aparência, distante uns 500 passos do porto, o terreno muda completamente de aspecto. Dali se desfruta magníficos pontos de vista principalmente pela presença dos coqueiros (**Cocos nucifera**) que dominavam o cimo da mata de mangue (**Rhizophora-mangle**) (BEZERRA, 1965 [1889], p. 43).

A descrição e especificação da variedade natural do terreno, os fatores externos que auxiliam no crescimento de cada espécie vegetal foram ressaltados nas anotações de Bezerra. Após percorrer a margem do rio Camucim, Bezerra admirou-se da pluralidade da vegetação:

Deste lado é um campo aberto a que animam as flores viláceas, infundibuliformes da salsa-da-praia (**Ipomea littoralis**), já semeadas harmoniosamente na planície, já matizando o cimo dos arbustos que engrinaldam de verdura; daquele, são branco lençóis de areia, que se estendem pela praia fora a ondular de alvura aos raios do sol; ali um sulco que abriu o rio na enchente da maré, onde à sombra das árvores o João-de-barro (**Furnarius rufus**), valente cantor da família dos **Tenuirostros**, com o arruído de sua gargalhada em gama descendente acorda os ecos daquela solidão; além uma colina, fechando a paisagem do lado do sul, que revestia de gramíneas ressequidas, de cor amarela de ouro, esmaece ou cintila à gradação da luz no fundo negro da mata próxima (Idem, pp. 43-44).

Aqui, percebe-se o olhar diferenciado do naturalista. Para o senso comum, a paisagem é um objeto para a fruição dos sentidos, para o deleite. Já para o naturalista a abordagem é bastante diferenciada, pois ele descreve a natureza em seus detalhes, e essa atividade

passa sobretudo por um treinamento oriundo de manuais metodológicos e teóricos das ciências naturais.

Ao contornar os morros que se localizavam perto da costa, Bezerra encontrou variedades de conchas, que foram, para ele, “objeto de agradável recreação”. Essa parte da viagem de Bezerra foi a primeira em que o naturalista cearense exercitou os seus procedimentos de ciências naturais com maior acuidade, ao observar, comparar e classificar as espécies de moluscos.

As investigações de Bezerra em Camucim não cessaram. Logo no dia seguinte, ele percorreu mais uma vez o rio. A cada momento “novos motivos de estudo e de recreação”. A variação dos terrenos foi destacada, com a presença de uma floresta de mangue, de diversas ilhas, mas também de muitos terrenos improdutivos pela “sequidão”, a qual, para ele, torna-se um motivo para a pobreza da vila. Satisfeito pelo quadro que conseguiu delinear da natureza da vila de Camucim e pelo material que coletou, incluindo-se aí os fragmentos de moluscos e um presente que recebeu de um companheiro que o acompanhava durante a sua pesquisa no litoral, um hipocampo (cavalo-marinho), classificado por Bezerra como pertencente ao gênero **Lophobranchios** da ordem dos **Osteodermes**, partiu em viagem para a vila da Granja (no mapa, número 2).

Em Granja, a vertente histórica de Bezerra transpareceu logo no início de suas descrições dessa cidade. Como foi visto no primeiro capítulo, a narrativa histórica, na ótica de Bezerra, deve ser feita através dos documentos, sobretudo oficiais, os quais necessitam revelar as origens. Para tanto, em Granja, Bezerra lançou alguns indícios de sua perspectiva sobre o modo como deve ser feita a narrativa da história. Em Granja, como em todas as localidades visitadas, os marcos de origens das cidades, das Igrejas e as características dos costumes da população ganhavam relevo em sua narrativa. Tanto é que as datas, os acontecimentos marcantes e os grandes nomes de cada localidade recebiam destaque. Porém, a perspectiva da natureza era, para ele, parte complementar da história. A descrição da história de cada lugar deveria conter traços da natureza; ou seja, a natureza seria um dos critérios para conhecer a história.

Ao saber da extinção de um jornal que circulara na cidade há três anos atrás, Bezerra não se contentou e expressou a sua opinião sobre a importância desse meio de comunicação, de educação e de divulgação, inclusive das novidades advindas com o progresso das ciências:

Uma cidade sem jornal é como a fonte sem água, o navio sem leme, a noite sem luar. O jornal é o livro do povo, e onde o povo não lê não se instrui, a ignorância alimenta as paixões, avulta a estatística dos crimes. Já em 1790 o abade Siéyés que a imprensa havia mudado a sorte da Europa e em breve mudaria a face do mundo. Considerava-a como uma nova faculdade junto às mais belas faculdades do homem, e Louis Jourdan atribui o aperfeiçoamento das ciências às vantagens da vulgarização do jornal (BEZERRA, 1965 [1889], pp. 59-60).

O significado dado ao jornal como veículo das ideias científicas que buscassem o progresso não é de se admirar, visto que Bezerra alimentava o ideal de divulgação das ciências naturais, escrevendo para vários jornais da capital cearense e participando da organização e exposição de produtos naturais do Ceará na Exposição Nacional do Rio de Janeiro (1892), preparatória para a World Columbian Exposition (1893), as quais foram abordadas no primeiro capítulo. Na esteira desse pensamento, as suas notas buscavam mesclar passagens propriamente científicas e outras mais literárias, por assim dizer. Mais uma vez, agora em outra localidade, chamada Santana (no mapa, número 3), Bezerra reconheceu a extrema importância do jornal.

Mais uma vez me convenci da importância desta via do progresso, que transmite por todos os ângulos do universo seus pensamentos e recebe em franca intimidade os dos outros que têm o mesmo fim, o mesmo destino, presos à mesma ideia que é a aspiração à perfectibilidade humana em cujo trabalho representa cada um o elo de uma grande cadeia, com a mesma simpatia com que o fluido elétrico se transporta de um a outro ponto, a comunicar, a difundir, a vulgarizar o aperfeiçoamento das artes, das letras, das ciências, da indústria, do comércio e da política (Idem, p.72).⁷⁴

As próprias notas de viagem de Bezerra eram publicadas como folhetins no jornal “A Constituição”, periódico que circulava em Fortaleza, antes da sua publicação em formato de livro. Portanto, ele sabia da importância de se divulgar as ideias que vinham do estrangeiro, que serviam como fermentação cultural e intelectual para a atuação não apenas dele, mas de muitos intelectuais engajados nas discussões de melhoria para a sociedade. Para Bezerra, esse progresso estava intimamente ligado ao aproveitamento dos recursos naturais da província. Para tanto, suas notas de viagem

⁷⁴ No século XIX, além de notícias sobre o comércio, cultura, cotidiano e sociedade, parte dos periódicos serviram para divulgar o conhecimento científico através de escritos do que Bernard Lightman chamou de “popularizadores”. Este autor analisou a popularização das ciências naturais na Grã-Bretanha no século XIX, através de publicações, periódicos, palestras científicas e outros meios de divulgação do conhecimento científico. Segundo ele: “Science has been communicated in diferente ways in libraries, lecture theaters, salons, nurseries, zoos, observatoires, churches, workshops, artists’ studios, mechanics’ institutes, stock forms, shipyards, game reserves, and countless other places” (LIGHTMAN, 2007:17). Ver: LIGHTMAN, Bernard. **Victorian popularizers of Science**. Design nature for new audiences. The University of Chicago Press, Chicago and London, 2007.

assumiam a função de mapear e inventariar a natureza da província para posterior estudo e exploração.

Ainda em Santana, Bezerra se sentiu bastante à vontade diante da esplendorosa planta, que simbolizava o Ceará: a carnaúba. Eram muitas, “espalhadas caprichosamente pelo meio das ruas me causavam agradabilíssima impressão”. Além do aspecto estético, Bezerra também estava atento às utilidades que esta planta teria, como a extração do óleo e a utilização da palha. Ainda em relação à carnaúba, Bezerra discorreu sobre a “semelhança” que elas têm com o cearense, em uma passagem bastante interessante, por meio da qual percebemos o olhar do naturalista relacionando homem e natureza, sociedade e natureza, o que, para Thomas, é “tendência constante do pensamento humano projetar no mundo da natureza (e particularmente no reino animal), categorias e valores derivados da sociedade humana” e também ocorre o inverso, como é visualizado em Bezerra. Nesse sentido, as carnaúbas:

Parece que simbolizam a sobranceira, a coragem do povo cearense em frente da aridez do solo, da inconstância das estações, da luta incessante para adquirir o pão da subsistência (...). Como **o cerne de seu caule, tem o cearense a coluna dorsal sempre erguida**, sem que sejam capazes de dobrá-las as calamidades de seu clima ou a prepotência do poder (...) Afeito à severidade do trabalho que o compensa quase sempre na razão inversa do seu esforço, é dotado de aptidão para tudo; o ponto é iniciá-lo (BEZERRA, 1965 [1889]: 66-67).

A obediência às ordens do governo provincial de explorar com a maior brevidade possível a província fazia com que Bezerra não dispusesse de mais tempo para analisar de forma mais detalhada a natureza de Santana. Portanto, passados alguns dias, Bezerra seguiu viagem para o município de Coreaú (no mapa, número 4).

A questão da construção de açudes foi um dos temas tratados pelos cientistas da Comissão Científica de Exploração, que percorreu o território cearense entre os anos de 1859 a 1861. Bezerra acreditava, portanto, no poder da ciência e da técnica para o melhoramento da agricultura, sendo chaves importantes para o desenvolvimento econômico da província. A água e um projeto elaborado para a irrigação dos solos menos favorecidos seriam, aos olhos de Bezerra, componentes fundamentais para o progresso e para a entrada do Ceará como uma das províncias que poderia dar maiores fontes de riqueza para o Império. Uma consideração importante a partir dessa passagem diz respeito ao modelo de civilização e de ciência de Bezerra. Era um modelo das grandes nações europeias - principalmente a Itália, França e Inglaterra - por meio do qual Bezerra recorreu constantemente quando descrevia alguma situação de atraso da

província. Esse repertório de leitura se deu a partir, propriamente, do contato que ele teve com as leituras de viajantes e naturalistas que percorreram variadas regiões do mundo. Ao que se sabe, Bezerra nunca viajou para fora do país, mas as suas leituras o levaram para além das fronteiras nacionais.

Além da riqueza da vegetação, o clima da serra seria um fator fundamental para a constituição física e psicológica dos seus habitantes. Segundo Bezerra, o frio propiciava o maior desenvolvimento das faculdades mentais das pessoas, além de influenciar diretamente na cor da pele e nos hábitos. A propósito das características físicas das mulheres da Serra da Ibiapaba:

O que não deixa de impressionar ao viajante, que tem atravessado o sertão, é o tipo das mulheres da Serra Grande, geralmente agradável pela brancura da pele, colorido da faces e sobretudo pela delicadeza das formas, quando de origem mais ou menos pura. Acredito que para isso influa a doçura do clima, a amenidade de temperatura, ainda no vigor da estação outonal, que não faz senão acender mais a cor rósea da cútis e anilar a íris dos lindos olhos (BEZERRA, 1965 [1889], p. 122).

Com isso, pode-se perceber uma narrativa carregada de leituras científicas, deterministas, do meio e do clima sendo fatores para a formação do ser humano, o que se deveu em grande parte à divulgação dos trabalhos de autores como Taine e Buckle, que perpassaram o período do final do século XIX, influenciando a formação dos intelectuais da província.

Na cidade de Ibiapina (no mapa, número 6), ainda na Serra da Ibiapaba, a atenção de Bezerra se voltou para a história do local e para os costumes dos habitantes da serra. O seu estilo narrativo e a sua perspectiva de história – que o acompanhará em seus trabalhos posteriores – ganham notoriedade. Primeiramente, o aspecto geográfico e paisagístico da cidade; segundo, as origens de cada localidade, tendo como aporte documentos administrativos a respeito de sua fundação; terceiro, o estado atual do ensino primário e da situação referente ao ensino em geral, as suas rendas anuais e também o cálculo demográfico; por fim, a natureza e os recursos naturais disponíveis. No caso de Ibiapina, por exemplo, o café, a cana, a mandioca e cereais são os produtos naturais que tem um mercado vantajoso e que alavancam a economia do local.

A propósito dos costumes dos moradores de Ibiapina, Bezerra notou uma certa “frouxidão de costumes”, além da insubordinação e a propensão ao relacionamento dos homens com várias mulheres ao mesmo tempo. Segundo ele, isso se devia, em grande

parte, a dois fatores: aos resquícios das origens indígenas e a imigração de muitos retirantes em virtude da seca de 1877, uma das maiores calamidades a respeito dos regimes de seca registradas até hoje no Ceará. Nas palavras de Bezerra, esse período contribuiu para a circulação de muitos retirantes a Ibiapina, bem como nas localidades serranas, como a cidade de São Benedito (no mapa, número 7), em virtude da regularidade do clima e da uberdade do solo, coberto por rica floresta, composta de plantas medicinais e de madeiras para a construção, e que permanece úmido na maior parte do ano. Os imigrantes que vinham do sertão caracterizavam-se por “homens sem princípios, sem dignidade, sem caráter, verdadeira massa flutuante, que aparecendo aqui, como na Capital deu mostras de sua miséria, do seu atraso, de sua depravação”, o que seria, por conta disso, um entrave para conciliação em sociedades que prezassem pela “moralidade e os bons costumes” (BEZERRA, 1965 [1889], pp. 153-154).

Passando adiante, Bezerra visitou a localidade do Ipu (no mapa, número 9), já há muito discutida em relatos de naturalistas viajantes sobre a variedade de minérios que se encontra nesta região. Bezerra atenta para a utilização desta potencialidade em proveito de “*grandes construções*”, na composição de argamassas, como a pedra calcária (carbonato de cal); pedras esféricas (aetites), coloridas, que, para Bezerra, são de grande serventia para o ofício da pintura. Às riquezas minerais da cidade de Ipu, de acordo com Bezerra, encontra-se “ouro, cobre, chumbo, ferro, pedra-ume (sulfato duplo de alumínio e potássio)” (Idem, p.207).

Na localidade chamada Príncipe Imperial, localizada no território de Crateús (ver mapa), Bezerra se depara com algo inusitado até o momento da viagem. Precisando obter mais informações sobre a localidade, ele se dirige à casa do Vigário Macedo, “residente respeitável por sua idade, sua delicadeza, sua inteligência”. O Vigário presenteou Bezerra com um fóssil de mamífero extinto, provavelmente a parte que compreende o fêmur, medindo 55 centímetros de circunferência.

Na cidade de Santa Quitéria (no mapa, número 13), Antônio Bezerra observou e analisou as pombas, popularmente chamadas de “avoantes”. Ele tomou nota de alguns aspectos dessa ave, como a maneira como se reproduz, a extensa quantidade de ovos que cada uma põe e a comercialização dessa ave, que servia, conforme Bezerra, de alimento aos pobres e retirantes nos períodos de seca. As observações de Bezerra foram reconhecidas por um dos maiores zoólogos, especializado em ornitologia, em atividade

no Brasil no final do século XIX, o então diretor do Museu Paraense, Dr. Emílio Goeldi (1859-1917). A passagem abaixo mostra como a obra de Bezerra circulou entre os naturalistas de maior renome no cenário científico nacional. A propósito das pombas de bando, espécie que não se tinham muitos registros à época da publicação do livro “As Aves do Brasil” (1894), Goeldi registrou o que havia lido nas “Notas de viagem ao norte do Ceará” de Bezerra:

O presente livro estava escrito, quando algumas resenhas acerca da Pomba de bando provenientes de testemunhas oculares vieram ter às minhas mãos. Graças à gentileza do Sr. Dr. Thomaz Pompeu de Souza Brasil – daquela família que tanto se salientou pelos seus estudos sobre o Estado do Ceará – obtive também alguns exemplares vivos da afamada Pomba, podendo eu assim averiguar com toda a certeza a identidade com *Zenaidia maculosa* -, identidade por mim desde muito suposta. Acrescentando eu ainda que esta Pomba tão bela como característica foi por mim observada nos arredores do Pará, nos campos de Marajó e da Guyana e que uma raça um pouco menor habita a ilha Fernando Noronha, dou a palavra ao Sr. Antonio Bezerra de Menezes, Cearense notável pelos seus conhecimentos nas coisas do seu interessante Estado natal.⁷⁵

Alguns pontos destacam-se dessa passagem, bem como da relação que Bezerra viria a estabelecer com Goeldi. Primeiramente, o papel importante do intermediário, a que tudo indica ter sido o Dr. Thomaz Pompeu de Souza Brasil, intelectual cearense que escreveu sobre a geografia e a estatística da província, sobre a natureza do Ceará⁷⁶, dentre outros importantíssimos trabalhos que buscaram preencher diversas lacunas para o melhor entendimento da história, geografia e estudos estatísticas sobre a província. Outra questão é o ciclo de relações que Bezerra estabeleceu após a publicação de suas notas de viagem. Este trabalho foi, sem dúvida, o primeiro que lançou Bezerra às discussões com naturalistas, como Goeldi, Ilhenring e Barbosa Rodrigues. As suas atividades na coleta, organização e apresentação dos objetos do Ceará que foram expostos na Exposição Nacional do Rio de Janeiro (1892) também ajudou a divulgar a obra de Bezerra não apenas no tocante às suas questões como naturalista, mas também relativos à história do Ceará. Em 1908, Bezerra foi convidado pelo diretor-proprietário do Museu Rocha – Gabinete de história natural e arqueologia, Francisco Dias da Rocha, para inventariar e analisar todo o material deste museu. Nesse sentido, ficou responsável pela feitura do primeiro Boletim do Museu Rocha. No prefácio deste boletim, Bezerra – talvez houvesse essa necessidade – enumerou os pontos da sua trajetória em que fora

⁷⁵ GOELDI, Emílio. **As Aves do Brasil**. Rio de Janeiro e São Paulo: Livraria clássica Alves & C., primeira parte, 1894, nota 43, p. 381.

⁷⁶ BRASIL, Thomaz Pompeu de Sousa. **Memória sobre a conservação das matas, e arboricultura como meio de melhorar o clima da Província do Ceará**. Ed. Fac-sim. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997.

reconhecido nacionalmente pelos seus trabalhos no tocante às ciências naturais como forma de dar legitimidade a partir das suas credenciais de naturalista. Além da referência acima mencionada, Goeldi estabelecia uma relação de contato que aparentemente poderia constar de troca de correspondências ente ele e Bezerra. No boletim, Bezerra escreveu o seguinte:

Mereci honrosas referências do Dr. E. A. Goeldi, digníssimo diretor do Museu Paraense, no Boletim do mesmo Museu, de 1º de setembro de 1894, e ainda aquelle ilustre prof. trasladou ás páginas 381, 382, 383, 384 e 385, do seu livro *As Aves do Brasil*, o que eu havia escrito a respeito da Pomba de bando, nas minhas *Notas de viagem ao norte do Ceará*; e mais tarde, em 1896, me enviou os *Albums de Aves Amazônicas*, suplemento ilustrativo á referida obra *Aves do Brasil*, fazendo-os acompanhar de delicado cartão de oferecimento.⁷⁷

Em 1896, Bezerra estava em Manaus, para aonde foi em virtude das más condições financeiras porque passara em Fortaleza, principalmente por conta da desvalorização dos *homens de letras* que o próprio Bezerra comentou ao deixar a capital cearense. No ano seguinte, assumiria a direção do Museu Botânico do Amazonas, que foi criado e dirigido pelo especialista no estudo de palmeiras e orquídeas João Barbosa Rodrigues.⁷⁸ Este museu foi criado pela Lei Provincial nº269, em 18/06/1883 e inaugurado em 16/02/1884, tendo as suas atividades encerradas pelo decreto provincial de nº42 de 30 de abril de 1890.⁷⁹ Aqui, o importante a notar é o intercâmbio das relações científicas de Bezerra. Logo após o encerramento das atividades do Museu, Barbosa Rodrigues foi nomeado para a direção do Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Em 1891, portanto no ano seguinte à nomeação de Barbosa Rodrigues, Bezerra foi nomeado correspondente do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, indicação do próprio diretor, juntamente com Catão Mamede, Francisco de Almeida Monte e Alfredo Dutra.⁸⁰

⁷⁷ BOLETIM do Museu Rocha – Gabinete de história natural e arqueologia. Fortaleza, janeiro de 1908, vol.1, pp.1-2.

⁷⁸ João Barbosa Rodrigues (1842-1909) formou-se em engenharia pela Escola Central em 1869. Foi diretor do Jardim Botânico do Rio de Janeiro de 1890 a 1901, contribuindo para a classificação e catalogação das coleções desta Instituição. Especializou-se em botânica, com trabalhos voltados para o estudo de orquídeas, mas também desenvolveu trabalhos relacionados à etnografia e arqueologia do Amazonas. Para um maior aprofundamento de sua biografia, Ver: LOPES, Maria Margaret. **O Brasil descobre a pesquisa científica**: os museus e as ciências naturais no século XIX. São Paulo: Editora HUCITEC, 1997, pp. 213-221.

⁷⁹ LOPES, Maria Margaret. **O Brasil descobre a pesquisa científica**: os museus e as ciências naturais no século XIX. São Paulo: Editora HUCITEC, 1997, pp.215-218.

⁸⁰ Jornal **A Gazetilha**, Rio de Janeiro, 1891.

O intercâmbio científico de Bezerra não parou por aí. Bezerra registrou a relação de amizade com o naturalista-viajante Hermann von Ilhering (1850-1930), importante naturalista, diretor do Museu Paulista⁸¹:

Muito me distingue com a sua preciosa amizade o Dr. H. von Ihering, diretor do Museu Paulista, desde 1893, em consequência das coleções que enviei á exposição de Chicago, e até o presente continua a me honrar com a mais perfeita estima, remetendo-me assiduamente os trabalhos que tem publicado no Museu a seu cargo. Em carta de 22 de agosto de 1896, escreveu-me o distinto prof. o seguinte : “ O Dr. Jaguaribe aqui, amigo meu que é do Ceará, me deu um estudo sobre a canalização no Rio Jaguaribe, pelo Rio S.Francisco. parece-me este um projeto importantíssimo para a vasta região, mas não achei dados certos sobre nivelamento. Si neste sentido é possível, parece-me questão de vida para o Ceará, e assim me seria interesse conhecer a sua opinião, sendo a de pessoa mais competente em questões de história natural”.⁸²

Apesar de considerar-se um amador, Bezerra, nesse texto, enumerou as suas credenciais como cientista natural, e sobretudo o reconhecimento que ele teve no cenário científico nacional. Seria possível enumerar mais uma referência. Provavelmente ele também cultivou a estima do geólogo estadunidense radicado no Brasil Orville Derby (1851-1915). Em carta enviada por Derby para o historiador cearense João Capistrano de Abreu, aquele recebeu, por intermédio de Antônio Bezerra, uma informação de que tinha interesse em um trabalho que Capistrano estava desenvolvendo. Esse indício revela, embora superficialmente, que Bezerra estabelecia contato com o importante geólogo norte americano.⁸³ Portanto, apesar de se auto proclamar um “amador” no campo das ciências naturais, Bezerra era conhecido no meio científico nacional pelas suas viagens naturalistas e pela sua participação e organização de exposições científicas. Ainda no prefácio dedicado ao Museu de História Natural do Ceará, Bezerra lança algumas das suas intenções como naturalista. Bezerra citou um padre chamado Francisco Maria Moigno, que no livro chamado “Les splendeurs de la foi”, também escreveu o prefácio indicando a sua devoção pela ciência, descrevendo os

⁸¹ Hermann von Ilhering (1850-1930) foi um naturalista alemão que trabalhou como naturalista-viajante do Museu Nacional do Rio de Janeiro. Desenvolveu estudos os mais variados sobre as ciências naturais, especificamente no estudo da Zoologia e Paleozoologia de moluscos, ornitologia e mamalogia. Dirigiu o Museu Paulista entre os anos 1894 e 1915. Ver: , Ver: LOPES, Maria Margaret. **O Brasil descobre a pesquisa científica**: os museus e as ciências naturais no século XIX. São Paulo: Editora HUCITEC, 1997, pp. 265-291.

⁸² BOLETIM do Museu Rocha – Gabinete de história natural e arqueologia. Fortaleza, janeiro de 1908, vol.1, pág. 2.

⁸³ ABREU, Capistrano de. **Correspondência de Capistrano de Abreu**. Volume 3, organizado e prefaciado por José Honório Rodrigues. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1877, p.139.

seus feitos. Entretanto, Bezerra, em uma espécie de falsa modéstia, compara-se com Moigno, porém em direção oposta.

Moigno era um sábio, eu sou um amador; Moigno escrevia para os cultivadores da ciência universal, eu escrevo para os filhos do Ceará, de onde jamais consenti que qualquer trabalho literário meu passasse além das suas fronteiras; Moigno enriqueceu as ciências com os seus valiosos descobrimentos, rasgou-lhes novo horizontes, aumentava o cabedal do saber humano com outras tantas experiências sobre vários conhecimentos; eu delicio-me com o que se encontra nos livros de ensino, nas descrições de viagens dos naturalistas ao Brasil, nos compêndios mais que incompletos sobre história natural relativamente ao nosso território.⁸⁴

As referências citadas por Bezerra tanto nas suas notas de viagem, como na apresentação deste boletim são indícios que delineiam a prática naturalista de Bezerra. Ao citar Barbosa Rodrigues, Emílio Goeldi, Orville Derby e Herman von Ilhering, Bezerra não estava somente exibindo as suas leituras, mas, sim, as suas perspectivas enquanto um cientista natural, na botânica, zoologia, geologia e como viajante naturalista, respectivamente. Foi justamente esse leque de leituras que favoreceu a Bezerra os elementos para a realização de suas viagens naturalistas. Na citação acima, percebe-se que a intenção era a de realizar um estudo localizado sobre o Ceará. Nesse sentido, a obra completa do naturalista/viajante/historiador cearense – tanto os livros como os artigos de jornais – almejava o público leitor local, ao transmitir o conhecimento de forma a mais didática possível.

Como ficou dito no início, uma das justificativas para a realização e custeio de tal comissão foi a inspeção da coleta de impostos em cada município. No entanto, tal objetivo em si simplificaria muito as variadas temáticas abordadas pelo naturalista cearense. No decorrer das suas prospecções, a preocupação de classificar tudo o que observava tinha um caráter fundamental para as notas que estava desenvolvendo. A classificação era uma atividade importante justamente pela possibilidade do mapeamento da natureza da província. Nesse sentido, a perspectiva e o sentido das ciências naturais para Antônio Bezerra tomava cores. Em uma grande passagem a respeito da formação das rochas da Serra da Ibiapaba, Bezerra reconheceu que estaria fugindo das ordens do governo provincial:

Perdoe-se-me a digressão; não me lembrava que estava escrevendo notas de viagem e que unicamente teria o meu escrito importância, se em vez de dizer que conheço, embora superficialmente, o terreno que constitui a crosta terrestre, os pudesse classificar segundo a natureza de cada um. Entretanto, iludia-me pensando que, se não fosse obrigado a andar ocupado em serviço

⁸⁴ BOLETIM do Museu Rocha – Gabinete de história natural e arqueologia. Fortaleza, janeiro de 1908, vol.1, p. 3.

muito diverso do que o que me levara ali, eu teria feito alguma coisa, quem sabe? (BEZERRA, 1965 [1889], p. 190).

No entanto, a ordem era “correr, correr e recolher-me à Capital com a maior brevidade possível”, e justamente essa questão “o impedia de tratar com seriedade de qualquer assunto que pudesse aproveitar a mim e aos outros” (Idem, p. 226). O delineamento do significado e da importância do uso do conhecimento das ciências naturais vai sendo formado no decorrer de sua narrativa. Em uma de suas análises, Bezerra admoestou sobre a importância que tem o conhecimento e aprofundamento das ciências naturais:

Em qualquer canto do nosso território há muito que estudar, que aprender, que deliciar a um espírito culto, e que continua ainda inteiramente desconhecido somente apreciado dos estrangeiros que invejam a nossa riqueza. Já é tempo de se ir desenvolvendo o gosto das ciências naturais, e de sairmos dessa ignorância profunda de tudo que há de constituir nossa grandeza no futuro. Acostumados com os esplendores de uma natureza rica e pujante não atendemos senão ao que mais nos deslumbra. Passamos ante as belezas perenais da nossa zona com a indiferença do indígena, que por insignificantes e ridículas miçangas trocava grossas palhetas de ouro (Idem, p.226).

As Notas de Viagem de Bezerra foram uma espécie de pontapé inicial para a formação de suas concepções sobre a história, as ciências naturais e também no tocante à constituição da identidade dos cearenses. A esse respeito, as observações sobre o comportamento, os costumes e as características que distinguiam o cearense do restante do império tomaram forma, indicando o que Bezerra escreverá anos depois a respeito do “tipo ideal”. Para ele, três pontos eram fundamentais: o espírito de independência, atividade e energia. O cearense ideal seria aquele que, ao invés de se abater aos ardores do clima extenuante, pelo contrário, buscaria meios por meio dos quais pudessem se adaptar às adversidades. Em uma passagem metafórica, Bezerra comparou o cearense a uma árvore, que tem “como o cerne de seu caule a coluna dorsal erguida, sem que sejam capazes de dobrá-la as calamidades de seu clima ou a prepotência do poder” (Idem, p. 67). E prosseguiu as suas observações

Afeito à severidade do trabalho que o compensa quase sempre na razão inversa do seu esforço, é dotado de aptidão para tudo; o ponto é inicia-lo. Se lhe falham os recursos, vai procura-los por toda a parte, afrontando perigos, resistindo aos maus tratos, e por toda parte se faz admirar por sua atividade, sua inteligência nas letras como nas artes, nas armas como nos serviços mais pesados [...] Zeloso de sua liberdade, aceita facilmente toda a ideia de progresso, e ainda à custa de sacrifícios procura realizar galhardamente os grandes cometimentos. No meio das dificuldades que lhe tornam pesada a vida, tem sempre no lábio o riso galhofeiro com que mofa de tudo, até mesmo de sua própria infelicidade [...] A calamidade de 1878 que tanto destroçou esta Província, se tivesse pesado sobre qualquer das outras suas irmãs, talvez produzisse estrago total. Entretanto o Ceará ao fim de três anos, quando ainda se ressentiam do grande abalo que o prostrara, agradeceu o

socorro do Governo com a libertação de 35.508 homens, alguns deles único arrimo de famílias pobres. Este ato de patriotismo é digno somente dos filhos da terra das carnaúbas, e não tem igual na história da humanidade! (BEZERRA, 1965 [1889], p. 67).

Tem-se ao certo que Bezerra, como amante incondicional da sua terra natal desenvolveu toda a sua obra tendo como justificativas a tentativa de ajudar ao engrandecimento do Ceará em todos os seus aspectos. Para tanto, esteve em várias frentes de trabalho, como a suas atividades como abolicionista dos mais combativos, e na escrita da história do Ceará. Portanto, um dos intelectuais mais adequados no momento para investigar, mapear e inventariar o Ceará. A seca que se iniciou em 1877 e se prolongou até 1879, cessando um período de relativa prosperidade econômica da província na década de 1870, principalmente pelo aumento das exportações do algodão, contribuiria para a luta pela sobrevivência em um meio tão devastador. Para Bezerra, o cearense traria em suas raízes aspectos dos ciganos, que aportaram no Ceará ao longo do século XVIII em virtude de ordenanças da coroa portuguesa. De acordo com Bezerra, os elementos para tal comparação relacionavam-se ao amor pela liberdade, aos aspectos de nomadismo e o desapego pelos bens materiais. Outro fator para a caracterização do cearense seria o amor pela política. Segundo Bezerra, o homem do sertão discorre facilmente sobre assuntos a respeito da política, dos presidentes que governaram a província, dos partidos que lutaram pelo poder em tal e qual ano; enfim, o sertanejo é “partidário frenético”, e gastou a sua atividade na leitura das colunas políticas dos jornais, discutindo sobre as propostas a favor ou contrárias às suas.

Findada a comissão, somente quatro anos depois o intelectual/naturalista conseguiu verbas do poder público para a publicação de suas notas de viagem em formato de livro. A aquisição de auxílio do governo provincial em forma de empréstimo, quitado no prazo de um ano e descontado dos vencimentos de Bezerra, foi proposto aos administradores provinciais, sendo recusado em um primeiro momento. Já em 1887, Bezerra buscou este auxílio, e o processo foi divulgado pelo jornal *Libertador*, veículo da imprensa da capital do qual Bezerra foi um dos fundadores e era redator:

[...] o nobre governador acaba de negar ao Antonio Bezerra um empréstimo de um conto de réis, pagáveis a um desconto de 20 % dos ordenados, dentro de um ano. Esse conto de réis o Bezerra não o queria para si, era simplesmente para imprimir as suas *Notas de Viagem ao interior da Província*. Antônio Bezerra, um talento fecundíssimo, um trabalhador infatigável, reuniu em cerca de 500 páginas o melhor de suas observações em viagem, o mais firme e mais nítido de suas lucubrações de gabinete e quis

oferecer tudo ao público, aos seus contemporâneos, à sua pátria, às letras, de cuja república é cidadão prestimoso e benemérito. Mas como reduzir aquilo tudo à letra de forma, se o rapaz é tão pobre do *vil metal* como rico de inteligência e coração? Muito fácil. O livro é de grande utilidade para a província, vai concorrer muito para torna-la conhecida; pode contribuir imenso para a solução do problema de estabelecer imigração no norte, e nada mais natural do que ajudar a província ao seu autor, por que muita inutilidade tem sido pela província ajudada (grifos são do autor).⁸⁵

Com um tom fortemente partidário, essa recusa relatada no jornal *O Libertador* exprime a tomada de partido de seus redatores ao tecer duras críticas ao governo vigente, com destaque para a falta de incentivo no financiamento de estudos sobre a província e na formação de pessoal qualificado:

O governo do Sr. Torreão é facilimo. Cerra-se em não gastar. Aptidão para manejar assim os bens ninguém a tem melhor do que o cidadão João Barbado, que, simplesmente com a sua aritmética de grãos de milho e a sua arrumação de cédulas no fundo do chapéu, faria rolar perfeitamente bem o fardo do tesouro. Casuísmo estéril, economia petrificado, sovinação pretensiosamente administrativa, são misteres para os quais nem é preciso saber ler; haja em exemplo muitos analfabetos que por cá enriquecem e que nos topam a cada canto de rua. [...] o governador, que não está para perder tempo com essas futilidades de *letras* e notas, indeferiu o pedido, porque não havia autorização legal! Não há nada mais aguado, mais chilro, mais chulo do que esse tom de governar. É realmente um pape...lão! Quando tudo se remexe em cata do que nos ilustre, do que nos avivente, do que nos faça homens e não touros sonsos encurralados em casarões palacianos: quando tudo ferve na fermentação do bem, o governo provincial emperra. (grifos são do autor).⁸⁶

Essa crítica demonstra claramente o posicionamento contrário dos redatores ao governo provincial, à época presidido por Enéas de Araújo Torreão, que permaneceu no cargo entre 1886 e 1888. Ainda segundo o texto, a falta de investimento para financiar a qualificação dos intelectuais, principalmente aos que não tinham condições financeiras para tal, atingiu as pretensões de Bezerra para publicar as suas Notas de Viagem ao Interior da Província. Claramente, divergências com relação ao regime político vigente realçam dessa crítica do jornal. Além disso, vê-se a defesa realizada ao intelectual redator do jornal enfatizando a importância e a utilidade dos trabalhos qualificados sobre o Ceará.

Dois anos após esse imbróglio, Bezerra conseguiu publicar as suas notas de campo. A publicação deste livro de Bezerra foi bem recebido pela imprensa da capital cearense, destacando sobretudo a capacidade intelectual do seu autor e a importância

⁸⁵ **Libertador**, Fortaleza, Ano. VII, N. 49, 18 de fevereiro de 1887, p. 2.

⁸⁶ Idem, *ibidem*, p. 2.

para o maior conhecimento das localidades do sertão cearense. O jornal *Gazeta do Norte* expressou os pontos positivos do livro de Bezerra.

Em um volumoso livro, com o título de *Notas de Viagem*, o inteligente e estudioso sr. Antonio Bezerra de Menezes, membro do Instituto do Ceará, reuniu os folhetins que escrevera sobre uma excursão feita ao norte da província. Deliciosa leitura oferecem essas páginas, enriquecidas de múltiplas observações sobre as riquezas e as tradições de grande número de nossas localidades, e ilustrados com exuberante erudição. É um livro apreciável e útil, e a sua publicação foi, ao mesmo tempo que mais uma prova dos méritos literários de seu autor, um serviço prestado às letras pátrias e à província do Ceará.⁸⁷

O destaque se deu à perspectiva de “tornar conhecida a província” e o trabalho de erudito nas investigações de campo. Os jornais enfatizaram também o esforço de Bezerra em divulgar as suas notas através da publicação em folhetins e posteriormente em livro, reconhecendo o valor daquele estudioso das ciências naturais. O jornal *Libertador* também teceu algumas considerações sobre o volume publicado das notas de Bezerra:

O livro de Antonio Bezerra é como a sua conversa, inesgotável, enriquecido de melhores das notas a servir como de vinhetas ilustrativas, infiltrando de erudição que ele mesmo, no prefácio, confessa estar fora do plano de sua obra, muita poesia, muito patriotismo, e até – muita caridade [...] Abrange uma variedade enciclopédica de conhecimentos de que faz uma espécie de propaganda, no intuito de ‘despertar entre os moços de minha terra o gosto das ciências naturais pela exposição de ligeiras noções’ etc. como ele mesmo repete no supradito prefácio. Prestou um relevante serviço; e a parte o que o livro tem de estranho ao que é peculiarmente nosso, mas que não estamos no direito de censurar, o mais verdadeiramente cearense, fica, e será de grande proveito para o estudo das nossas cousas.⁸⁸

Uma vez mais, sublinhou-se o patriotismo de Bezerra ao tratar dos assuntos relativos ao Ceará. As notas a respeito da flora e da fauna, os aspectos geológicos e mineralógicos aparentemente não foram destacados pelos seus contemporâneos, e este é o ponto onde o naturalismo cientificista de Antônio Bezerra o diferencia dos outros escritos sobre a natureza cearense.

2.2. O naturalista viajante e as ciências naturais

O século XIX foi o período no qual as viagens de cunho científico-naturalista se deram em larga escala.⁸⁹ A figura do naturalista enquanto um cientista polivalente, com

⁸⁷ *Gazeta do Norte* – Órgão Liberal, Fortaleza, Ano X, N. 214, 26 de setembro de 1889, pág.1.

⁸⁸ *Libertador*, Fortaleza, Ano. IX, N. 229, 7 de outubro de 1889, p. 3.

⁸⁹ Para tanto, conferir os trabalhos de: DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol. Expedições científicas no Brasil: circulação de conhecimentos “internacionais” e de objetos científicos “locais” (séc.XIX). In: LOSADA, Janaina Zito. **Um álbum para o imperador**: a Comissão Científica do Pacífico e o Brasil.

domínio de todas as áreas das ciências naturais prevaleceu nesse período, abrindo ao mesmo tempo a possibilidade para a especialização do conhecimento científico.⁹⁰ A viagem de Bezerra e a sua metodologia se enquadravam nessa perspectiva dos viajantes naturalistas. O tratamento, mesmo que superficial, de vários ramos das ciências naturais; o entendimento do conhecimento em formato enciclopédico; a narrativa romantizada, destacando-se as aventuras e as descrições quase poéticas das paisagens percorridas, juntamente com os processos metodológicos de análise dos aspectos exteriores/estéticos do mundo natural, foram algumas das características que Bezerra absorveu das suas leituras, formando, assim, a sua perspectiva como investigador da natureza.

O Ceará, no século XIX, foi território de estudos e de investigações das ciências naturais.⁹¹ Naturalistas estrangeiros e nacionais das mais altas qualificações perscrutaram a natureza cearense, deixando contribuições a respeito de sua flora e fauna, bem como de seus aspectos geológicos, mineralógicos, etnológicos etc. Naquele período, como complemento do estilo narrativo dos livros de viajantes/naturalistas, as questões sociais, culturais e econômicas também passaram pelo crivo do naturalista, este muitas vezes registrando o choque cultural ao deparar-se com outros costumes, crenças religiosas e visões de mundo diferentes das suas. As expedições científicas que vieram ao Ceará foram de relevante importância para inventariar a natureza da região. As coleções biológicas e geológicas derivadas dessas expedições foram fundamentais no intento de tornar conhecido o Ceará aos olhos das outras províncias e dos outros países, contribuindo dentre outras coisas para colocar esta província no debate científico em curso na segunda metade do século XIX (OLIVEIRA, 2013).

Janaina Zito Losada, Miguel Ángel Puig-Samper, Heloisa Maria Bertol Domingues. Rio de Janeiro: MAST; Uberlândia: EDUFU, 2013, pp. 107-109; e GARCIA, R. História das explorações científicas. In: **DICIONÁRIO Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil**. Rio de Janeiro: IHGB, 1922. Cap. 25, p. 856-910; MELLO- LEITÃO, Candido. **História das expedições científicas no Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional/Brasiliense, 1941. Esses autores – salvo a primeira, que se ateve somente ao século XIX – se detiveram nos estudos sobre as expedições científicas no Brasil desde o período da colonização até propriamente o início do século XX. Domingues, embora parcialmente, elaborou um quadro das viagens científicas do século XIX, que denota claramente a quantidade de cientistas e exploradores nacionais e estrangeiros que escolheram a natureza do Brasil como objeto de investigação.

⁹⁰ No que tange às ciências naturais no século XIX, suas variadas especialidades e as conexões que elas estabeleceram com a política, dentre outros aspectos, ver: DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol. **Ciência: um caso de política**: As relações entre as Ciências Naturais e a Agricultura no Brasil-Império. Tese doutorado. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - USP, 1995.

⁹¹ Serão analisados, mesmo que de forma não tão aprofundada, os trabalhos e as trajetórias de João da Silva Feijó (1760-1824), George Gardner (1812- 1849), a Comissão Científica de Exploração (1859-1861) e Louis Agassiz (1807-1873). Essa análise será diluída durante o texto, em notas de rodapé ou e nos momentos em que o nosso personagem central registra alguma atividade que relacione as suas prospecções às de alguns desses naturalistas/cientistas ou a alguma expedição científica.

Portanto, as expedições que percorreram o Ceará no século XIX serviram sobretudo como fontes de análise para os naturalistas que viriam a seguir, justamente o caso aqui analisado, o trabalho de Antônio Bezerra. Este teve como embasamento os trabalhos dos outros naturalistas que percorreram o Ceará antes dele, sendo importantes subsídios para a formação de Bezerra como naturalista, norteados as suas investigações. Compreende-se que este movimento das expedições científicas foi significativo para o entendimento da conjuntura social e política das ciências naturais, estando a província do Ceará e sua natureza na rota de alguns dos principais nomes das ciências naturais nacionais e internacionais.

Embora a expedição organizada e fomentada pelo governo provincial não tenha sido formada com objetivos prioritariamente baseados a partir da formação de uma comissão científica para avaliar o sertão cearense sob as prerrogativas das ciências naturais, ela acabou por constituir-se justamente como uma comissão com base em práticas científicas das ciências naturais. Isso se deveu, em grande medida, pelas características do chefe dessa Comissão – Antônio Bezerra –, o qual se especializara cada vez mais em leituras específicas sobre os vários ramos das ciências naturais. Nesse sentido, as observações descritas em seu relato/relatório de viagem formaram um quadro explicativo e investigativo de parte da província do Ceará não apenas circunscrito à situação na fiscalização das contas públicas⁹² ou propriamente a respeito da economia de cada localidade, mas sim à natureza da província.

A formação como naturalista a partir do referencial de leituras das ciências naturais foi uma das marcas da trajetória intelectual de Antônio Bezerra. O tratamento de todos os assuntos concernentes ao domínio do conhecimento no geral ficou evidente em suas notas de viagem. Antônio Bezerra tratou de zoologia,⁹³ botânica, climatologia, geologia, etnologia, dentre outras ramificações das ciências naturais, com muitas referências de leitura e discutindo controvérsias científicas a partir das observações *in locu* no sertão cearense. Trata-se, aqui, de analisar Antônio Bezerra como um cientista natural. Para tanto, compreende-se algumas características como práticas científicas de ciência natural: viagem de campo; a utilização de nomenclatura científica (ou

⁹² Como foi visto, o corpo de fontes que foi analisado nesta pesquisa apontou que o objetivo da formação dessa comissão seria o de fiscalizar as contas públicas provinciais e sondar a conduta das coletorias de cada região fiscalizada, uma vez que o próprio chefe da comissão era funcionário da Tesouraria da Fazenda. Porém, as próprias notas de viagem de Antônio Bezerra põem em xeque esse ordenamento, justamente por não se resumirem somente a essa função.

⁹³ Dentre o campo zoológico, destacou-se a ornitologia, conchiliologia e entomologia.

taxonômica); a utilização de instrumentos de medição e de análise, a tentativa de resolução de debates sobre a natureza cearense, e a formação de coleções de objetos naturais.

Primeiramente, nota-se que a viagem de campo seria fundamental para o exercício de formação naturalista para Antônio Bezerra.⁹⁴ A viagem de campo é considerada como uma das principais características da prática científica (RUDWICK, 1996). É justamente nela que os naturalistas em particular realizam as suas anotações, observam a natureza de perto, recolhem material para análise e, sobretudo, exercem as suas atividades como cientistas, explorando e pondo em prática o que veem em livros e manuais de viagem. Na segunda metade do século XIX, a maioria dos naturalistas viajantes tinha noções aproximadas ou exatas dos lugares explorados, por conta da extensa literatura de viagem produzida anteriormente. No entanto, as descrições de viagens assumiam papéis subjetivos, e o naturalista viajante buscava representar o que via durante as viagens, mesmo tendo de antemão manuais e descrições de outros naturalistas. Segundo Kohler, para as ciências naturais do século XIX a pesquisa de campo seria um dos pontos fundamentais na agenda dos viajantes naturalistas, fazendo parte de sua formação enquanto cientista. A investigação *in loco* conferia enorme credibilidade, pois se configurava como o momento no qual a prática científica alcançaria o seu ponto máximo com os trabalhos de coletas, descrições, classificações etc.

Apesar da dificuldade expressada pelo próprio autor em desbravar o território da província do Ceará “em um tempo em que faltam os recursos de comodidade, senão até do necessário na travessia do sertão árido e abrasador” (BEZERRA, 1965 [1889], p.19), Bezerra sabia da importância de investigar o Ceará a partir de uma viagem naturalista e do esforço em transformar os resultados de análise oriundos dos trabalhos de campo em um relato/relatório de viagem. Logo no início de suas descrições, ele relatou a oportunidade de sua nomeação como chefe da comissão, pois ele poderia, desta forma:

[...] percorrer grande parte do território cearense; conhecer sua natureza, seu solo, suas belezas, as fontes de sua riqueza futura; visitar lugares célebres, uns por feitos de heroísmo na sustentação da integridade do Império, outros pela história dos crimes dos seus primeiros povoadores; confrontar a flora e

⁹⁴ Diferentemente do laboratório e dos gabinetes de estudo, os quais baseiam-se sobretudo na observação e experimentação de espécimes retirados dos seus ambientes naturais, a pesquisa em campo perderia toda a sua carga de neutralidade, oferecendo ao naturalista um objeto de estudo carregado de subjetividades na relação homem-cientista-natureza partindo da análise do espaço natural. Para o maior aprofundamento desses debates, ver: KOHLER, Robert E. **Landscapes and labs**: exploring the lab-field border in biology. The University Chicago Press, 2002.

fauna do interior com a flora e fauna do litoral [...] (BEZERRA, 1965 [1889], p 19).

Portanto, foi com o objetivo de complementar a sua formação como cientista natural amador a partir do trabalho de campo⁹⁵, e não somente em gabinete⁹⁶, que Bezerra reconhecia a importância de tal intento do governo provincial. Além disso, isso seria uma oportunidade também para exercitar e aprimorar as suas qualidades enquanto observador e investigador do mundo natural.

Os locais de pesquisa de campo foram os mais diversos. Em cada localidade, Bezerra procurava recolher dos habitantes locais informações sobre as peculiaridades da natureza, e muitas vezes solicitava a presença de um guia para levá-lo às áreas onde se poderia tirar maior proveito em relação ao desenvolvimento de sua análise científica. Nos arredores da Serra da Ibiapaba, em povoado chamado Tubarão, ao chegar à essa localidade, Bezerra busca obter informações sobre o local e principalmente a respeito da natureza local:

Do proprietário da casa que enfrenta com a parede da igreja pelo lado leste para onde me dirigia a fim de descansar um pouco da fadiga da viagem, soube que não longe do povoado existia uma rica mina de cobre. Ardendo em desejo de visitar sem demora a jazida do valioso minério, exigí informações mais completas a respeito dela, e fiz chamar o guia que nos conduziu aos arredores de Ubari, cerca de três quilômetros. O guia não se fez esperar, e tendo prestado notícia mais minuciosa sobre a riqueza da mina, pusemo-nos a caminho. De longe apareciam os cabeços negros das rochas de Ubari, que se estendiam para o lado de noroeste. Paramos ao fim de 40 minutos ao pé da mina que o nosso guia não cansava de exagerar a opulência, repetindo de quando em vez que aquele lugar já havia conduzido diversos visitantes. Realmente, quebrada a camada exterior da pedra, que é formada de xistos

⁹⁵ O “campo” como objeto de pesquisa do naturalista viajante também assume papel ativo nas prospecções de viagem. Robert Kohler procurou demonstrar as diferenças entre a pesquisa de campo e os trabalhos em laboratório. Para a primeira, os objetos estudados e/ou coletados, como plantas, animais, insetos não são passivos e neutros, mas, isso sim, modificam o seu habitat, de acordo com as suas características e definições morfológicas, diferentemente do laboratório, no qual o material coletado é observado e experimentado de forma extremamente passiva. Ademais, o “campo” diferencia-se em relação ao laboratório na medida em que o ambiente natural e as espécies que o compõem são localmente definidos, ou seja, cada lugar tem as suas peculiaridades, as quais produzem a sua própria identidade (KOHLENER, 2002). Além do mais, a simples presença do naturalista como um corpo estranho ao ambiente local tem influência e modifica a paisagem, pelo fato de este interagir socialmente com os guias, com as pessoas que habitam os locais de pesquisa de campo.

⁹⁶ A historiadora Lorelai Kury apontou diversas questões sobre o debate que envolvia, no século XVIII e XIX, dois tipos de cientistas-naturalistas. Eram eles: os “cientistas de gabinete” e os cientistas viajantes. Os primeiros estavam mais voltados para o estudo em bibliotecas, em leituras de coleções de história natural, em seus laboratórios, herbários, etc., sem um contato direto com o ambiente natural. Já os naturalistas viajantes tinham características que iam para além do trabalho teórico, para além do texto escrito. Eles experimentavam a natureza, aguçando os sentidos da visão, olfato, paladar, fundamentais, segundo alguns cientistas do período, para o desenvolvimento de reflexões mais precisas sobre o mundo natural. Alexander Humboldt era adepto dessa corrente de pensamento, alegando importância das viagens para o aprimoramento do conhecimento científico. Ver: Kury, Lorelai Brilhante. **Viajantes-naturalistas no Brasil oitocentista**: experiência, relato e imagem. História, Ciências, Saúde. Manguinhos, vol. VIII (suplemento), 863-80, 2001.

argilosos, vê-se uma substancia verde irregularmente disseminada na massa, que talvez determinasse as fáceis clivagens que obtivemos. (BEZERRA, 1965 [1889], p.109).

O trabalho de campo de campo possibilitou a Bezerra o contato com as especificidades naturais de cada região prospectada. Nesse caso, o indício da existência de uma mina de cobre perto de Viçosa despertou o interesse do naturalista cearense para a investigação e registro da ocorrência desse componente tão importante, desejado por muitos exploradores que vieram ao Ceará durante o século XIX.⁹⁷ Esse era a forma como Bezerra atuava ao chegar a cada localidade. Como se vê, a importância de ajudantes, informantes e do apoio local para o desenvolvimento da investigação científica de Bezerra denota a teia de relações de colaboradores para a concretização dos objetivos da viagem.⁹⁸

A participação de colaboradores para a efetivação dos objetivos de Bezerra passava primeiramente pelo crivo do governo provincial. Geralmente, a chegada de Bezerra era anunciada pelo governo em cartas de recomendação. Ao chegar a

⁹⁷Dentre os muitos naturalistas que percorreram o Ceará, desde o final do século XVIII e ao longo do século XIX, isto é, bem antes de Antônio Bezerra, encontra-se João da Silva Feijó (1760-1824). O naturalista João da Silva Feijó, enviado pelo governo real português para a capitania do Ceará, realizou suas investigações entre 1799 e 1817, como parte “dos planos de se realizar uma ‘História Natural’ das colônias” (SILVA, 2004: 149), e tinha como objetivo “estudar todas as potencialidades naturais da região” (Idem, ibidem: 154). Nascido na então Capitania do Rio de Janeiro, em 1760, segundo Silva, calcula-se que Feijó serviu à coroa portuguesa por um período de mais de 40 anos, incluindo-se aí viagens para Cabo Verde, Ceará e Rio de Janeiro. Silva Feijó chegou ao Ceará em 24 de outubro de 1799. Demorou-se pouco para restaurar-se da cansativa viagem e para preparação dos equipamentos necessários na travessia do interior da capitania do Ceará. De início, partiu em direção à Canindé, região centro norte, em busca principalmente da identificação de minas de salitre. À época, justifica-se a preocupação em descobrir salitre por causa dos constantes conflitos entre as nações do Velho Mundo. O salitre era – continua sendo atualmente – considerado um importante composto químico utilizado na produção da pólvora, substância necessária para a fabricação de munição para as armas de fogo da época. Portanto, investigar a ocorrência de salitre seria, nesses termos, fundamental para o aprimoramento e manutenção do armamento para a defesa da coroa lusitana e, por conseguinte, para a proteção de suas colônias que, como sabemos, foram alvos de investidas de outros países, como a França, Holanda etc.

⁹⁸A participação efetiva de colaboradores nas viagens naturalistas é um ponto importante para a execução dos objetivos de comissões científicas e de viajantes, cientistas ou não. Estudos recentes apontam para a relevância de se analisar a atuação desses colaboradores para o êxito dos objetivos de naturalistas-viajantes. Segundo Anderson Antunes, pode-se elencar três tipos de colaboradores: 1. Os colaboradores científicos; 2. Os colaboradores logísticos; 3. Colaboradores de conhecimentos tradicionais. Conforme Antunes, ao analisar a Expedição Thayer, chefiada por Louis Agassiz, que percorreu algumas localidades do então Império do Brasil, o auxílio desses colaboradores foi de fundamental importância para a coleta e envio de espécies para Agassiz, além de ajuda-lo em relação aos melhores caminhos nos deslocamentos de uma localidade a outra. Para Antunes, “a atividade científica do século XIX, assim como a prática científica contemporânea, era uma tarefa social e cooperativa. Raramente algum naturalista partia sozinho em viagem ou adentrava sozinho por terrenos desconhecidos” (ANTUNES, 2015: 8). A respeito da importância das teias de relações de ajudantes e colaboradores para o sucesso das viagens naturalistas, ver: ANTUNES, Anderson Pereira. **A rede dos invisíveis**: uma análise dos auxiliares na expedição de Louis Agassiz ao Brasil (1863-1866). Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2015; MOREIRA, Ildeu de Castro. **O escravo do naturalista**: o papel do conhecimento nativo nas viagens científicas do século 19. Revista Ciência Hoje, vol.31, nº 184, pp. 40-48.

determinada localidade, seja ele uma pequena vila ou uma cidade bem estruturada, Bezerra muitas vezes conhecia os seus ilustres moradores. Muitos eram políticos, padres e detentores de cargos na guarda nacional, todos eles homens de poder. Eles amparavam o intelectual cearense com hospedagem e alimentação, e disponibilizavam ajudantes para a execução de suas investigações científicas. Esses ajudantes geralmente eram arrieiros e guias locais, conhecedores das peculiaridades da natureza de sua região.⁹⁹

Um deles foi destacado por Bezerra como “perfeito conhecedor daquelas paragens, como de todo o sertão” (BEZERRA, 1965 [1889], p.210). Era o arrieiro Antônio Guida, que acompanhou Bezerra durante boa parte da viagem, sendo substituído por José Leandro, “Corneta-mor reformado do exército”. Tanto Bezerra como Guida aprenderam um com o outro, demonstrando uma interessante troca de saberes entre os dois. Em certa ocasião, ao percorrer a cidade de Ipu, Bezerra descreveu um fato que o surpreendeu sobremaneira:

Terminado o trabalho que me trouxera a esta cidade, agradei pessoalmente aos amigos Antônio de Melo Marinho, Liberalino Dias Martins, Severino Correia da Silva e Dr. Sales as atenções com que me haviam penhorado, abracei-os e voltei a dar ordens para a partida. Em casa, enquanto desarmava o microscópio e acondicionava alguns insetos apanhados na montanha, não pude deixar de rir ao ouvir uma discussão entre o meu arrieiro e um vizinho. Sustentava Antônio Guida que ao passo que um mamífero ou pássaro tinha quinhentos e trinta músculos, um inseto tinha quatro mil e quarenta e um, segundo a opinião do anatomista Lyonnet. Era o que havia ouvido de mim em conversa na tarde antecedente. O vizinho duvidava com todas as forças, e a discussão exacerbava quando interviam a favor de Guida. O homem estava admirado da **erudição** do arrieiro. (BEZERRA, 1965 [1889], p. 220)(grifo do autor).

As trocas de conhecimentos se davam em vias de mão dupla. Tanto o saber “erudito” de Bezerra, oriundo de sua formação, como o saber popular dos seus colaboradores locais e de seus ajudantes, que conheciam bem os caminhos a percorrer, os nomes populares/vulgares de determinadas espécies, as plantas mais apropriadas para a construção civil, por exemplo, se amalgamavam. Importa frisar que a participação efetiva dos ajudantes e dos homens de poder de cada localidade foi de fundamental importância para o desenvolvimento de toda a viagem. A formação dessa rede de relações entre o governo provincial e as autoridades locais, além propriamente do uso das credenciais de Antônio Bezerra, que assumia naquele momento um cargo de respeito na capital e era proveniente de uma família de tradição da elite política da

⁹⁹ Bezerra registrou com maior ênfase quatro ajudantes: Arrieiro Tibúrcio, “rapaz inteligente, ativo, de conhecida coragem, que me acompanharia em toda viagem”; Antônio Guida; Joaquim Pereira da Graça; e José Leandro, para substituir Antônio Guida.

província, contribuiu para a boa relação que Bezerra teve nas localidades percorridas. Sem dúvidas, a ausência dessa logística para a viagem da comissão de Bezerra afetaria sobremaneira a boa condução e execução dos objetivos do intelectual cearense naquelas paragens.

O aparato instrumental do naturalista viajante acompanhava e servia como suporte para a abordagem do mundo natural.¹⁰⁰ A maioria dos naturalistas levava consigo os equipamentos para a análise em campo, e Bezerra não seria diferente, por acompanhar a literatura em torno dos livros de viagem contemporânea a ele. Ao partir do porto de Fortaleza para o início de sua longa jornada, os instrumentos científicos foram acondicionados em suas malas, além de “poucos livros, companheiros do meu exílio” (BEZERRA, 1965 [1889], p. 20). Dentro das malas, constavam microscópio, barômetro, martelo geológico e materiais para o auxílio no acondicionamento de espécimes. O martelo geológico¹⁰¹ e o microscópio foram os instrumentos científicos mais utilizados durante as investigações de Bezerra. Ao analisar a ocorrência de uma mina de cobre nos arredores da Serra da Ibiapaba, Bezerra se vale do instrumento científico para a correta descrição do tipo de minério coletado na localidade.

Em casa, examinando mais detidamente as pedras que trouxera da mina Ubari, de sob o martelo saltou-me um pedaço de cinco centímetros que numa fenda apresentava um fragmento de cobre em estado nativo de dois centímetros de comprimento. Eu não me havia enganado (BEZERRA, 1965 [1889], p.113).

Anteriormente, Bezerra havia coletado fragmentos de rocha justamente da Mina de Ubari. Porém, ele lamentou a impossibilidade de descrevê-los em virtude da ausência de equipamento mais apropriado. Em posse do material coletado, Bezerra analisa-o.

¹⁰⁰ A utilização desses equipamentos era fundamental para o trabalho do naturalista-viajante. A análise de material de pesquisa seria possível pelo hábil manejo desses instrumentos, o que demonstra que nem todos eram aptos a tal intento, limitando, assim, os que dominariam uma linguagem e cultura científica restrita. A preservação dos espécimes coletados dependia da habilidade do naturalista em tentar mantê-los conservados em produtos químicos, embalados ou empalhados de forma a acondicioná-los em sua integridade “natural”, o que, segundo Larsen, é inconcebível, pois no momento da coleta, o naturalista transforma o objeto natural em artificial, para servir como conteúdo de experimentações as mais diversas (LARSEN, 1996: 358). Para tanto, alguns manuais de viagens de meados do século XVIII em diante traziam detalhes sobre as melhores formas para recolher e preservar todo o material proveniente principalmente de regiões distantes do lugar de origem da expedição científica. Concomitante a isso, o caderno de campo seria de fundamental importância, para o registro das informações de viagem e das observações preliminares realizadas em campo.

¹⁰¹ Segundo o cientista jornalista J. E. Taylor (1837-1895), o martelo geológico em seus variados formatos era o instrumento mais importante para o geólogo. Um geólogo bem equipado estaria apto a realizar uma boa investigação e diminuir as chances de problemas durante as suas pesquisas em campo. Ver: LARSEN, Anne. Equipment for the field. In: JARDINE, N.; SECORD, J. A.; SPARY, E.C. (orgs.). **Cultures of Natural History**. Cambridge University Press, 1996, p. 364.

A matéria verde assemelha-se a essa mistura de hidrato e de carbonato de cobre que pela ação do ar úmido ou dos líquidos acidulados, forma-se na superfície dos objetos feitos desse metal, e para mim, conquanto não me fosse possível servir-me na ocasião do instrumento de Antonie Schwab, desenvolvido por Berzelius e Plattner, proposto em vista de métodos práticos seus por Kobell e Scheerer, cujo processo é preferível nas análises qualitativas ao da via úmida, fornecendo ainda resultados mais seguros que o estudo das formas cristalinas, da densidade, etc., não havia dúvida que se encontraria aqui mais ou menos minério de cobre. Tendo feito colher alguns fragmentos da rocha, retrocedemos, reservando-me para prosseguir as experiências na cidade de Viçosa, onde ia submetê-los à ação que o fogo e os diversos reagentes fizessem sobre os minerais (BEZERRA, 1965 [1889], p. 109).

Dois pontos podem ser ressaltados: primeiro, a utilização de instrumento científico como a forma mais segura e precisa para a avaliação de determinado material. Nesse caso, é citado o “instrumento de Antonie Schwab” como o instrumento científico mais adequado para análise, em detrimento do estudo das formas cristalinas. Segundo, a valorização de Bezerra para os estudos práticos a partir de experimentos químicos. Esses dois pontos no que diz respeito à análise de metais e componentes químicos caracterizariam o trabalho do cientista-naturalista-viajante do século XIX. Juntamente com esses pontos, a questão da nomenclatura científica, ou seja, a descrição em bases taxonômicas revelava o quão ligado Bezerra estava nas formas de trabalhar as ciências naturais. A descrição taxonômica foi importante para classificar as espécies que Bezerra destacava durante as suas perambulações no sertão da província. Este será o ponto do próximo tópico.

2.2.1. O classificador

“[...] Perdoe-se-me a digressão; não me lembrava que estava escrevendo notas de viagem e que unicamente teria o meu escrito importância, se em vez de dizer que conheço, embora superficialmente, o terreno que constituiu a crosta terrestre, os pudesse classificar segundo a natureza de cada um.” (BEZERRA, 1965 [1889], p.190).

O projeto para a identificação e documentação da biodiversidade da natureza cearense deveria obedecer à constituição de uma sistemática definida. Não bastaria apenas citar as espécies aleatoriamente, mas sim nomeá-las e classificá-las de acordo com a literatura científica contemporânea.¹⁰² Para tanto, o treinamento nos manuais e

¹⁰² De acordo com Michel Foucault, a teoria da história natural por meio da classificação das espécies não se distancia da teoria da linguagem, pois “[...] é preciso que ela reúna em uma única e mesma operação o que a linguagem de todos os dias mantém separado: deve, a um tempo, designar muito precisamente

compêndios de cientistas seria importante para o enquadramento em uma metodologia científica que desse exatidão e credibilidade ao trabalho de Antônio Bezerra. A partir da citação acima, certifica-se que uma das características de suas notas de viagem seria a de classificar as espécies que ele analisava durante o seu percurso pelo interior cearense.

A obediência às ordens do governo provincial de explorar com a maior brevidade possível a província fazia com que Bezerra não dispusesse de mais tempo para analisar de forma mais detalhada a natureza da província. Durante as viagens entre uma cidade e outra, Bezerra aproveitava para tomar nota das paisagens que avistava. Próximo à cidade de Massapê, Bezerra avistou uma carnaúba, diferente das outras, apresentando uma variação em seus galhos. No mesmo momento, ele descreve sobre um imbróglio ocorrido a propósito da classificação desta espécie e outras classificadas por cientistas/naturalistas brasileiros:

Enquanto eu admirava essa raridade, assaltavam-me pensamentos acerca da injustiça com que havia sido desprezada a classificação dada em 1810 pelo Dr. Arruda da Câmara àquela planta de **Corypha cerifera**, para aceitar-se a de Von Martius, **Copernicia cerifera**. Foi ele quem primeiro descreveu, posto que Macgrave dela tivesse tratado com o nome de Corandaí. Lembrei-me ainda que em 1845 o Dr. Maia classificou também uma espécie de macacos do subgênero **Brachyurus de Spix** sob o nome de **Brachyurus albescens**, e em vista da pele de um destes, que foi remetida ao Museu de Paris, Isidore Geoffroy a denominou **Brachyurus calvus** com desprezo da classificação do naturalista brasileiro. **Um dia o Brasil há de reivindicar o direito de seus filhos** (BEZERRA, 1965 [1889], pp.78-79).

O naturalista cearense reivindicava as patentes dos nomes científicos e os primeiros classificadores. Nessa passagem, percebe-se a busca pela valorização da ciência local e dos cientistas brasileiros em detrimento aos trabalhos de estrangeiros.

O método da classificação morfológica das espécies dá o tom da metodologia científica de Bezerra. A preocupação em observar e descrever as diferentes espécies dos reinos animal, vegetal e mineral denota um zelo importante para a análise do naturalista cearense. Nesse sentido, não se podia descrever erroneamente o nome científico de uma determinada espécie, e sobretudo o naturalista teria que exprimir a que naturalista se referia cada classificação. Ele identificou algumas espécies já classificadas por Lineu,

todos os seres naturais e situá-los ao mesmo tempo num sistema de identidades e de diferenças que as aproxima e os distingue dos outros” sendo esse “quadro” universalmente aceito e que guarde similitudes e diferenças ao descrever o “visível”. Ver: FOUCAULT, Michel. Classificar. In:____. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes. 1981, pp. 139-178.

Cuvier, Bentham, Martius, Hooker, Burmeister, Barbosa Rodrigues, Principe de Neweid, Saint' Hilaire dentre outros.

Em determinada passagem, Bezerra expressou a sua lamentação por não ter conseguido contribuir para o desenvolvimento da ornitologia a partir da coleta de uma nova espécie; porém, ela foi classificada, o que foi motivo de satisfação para o naturalista cearense:

Quando despertei às 3 horas, comunicou Tibúrcio haver morrido, em consequência do excessivo calor do sol, o lindo periquito que eu trazia da serra. Foi uma grande perda para mim. Eu tinha pressentimento de que trazia uma variedade da família dos Psitacídeos, ordem dos **Zigodactylos**. Quando o afagava, muitas vezes me acudia à mente que se o Padre Latreille em 1793 deveu a liberdade a Bory de Saint Victor em consequência de um pequeno inseto (**Necrobia ruficollis**) que encontrou nos muros de sua prisão, eu em falta de bem maior podia ao menos me regozijar ao ver mais um nome classificado no computo geral das coleções zoológicas do Museu Nacional (BEZERRA, 1965 [1889], p.135).

A caminho de Viçosa do Ceará (no mapa, número 5), Bezerra topou com algumas aves denominadas seriemas (**Mycrodactylus cristatus**), e discorreu acerca da variada produção científica e a multiplicidade de nomes científicos que esse espécime recebeu ao longo do tempo. Assim:

Lineu chamou-a **Palamedea**, Illiger **Dicolophus**, Vieillot **Lophorhynchus**, Marcgrave **Cariema cristata** e a maioria dos naturalistas **Mycrodactylus cristatus**. Para quem se dedica ao estudo das ciências naturais, essa multiplicidade de denominações dificulta àqueles que não dispõem de recursos para a aquisição de todos os livros publicados relativamente à fauna do País, e de que muito pouco se tem ocupado os escritores brasileiros. O que a esse respeito possuíamos é traduzido do estrangeiro e nimiramente imperfeito, comparado com a riqueza que sobre qualquer ramo das ciências naturais encerra em seu seio o Brasil (Idem, 1965 [1889], p.95).

Uma vez mais Bezerra esbanjou a sua plêiade de autores que leu sobre as ciências naturais. E também, uma vez mais, ele buscou incentivar a produção dos naturalistas nacionais, que dispunham de variada literatura deixada pelos grandes nomes das ciências naturais. A esse respeito, Bezerra concluiu:

Não faltam profissionais, onde existem homens de ilustração tão vasta como Capanema, Barbosa Rodrigues, Ladislau Neto, Nicolau Moreira, Saldanha da Gama, e outros, tendo à mão imenso subsídio que nos deixaram Von Martius, Spix, Neuwied, Saint'Hilaire, Luccok, Gardner, Lindley, e dezenas de escritores que viajaram nosso país, e immortalizaram seus nomes, apresentando ao Velho Mundo parte quiçá diminuta da opulência com que dotou a natureza o solo do Brasil (BEZERRA, 1965 [1889], p.95).

Em determinado trajeto da viagem, Bezerra encontrou uma espécie de flor que o pareceu não classificada ainda. O exercício da investigação do cientista natural e os seus

procedimentos de observação, comparação, análise e classificação se sobressaltaram no momento em que Bezerra se deparou com as espécies de passifloras. Revirou, portanto, de cima a baixo o que havia lido nos compêndios de ciência natural.

Apesar de ter lido o que a esse respeito escreveram Pfeiffer, Bentham, Decaisne e Maxwell Marters, parecia que eu tinha diante de mim uma espécie desconhecida. Notável pela beleza de suas pétalas coloridas de vermelho escarlate, aroma agradável, a flor era dominada por uma coroa de bela cor purpúrea até dois terços de sua altura, terminando em um lindo azul-celeste. Analisando minuciosamente os cinco estames, os três estigmas claviformes, a coroa de estaminoides, eu recordava que talvez por causa da estrutura alegre dessas flores foi que o historiador espanhol Pedro de Cieza julgou ver nelas representados todos os instrumentos do suplício de Jesus Cristo. George Gardner que herborizou muito tempo no Crato, que percorreu grande parte da serra do Araripe, que classificou a passiflora especiosa, talvez não tivesse conhecido esta variedade (BEZERRA, 1965 [1889], pp.125-126).

Mesmo pelo esforço de que suas notas de viagem e suas descrições naturalistas estivessem de acordo com os procedimentos das ciências naturais, Bezerra não se achava capaz de classificar uma espécie, sob a pena de não receber o crédito dos cientistas de maior renome. Essa espécie de autodesvalorização do seu trabalho e dos seus procedimentos acompanhou a trajetória científica de Bezerra. Considerando-se um simples amador, ele reconheceu, em vários momentos de suas descrições, que não se achava capaz de abordar com acuidade e precisão científicas a natureza da província. Em uma passagem, ele se sentiu angustiado por “[...] não dispor de conhecimentos para deixar à minha província um trabalho desenvolvido e correto” (BEZERRA, 1965 [1889], p.189). No entanto, as suas descrições foram extremamente importantes para o conhecimento dos recursos naturais da província, bem como de sua história e de sua geografia, tendo posteriormente o reconhecimento de vários naturalistas de renome do cenário científico nacional à época, como Herman Von Ilhering, Emílio Goeldi e Barbosa Rodrigues.¹⁰³

2.2.2. O Zoólogo e o Botânico

As temáticas zoológicas e as suas ramificações circundam toda a narrativa de viagem de Antônio Bezerra. Tem destaque em suas descrições o estudo de conchas e moluscos, os pássaros e a fauna entomológica. O primeiro passo de suas investigações seria documentar/ registrar a maior quantidade possível de espécimes de cada ramo

¹⁰³ Sobre a trajetória de João Barbosa Rodrigues, ver: SÁ, Magali Romero. **O botânico e o mecenas: João Barbosa Rodrigues e a ciência no Brasil na segunda metade do século XIX.** História, Ciências, Saúde – Manguinhos. Vol. VIII (suplemento), 899-924, 2001.

zoológico, preocupando-se em realizar uma descrição morfológica de cada espécime tratado. No que tange à variedade conchiliológica e malacológica da província, Bezerra desenvolve a sua metodologia de análise:

Havia de todas as formas e proporções: brancas, pintadas, lisas, listradas, nacaradas, algumas com a valva superior curva, outras chatas, com raios longitudinais arredondados e por vezes recortados; uma infinidade afinal que só com o auxílio do microscópio se podia distinguir. Se bem que não se dispusesse de suficientes conhecimentos sobre conchiliologia, diante de tamanha ostentação de riqueza dessa arte dos animais viscosos, despertou-se-me o desejo de conhecer a que classes pertenciam tão variados testáceos, pelo pouco que havia aprendido com de Balinville, L. Keiner, Ferussac e Fischer. É o delírio de quem se dedica inteiramente ao estudo das ciências naturais. Na classe dos Gasterópodes observei algumas variedades do gênero **Helix**, **Bulimus**, **Anostoma**, **Siphonaria**, **Cassis**, **Fasiolaria**, **Littorina**, **Trochus**, **Janthina**, **Fissurella** e um grande **Tritão**, que conservo como uma recordação daquelas paragens, o qual se presta perfeitamente ao ofício de buzina. As diversas espécies em que cada uma se subdivide, chegando às vezes a 200 variedade, como a **Cyclostoma**, dificultava o meu trabalho. Pertencente à classe dos Pelecípodes nota-se algumas lindas conchas das famílias **Arca**, **Castalia**, **Crassatella**, **Cardium**, **Venus**, **Tellina**, **Donar**, **Unio**, **Amphidesma**, **Thracia**, e outras. Aqui e ali invólucros calcários de equínides (ouriço), gênero dos Equinodermes, da classe dos Radiados, alguns providos de espinhos, outros perfeitamente estriados e sem aquela armadura, semelhando cestinhas de forma ovóide, achatadas na parte inferior. (BEZERRA, 1965 [1889], pp.44-45).

A utilização de nomes como os de Blainville, Fischer, Ferussac denota alguma aproximação com as perspectivas de análise de Georges Cuvier¹⁰⁴, principalmente no que diz respeito ao primeiro, Henri Marie Ducrotay de Blainville (1777 – 1850). Blainville estudou nos laboratórios de Cuvier, onde desenvolveu as suas habilidades no estudo da anatomia comparada, além de ler e publicar amplamente a respeito dos campos da zoologia, com especificidade para a malacologia, osteologia comparada, história das ciências e princípios de história natural. As prospecções de Bezerra não deixam claro se ele teria alguma aproximação teórica e metodológica com algum cientista natural em específico. O que fica claramente exposto é a sua larga formação em se tratando de ciência natural no geral e o seu domínio, mesmo que não aprofundado, dos mais variados ramos científicos.

¹⁰⁴Jean Léopold Nicolas Frédéric (Dagobert) Cuvier (1769-1832) foi um anatomista e paleontólogo francês, importante nome das ciências naturais do século XIX. Algumas de suas contribuições para as ciências naturais foram registrados por Faria: “Além da instauração da paleontologia como disciplina científica e do grande desenvolvimento proporcionado à geologia, os métodos e programa de pesquisa de Cuvier foram determinantes para o avanço de diversas discussões que culminaram com a revolução darwiniana. Entre as várias áreas das atuais ciências biológicas que foram transformadas pelas ideias de Cuvier, a paleontologia, a fisiologia e a anatomia comparada, inquestionavelmente, estiveram entre as mais implicadas, pois compunham o cerne do programa de pesquisa e métodos cuvierianos (FARIA, 2012: 57). Para o maior aprofundamento da trajetória de Cuvier e de seus estudos, ver: “ FARIA, Felipe. **Georges Cuvier**: do estudo dos fósseis à paleontologia. São Paulo: Associação Filosófica Scientia Studia: Editora 34, 2012 (1ª edição).

Em relação à entomologia e ornitologia, Bezerra sublinhou a constituição morfológica de alguns espécimes classificados nesse grupo zoológico. As borboletas e suas constituições físicas saltaram aos olhos do naturalista cearense, que se deteve especificamente sobre a coloração delas:

Admirando o colorido das asas alongadas de uma, triangulares de outra, estreitas desta, arredondadas daquela, achava razoável o que a respeito desses lindos insetos disse Mr. Bernard Deschamps, reconhecendo que as escamas se compõem de três membranas sobrepostas, das quais a primeira cheia de granulações de formas arredondadas, espécie de pólen forma as cores vivas e variadas de seu rico manto; a segunda contém seda que produzem sobre as escamas vários e curiosos desenhos, e a Terceira consta de uma laminazinha que tem a propriedade de refletir as cores mais brilhantes e mais variadas, ainda que a sua superfície seja muitas vezes tenra e sombria (BEZERRA, 1965 [1889], p.192).

Sobre a ornitologia cearense, Bezerra identifica algumas espécies típicas da região, como uma espécie de pombo, chamado “avonte” e conirrostrós, “alguns não classificados apesar das sessenta e seis espécies constantes das coleções existentes no Museu Nacional” (BEZERRA, 1965 [1889], p.226).

Com relação à botânica, algumas temáticas chamaram a atenção de Bezerra. A maior delas gira em torno da ideia da migração das plantas. Esse era um ponto importante para o entendimento da natureza regional e também às possibilidades de aclimação de vegetais a determinados tipos de ambiente. A respeito da cucurbitácea (**Momordica charantia**), Bezerra refletiu:

Como passou aquela trepadeira do continente misterioso às plagas do Brasil? Por terra? Por água? Pelo ar? Foi trazida pelos pássaros? Pelo homem mesmo? Ignora-se; mas o que está provado é que as plantas viajam de um a outro extremo da terra. Sabe-se que as sementes de muitas sinantérias, arrebatadas às plantas pela ventania, se misturam às nuvens tempestuosas, atravessam os oceanos e vão cair nalguma praia longínqua. Não é raro ver, depois da passagem de certos furacões, se cobrir o solo da Espanha de diversas sementes aéreas procedentes da América [...] Alguns frutos pesados demais para serem conduzidos pelos ventos fazem longas viagens náuticas e atravessam os mares impelidos pelas correntes e pelas ondas; os cocos, por exemplo, das ilhas Seychelles, vão parar em terras de Malabar, depois de um trajeto de mais de 2.400 quilômetros [...] O homem também é considerado um dos maiores agentes da disseminação vegetal. Os navios e as caravanas, transportando os mares e os desertos, levam além sementes e plantas, que vão-se desenvolver e propagar em novos países. Todos sabem que da Pérsia nos veio a laranja da China, a fruta-de-pão das Molucas, o café da Arábia, a cana da Índia, o fumo das pequenas Antilhas, o dendê das Guinéas, etc. (BEZERRA, 1965 [1889], pp.374-376).

Tratando, portanto, da geografia das plantas, Bezerra ensaiou algumas considerações que pudessem servir de ensinamentos ao leitor, especializado ou não. Bezerra, na verdade, aponta para a identificação de vegetais que não pertencem originalmente à

província, mas que aqui se aclimataram por conta da semelhança de temperaturas e por um ambiente favorável à cultura de determinadas espécies de plantas. Como será visto, essa diferenciação feita por Bezerra procura sobretudo demarcar as espécies-tipo provenientes do Ceará, como a Carnaúba, no caso da botânica, e a fauna ornitológica.

O tratamento de algumas questões referentes à fauna e à flora do Ceará destacou-se principalmente pela tentativa relatada pelo próprio autor, qual seja: a possibilidade de “confrontar a flora e a fauna do interior com a fauna e flora do litoral”. Durante as suas descrições, ele conseguiu realizar tal feito, ao sublinhar as diferenciações entre as espécies que se adaptam melhor a determinados ambientes. Como será visto, em alguns momentos, por exemplo, Bezerra registra a variedade das espécies da vegetação de algumas localidades do litoral em detrimento da inexistência ou ínfima ocorrência dessas espécies no sertão ou nas serras cearenses. Toda essa preocupação se dava por um objetivo: o de registrar e documentar o máximo possível a natureza cearense. Este intento perpassou toda a análise de Bezerra, justificando a importância das suas prospecções.

2.2.3. O Geólogo¹⁰⁵

A natureza do Ceará foi objeto de pesquisa de vários naturalistas, cientistas e exploradores que visavam, antes de tudo, conhecer suas diversidades e particularidades. A reconstrução, mesmo que superficial, de algumas viagens científicas de exploração do Ceará no século XIX, anteriormente à expedição de Antônio Bezerra faz-se importante pelo menos por dois fatores: a inclusão efetiva do Ceará e de suas especificidades naturais na agenda científica das ciências naturais do período; e a importância dessas pesquisas e de seus relatórios e relatos de viagem para a formação das concepções de ciências naturais de Antônio Bezerra. A narrativa de viagem, a construção de um olhar investigativo, as etapas dos procedimentos científicos, a utilização de nomenclatura científica e, por fim, o relatório resumido da natureza cearense foram alguns aspectos que Bezerra absorveu dessas leituras. À sua maneira, perscrutando o interior cearense, Bezerra estaria exercitando a prática científica a partir dos modelos de estudos dos viajantes-naturalistas, e, a reboque, construiria um relato minucioso da natureza cearense e de sua diversidade.

¹⁰⁵ Parte deste subtópico foi debatida em alguns congressos e seminários de história. Destaca-se a apresentação nos Simpósio Nacional de História da ANPUH, em 2013, e no Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia, em 2014.

Para os naturalistas, os objetivos dos trabalhos de campo em tal região sofreriam modificações ao longo do século XIX, desde a investigação das minas de salitre e da coleta de espécimes para o estudo do mundo natural e utilização militar, até mesmo a análise da constituição geomorfológica como um dos componentes ou, dito de forma mais científica possível, evidências empíricas necessárias para a comprovação de teorias científicas. Para este último, encaixou-se a discussão em torno da teoria da glaciação grandemente divulgada pelo cientista natural Louis Agassiz na década de 1860. Essa controvérsia científica que pautou, em certa medida, os estudos acerca das ciências naturais, principalmente no campo da geologia, foi filtrado na década de 1880 por Antônio Bezerra. Em suas Notas de Viagem, Bezerra elencou algumas instruções a serem postas em prática durante a sua viagem de prospecção do território cearense. Dentre elas, consta a tentativa de resolução da problemática científica a respeito da formação geológica. Conforme Bezerra, um dos objetivos seria:

(...) verificar (...) se nossas rochas pertencem à formação que lhes atribui Mr. L. Agassiz ou são formadas de terrenos eruptivos que, em consequência da alta temperatura na camada primordial do globo, irromperam através dos depósitos sedimentários, como pretende Mr. Liais e com ele a maioria dos geólogos que têm visitado o Brasil (BEZERRA, 1965 [1889], p.19).

Nesse trecho, em específico, a preocupação de Antônio Bezerra incide sobre as formas de abordagem do território da província do Ceará, sobretudo, nos aspectos de formação do solo, nos componentes naturais e físico-químicos das rochas.¹⁰⁶ Como historiador e geólogo do século XIX, Bezerra buscou analisar a época de formação das rochas da província, com a intenção de construir um repertório explicativo da região, seja ele geológico, biológico, histórico, geográfico etc.

Algum tempo após a passagem da Comissão Científica de Exploração, iniciou-se outra expedição científica, agora com subsídios estrangeiros, com o intuito de percorrer o Império do Brasil, sendo a província do Ceará uma das rotas para a sua análise

¹⁰⁶Os séculos XVIII e XIX foram os períodos nos quais a geologia se firmou como ciência, aperfeiçoando seus métodos de análise e produzindo interpretações dinâmicas sobre a origem das formações rochosas do globo. Como diz o historiador da biologia, Peter Bowler, citando Roy Porter, “O século XVIII não foi apenas um período de especulação; pelo contrário, ele lançou as bases sobre as quais a idade heróica da geologia viria a construir” (apud Bowler, 1989: 27). Unitarismo, catastrofismo, vulcanismo, netunismo, plutonismo, glaciações, são algumas das mais discutidas teorias geológicas daquele período, as quais deixaram em destaque a relevância dos estudos geológicos para o entendimento dos processos de formação da terra. Bowler aborda com clareza as teorias geológicas do século XIX. Em seu livro *Evolution: the history of an idea*, Bowler traça um substancial estudo sobre as teorias da terra, desde as teorias de Copernicus, Kepler e Descartes, sobre o estudo do início do mundo, partindo da perspectiva de um princípio mecânico regulador da natureza, até às teorias da geologia moderna, com a dinamicidade dos fenômenos geológicos para a explicação da criação da terra.

científica. Foi a *Expedição Thayer*, chefiada pelo expoente da ciência natural do ocidente, Louis Agassiz (1807 – 1873). O renomado naturalista suíço Louis Agassiz esteve no Brasil em meados do século XIX e publicou suas análises no livro intitulado *Viagens ao Brasil- 1865-1866*.¹⁰⁷ Dois objetivos nortearam toda a sua viagem em território brasileiro. O primeiro seria a tentativa de descobrir e analisar evidências que fortalecessem as suas convicções científicas de que a teoria da evolução das espécies pela seleção natural proposta por Charles Darwin não estaria correta do ponto de vista científico. Em segundo lugar, Agassiz procurou estudar a formação rochosa do continente sul-americano, em especial, a do Brasil, com a finalidade de observar indícios que comprovassem a sua hipótese de que em algum período da história do Globo houve fenômenos glaciais. Essa intenção fica evidente nas pesquisas de Agassiz pela coleta de amostras de fósseis em cima de montanhas e colinas. Seguindo a perspectiva científica, Agassiz procurou descobrir de que forma tais fragmentos fósseis foram depositados em regiões tão altas em relação ao nível do mar. Assim:

Influenciado por um modo de ver mais ousado sobre o assunto, confirmado em minhas impressões por uma série de pesquisas – não publicadas ainda - que fiz durante os dois ou três últimos anos nos Estados Unidos, vim à América do Sul com a esperança de descobrir, na região tropical, uma nova prova de que um período glaciário existiu outrora, ainda que apresentando necessariamente aspecto muito diversos (AGASSIZ, 1975, p.237).

No Rio de Janeiro, Agassiz afirmou que os fenômenos glaciais ali se fizeram presentes. Ele notou as características/indícios do fenômeno nas rochas – estrias, ranhuras, polimentos etc. Entretanto, Agassiz reconheceu as diferenças na estrutura de formação das rochas em comparação com as do continente europeu, principalmente pela diferença climática. Mesmo assim, a convicção dele era tamanha que acreditou que se esse fenômeno ocorreu em toda a Europa e na América do Norte, havia grande possibilidade de ter ocorrido, também, na América do Sul.

Na província do Ceará, a comissão de Agassiz chegou no dia 3 de março de 1866. A perspectiva de encontrar indícios da formação das geleiras esteve presente em todas as suas incursões pela província, e, sendo assim, Agassiz comprovou a sua hipótese de investigação, utilizando-se do método científico de observação, coleta e estudo de fragmentos e fósseis.

¹⁰⁷ AGASSIZ, Louis; AGASSIZ, Elizabeth Cary. **Viagem ao Brasil: 1865-1866**. São Paulo: Nacional, 1938.

“Se a bacia do Amazonas foi efetivamente coberta pelo gelo, todas as montanhas das províncias vizinhas que se acham fora de seus limites tiveram, necessariamente elas também, suas geleiras. E é para procurar essas geleiras locais que vamos empreender nossa excursão à Serra de Baturité” (AGASSIZ, 1975, p.262).

Em sua viagem pela província do Ceará, Agassiz, em seu anseio por procurar resquícios ou provas da ocorrência de uma possível “Era do gelo”¹⁰⁸ em épocas remotas, termina por encontrar algo que lhe faz concluir sua teoria e reafirmá-la, quando investiga a serra de Pacatuba. Conclui a sua investigação sobre as formações rochosas afirmando, com veemência, que “existiu evidentemente uma geleira local, formada pela reunião de duas ramificações que desciam das duas depressões situadas à direita e à esquerda da parte superior da serra e se juntavam em baixo, no fundo do vale” (AGASSIZ, 1975: 266). Esta conclusão de Agassiz, bem como a sua teoria em si, foi alvo de muitas críticas, tanto por parte dos cientistas estrangeiros, como pela intelectualidade local.¹⁰⁹

¹⁰⁸Sobre a teoria das glaciações, um dos proponentes mais conhecidos foi o naturalista suíço Louis Agassiz (1807-1873). Nascido em Môtier, pequena comunidade suíça, filho de pastor protestante de origem francesa. Durante a infância, manteve uma criação de peixes e sapos, prática importante para um naturalista. Em 1831, foi para Paris e teve a oportunidade de conhecer os naturalistas mais renomados do período, como Cuvier, importante estudioso de peixes fósseis, e o Barão de Humboldt, os quais deram todo o apoio intelectual e financeiro para que Agassiz pudesse seguir com os seus estudos. Em 1846, Agassiz travou renhida luta ideológica com o naturalista britânico Charles Darwin, expoente da teoria da evolução das espécies. A proposta de Agassiz sobre as glaciações poderia determinar se a teoria da seleção natural seria, de fato, aceitável. Portanto, se encontrasse os vestígios para tal confirmação, Agassiz formaria a sua ideia de uma versão “catastrofista-criacionista” (SOUZA, 2009: 102) do mundo e das espécies. Para ele, no continente europeu e, posteriormente, em todo o globo, houve períodos em que a superfície da terra foi coberta por uma extensa camada de gelo. Evidências desse fenômeno foram encontradas por Agassiz, primeiramente, na Suíça e na Escócia e, depois, no norte e sul do continente americano. Já para Darwin, essa teoria não passava de uma falácia, baseada em trabalho de campo apressado (BOWLER, 1989:324-325). Ver também: BRANNER, John Casper. **A suposta glaciação do Brasil**. Revista Brasileira, ano 2, t.6, p.106-113. 1896.

¹⁰⁹ A viagem de Louis Agassiz em solo brasileiro, e também as suas contribuições para as ciências naturais foram temas de várias pesquisas. Destaco, aqui, a dissertação de Anderson Antunes e a tese de Gastão Galvão. Para Antunes, o foco de análise é a rede de colaboradores, ajudantes e auxiliares da Expedição Thayer, nome dado à comissão que viajou ao Brasil entre os anos 1865 e 1866, chefiada por Louis Agassiz. Antunes analisa de que forma a constituição dessa rede de auxiliares foi decisiva para o sucesso dessa expedição, seja pelo auxílio nos locais de pesquisa de campo, seja na preparação e envio de espécimes para os membros da expedição. Gastão Galvão, por seu turno, discutiu, dentre outros aspectos, o confronto entre as concepções de adaptabilidade e organização dos seres vivos de Agassiz e o debate evolucionista que estava em pleno destaque no cenário científico mundial. Para o aprofundamento dessas e outras questões, ver: ANTUNES, Anderson Pereira. **A rede dos invisíveis: uma análise dos auxiliares da expedição de Louis Agassiz ao Brasil (1865-1866)**. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2015; SOUZA, Gastão Galvão de Carvalho. **Louis Agassiz: um anti-evolucionista no país da biodiversidade**. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: HCTE, 2009; _____. **Conferências de Agassiz após o seu retorno da Amazônia** (maio de 1866). In: DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol[et al]. **Darwinismo, Meio Ambiente e Sociedade**. São Paulo: Via Lettera; Rio de Janeiro: MAST, 2009, pp. 101-112.

A propósito do Vulcanismo, Bezerra citou Emmanuel Liais (1826-1900). Emmanuel-Bernardin Liais¹¹⁰ nasceu em Cherbourg, norte da França, em 1826. Pertencia a uma tradicional família de comerciantes, fornecedores da Marinha. Em sua região, iniciou a sua trajetória científica como meteorologista amador. Em sua cidade natal, juntamente com de Le Jolie e Théodore du Moncel (1821-1884), fundou uma sociedade científica, a Sociedade de Ciências Naturais de Cherbourg em agosto de 1852. Essa Sociedade tinha como foco as ciências físicas e naturais, sendo distribuídas em quatro seções: Ciências Médicas; zoologia e Botânica; Geologia, Mineralogia e Química; Física, Meteorologia e Astronomia. Segundo Barboza (2012), os membros dessa Sociedade Científica procuraram atingir, com suas publicações, um diálogo com um público maior, interessado, especializado ou não, em discussões sobre a construção do conhecimento científico, ou seja, em moldes de divulgação científica. Além dessa Sociedade, Liais teve participação no Observatório de Paris, entre 1854 e 1858; filiou-se à Sociedade Meteorológica da França em 1851; e publicou vários artigos para o periódico científico *Comptes rendus*, da Academia de Ciências de Paris. Liais teve como interlocutor efetivo na leitura e análise de seus textos o expoente da astronomia francesa, François Arago (1786-1853) (Idem, 2012: 17).

No Brasil, Liais desembarcou no dia 27 de julho de 1858, com o objetivo de observar o eclipse total do Sol, sendo formada, para tal, uma comissão apoiada pelo governo imperial. Liais se rendeu à natureza do império, e a estratégica posição geográfica do Brasil, onde “constelações inteiras vistas daqui eram desconhecidas dos europeus, tanto quanto inúmeras espécies da rica flora e fauna nativas” (Idem, 2003:1). Segundo Barboza, as condições do império do Brasil, além de uma indicação de que Liais seria chamado para a direção de um observatório astronômico no Rio de Janeiro, foram fatores decisivos para o *savant* francês fixar residência no país.

¹¹⁰ Os dados e as informações biográficas de Emmanuel Liais foram retirados dos trabalhos de pesquisa da historiadora Christina Helena Barboza. Ela desenvolveu tese de doutorado – posteriormente publicado em formato de livro - sobre a trajetória científica de Emmanuel Liais no tocante às contribuições do mesmo para a meteorologia e astronomia da França e do Brasil. Apesar do foco da abordagem incidir especificamente nesses termos, diferentemente do exposto para esta pesquisa, a autora buscou demonstrar de forma ampla a importância de Liais para as ciências de um modo geral, analisando o contexto histórico no período da passagem de Liais desde a França até o Brasil. Ver: BARBOZA, Christina Helena. **As viagens do tempo**; uma história da meteorologia em meados do século XIX. Rio de Janeiro: E-papers, 2012; Barboza, Christina Helena. **As viagens do tempo**; um projeto científico para o Brasil Imperial. Anais do XXII Simpósio Nacional de História, 2003.

Em 1870, ele assumiu o cargo de diretor do Imperial Observatório após nomeação de D. Pedro II. Segundo Oliveira,

[...] a sua gestão é marcada por reformas parciais do regulamento, compra de equipamentos, envio de praticantes à Europa, e pelo início de observações astronômicas regulares. Reformulado por Liais, tem início no Observatório atividades ligadas à determinação da posição de estrelas, ao estudo de corpos celestes e das trajetórias de cometas. Essas modificações fizeram com que as atividades científicas tivessem maior presença na vida do Imperial Observatório, coincidindo com os objetivos de Liais (OLIVEIRA, 2003: 44).

No entanto, a importância dele para esta pesquisa refere-se ao debate em que Liais se envolveu no tocante à constituição geomorfológica do Brasil, ao defender a ideia do Vulcanismo em detrimento à teoria das glaciações, de Agassiz.¹¹¹

Em livro intitulado *Climats, Geologie, Faune et Botanique du Brésil* (1872),¹¹² Emmanuel Liais poria em xeque a teoria de Agassiz, demonstrando que os vestígios para tal, como a presença de pedras e estrias glaciais, não existiam no Brasil; que as proposições de Agassiz em relação às análises da constituição do terreno brasileiro não foram examinadas com o cuidado suficiente para reconhecer que alguns fenômenos, como a decomposição das rochas e o processo que elas produzem, como a liberação de ferro, dentre outros fenômenos, era simplesmente um processo natural (LIAIS, 1872: 25-26).

Os debates sobre a recepção à teoria de Agassiz não se limitaram à abordagem feita por Liais. Outros geólogos também discutiram a presença de vestígios da teoria glacial no Brasil, como o geólogo brasileiro Guilherme Schuch de Capanema e o pupilo

¹¹¹Sobre o fenômeno do Vulcanismo, Bowler nos explica que o calor subterrâneo é o principal agente de mudança geológica. Extratos foram depositados durante milhões de anos na camada subterrânea da terra, e o calor no interior das rochas serviu como mecanismo de modificação da superfície terrestre. (BOWLER, 1989:44). Na metade do século XVIII, o Vulcanismo ganhou grande repercussão, principalmente por naturalistas desse período considerarem que existiam indícios desse fenômeno em diferentes regiões do globo. Em 1752, Jean Etienne Guettard identificou algumas características do vulcanismo nas montanhas centrais da França e Nicholas Desmarest observou formas solidificadas de folhas de basalto de origens vulcânicas (BOWLER, 1989: 44-45). Porém, somente no fim do século XVIII, houve uma formulação consistente da teoria sobre o vulcanismo, a partir dos estudos do geólogo escocês James Hutton. A proposta teórica de Hutton sobre o vulcanismo sugeria que o calor do interior da terra era o mecanismo de construção das formações rochosas. Todavia, a dinâmica desse fenômeno se ligaria diretamente aos constantes terremotos, que, de acordo com Hutton, eram bem mais violentos do que os que ocorriam em sua época. Além de suas contribuições para essa teoria, Hutton pôde ser identificado como um dos primeiros cientistas-geólogos a defender uma postura metodológica diversificada para a explicação dos fenômenos geológicos, ou o que podemos chamar de visão dinâmica da geologia, na medida em que, para ele, as transformações da superfície terrestre são ocasionadas por vários agentes externos, como ventos, chuva e a força das águas dos rios, ao invés de apenas um.

¹¹² LIAIS, Emmanuel. *Climats, Geologie, Faune et Botanique du Brésil*. Paris: Garnier Frères, 1872.

de Agassiz, Charles Frederick Hartt, que o acompanhou na expedição Thayer, já mencionada neste texto (SOUZA, 2009: 106-107).

No período em que Bezerra realizou as suas prospecções geológicas, o Brasil estava passando por um momento positivo na constituição institucional das ciências. A partir de 1870, portanto, foram fundadas várias instituições de fomento às atividades científicas, contribuindo para a consolidação das ciências naturais no geral, e às geológicas em particular. Segundo Figueroa (1997), houve nesse período uma intensificação e predominância dos trabalhos práticos nas ciências geológicas, em detrimento das discussões teóricas. Nesse sentido, as instituições de fomento às pesquisas geológicas buscavam analisar o material colhido em viagens de campo de cientistas naturalistas brasileiros e estrangeiros, bem como realizavam cursos de formação e especialização de profissionais. Ainda nessa época, seguiu-se um modelo de investigação da geologia baseado nos “geological surveys” norte-americanos, pautados no mapeamento geológico, acompanhado da especulação econômica e exploração do território em conjunto com a agricultura e mineração (Idem, 1997). Priorizam-se, nesse sentido, estudos empíricos na conformação e explicação das teorias geológicas como a coleta de registros (ROBERTS, 2009; SOUZA, 2009).

No que tange propriamente a sua investigação geológica, Bezerra, como visualizado anteriormente, procurou identificar indícios que comprovassem se a constituição geomorfológica do Ceará se formou de acordo ou com a teoria glacial de Agassiz ou com as propostas vulcânicas de Liais.

Durante a viagem à Maranguape, Bezerra aponta um indício da ocorrência de geleiras através da observação de alguns fragmentos de rochas. Em relação aos aspectos da metodologia das ciências geológicas no período, deu-se da seguinte forma:

Trepando por fragmentos de rochas que deviam ter sido outr’ora arrastados das collinas [sic] pelas geleiras, visto como são [sic] bem visíveis os fenômenos glaciares que ali se observam, saímos [sic] na estrada que conduz à Rajada por onde eu já havia subido (BEZERRA, s/i, p. 29).

Mesmo de forma apressada, Bezerra nota a possibilidade de que ele estaria caminhando por terrenos que, em outros tempos, foram cobertos por espessas camadas de gelo que encobriram a superfície terrestre da América do Sul e, conseqüentemente, territórios do Brasil e do Ceará se incluíam a essa catástrofe que devastou ecossistemas, segundo

proposição de Agassiz. Seguindo adiante, Bezerra comprova as suas suspeitas sobre o fenômeno glacial, ao realizar uma escalada.

Chegamos ao fim depois de hora e meia de marcha a raiz da Pellada, onde se nota perfeitamente, mais do que em outra parte, os fenômenos glaciários. Escarpada, cônica, a primeira vista faz pensar em uma origem vulcânica, porém considerada de mais perto, chega-se ao conhecimento que deveria ter sido arrastada pela ação das águas (idem, s/i, p.63).

Nota-se, assim, que Bezerra chegou parcialmente à conclusão de que, a partir de características observadas, o fenômeno que atingiu e que formou a superfície terrestre aproxima-se às características das teorias encampadas por Agassiz. Apesar das suas conclusões, nota-se que Bezerra apenas sugere alguns indícios que apontam para o registro de ocorrência de geleiras nas regiões montanhosas do Ceará.

Vê-se que as conclusões de Bezerra são bastante relevantes no sentido de classificar as formações rochosas do Ceará. O que interessa sobremaneira como fator de problematização é o contato que Bezerra teve com essas grandes controvérsias científicas em âmbito internacional. Importa, portanto, realizar a desconstrução de um dado, qual seja, o da conclusão de ser o Ceará constituído pela formação vulcânica ou glacial. Nota-se, assim, que o naturalista cearense, como participante do mais alto grau da intelectualidade de Fortaleza, teria o privilegiado contato com as obras e os debates científicos vindos da Europa. Mesmo de forma superficial e contando com conhecimentos não especializados, sempre se classificando como um simples amador, Bezerra partiu de seu elevado nível de leituras sobre as ciências naturais para observar a natureza do Ceará. Como será notado, tanto os viajantes que percorreram o Brasil como o Ceará, e as obras de especialistas dos mais variados ramos das ciências naturais, foram os que embasaram a sua perspectiva como cientista natural.

2.3. Antônio Bezerra e a construção geográfica do Ceará

Os locais de pesquisa de campo presentes na agenda científica de Bezerra seguiram de certa forma as proposições da Comissão Científica de Exploração, ou seja, perscrutar o Ceará sob o recorte de três regiões específicas: o litoral, o sertão e as serras. A Comissão Científica de Exploração percorreu a província entre 1859 e 1861. Iniciativa do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), a Comissão percorreu as localidades do norte, principalmente para “explorar o interior das províncias brasileiras menos conhecidas, algumas já bem exploradas pelos viajantes europeus,

coletar material para o Museu Nacional e promover as pesquisas científicas no país” (PATAÇA e PINHEIRO, 2005: 69). Dividida em cinco sessões – botânica, geologia e mineralogia, zoologia, astronomia e geográfica e etnografia e narrativa da viagem - a Comissão perscrutou cientificamente áreas do sertão, litoral e serras, percorrendo quase a totalidade do território da província do Ceará. A proposta geral da “Comissão das Borboletas” ou “Comissão do Ceará” – como ficou denominada posteriormente – conhecer e descrever a província do Ceará para o restante do Império. A máxima “conhecer para dominar”, tão afirmada pelo imperialismo do século XIX, poderia encaixar-se bem ao ideário proposta para a Comissão, uma vez que as províncias do norte do Império carregavam já a essa época um histórico de lutas separatistas. A exploração da terra, no sentido de conquista e também o aproveitamento dos recursos naturais em si, seria uma das propostas da Comissão. Além disso, se fazia necessário corrigir muitas incongruências e informações passadas de forma errônea sobre o Império do Brasil pelos cientistas e viajantes estrangeiros que aqui estiveram e escreveram sobre as províncias brasileiras. Nas Instruções de Viagem de todas as sessões, ficou latente a importância de se estudar o Ceará com profundidade de detalhes. As regiões privilegiadas para tal análise seriam as serras da Ibiapaba e do Araripe “onde a tradição coloca ricas minas de metais, e são fecundíssimas nos reinos vegetal e animal”. A tradição referente às instruções certamente teria ganhado coro a partir da passagem de viajantes pelo Ceará pelo rumor de ser o solo do Ceará o mais metalífero.¹¹³

O naturalista cearense optou por iniciar a sua investigação partindo do litoral para o interior e o retorno ao litoral. O primeiro local de pesquisa de campo foi na cidade de Camucim, localizada no litoral leste da província do Ceará. Lá, Bezerra se deparou com uma variedade de conchas espalhadas pela costa, observando, coletando e descrevendo a partir do que havia lido em escritos de especialistas em conchiliologia.

¹¹³ Para o maior aprofundamento das atividades da Comissão Científica de Exploração, dentre os muitos trabalhos já produzidos sobre esta Comissão, ver: DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol. **Ciência: um caso de política**: As relações entre as Ciências Naturais e a Agricultura no Brasil-Império. Tese doutorado. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - USP, 1995; LOPES, Maria Margaret Lopes. **“Mais vale um jegue que me carregue, que um camelo que me derrube... lá no Ceará”**. História, Ciências, Saúde. Manguinhos. V. III, n.1, p.50-64 Mar-Jun, 1996; KURY, Lorelai Brilhante; LOPES, Maria Margaret; FIGUEIRÔA, Sílvia; SÁ, Magali Romero; KODAMA, Kaori; PORTO ALEGRE, Maria Sylvania. **Comissão Científica do Império**. 1859-1861. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Studio, 2009.

Outra cidade do litoral investigada em pormenores por Bezerra foi Acaraú. Nesta localidade, o naturalista cearense registrou a importância desse lugar para a província, pela abundância produtiva. Segundo Bezerra:

Não há na Província lugar mais farto nem de mais recursos que o Acaraú. Aqui, além do peixe que se vende por diminuto preço, abundam crustáceos decápodes braquiúros, como caranguejos (**Cancer uça**), siris (**Lupa dicantha**), aratus (**Sesarma psionni**) e guaiamuns (**Uça uua**); decápodes macruros, como camarões (**Penoeus** sp), e moluscos da classe dos **Pelecípodes**, entre os quais algumas variedades de ostras. Os gêneros de primeira necessidade como milho, feijão, arroz, farinha de mandioca e goma, quase que não têm preço, em vista da quantidade que concorre ao mercado; de sorte que deste porto saem anualmente dezenas e milhares de sacos com farinha e outros gêneros para a cidade de Fortaleza e Província do Maranhão (BEZERRA, 1965 [1889], p.373).

A sua análise do litoral cearense continuou rumo às localidades chamadas Mundaú Trairi e Almofala. Nelas, segundo Bezerra, assemelham-se a prosperidade visualizada em Acaraú, prevalecendo a cultura do algodão e cereais pelas boas terras de que dispunha, e também o comércio de peixes. A vegetação das áreas do litoral não era das mais variadas, escapando-se apenas os coqueirais sempre vicejantes nesse tipo de terreno. Para surpresa de Bezerra, registrou-se a ausência da Carnaúba. Um dos objetivos do naturalista cearense, portanto, seria construir um mapa da natureza do Ceará. Nesse sentido, o noroeste do litoral cearense foi esquadrihado e inventariado em todos os aspectos. Nota-se que a viagem de Bezerra e suas anotações constituem-se como um dos mais completos estudos sobre a diversidade não apenas da natureza, mas também da história e dos costumes da vida do interior da província do Ceará no final do século XIX. O seus dados estatísticos seriam corroborados pelo conhecimento de fato, realizado *in loco*, o que daria maior sustentação às suas argumentações.

A região das serras, principalmente a Serra da Ibiapaba, foi o local onde mais se demorou, onde coletou e analisou o maior número de espécies, principalmente da flora, observou a ocorrência de minas e registros geológicos. A permanência na serra durou alguns meses. No que se refere ao exercício da prática científica das ciências naturais, essa região constituiria o espaço onde Bezerra obteve os maiores resultados em termos científicos, tanto pela coleta de bastante material, como pela identificação de vários locais de pesquisa de campo e de exploração. Nos arredores de Viçosa do Ceará, localidade serrana, Bezerra coletou “flores de plantas leguminosas, papilionáceas, mimosáceas, rosáceas, melastomáceas, passifloras e outras” (BEZERRA, 1965 [1889]: 107). Em outro local, chamado Tubarão, um “povoado insignificante a 12 quilômetros

de Viçosa, tendo apenas algumas casas de um e outro lado da estrada”, Bezerra soube da existência de uma mina de cobre. “Ardendo de desejo de visitar sem demora a jazida do valioso minério”, ele partiu, juntamente com um guia, para o povoado chamado Ubari.

De fato, em Ubari, Bezerra encontrou a dita mina de cobre. Em uma análise superficial, pois no momento da pesquisa não dispunha “do instrumento de Antonie Schwab”, ele observou que se tratava de uma matéria verde, que se assemelha realmente com a mistura de hidrato e de carbonato de cobre (BEZERRA, 1965 [1889], p.109). Ele realizou coletas de fragmentos da rocha, os quais seriam postos “à ação que o fogo e os diversos reagentes fizessem sobre os minerais”. A nítida intenção econômica da viagem de Bezerra ia tomando forma. Neste sentido, a identificação de regiões ricas em minérios e seus diversos usos seriam recorrentes nas pesquisas e anotações de Bezerra. A expedição, não se deve esquecer, era custeada pelo governo provincial, o qual, certamente, tiraria proveito das notas do naturalista cearense para o desenvolvimento econômico da província. Em Ipu, a riqueza de seus minérios chamou a atenção de Bezerra. A ocorrência de minas de ouro, de cobre, de chumbo, de ferro, carbonato de potassa, pedra-ume, atrácito era identificada e registrada.

Por toda parte se encontram rochas graníticas, aproveitáveis para as grandes construções, massas, pedra calcária (carbonato de cal), de que se extrai pelo calor e cal empregada na composição de argamassas, diferentes espécies de argilas, e em abundância pedras esféricas (aetites), variedade de geodos, cujo centro está cheio de óxidos metálicos de várias cores, de que se servem os pintores. Na falda da montanha da Ibiapaba crescem as grandes espécies vegetais da nossa zona, donde vêm madeiras preciosas para a edificação da cidade (Idem, pp.207-208).

A mineralogia, a geologia e a botânica seriam, portanto, os ramos das ciências naturais eleitos por Bezerra para a investigação com finalidades econômicas.¹¹⁴ Os registros e as documentações de áreas potencialmente férteis para o aproveitamento e utilização econômica dos minérios abundam nas notas de Bezerra. Com relação à botânica, além

¹¹⁴ Para Heloisa Domingues, a botânica, nesse período, “se caracterizava pela pesquisa e classificação das espécies novas e esta prática criou, no século XIX, a maior rede de trocas de espécies entre instituições científicas do mundo inteiro, rede esta que também engendrou as relações políticas do país em vias de realizar a sua afirmação enquanto Estado nacional. [...] O Brasil com sua abundante vegetação deixou-se dominar pela botânica e/ou, dominou-a para diversificar suas culturas produtivas. A prática botânica, que trazia subjacente a necessidade de conhecimento de plantas ‘úteis’, isto é, de produtos potencialmente econômicos, ganham enorme espaço no processo de institucionalização das ciências naturais no país, influenciando decisivamente na estruturação do campo científico no país”. DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol. **Ciência: um caso de política**: As relações entre as Ciências Naturais e a Agricultura no Brasil- Império. Tese doutorado. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - USP, 1995, 22.

do uso para a construção, registrou-se a potencialidade do uso das plantas com finalidades medicinais.

As possibilidades para a utilização de fontes naturais para o desenvolvimento econômico da província passaram pela investigação botânica, zoológica, mineralógica, dentre outras. Foram destacadas as atividades econômicas com maiores chances de alavancar a economia da província, como o aproveitamento da carnaúba, a utilização do mel de abelha e da cera vegetal, os laticínios.

A carnaúba (***Copernicia cerifera***) e o seu vasto aproveitamento chamaram a atenção de viajantes/cientistas e exploradores que percorreram o Ceará anteriormente às viagens de Antônio Bezerra, caso da sessão botânica da Comissão Científica de Exploração, chefiada por Freire Alemão, da viagem naturalista do escocês George Gardner¹¹⁵ e do viajante-explorador A. de Belmar, que viajou pelo Ceará em 1860.¹¹⁶ No caso de Alemão, em seu diário e no relatório apresentado em sessão do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, ele expõe a importância desta espécie de palmeira para a economia do Ceará. Este tipo de palmeira se dá em toda a província, e continua sempre verde e produtiva mesmo em períodos de seca. Conforme Alemão:

A indústria que tem por matéria-prima os produtos da carnaúba é importante. Da haste de carnaúba se faz todo o madeirame da casa, mais esteios ou forquilhas, fazem-se bicas, ripas etc. O lenho ou madeira externa é meio duro e pesado, de cor parda escura, fazem dele bengalas etc. como se faz do airós [sic]. Da raiz se fazem cestas e cestinhas de costura e dela se servem como da salsa, do grelo se faz a farinha e excelente tapioca (como hoje me mostra o tenente Bento, das folhas novas se fazem tucum ou fios do dorso das folhas como nós tiramos das do tucum, que é excelente em força e duração; as formas de suspender redes são destas. Da mesma folha se fazem bons chapéus, cestinhas, peneiras etc., do talo da folha se faz muita coisa como caçuás etc. etc., a fruta é sustento para o homem e para o gado, da amêndoa

¹¹⁵Gardner nasceu em Ardentiny, Escócia, mudando-se com sua família para Glasgow, onde iniciou seus estudos de medicina na Universidade Andersoniana em 1829, formando-se em 1835. Ainda durante o curso de medicina, Gardner despertou o interesse pelos estudos botânicos, sofrendo forte influência do professor William Jackson Hooker, o futuro diretor do Royal Botanic Gardens, Kew. Logo depois de formado, Gardner foi subsidiado por museus e por particulares para a realização de viagem naturalista pelo Brasil. Ele aportou no Rio de Janeiro a 23 de julho de 1836. Procurou realizar um roteiro que contemplasse regiões não estudadas pelos naturalistas Spix (1781-1826) e Martius (1794-1868). Portanto, foram investigadas as províncias do Rio de Janeiro, Pernambuco, Bahia, Alagoas, Ceará, Piauí, Goiás e Minas Gerais (PAIVA, 2002, pp.49-67).

¹¹⁶ As referências citadas nesta sessão foram todas elencadas por Antônio Bezerra em suas notas de viagem.

torrada fazem café, das folhas desfiadas fazem enchimento de cangalhas etc. etc.¹¹⁷

George Gardner aportou em Aracati, localidade da província do Ceará, no dia 22 de julho de 1838. Vindo de Pernambuco por mar, Gardner se demorou pouco em Aracati, empreendendo em seguida viagem por terra para o Crato, extremo sul da província. Ainda no Aracati, Gardner registrou as suas impressões sobre a constituição geográfica da cidade e a paisagem local. Logo de início, um dos aspectos despertou a atenção de Gardner: a utilização da árvore chamada Carnaúba. A diversificada utilização da carnaúba impressionou o naturalista escocês:

As casas se constroem com um madeiramento feito de tronco da carnaúba e os espaços são tapadas com tijolos. O tronco desta utilíssima palmeira é usado pelos habitantes para quase todos os fins a que se pode aplicar a madeira. É de tal resistência que a parte inferior, especialmente dos troncos plenamente crescidos, dura anos e anos, ainda quando exposta ao tempo. Por isso, com ele se fazem todos os currais do gado, cortando-se a madeira em sentido longitudinal. As folhas são utilizadas para grande variedade de fins, como albardas, e chapéus, além de produzirem uma espécie de cera, tirada das folhas novas, cobertas de uma cor verde-mar, sacudindo-as logo que se soltam da árvore(GARDNER, 1975, p.82).¹¹⁸

Portanto, essa espécie de árvore, recorrente em áreas do semiárido, principalmente no Ceará¹¹⁹, chamou a atenção de alguns naturalistas que vieram ao Ceará, por suas várias possibilidades de uso.¹²⁰

A carnaúba está presente nos relatos de Antônio Bezerra, o qual destacou justamente a diversidade de possibilidades de uso principalmente para a economia e

¹¹⁷ ALEMÃO, Francisco Freire. **Diário de Viagem de Francisco Freire Alemão (1859-1861)**. Organização e apresentação, Antônio Luiz Macêdo e Silva Filho, Francisco Régis Lopes Ramos, Kênia Sousa Rios. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2011, pág. 58.

¹¹⁸ As observações em campo de Gardner foram publicadas em livro e grande parte do material coletado foi enviada para a Inglaterra, sendo divulgado nas reuniões da *British Association for Advancement of Science* – BAAS.

¹¹⁹ Atualmente, pelo Decreto Lei Nº 27.413, de 30 de março de 2004, a carnaúba é conhecida como a árvore símbolo do Ceará, gravada no brasão atual do estado e da Universidade Federal do Ceará.

¹²⁰ A.de Belmar, uma das referências utilizadas por Bezerra para justificar a grandeza e diversidade da natureza cearense, destacou as diversas possibilidades da Carnaúba para o ser humano. Belmar reclama o desenvolvimento de investigações da história natural para essa espécie: “A história natural vai encontrar aqui uma matéria tanto ampla como variada ; para mim, só vou mencionar aqui um vegetal maravilhosamente peculiar a este país: este é o Carnahúba ou palmeira cérifère, cujas folhas grandes, cortadas em forma de avental, servem para cobrir cabanas, e cuja madeira empregada é vantajosamente para a construção de casas. Seu fruto, que é uma espécie de repolho, proporciona um amido nutritivo, procurado em tempos de escassez. Além disso, as suas raízes são medicinais e desfrutam as mesmas propriedades que o salsaparrilha; mas a qualidade mais notável desta bela árvore, é que suas folhas são revestidas com um tipo de cera ou sebo, onde os habitantes do país fazem pequenas velas. A árvore Carnahúba ou sebo resiste mais e até em períodos de seca; há mais, verificou-se, nos últimos vinte anos somente, sua sombra se espalha de forma mais agradável, o que, somado à seu porte majestoso e rápido crescimento, passa a ser adotada em plantações de forma mais agradável” (Tradução livre). BELMAR, A.de. **Voyage aux Provinces Brésiliennes du Pará et des Amazones em 1860, précédé d’un rapide coup d’oeil sur le litoral du Brésil**. Londres: Trezise, Imprimeur, 4, Beech Street, Barrican, 1861, pp. 52-53.

para a subsistência tanto dos sertanejos como para a criação de gado dessa árvore da família *arecaceae*.¹²¹ Outro destaque refere-se à produção da cera de carnaúba, importante meio de comercialização da província do Ceará naquele período. Ao percorrer uma região onde predomina o cultivo da carnaúba, Bezerra sublinha a forma como é produzida a cera vegetal desta espécie de palmeira.

Não posso esquecer a agradável impressão que me deixou o lindo carnaubal que se estende à esquerda enquanto dura a planície. Magnífico! Nesta jornada observei o processo empregado pelos sertanejos na extração da cera vegetal. Rasgam repetidas vezes com uma faca os olhos mais tenros do pecíolo à extremidade, sendo em seguida expostos ao sol, e logo que murcham, agitam-nos batendo sobre um pano ou couro. Nesse movimento despega-se um pó seco, pulverulento, cor de cinza, que exala cheiro delicado e agradável. Depois é levado ao fogo para formar a cera, que constitui um importante ramo do comércio na Província. (BEZERRA, 1965 [1889], p.299).

Essa espécie tipicamente das regiões de clima semiárido encontrou um habitat bastante favorável na província do Ceará. Embora o território da província não seja completamente coberto pela carnaúba, a grande extensão desta palmeira principalmente na região do sertão cearense pode ser considerada como um fator de identificação desta com o Ceará. Nas instruções de viagens dos membros da Comissão Científica de Exploração, notadamente a botânica, constava a identificação e classificação das plantas nativas, a carnaúba esteve entre estas, conferindo uma especificidade da natureza local.

Em Santana, Bezerra registrou o que para ele simbolizava o Ceará: a carnaúba. Eram muitas, “espalhadas caprichosamente pelo meio das ruas me causavam agradabilíssima impressão”. Além do aspecto estético, Bezerra também estava atento às utilidades que esta planta teria, como a extração do óleo e a utilização da palha. Ainda em relação à carnaúba, Bezerra discorreu sobre a “semelhança” que elas têm como cearense, e numa passagem bastante interessante, por meio da qual percebemos o olhar do naturalista relacionando homem e natureza, sociedade e natureza, o que, para Keith Thomas (1996) é “tendência constante do pensamento humano projetar no mundo da natureza (e particularmente no reino animal), categorias e valores derivados da sociedade humana” e também ocorre o inverso, como é visualizado em Bezerra. Nesse sentido, as carnaúbas:

¹²¹Sobre a carnaúba e suas propriedades científicas, ver: http://www.mast.br/multimidia/botanica/frontend_html/artigos/index-id=252.html, Acesso em: 09 de jan. 2016.

Parece que simbolizam a sobranceira, coragem do povo cearense em frente da aridez do solo, da inconstância das estações, da luta incessante para adquirir opção da subsistência [...] Como **o cerne de seu caule, tem o cearense a coluna dorsal sempre erguida**, sem que sejam capazes de dobrá-las as calamidades de seu clima ou a prepotência do poder [...] Afeito à severidade do trabalho que o compensa quase sempre na razão inversa do seu esforço, é dotado de aptidão para tudo; o ponto é iniciá-lo. (BEZERRA, 1965 [1889]: 66-67)



Carnaúba (*corypha cerifera*)

Fonte:

<http://www.illustratedgarden.org/mobot/rarebooks/page.asp?relation=OK495F21M34182350V2&identifier=0266>, consultado em 24/08/2015, às 16h31m.

A indicação dos recursos naturais da província e a exploração dos mesmos foram destacadas em mais alguns pontos, como na extração do mel de abelha, na produção do algodão, na ocorrência de minas e na fauna ornitológica. A presença de

grande quantidade de abelhas que fabricam colmeias chama a atenção do naturalista cearense.

Os rapazes me trouxeram mel bastante para o almoço. Eu já havia notado a abundância desta deliciosa substancia em todo sertão, que no entanto se perde desaproveitada por falta de conhecimento de apicultura que tão bons resultados tem dado para os Estados Unidos, Rússia, etc. Apesar do imenso estrago das abelhas e não menos das árvores onde fabricam o mel, em 1846 a Província chegou a exportar 32.745 quilos de cera no valor de 5:850\$440 réis (BEZERRA, 1965 [1889], p.300).

A lucratividade da produção do mel da abelha chamou a atenção de Bezerra. O naturalista cearense busca referências dos países que melhor e mais qualitativamente produzem e comercializam o mel da abelha. Para esse caso, Bezerra registra a produção do mel e da cera por alguns apicultores dos Estados Unidos.

É sabido que os Estados Unidos produzem em mel e cera de abelhas mais vantagens que, no nosso País, a colheita do açúcar ou do algodão. Mr. Harbinson, da Califórnia, tira das abelhas uma renda líquida de 25.000 dólares, cerca de 45:000\$000 réis. Poucos fazendeiros de café do Rio e S. Paulo contam com igual benefício. O Capitão Hetherington, de Cherry Valley, no Estado de Nova Iorque, vende anualmente cerca de 44.000 quilos de mel das abelhas, que lhe produzem perto de 42:000\$000 réis. As últimas estatísticas agrícolas da União mostram haver ali para mais de 90.000 apicultores, que possuem três milhões de colmeias. Estas produzem 33 milhões de quilos de mel. O mel e a cera dão uma renda de 22. 500:000 dólares ou mais de 40.000 contos da nossa moeda. (BEZERRA, 1965 [1889], pp. 300-301).

Nesse ponto, Bezerra chama a atenção dos produtores tanto da província do Ceará, quanto de outros lugares do Império do Brasil, abundantes em relação à produção do mel e da cera da abelha. Menciona sobretudo o desenvolvimento dos estudos da apicultura, inclusive indica um manual para o aproveitamento desse ramo agrícola: “O volumezinho Cultura das Abelhas, por Paulo Sales, publicados há pouco no Rio de Janeiro, contém regras e conselhos sobre o trato e aproveitamento do mel e cera desse valioso inseto”. (Idem, p.301). A partir da estatística bastante favorável à comercialização do mel e da cera nos Estados Unidos, Bezerra é categórico ao dizer que “se houvesse entre nós certa aplicação neste ramo de indústria, lucrariam os cultivadores, pois que temos boas abelhas e florescência das árvores em todo o ano” (Idem, *ibidem*). Mais uma vez, a perspectiva de exploração dos recursos naturais é por ele indiscutivelmente defendida e, mais do que isto, pregada pelo cearense com vistas à prosperidade da província. Mais alguns exemplos desse tipo pululam das notas de viagem de Bezerra: o aperfeiçoamento da produção do leite e a tecelagem. Conforme Bezerra:

Estes artigos já vão sendo objeto de exportação, podendo se conseguir muito mais quando se reconhecer devidamente as vantagens do aperfeiçoamento desta indústria. No último ano saíram da Província 56.334 quilos de queijo, que pagaram 1:027\$870 réis de direitos, e no mesmo tempo 5.386 redes cuja imposição montou a 1:215\$750 réis. Tive ocasião de ver redes verdadeiramente ricas, umas bordadas a linha de cor, outras tingidas com substâncias vegetais que são vendidas por elevado preço. (BEZERRA, 1965 [1889], pp.312-313).

A maior qualificação na produção e comercialização do queijo foi apontada por Bezerra como a melhor maneira de desenvolver esta indústria na província. As diversas possibilidades de extrair o maior lucro possível com os laticínios e o aprimoramento dos estudos em relação a esse ramo são sublinhadas pelo intelectual cearense como uma das várias formas de alcançar o progresso da província do Ceará. Bezerra dá instruções aos criadores nesse sentido:

Dou aqui um conselho útil aos criadores, que dele se utilizarão como lhes aprouver. Sua vantagem está cabalmente demonstrada por Mr. Victor Renault. É hábito entre nós deitar fora o soro depois de tirada a massa para o queijo; pois bem: desse soro se pode tirar ainda tanto lucro como do queijo, com muito pouco trabalho. Em primeiro lugar se pode conseguir o requeijão, e do resto tirar o açúcar de leite, que é importado da Europa, pagando-se por meio quilograma 1\$000 réis e mais. Eis o processo: o soro depois de tirada a massa do queijo é levado ao fogo num tacho bem limpo; depois de ter fervido algum tempo vai-se ajuntando uma nova porção de queijo, coa-se então em um pano e tira-se o queijo que ficou em cima do pano, pondo-o em formas. Assim, se obtém de um pote de leite que deu quatro queijos, ainda um queijo grande do soro que era desperdiçado (Idem, p.313)

E continua ainda a falar e aconselhar os produtores:

A água que fica é aproveitada para fazer açúcar de leite, do modo seguinte: toma-se esse segundo soro que não apresenta mais essa cor branca e leitosa como o primeiro, mas em líquido transparente, quase azulado; ferve-se tirando de vez em quando a espuma até ficar da consistência do mel; despeje-se numa gamela para esfriar, e nessa ocasião se cristaliza o açúcar de leite, o qual se estende sobre um pano, lavando-se um pouco d'água fria, secando-se depois ao sol. (Idem, pp.313-314).

Seria possível enumerar várias outras possibilidades apontadas por Bezerra para a exploração dos recursos naturais da província, como a investigação das minas, o desenvolvimento da criação de gado, o cultivo e a exportação de espécies de flores, e até mesmo a utilização de penas de aves para os ramos da colchoaria etc. A visualização dos melhores atrativos para o comércio, portanto, é indiscutível. O registro dos lugares e das atividades passíveis de comercialização denota, sobretudo, a sua concepção de progresso, baseada fundamentalmente na exploração da natureza, e, para tanto, era necessário o aprimoramento dos estudos e das investigações das ciências naturais na província. Conforme Bezerra:

Em qualquer canto do nosso território há muito que estudar, que aprender, que deliciar a um espírito culto, e que continua ainda inteiramente desconhecido, somente apreciado dos estrangeiros que invejam a nossa riqueza. Já é tempo de se ir desenvolvendo o gosto das ciências naturais, e de sairmos dessa ignorância profunda de tudo que há de constituir nossa grandeza futura (BEZERRA, 1965 [1889], p.215).

O envio, por parte do governo provincial, de um estudioso das ciências naturais, funcionário público, que frequentava os salões e as reuniões da mais alta sociedade intelectual fortalezense do século XIX, para aquelas paragens do interior cearense, e sobretudo o domínio dos vários ramos das ciências naturais demonstrou a aceitação e a credibilidade do intelectual cearense para a análise do mundo natural. Embasado nos compêndios e manuais das ciências naturais, arrolando uma série de referências que indicavam a distinção de Bezerra para com os estudos científicos da época, tem-se a nitidez do exercício importante da viagem naturalista para os estudos de ciências naturais da província e para o Império, uma vez que as suas notas de viagem foram lidas por *homens de ciência* do calibre de um Goeldi, Ilhering e Barbosa Rodrigues.

No ponto maior das suas reflexões durante a viagem, as suas notas de campo transformam-se em instrumento para a convocação dos estudiosos com vistas ao melhoramento e engrandecimento da província. Retrucando as concepções tidas para Bezerra como pessimistas, de outro intelectual da província, Joaquim Catunda, ele afirma:

Sinto e sinto profundamente, porém, que amigo como é da Província, descreia do futuro dela, não a considerando senão como uma terra pobre de recursos e por conseguinte impossibilitada de enfrentar com as outras suas irmãs, ainda mesmo dotada de extraordinários melhoramentos como vias-férreas, açudes, etc. Não; respeito muito as opiniões do ilustrado professor, mas discordo do seu pessimismo, e alimento robusta convicção de que, se não por seus recursos naturais ao menos pelo desenvolvimento da indústria, ela se manterá no pé de prosperidade a que tem direito de esperar da energia do povo cearense (BEZERRA, 1965 [1889], p.295).

As concepções de natureza de Bezerra e a crença nos estudos científicos denotam a sua postura intelectual e, sobretudo, as suas visões de mundo. Discordando claramente do seu amigo, também sócio do Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará, Bezerra constrói uma visão com tons bem mais coloridos do que as concepções de Catunda. Para Bezerra:

Falta-nos um pouco de patriotismo e de instrução, e no dia em que forem admitidos os melhoramentos aconselhados pela ciência na agricultura e indústria pastoril, que desaparecerem para sempre a rotina e sistemas primitivos adotados pela ignorância até hoje em todos os gêneros do trabalho humano; que for conhecido a nossa riqueza mineral que ainda se esconde no

seio da terra à falta de conhecimentos práticos e aproveitadas outras fontes de receita que a experiência há de lembrar, então muito contra a opinião do ilustrado Sr. Catunda, a Província se erguerá da ruína a que reduziu o atraso dos nossos antepassados para próspera e feliz superabundar em meios de se enriquecer e nada invejar das outras, que confiam demais na uberdade de seu solo. (BEZERRA, 1965 [1889], p.296).

Vê-se, portanto, com esta citação, a importância dada pelo intelectual cearense à relação entre a ciência e a agricultura¹²² e indústria pastoril, além da potencialidade mineral da província, lamentando a ausência até aquele momento de estudos práticos que pudessem identificar os locais de exploração. Ora, as notas de viagem de Bezerra se incluiriam nessa perspectiva de inventariar a natureza do Ceará para as investigações posteriores. As suas pesquisas de campo, baseadas a partir das referências em ciências naturais, são os componentes formadores de uma concepção de ciência natural voltada aos estudos práticos, onde a natureza seria o objeto da exploração, ou seja, “fonte de riqueza futura” da província.

O apelo de Bezerra para o aprimoramento do estudo das ciências naturais como um dos fatores para o progresso deveria voltar-se para os aprimoramentos da agricultura. Como um primeiro passo, tornar conhecida a natureza do Ceará seria o primeiro passo para os estudos e explorações futuras. Era inadmissível, para Bezerra, o costume do sertanejo de acabar com as suas plantações, principalmente pela utilização de errôneo método de cultivo ou pela “ignorância completa dos processos modernos de tirar do solo o maior proveito possível” (BEZERRA, 1965 [1889]: 341). Bezerra indignou-se com “diversas hastes de maçaranduba derrubadas a golpes de machado para se extrair de algum galho um pouco de mel de abelhas” (Idem, p.354), e cobrou uma ação do governo provincial para a criação de leis que proibissem tal atividade devastadora, que apenas serviria para transformar a província em um “deserto”. Portanto, as formas erradas de cultivo e também a falta de material necessário para uma

¹²²Como aponta Domingues, a relação da botânica com a agricultura era notória em grande parte do século XIX. Em fins do século XIX, novos campos de pesquisa foram surgindo a partir dos anos 1860 e 1870, e a prática botânica – principalmente o formato aplicado nas viagens naturalistas - cederia o seu lugar até então preponderante no rol das ciências naturais para a fisiologia e para outros campos das ciências, como a química agrícola, a física, a mecânica, entomologia, ou seja, onde se poderia analisar com maior rigor metodológico e a base do método experimental em espaços como o laboratório. Apesar de a botânica deixar de ser a especialidade dominante em fins do século XIX, ela manteve-se importante como ramo das ciências naturais. Exemplo disso é o trabalho aqui analisado, que identifica a relação entre as pesquisas em botânica e a aplicação no cotidiano das atividades agrícolas. DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol. **Ciência: um caso de política:** As relações entre as Ciências Naturais e a Agricultura no Brasil-Império. Tese doutorado. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - USP, 1995.

boa plantação seriam motivos para o atraso da província. Bezerra fez uma avaliação das condições da agricultura naquele momento e constatou que:

A agricultura entre nós é rudimentar. Sem os princípios gerais da cultura, amanho e adubo das terras; sem as máquinas e instrumentos agrícolas, que substituam quanto possível a ação mecânica ao esforço do homem, é impossível acreditar que se possa reparar os defeitos que retardam o progresso da Província neste e noutros ramos de trabalho. Têm nisto muita culpa os nossos comprovincianos, porque devendo aplicar os seus capitais em melhorar pelos processos aperfeiçoados a indústria agrícola e mesmo pastoril, de que colheriam centuplicada vantagem, consomem o que possuem em tricas eleitorais, quando tremenda desilusão sem proveito por tarde demais, é quase sempre a compensação de sua ignorância e inadvertência. Maldita política! (BEZERRA, 1965[1889], pp.413-414).

Na região da Serra Grande (Ibiapaba), Bezerra percorreu, além de Viçosa, as cidades de Ibiapina, São Benedito, Guaraciaba do Norte, Ipu, Ipueiras e Crateús, sendo as duas primeiras localizadas propriamente na serra e as outras em seus arredores. O desenho da vegetação da região serrana, de acordo com o naturalista cearense, e a investigação dos melhores locais para a plantação foram registrados. Segundo Bezerra:

Dispõe de terrenos apropriados ao plantio da cana, do café, mandioca e cereais. Seu solo, como o de toda a Serra Grande, à parte alguns pontos onde a selvageria continua ainda o seu irresistível fadário de destruição, é coberto de rica floresta, notável em plantas medicinais e madeiras de construção. Abundam por aqui mimosas cesalpíneas, altivas mirtáceas, bombáceas, begoniáceas, urticáceas, **cedrela brasiliensis**, **myracrodruon urundeuva**, e outros colossos do mundo vegetal que lhe dão ares de grandeza e majestade. Dos cimos dourados das árvores gigantes desce a vista sempre afagada pelo encanto de variedades até o chão, onde se distende a cobrir as ondulações do terreno e fragosidades da rocha, esmeraldino tapete de musgo e relva, a que animam as mais lindas e variadas flores de todas as formas e matizes (Idem, 1965 [1889], p.163).

Bezerra esquadrinhou, portanto, a serra da Ibiapaba em seus aspectos geológicos, mineralógicos e botânicos. Para ele, a serra era a região de maior prosperidade da província e com maior potencial de exploração. O alívio causado pela imersão nas localidades serranas contrastava com a sofreguidão de muitas cidades e povoados do sertão, ao qual o naturalista cearense percorreu em seguida.

Além das regiões litorâneas e serranas, Bezerra percorreu algumas localidades aproximadas do sertão cearense como parte das suas pesquisas de campo. As cidades dos sertões cearenses percorridas e analisadas pelo naturalista cearense foram: São João do Príncipe¹²³, Tamboril, Santa Quitéria, Sobral, Vila de São Francisco¹²⁴ e Itapipoca, e outras que não estavam propriamente no roteiro de viagem, geralmente as pequenas

¹²³ À época da viagem, a cidade ainda levava esse nome; posteriormente, passou a se chamar Tauá.

¹²⁴ Chamada atualmente de Itapajé.

localidades ou povoados que estavam na rota de uma grande cidade a outra, analisadas superficialmente. Realizados os trabalhos na serra Grande (Ibiapaba), Bezerra notou no decorrer da viagem que os terrenos iam baixando pouco a pouco, configurando-se diante dele um solo “ondulado, coberto de seixos rolados”, ou seja, “um verdadeiro sertão” (BEZERRA, 1965 [1889], p.249) e a elevação da sensação térmica. Eis que se delineavam aos poucos as características dos sertões cearenses.

A fenômeno climático da seca revelava-se às vezes como pano de fundo, às vezes como objeto central de investigação das comissões, e principalmente a forma com que esse fenômeno climático influenciava a constituição natural do Ceará. Muitas vezes vista como empecilho ao desenvolvimento da província, tentou-se de várias formas dirimir os danos causados por tal fenômeno natural, como a construção de açudes e o melhor aproveitamento da água nos regimes de chuva, com a construção de poços. O olhar do naturalista, acurado para a complexidade do mundo natural, visualizava a natureza em sua totalidade, e, por conta disso, mesmo nos períodos de maior escassez de água, o naturalista percebia uma pluralidade em meio à sequidão.

A narrativa de Bezerra em relação aos sertões constitui-se de forma a ganhar tons mais coloridos. Percebe-se que a imagem de um sertão desolador, pobre, ausente de qualquer tipo de fertilidade - imagem esta ligada sobretudo ao espectro da seca – não se destaca nas apreciações do naturalista cearense. Diferentemente das análises de intelectuais contemporâneos a Bezerra, as suas notas não se prendem ao desenho cruel e pessimista do sertão e do progresso do Ceará; pelo contrário, o destaque é dado para a potencialidade e para a pluralidade e especificidade da natureza dessa região. Nesse sentido, a partir das suas notas, o naturalista cearense buscou construir a imagem de um sertão que, se não naquele momento, posteriormente seria o local privilegiado e de destaque para a riqueza da província. Tendo como suporte conceitual as palavras em um certo tom profético de Saint’Hilaire, o naturalista cearense assevera:

Com o tempo, disse Saint’Hilaire, na sua **Voyage au Brésil**, o sertão cessará de ser deserto, vivendo sob um clima quente e tendo por conseguinte poucas necessidades, seus habitantes não mostrarão, sem dúvida, a atividade dos povos setentrionais da Europa e da América Boreal; mas tornados mais numerosos, não poderão mais ficar na mesma indolência. *O sertão conhecerá recursos novos, e ao mesmo tempo lhe restarão sempre ricas pastagens, terras férteis, e a via-férrea estabelecerá útil comunicação entre o município e o oceano* (grifos meus) (BEZERRA, 1965[1889], p.259).

A produção pastoril nas regiões do sertão no período analisado por Bezerra prevalecia em detrimento dos outros ramos econômicos. Vez ou outra visualizava-se recantos onde vicejavam matas, geralmente em cima de serrotes ou próximos a alguns raros olhos d'água. Mesmo no verão, registrou-se plantações de legumes e mandiocas, exceção que muito surpreendeu o naturalista cearense.

No geral, essa parte da viagem foi a de menos estudos de campo e de coleta de espécies. Bezerra preocupou-se, no entanto, em descrever possíveis locais de exploração e, acima de tudo, chamar a atenção do governo provincial para uma intervenção no sentido de construção de açudes ou de reflorestamento, ações estas nas concepções de Bezerra as que poderiam amenizar os efeitos do clima árido e a diminuição dos efeitos da seca. Apesar de delinear um Ceará fértil, Bezerra não se omite em relação aos problemas enfrentados nos períodos de seca.

A quantidade de naturalistas que identificaram a seca como um fator predominante para a dificuldade da formação e estruturação econômica da província do Ceará é notável. Dentre eles, registra-se as prospecções do chefe da sessão botânica da Comissão Científica de Exploração, Freire Allemão, e o chefe da sessão astronômica e geográfica da mesma Comissão, Raja Gabaglia. O primeiro identificou a seca como um dos principais motivos para o atraso econômico da província do Ceará. No entanto, em contraponto ao período de seca, o inverno era o contraponto que modificaria toda a paisagem e as condições econômicas e sociais do sertão. Para ele, o aproveitamento das águas provenientes das chuvas para o cultivo e para a sobrevivência dos habitantes seria o ponto sobre o qual as ações do governo e dos agricultores deveriam ser direcionadas. Segundo Alemão, naquele período, o solo era bastante fecundo e o seu clima bastante salubre, fatores que sendo bem aproveitados, com a construção de represas para o armazenamento das águas das chuvas, contribuiriam para o progresso da província. Em texto publicado na Tipografia Nacional, datado de 1877, Gabaglia discorreu sobre as suas conclusões acerca das possibilidades de desenvolvimento da província do Ceará. Esse texto configurou-se como uma espécie de relatório pontual dos seus trabalhos juntamente com a Comissão Científica de Exploração, sendo a seca um dos pontos principais, senão o principal, a ser discutido. As opiniões de Gabaglia sobre o fenômeno climático da ausência quase que completa de chuvas foram baseadas totalmente em problemáticas científicas e em alguns estudos de caso. Gabaglia põe em xeque os intelectuais que defendiam que a seca era o entrave maior que barrava o

desenvolvimento da província. Para ele, outros problemas deveriam ser dirimidos e a falta de vontade e de atitude do governo de contribuir com grandes projetos nos interstícios entre uma seca e outra eram mais graves do que um fenômeno climático que ocorria de forma bastante irregular, segundo dados levantados por intelectuais locais. Para Gabaglia, na verdade, as chuvas eram abundantes, desmistificando os que defendiam e construíam uma imagem do Ceará como o que era sempre assolado pela escassez de chuva. No texto, Gabaglia assumiu uma postura tenaz sobre imprimir medidas preventivas para o armazenamento da maior parte das águas nos períodos invernosos. O intelectual da corte foi derrubando algumas teorias que prescreviam a conservação das matas como melhor ou única forma de ter ou de armazenar a água. Para ele, isso não daria nenhum resultado efetivo para a diminuição das causas da seca, servindo apenas como um auxílio a outras medidas mais satisfatórias, que eram, na concepção de Gabaglia, a construção de: “fontes artesanais, poços, açudes e canais”. Para o bem geral, visando atingir todo o povo, de forma a não dispender gastos elevados aos cofres públicos, Gabaglia defendeu a construção de canais como a alternativa mais coerente para o acúmulo e distribuição das águas advindas com os períodos de inverno e sendo “o único proporcional e possível para o fim desejado”.¹²⁵

Os fatos estavam dados, revelando a mortandade e as mazelas decorrentes dessa ação climática na província. Para diminuir os efeitos da seca, Bezerra defendia a preservação das matas e o reflorestamento, a partir dos métodos da arboricultura¹²⁶, e a

¹²⁵Ver: **Trabalhos da Comissão Científica de Exploração**: Introdução. Rio de Janeiro, Typografia Universal de Laemmert, 1862; GABAGLIA, Giacomo Raja. Ensaio sobre alguns melhoramentos tendentes à prosperidade da Província do Ceará. In: CAPANEMA, Guilherme Schurch de. **Estudos Sobre Seca**. Guilherme Schurch de Capanema e Giacomo Raja Gabaglia. Fortaleza: Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, Museu do Ceará, 2006, pp. 59-155.

¹²⁶ A defesa do plantio e conservação das árvores em meados do século XIX não era de toda novidade para os naturalistas, homens de ciência e políticos do período. Segundo o historiador Keith Thomas, com relação à Inglaterra, “não havia nada de novo em plantar” (THOMAS, 1988: 237). Inicialmente, o plantio de árvores foi importante para oferecer melhores condições para os animais de caça, e posteriormente com intenções especificamente utilitárias e econômicas, sendo incentivado o uso da madeira para a construção, uso doméstico e como combustível. Segundo Thomas, já na Idade Média falava-se na conservação e no plantio de árvores. Conforme Thomas: “É verdade que os administradores das florestas reais na Idade Média seguiram uma política meramente conservacionista, ao proibir cortes não autorizados e proteger árvores novas. Somente no século XVI, conforme o governo se tornava mais interessado nas matas como recurso para a construção naval, existe evidência direta de algumas tentativas intermitentes e espasmódicas de plantio; o primeiro exemplo documentado data de 1580; quando Burghley fez semear trinta acres (doze hectares) de carvalho no Parque Windsor [...] Todavia, em propriedades privadas isso ocorria há muito”. THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural**: mudança de atitude em relação às plantas e aos animais, 1500-1800. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, pp. 237-238.

construção de açudes. Essas três ações deveriam estar interligadas, pois somente através delas a província “pode com sua costumada tenacidade tratar de ir reparando esse grande mal” (BEZERRA, 1965 [1889], p.404).

A causa maior para a situação da natureza cearense e a virulência nos períodos de seca é denunciada pelo intelectual cearense, em um tom revoltoso, no qual Bezerra diagnostica a ação detratora do homem no trato da natureza.

Desde que se abateram as árvores pelo brutal sistema de rotação que ainda agora continua, secaram as fontes, o solo tornou-se improdutivo, e em vez daquela natureza em que a graça e a frescura se aliavam à beleza das perspectivas, ao brilho do céu, à grandeza dos horizontes, não resta senão serras sem águas e sem verduras, campos áridos e requeimados pelos raios do sol, vales tristes e desolados. Na pernicioso mania de destruição das matas que prossegue por toda parte sem estorvo, ninguém refletiu sequer ligeiramente que os vegetais trabalham para a composição do ar que respiramos, que a nossa existência está indissolúvelmente ligada à sua, que nós lhe devemos a vida (BEZERRA, 1965 [1889], p.398).

E continua:

Ao passo que os governos da Europa e dos Estados Unidos se esforçam em repovoar as matas e conservá-las, entre nós tudo o que se há feito é para destruí-las [...] Nesta voragem têm já desaparecido muitos exemplares de plantas da flora primitiva [...] Os plantadores rotineiros derrubam a mata e queimam-na, acreditando que desta maneira fertilizam suas terras, quando, no entanto, se tornam mais pobres, visto como lhes devorando o fogo o húmus, fica este reduzido a cinzas, que são desprezadas uma parte pelo vento e o resto conservado exteriormente que pouca influência tem como adubo (Idem, 1965 [1889], pp.402-403).

As descrições das atividades detradoras da natureza, como as queimadas e o mau cultivo, são as ações identificadas pelo intelectual cearense. Ele não se restringe a enumerar os problemas ocasionados por isso, mais do que isto, ele passa a justificar o porquê da conservação das matas, discorrendo sobre a importância delas para a prosperidade e sobrevivência dos cearenses, principalmente para aqueles que necessitam diretamente da natureza como fonte de subsistência, pois a presença de vegetação “absorve os miasmas que andam na atmosfera, exerce certa influência sobre o clima, sobre as estações e particularmente sobre a fertilidade das terras”, sendo ela “fonte de umidade”, pois “as chuvas são mais frequentes” nessas regiões (BEZERRA, 1965 [1889], p.398).

Na vila da Palma¹²⁷, Bezerra constatou a extrema pobreza do lugar. A inexistência de agricultura e indústria, com poucos estabelecimentos comerciais, sendo

¹²⁷ Atualmente cidade de Coreaú.

a economia resumida à criação de gados, além do solo bastante improdutivo, devido ao mal planejamento em relação ao aproveitamento de recursos hídricos foram os pontos ressaltados por Bezerra para a miséria do local. Como uma das formas de melhoramento da vila, bem como do aproveitamento da fertilidade do solo da província, Bezerra adverte sobre a construção de açudes.

Apologista como sou hoje da ideia dos grandes açudes, depois da leitura que fiz sobre idênticas construções na Lombardia e nas Índias Orientais, único meio capaz de levantar essa província, a ponto de torna-la rica e poderosa, como o Milanez, que pela execução delas tornou-se o centro comercial da Itália e salvou essa nação da sua profunda desorganização financeira, eu deixaria de pedir para a Palma este melhoramento, se acreditasse possível ser-nos concedido tão grande favor [...] Seus terrenos adquiririam subido valor, porque como acontece na Itália, o serviço de irrigação é perfeito, as terras produzem dez vezes mais que as não irrigáveis; renasceria pujante a agricultura, a nossa riqueza e a fertilidade de nossos campos atrairiam aos milhares cultivadores europeus, e o governo auferiria rendas incalculáveis, como pelo arrendamento das terras adjacentes ao grande canal do Ganges e no departamento irrigado de Madras, recolhe fabulosos capitais o governo da Inglaterra (BEZERRA, 1965 [1889], p.92).

Bezerra acreditava, portanto, no potencial da ciência e da técnica para o melhoramento da agricultura, sendo chaves importantes para o desenvolvimento econômico da província. A água e um projeto elaborado para a irrigação dos solos menos favorecidos seriam, aos olhos de Bezerra, componentes fundamentais para o progresso e para a entrada do Ceará como uma das províncias que poderia dar maiores fontes de riqueza para o Império. Uma consideração importante a partir dessa passagem diz respeito ao modelo de civilização e de ciência de Bezerra. Era um modelo das grandes nações europeias - principalmente a Itália, França e Inglaterra - por meio do qual Bezerra recorreu constantemente quando descrevia alguma situação de atraso da província. Esse repertório de leitura se deu a partir, propriamente, do contato que ele teve com as leituras de viajantes e naturalistas que percorreram variadas regiões do mundo. Ao que se sabe, Bezerra nunca viajou para fora do país, mas as suas leituras o levaram para além das fronteiras nacionais.

Como defensor dos métodos da arboricultura¹²⁸, Bezerra indica as ações que os governantes, em conjunto com os moradores de cada localidade, deveriam realizar para repovoar a flora dos locais mais degradados. Para ele:

Em primeiro lugar convirá que se reprima o hábito selvagem de deitar fogo aos campos, em que não raras vezes se estraga a mata, e depois cada um tome

¹²⁸ Tem-se registro de que Bezerra fez parte de uma associação de arboricultores de Fortaleza. Vide: capítulo 1 desta dissertação.

a si o encargo de fazer plantações de árvores úteis que em breve melhorarão as condições climáticas, desaparecerão as epidemias, devidas às emanações paludosas produzidas pelos charcos descobertos e sem vegetações, cairão abundantes chuvas, visto como está reconhecido que as árvores derramam mais umidade no ar que o próprio oceano, e então teremos a Província florescente em todos os ramos do trabalho, e mais próspera e mais feliz (BEZERRA, 1965 [1889], p.405).

Portanto, a arboricultura, juntamente com o esforço para a construção de açudes, eram as medidas que deveriam ser tomadas como “antídoto à devastação das secas tão fatais à Província” (BEZERRA, 1965 [1889]: 405). Vê-se, aqui, Bezerra engajado à causa da seca, bem como a qualquer outra grande questão social com vistas ao desenvolvimento da província, conclamando os cearenses, pois, segundo ele, “nunca é tarde para reparar um mal; por isso ousou apelar para os que amam sinceramente esta terra querida, que deem começo a este melhoramento, a fim de que não sejamos de hora em diante tão duramente perseguidos pela natureza e pela inclemência dos que nos governam (idem, 1965 [1889]: 408-409). Ele faz um ataque direto à forma de administração governamental da então província do Ceará, e se vale de um referencial científico de “homens práticos” e dos métodos da arboricultura:

A maior dificuldade será sem dúvida o dispêndio de algum dinheiro na aquisição de árvores para a formação das florestas, mas desde que a iniciativa parte dos habitantes e haja boa direção, temos fé que a Assembleia provincial e as Câmaras respectivas votarão a verba necessária; porque nem sempre teremos assembleias tão sem patriotismo como a do penúltimo biênio, que consumiu cerca de 40 contos em verdadeira pandega, se dar à Província uma lei sequer [...] Está pois provado, por todos os sábios e homens práticos, que a arboricultura altera o clima, e entretanto passamos descuidosos sem nos recordar que, daqui a quatro ou cinco anos, teremos de assistir às lutuosas cenas de 1877, visto como nada se fez para debelar o mal das secas (BEZERRA, 1965 [1889], pp.406-408).

O registro de argumentos bastante semelhantes ao de Antônio Bezerra é interessante pela proximidade de ideias. Essas temáticas foram delineadas por outro intelectual cearense bastante respeitado nos círculos letrados de Fortaleza e na política da corte, quase quarenta anos antes dos trabalhos de Antônio Bezerra. Em dezembro de 1859, o cearense Thomaz Pompeu de Sousa Brazil (1818-1877) publicou o livro *Memória sobre a conservação das matas e arboricultura como meio de melhorar o clima da Província do Ceara*.¹²⁹ A publicação desse trabalho de Pompeu se deu no mesmo ano da vinda da Comissão Científica do Império à província do Ceará; porém,

¹²⁹ BRASIL, Thomaz Pompeu de Sousa. **Memória sobre a conservação das matas, e arboricultura como meio de melhorar o clima da Província do Ceará**. Ed. Fac-sim. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997.

os vários textos desse livro foram escritos no jornal *Cearense*, durante o final da década de 1840 (BASTOS, 2013).

Como um intelectual pertencente aos círculos letrados e políticos da província do Ceará e da Corte, Pompeu arrogava-se de certo prestígio – ou credibilidade – para tratar de temas relacionados às ciências e, principalmente, ligando-as ao progresso, tão apregoado pelos intelectuais do período. Bacharel em Direito em Pernambuco, onde também frequentou o Seminário de Olinda, ocupou-se como político – como senador do Império –, como educador – sendo um dos fundadores e primeiro diretor do Liceu do Ceará, em 1845, pertencente também ao corpo docente deste estabelecimento de ensino, como professor de História e Geografia, e Inspetor da Instrução Pública da província do Ceará – e como geógrafo estatístico contratado pelo governo provincial por um período de dois anos, sendo responsável pela apresentação de um trabalho estatístico sobre toda a província (BASTOS, 2013; PAIVA, 2002). Em termos gerais, a obra de Pompeu girou em torno da Geografia, Meteorologia, História Natural, Geologia e Estatística.

Sabe-se que Antônio Bezerra, bem como diversos intelectuais de sua geração admiravam as ideias e a postura intelectual e política de Thomaz Pompeu. Nas suas próprias notas de viagem, Bezerra registra:

“Logo na face setentrional da praça, lado do nascente, foi-me indicada uma casa velha, baixa, de pobre aparência, na qual havia nascido o Senador Tomás Pompeu. Eu não cansava de admirar aquele casebre, que abrigara na primeira idade senão o maior gênio da Província, ao menos o seu melhor amigo. Media-lhe a altura, tocava as paredes, reparava a respeitável vetusta de com a veneração de quem tem presente um objeto sagrado [...] Do quieto remanso deste retiro, abrigado a um canto da aldeia, ergueu-se o moço sertanejo à sumidade das posições sociais e da imortalidade. Todos lhe devemos reconhecimento, pois que enquanto o animou o sopro da vida, foi sua incessante aspiração pugnar pelos interesses e prosperidade da terra natal” (BEZERRA, 1965 [1889], pp.285-286).

Em *Memórias*, a natureza da província foi objeto de estudo de Pompeu, destacando-se os problemas referentes aos manejos dos recursos naturais por parte dos habitantes locais, que contribuía para o agravamento das condições de subsistência nos períodos de seca. Na concepção de Pompeu, bem como de tantos outros que estudaram a natureza cearense a priori ou a posteriori, a má utilização das fontes de riquezas naturais, como o tratamento ainda primitivo e degradante do solo seriam os entraves para o desenvolvimento econômico da província. As diversas queimadas realizadas propositalmente pelos agricultores locais, como uma das atividades para o tratamento do solo a ser cultivado, bem como a prática da derrubada de árvores foram

diagnosticados como exemplos de como não proceder, pois, como isso, “inutilizamos a terra” e “esterelizamos suas fontes de produção” (BRASIL, 1997, p.5).

A principal denúncia de Pompeu estava na derrubada indiscriminada das árvores. Para ele, com base em escritos de Humboldt, a consequência de tal ato contribuía para o aparecimento ou agravamento de três grandes problemas: a seca, a falta de combustível e a impureza da atmosfera. Com base em “fatos históricos” e “eventos naturais”, e também a partir da leitura de cientistas de renome no cenário científico nacional e internacional – o que fica evidente pelo rigor científico adotado-, Pompeu registrou os seus desconfortos diante do tratamento dado à natureza cearense por parte de seus próprios habitantes.

A destruição das matas entre nós nas serras, e nas praias, os incêndios dos campos todos os anos no sertão tem concorrido visivelmente a nossos olhos para a diminuição das águas, e desaparecimento de muitas fontes; não terá igualmente concorrido para as secas que tem assolado esta província do Ceará, e suas vizinhas? (POMPEU, 1997 [1859], p.21).

O fenômeno climático da seca, condição periódica da natureza cearense, seria agravado por conta da derrubada da plantação, o que levaria, também, à diminuição do volume das águas nos maiores reservatórios da província, em decorrência de dificuldades no processo de condensação e evaporação. Nesse sentido, Pompeu estabeleceu as seguintes ações para o melhoramento referente a essas questões: primeiramente, a construção de açudes. Para Pompeu, várias são as vantagens de se promover o armazenamento de água dos períodos de melhor inverno na província, com destaque para a arborização da terra; reservatório para os animais; criar e conservar as plantações; e, acima de tudo, para a manutenção básica de subsistência para as famílias nos períodos de seca; portanto, “os açudes, repetimos, devem ser multiplicados em toda província”. Como segunda ação para a cessação das mazelas nos períodos de seca, o método da arborização foi defendido por Pompeu Brasil:

Porém, por mais difícil que nos pareça a arboricultura em nossa província ela deve ser tentada, e mui seriamente, se quisermos segurar o presente para nós, e o futuro para os nossos pósteros [...] ensaiemos a arboricultura no sertão, nas serras, por toda parte (BRASIL, 1997 [1859], p.23).

A proximidade das ideias de Pompeu e de Bezerra é bastante clara. Ambos denunciaram as queimadas e o mau uso do terreno para as plantações, defenderam o reflorestamento e a construção de açudes, todas essas ações para dirimir os problemas nos regimes de secas. Essa aproximação de ideias demonstra a preocupação com a

temática da seca e as soluções através da ciência e da técnica que eram difundidas nos círculos letrados da capital cearense, não apenas através da divulgação em livros, mas também em jornais de Fortaleza.

A ausência de uma vegetação e de uma fauna luxuriantes não seria o motivo para afirmar que o sertão não teria as suas fontes naturais. Sobrepunha-se a essa falta a identificação de minas, a produção de mel, a ocorrência de uma especificidade da ornitologia cearense, as “pombas de bando”, e algumas exceções não devidamente aproveitadas de terrenos férteis mesmo rodeado de uma natureza agreste. A estas localidades com potencial produtivo, Bezerra indignou-se puramente da falta de conhecimento do trato com a terra pelos habitantes locais, afirmando que “nos lugares habitados verdadeiro desleixo, ignorância completa dos processos modernos de tirar do solo o maior proveito possível” (BEZERRA, 1965 [1889], p.341). Mais uma vez, a reclamação do naturalista cearense se deu à ausência completa ou parcial dos métodos da agricultura moderna, fator este fundamental para o desenvolvimento de qualquer país.

O litoral, a serra e o sertão, desta forma, foram as regiões da província do Ceará presentes na agenda de viagem e de prospecções de Antônio Bezerra. A viagem em si e, principalmente, a suas notas procuravam delinear uma província com um potencial enorme de desenvolvimento a partir da exploração de fontes naturais as mais diversas. Mesmo no sertão, onde geralmente as possibilidades de produção e de cultura enfrentam dificuldades naturais para se desenvolver, vê-se, conforme Bezerra, que existia alguma riqueza, senão da natureza, ao menos da luta do homem pelo domínio do meio que o cerca. Nota-se uma concepção extremamente otimista, apresentando um quadro da natureza cearense e a sua biodiversidade.

Não apenas no que tange aos recursos naturais, mas conhecer a natureza do Ceará foi importante para a construção de seu espaço geográfico, pela descrição dos limites dos municípios, da vegetação, da fauna, do curso dos rios, dentre outros aspectos. Desta forma, o desenho geográfico do Ceará foi sendo formado com maior riqueza e precisão de detalhes. Nesse sentido, percebe-se que Antônio Bezerra foi importante para a formação de uma carta geográfica mais detalhada do Ceará (Ver imagem 3). Este mapa foi produzido no ano de 1910, no âmbito da Inspeção de Obras Contra as Secas, em decorrência das ações do poder público no combate contra as secas

da região nordeste.¹³⁰ A construção de um mapa não apenas do Ceará, mas também dos outros estados afligidos pela seca, mais precisamente o Rio Grande do Norte e a Paraíba, era importante para realizar de forma mais eficiente ações do poder público no sentido de amenizar os problemas decorrentes daquele efeito climático. No relatório da Inspeção, em 1909, publicado no ano seguinte, tem-se a noção da importância da feitura do mapa das regiões afetadas.

Esse trabalho, que representa uma primeira contribuição à discriminação geral das principais séries geológicas, permitiu que fossem esboçadas, em um mapa, as áreas de rochas cretáceas oferecendo condições hidrológicas favoráveis à abertura de poços, e as grandes áreas das rochas metamórficas, cristalinas e propriamente graníticas, de condições hidrológicas menos favoráveis.¹³¹

E continua, com referência ao mapa do Ceará em específico:

Os trabalhos executados para a confecção do mapa na escala de 1 para 1.000.000 e o aproveitamento de um grande número de detalhes, ainda não utilizados, e de outros obtidos pela colaboração do Sr. Antonio Bezerra de Menezes, permitirão a ampliação da parte relativa ao Estado do Ceará, confeccionando-se, então, um mapa que foi desenhado na escala de 1 para 650.000.¹³²

¹³⁰ A Inspeção de Obras Contra as Secas tinha a finalidade de “[...] estabelecer, nessa região [Nordeste], os serviços preparatórios e indispensáveis, tanto de ordem científica quanto técnica, para a solução racional, rápida e econômica do problema das secas; estabelecê-los de um modo sistemático, tendo em vista a obtenção dos dados de observação necessários à confecção dos projetos das obras de engenharia destinados a corrigir as falhas do clima e, ao mesmo tempo, executá-las por um trabalho regular”. **Brasil. Ministério de Viação e Obras Públicas.** Relatório apresentado ao presidente dos Estados Unidos do Brasil pelo Ministro de Estado da Viação e Obras Públicas Dr. Francisco Sá. Inspeção de Obras contra as Secas. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1910, p. 505.

¹³¹ Idem, 1911, p. 458.

¹³² Idem, 1911, p. 457.

IMAGEM 3: MAPA DO ESTADO DO CEARÁ DE 1910



Source gallica.bnf.fr / Bibliothèque nationale de France

FONTE: Bibliothèque nationale de France - Gallica.

Portanto, conhecer a natureza, a geografia, a história e a partir desses três âmbitos, a identidade do que Bezerra chamará adiante de “pátria cearense” estaria no projeto de formação da província e, porque não, do estado do Ceará alguns anos mais à frente. Como um membro-fundador do Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará, fundado dois anos após as suas notas de viagem, Bezerra certamente estava

atento aos acontecimentos históricos que vinham se formando no país. A perspectiva de analisar a natureza do Ceará e, portanto, decodificá-la e identificá-la também é um indício do processo de construção da identidade cearense, agora a partir de uma natureza própria do Ceará.

2.4. Antônio Bezerra: inventariar a natureza da província do Ceará

O pequeno intervalo de quase seis meses entre os anos 1884 e 1885 foram o suficiente para a documentação de uma vasta área da natureza cearense durante a expedição do governo em direção às localidades que se estabeleciam além das fronteiras de Fortaleza, chefiada por Antônio Bezerra. Os registros da fauna e da flora, bem como de utensílios indígenas e material paleontológico foram realizados com o evidente intuito de inventariar o máximo possível o mundo natural da então província do Ceará. Sem dúvida, essa foi a maior contribuição das notas de viagem de Antônio Bezerra para os estudos futuros sobre a sua terra natal. A partir das investigações de Bezerra, percebeu-se a grande diversidade da natureza, dos costumes locais e também o entendimento da formação histórica, geográfica e, inclusive, arquitetônica das cidades do interior cearense.

Apesar de ter sido um período relativamente curto para o intelectual cearense se debruçar inteiramente em suas investigações, inclusive chagando ao ponto de verbalizar o desejo de ter tido mais tempo para se dedicar como ele queria, em seu cômputo geral, pode-se afirmar que a expedição chefiada por Bezerra foi bem sucedida em muitos pontos. Como dito no capítulo 2 desta dissertação, não ficou clara a intenção do governo provincial de formar e custear uma viagem de exploração estritamente científica; aos olhos dos governantes, seria mais uma corriqueira viagem de inspeção das contas públicas no interior cearense. Porém, o fato é que essa viagem foi uma das poucas oportunidades de Bezerra para documentar a natureza cearense; e foi o que ele fez.

As contribuições do inventário de Bezerra giram em torno das plantas de mercearia, construção, tinturaria etc., e a indicação das localidades onde esses vegetais ocorrem com maior frequência. Um dos objetivos claramente expostos é a indicação da riqueza da natureza cearense. Não apenas a sequidão e a escassez de recursos, mas sim a grande quantidade de espécies passíveis de exploração.

A respeito da flora cearense, Bezerra lista as espécies que ele descreveu durante as suas investigações, inventariando a pluralidade da vegetação da província em cada localidade percorrida:

A família das leguminosas cobre grande parte do seu solo, e se falta, por exemplo, a impotente sapucaia (*Lecythis sapocaia*), possui diversos tipos da mesma família das mirtáceas. Nas palmáceas é bem representada a flora por sete gêneros: abacaba (*Aenocarpus*), o buriti (*Mauritia*), a carnauba (*Copernicia*), o catolé (*Rhapis*), a macaúba (*Acrocomia*), o tucum (*Astrocaryum*), a palmeira-da-serra (*Attalea*), no que só é excedida pela as Províncias do Pará e Amazonas que, possuindo clima quente e úmido, oferecem a região de sua preferência. Em alguns pontos dominam com superioridade certas espécies vegetais, como bem em Sobral e Santa Quitéria as cordiáceas (paus-brancos), em Independência a eufórbea (favela), em Tamboril para o lado ocidental as cactáceas e euforbiáceas (marmeleiros), e para o oriental as acácias (angicos); nas planícies de Príncipe Imperial, a leguminosa (jurema-preta); pelas margens dos rios e lagoas diferentes variedades de combretáceas; em parte do Trairi a linda verbenácea (manacá); nos tabuleiros próximos da costa promiscuamente a melastomácea (carrasco), a rosácea (guajeru), a malpíghia (murici) e a quenopedácea (cauaçu); pelos campos do interior, que ocupam cerca de 4/5 da Província várias gramíneas, base da alimentação dos gados, e por quase toda parte as leguminosas e palmáceas (paus-ferros, sabiás e carnaubas). Ao sopé das serras frescas, pelas faldas e cimos, a mata é mais viçosa e representada por espécies e gêneros próprios da zona tropical. Por aí vicejam robustas laurineas, leguminosas, begonicáceas, sapotáceas, etc., como louros, amarelos, jataís, copaíbas, paus-d'-arco, jacarandas, maçarandubas, e outras árvores não menos preciosas, que simbolizam a riqueza da flora cearense (BEZERRA, 1965 [1889], pp.396-397).

Não menos importante é a fauna do Ceará, indicada pelo naturalista cearense. Neste ponto, as coleções entomológicas, conquiliológicas e ornitológicas ganham destaque. Dentre as variadas espécies que chamaram a atenção de Bezerra, sobressalta-se uma, que, Segundo o naturalista cearense, é tipicamente cearense: chama-se avoante. Conforme Bezerra:

O que mais me impressionou e impressionará a qualquer viajante que chegar a estas paragens, foi a excessiva, a fabulosa, a incrível quantidade de pombas, conhecidas do vulgo pelo nome de **avoantes**, que em bandos de milhares cobrem a região por onde passam [...] Delas não consta que os filhos nasçam por incubação do sol, como acontece às do Ceará. Digo do Ceará, porque são pouco conhecidas das outras Províncias à exceção da zona circunvizinha ao vale que Neweíd chamou Araxá, se é que seguem essa trilha, o que não está provado; pois que em todo o ano são vistas ora em um, ora em outro município, estendendo sua migração para este somente até a parte oriental da Província do Piauí. Insisto em supô-las originárias do Ceará, porque, sendo esta Província uma das mais habitadas, quase sem matas pelo estragão dos roçados, onde as águas desaparecem findo o inverno em consequência da grande inclinação do solo para o lado do oceano, e sofrendo elas a mais cruel perseguição dos habitantes em grande parte miseráveis, é aqui que formam os pombais e se demoram no tempo mais seco [...] Não pude, como desejava, fazer um estudo detido sobre a origem e hábitos destas aves columbae; no entanto é convicção minha que são originárias desta Província, que pelo menos é nela que se reproduzem, e se daqui se ausentam, por breve tempo,

seu caminho deve ser pelo vale que se estende para oeste até Minas e Goiás (BEZERRA, 1965 [1889], pp.287-289).

Esta passagem denota a busca pelos espécimes típicos do Ceará. A diferenciação da província em relação às outras se fazia necessária nesse momento principalmente pela questão do processo de modificação do regime monárquico para o republicano, levando-se em consideração também o fato de desenhar em minúcias a geografia e a natureza do Ceará.

Precisamente, não se pode delimitar exatamente quantos espécimes foram citados e coletados. Porém, pode-se fazer uma estimativa. No geral, são mais de duzentas citações que incluem espécimes de flores e plantas; foi feito também um levantamento ictiológico tanto na área do litoral, como nos açudes dos sertões cearenses; diversos espécimes do campo zoológico, subdividido em entomologia, malacologia, ornitologia etc. Destas citações e descrições, o que ficou registrado nas notas de viagem foi um reduzido número de material coletado. Da mesma forma, há a impossibilidade de descrever precisamente a quantidade da coleção que Bezerra realizou em suas notas de viagem. Sabe-se, a partir de uma análise minuciosa e quantitativa, que foram coletados mais de cinquenta espécies e objetos. Seguem-se os anexos das listagens realizadas nesta pesquisa sobre o material descrito e coletado, e a referente paginação a qual se encontra cada espécime trabalhado por Antônio Bezerra.

CAPÍTULO 3

Os trabalhos de ciências naturais de Antônio Bezerra de Menezes

Como dito no capítulo primeiro, a década de 1880 foi o período no qual Antônio Bezerra passou a publicar amplamente os seus escritos, engajando-se também nos movimentos da abolição da escravidão no Ceará e das letras cearenses. Esse período marcou também uma reviravolta nas concepções e, sobretudo, no direcionamento das questões que instigavam Bezerra. Agora, os escritos literários em formato de poesias – que foram marcas de seu cotidiano solitário no período do bacharelado em São Paulo – não mais estariam nas preocupações primeiras de Bezerra. Nesse período, os seus escritos voltaram-se para a sua atividade como um intelectual engajado nos movimentos cívicos e para as investigações em torno da história e da geografia cearenses, na participação como fundador de várias agremiações literárias e culturais de Fortaleza, e

sobremaneira na prática das ciências naturais através da viagem naturalista. Para este capítulo, será feita uma análise especificamente no que se refere aos trabalhos de Antônio Bezerra voltados para as ciências naturais.

Os trabalhos de ciências naturais de Antônio Bezerra a partir da década de 1880 podem ser recortados em dois momentos: o primeiro, datado de 1884 a 1889, foi o período no qual o intelectual/historiador/naturalista cearense se envolveu na realização de duas viagens para as localidades do sertão cearense, analisadas no capítulo anterior. O segundo momento, datado de 1889 a 1901, foi o período no qual os trabalhos de ciência natural de Bezerra passaram a ter reconhecimento de alguns naturalistas importantes no cenário científico nacional daquele momento. As suas viagens de investigação da natureza do Ceará foram importantes para esse movimento. Na década de 1890, Bezerra ganhou destaque nacional ao participar da organização dos produtos do Ceará na Exposição Nacional do Rio de Janeiro (1892), preparatória para a exposição de Chicago (1893); foi nomeado correspondente do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, em 1892, à época dirigido pelo botânico João Barbosa Rodrigues; e foi escalado para a direção do Museu Botânico do Amazonas, em 1898.

A divisão das atividades científicas em dois momentos se constitui como dois vetores para o entendimento do processo de modificação das concepções sobre as ciências naturais na trajetória científica de Antônio Bezerra. No primeiro ponto, analisa-se a nomeação de Antônio Bezerra para a comissão encarregada de organizar os produtos a serem disponibilizados para a sessão do Ceará nas exposições científicas do império naquele período. Antônio Bezerra ficou responsável, juntamente com Francisco Freire Napoleão, João Evangelista Rebouças, Pedro Theberge, José de Moura dentre outros, pela organização e construção do catálogo dos produtos e para representar o Ceará no Rio de Janeiro. Segundo o próprio Bezerra, foi a partir desse trabalho que ele ganhou propriamente maior visualização a nível nacional, estabelecendo contatos e trocas de correspondências com naturalistas de renome no cenário científico nacional e internacional, como Herman Von Ilhering, Emílio Goeldi e João Barbosa Rodrigues. As experiências na chefia de comissões para a observação da natureza do Ceará, dentre outros objetivos, e a publicação das notas dessas viagens, no início em folhetins para um jornal da capital cearense e depois em formato de livro foram fundamentais no que se refere ao reconhecimento de Bezerra como estudioso das ciências naturais e, portanto, capaz de manejar e organizar coleções de objetos naturais. No segundo

momento, analisam-se as atividades de Bezerra como diretor do Museu Botânico do Amazonas. Nessa parte, almeja-se preencher uma lacuna em relação à trajetória de Antônio Bezerra e sobretudo no que se refere ao funcionamento do Museu Botânico do Amazonas, o qual foi creditada a extinção em 1891. Nota-se ademais que este capítulo foca-se nos resultados das primeiras incursões de Bezerra no campo das ciências naturais, que foram as viagens naturalistas relatadas no capítulo anterior, sendo a publicação de suas notas de viagem um marco na sua trajetória científica, recebendo reconhecimento de outros naturalistas, e o próprio direcionamento de sua prática científica de ciências naturais para a botânica, a zoologia e a geologia.

3.1. Divulgação científica em Antônio Bezerra: escritos sobre as ciências naturais e a Exposição Nacional do Rio de Janeiro (1892)¹³³

Após a viagem de prospecção naturalista, como complemento às práticas naturalistas, Bezerra escreveu um artigo para a revista *A Quinzena* tratando de questões relacionadas às ciências naturais. Antônio Bezerra era um dos redatores da revista *A Quinzena*.¹³⁴ Ele publicou uma pequena coluna, intitulada “Os insectos na fecundação dos vegetais”.¹³⁵ Exercitando os seus conhecimentos de ciências naturais, Bezerra inicia o texto afirmando que irá “dar ligeiras noções” desse assunto:

Muito se tem escrito acerca da respiração, transpiração, sono, sensibilidade, movimentos, voracidade, núpcias e migração dos vegetais; e como preocupa atualmente a atenção dos sábios mais ilustres um facto não menos notável nesta parte das ciências naturais, qual é o de demonstrar-se a influencia dos insectos na fecundação dos mesmos vegetais, esforçar-me-ei por dar ligeira noticia sobre o assunto, que julgo não tanto atraente quanto maravilhoso.¹³⁶

Logo no início do texto, Bezerra demonstra o domínio do assunto, realizando um breve relato histórico dos primeiros naturalistas que se dedicaram a estudar esse ramo das ciências naturais. Bezerra cita naturalistas que trabalharam sobre a importância dos insetos na fecundação das plantas, dentre eles o expoente do evolucionismo, Charles Darwin, no seu livro *Fertilization of Orchidea*. Segundo Bezerra, foi a partir das

¹³³ Uma versão bastante resumida desse subtópico foi publicada no boletim da Sociedade Brasileira de História das Ciências, principalmente no que tange aos aspectos da popularização das ciências naturais no Ceará. Ver: MOREIRA, Paulo Italo. **Popularização das Ciências Naturais no Ceará no final do século XIX**. Boletim eletrônico da Sociedade Brasileira de História das Ciências. N. 5, Junho/2015.

¹³⁴ Eram redatores, além de Bezerra: João Lopes, José Carlos Junior, Oliveira Paiva, Justiniano de Serpa, Paulino Nogueira e Martinho Rodrigues e, num primeiro momento, Antônio Martins, Abel Garcia, J.de Barcellos e J. Olympio.

¹³⁵ *A Quinzena*, Fortaleza, Ano. II, N. 3, 23 de fevereiro de 1888, p.20-21.

¹³⁶ *Idem*, *ibidem*: 20.

considerações de Darwin, embasadas na metodologia científica de observação e experimentos, e também na esteira da teoria da adaptação das espécies, que ficou firmado a atuação dos insetos como agente exterior responsável pela fecundação de algumas plantas. Conforme Bezerra:

Foi somente quando apareceu o curioso livro de Darwin, *Fertilization of Orchidea*, há cerca de vinte anos, que ficou conhecida a teoria de que o cruzamento em algumas plantas se realiza necessariamente, e é operado em geral pelos insetos em consequência da adaptação entre estes e aquelas; por exemplo, nas Orchideas, quase todas as flores são admiravelmente predispostas até nos mais insignificantes detalhes de estrutura a visita dos insetos, de tal modo que não podem operar a fecundação.¹³⁷

Em seguida, Bezerra passa a discorrer sobre os agentes que influenciam a fecundação das plantas, como a água, o vento e os insetos. Observa que os insetos mais notáveis para tal intento são as abelhas, os hymenopteros, “os que fornecem maior número de promotores de fecundação” e as plantas preferidas dos insetos são as diclinas e dioicas.¹³⁸ Embasando-se em uma bibliografia especializada sobre o assunto, Bezerra descreve como acontece o ato que dá o pontapé para a fecundação:

Dotados de aparelhos apropriados ao fim a que se destinam, isto é, armados de escovas no ventre e nas patas para colherem os grânulos polínicos, os insetos nas visitas as suas favoritas esfregam o abdômen e deixam cair no leito nupcial o pó benéfico, que as torna fecundas.¹³⁹

Tal assunto para Bezerra tem uma importância significativa, pois trata de como os vegetais se reproduzem e o mecanismo dessa reprodução, uma das temáticas da botânica no período. Antônio Bezerra cita algumas referências para sustentar a sua argumentação, como o naturalista Conrad Sprengel, Andrew Knight, Herman Muller, Delpino, Gleditsh, Burdach, Negoeli e Dodel-Port. Durante o texto, percebe-se a utilização de termos provenientes da proposta darwinista, como adaptação e a ação de agentes externos modificando a relação entre os seres vivos. Desta forma, nota-se que Bezerra estava atento às discussões científicas da época.¹⁴⁰

¹³⁷ Op.Cit, p.20

¹³⁸ Idem, Ibidem, p.21

¹³⁹ Idem, Ibidem, p.21

¹⁴⁰ Para o aprofundamento de questões relacionadas à teoria da evolução das espécies proposta por Charles Darwin e a recepção dessa teoria no Brasil, ver, dentre outros: DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol et al. **A Recepção do Darwinismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003 e DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol et al. **Darwinismo, meio ambiente e sociedade**. São Paulo: Via Lettera; Rio de Janeiro: MAST, 2009.

O discurso científico da revista *A Quinzena* não ficou somente no texto de Antônio Bezerra. Outro intelectual bastante atuante publicou vários textos sobre a ciência e sobre a história natural. Foi o farmacêutico de formação, Rodolpho Theóphilo.¹⁴¹ No número 12 da revista, Teófilo começou a publicar as suas considerações sobre o mundo natural. De um modo geral, Theóphilo analisava a natureza sob o ponto de vista didático, contemplativo e reflexivo. Na maioria das vezes, ele registrava as suas considerações em forma de diálogo com a sua esposa, em passeios e/ou viagens a campo. Em meio aos intervalos de contemplação, seguiam-se linhas de análise propriamente científicas, inclusive indicando citações de nomes científicos e de referências de obras de naturalistas. Veja-se aqui um recorte da operação metodológica que Teófilo lança mão:

Voltamos ao lago, ao caminho a minha companheira disse-me: - Já a sensitiva recolhe-se, fecha as folhas e vai dormir, e as donzelinhas ainda voltejam sobre as águas! Aproveitam até o último raio da luz crepuscular! No voo rápido fendem com a ponta da asa a água como as andorinhas. Divertem-se muito, não é assim? – Não, fazem pela vida. Caçam e entregam às águas o fruto de seus amores. – Caçam! E elas não vivem como as borboletas do mel das flores? – Não sabes a história destes insetos. Se conhecesse melhor a *Entomologia*, parte da História Natural que os estuda, saberias que as donzelinhas ou libelinhas são insetos *neuropteros* carnívoros.¹⁴²

Dessa forma, Theóphilo constrói a sua narrativa explicativa dos fenômenos naturais e da vida das espécies, sejam elas animais ou vegetais. A sua concepção gravita em torno do entendimento de que a natureza é obra de Deus, e sua organização é regida por leis naturais. Foram escritos os seguintes textos de ciências naturais e de história

¹⁴¹ “Rodolfo Marcos Teófilo nasceu em 6 de maio de 1853, na cidade de Salvador, Bahia, e faleceu em Fortaleza no dia 2 de julho de 1932, aos 79 anos de idade. Farmacêutico, graduado pela Faculdade de Medicina da Bahia, tornou-se um sanitarista de renome graças à luta que, de maneira filantrópica, enfrentou no combate às doenças. Particularmente a varíola. Pelo seu desempenho nessa área da saúde, recebeu do Congresso Nacional o título de Varão Benemérito da Pátria. Foi romancista, contista, cronista, naturalista, historiador e poeta. Sua obra é extensa, com temas variados. Embora tenha sido alvo de censura de críticos, segundo Antonio Sales, apud Joaryvar Macedo, é considerado um dos nossos maiores escritores, o ‘fiel e poderoso intérprete da alma cearense’. Publicou: História da seca no Ceará (1887-1880), 2. ed.1922; A fome, 1890; Os brilhantes, 1895; Maria Rita, 1897; Paroara, 1899; Violação, 1899; Secas no Ceará – segunda metade do século XIX, 1901, 2. Ed. 1922; O Conduru, 1910, Memórias de um engrossador, 1912; Lira rústica, 1913; Telesias, 1913; A seca de 1915, 1922; reino de Kiato, 1922; Sedição de Juazeiro, 1922; O caixeiro, 1927; Cobertura de Tacos, 1931; e vários livros de caráter científico como: Botânica Elementar e Ciências Naturais em contos. Muitas de suas poesias foram publicadas na revista *A Quinzena*, do Club Literário e em *O pão da padaria espiritual*. Ingressou na Academia Cearense de Letras no dia 8 de setembro de 1922 no período da primeira reorganização do sodalício, ocupando a cadeira número 36. Na segunda reorganização, passou para o quadro de honra e, em 1951, foi escolhido para patrono da cadeira número 33. Pertenceu à Padaria Espiritual, onde foi o terceiro e último padeiro-mor, ao Club Literário, ao Centro Literário, ao Instituto do Ceará e ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.” MARTINS, José Murilo (org.). **Poetas da Academia Cearense de Letras (1894-2009)**. Antologia. Fortaleza: publicação da Academia Cearense de Letras, 2009, p.77

¹⁴² **A Quinzena**, Fortaleza, Anno. I, N.12, 05 de julho de 1887, p.94.

natural, seguindo a nomenclatura utilizada por Theóphilo: As donzelinhas; as borboletas; a luz; o cafeeiro; ar e atmosfera; as flores; a água; reprodução dos vegetais; a vida dos vegetais; e os vulcões. Observa-se que Theóphilo divide a história natural e as ciências naturais partindo do pressuposto que a primeira diz respeito aos seres animados e a segunda se refere aos seres inanimados. Portanto, Antonio Bezerra não estava solitário na tarefa de estudar as ciências naturais na província. Não somente Theóphilo, mas outros intelectuais do período visualizavam a necessidade de se estudar as ciências naturais, como forma de compreender o mundo e a sociedade que os rodeia. Porém, surge uma indagação: por quais motivos esses intelectuais se dedicaram ao estudo da história natural? Duas respostas a esse questionamento surgem de Antônio Bezerra e de Rodolpho Theóphilo, e que seguramente representa grande parte dos que lidavam com a história natural ou com os ideais científicos recorrentes nesse período no Ceará. Veja-se a concepção de Theóphilo. É uma citação longa, porém revelador é o seu conteúdo:

- Penso como Herbert Spencer, na educação da mulher prefere-se o agradável ao útil. Te ensinaram música, desenho, mas nada te disseram de utilidade prática, não te deram elemento algum que te ajudasse a vencer as dificuldades que se encontram na vida. Prepararam-te para os salões e não para o lar doméstico. Aposto que nunca te disseram que a folha da sicuta é muito venenosa e muito semelhante a da salsa hortense com que se faz salada, que os vasos de cobre empregados em nossas cozinhas, que os vasos de cobre empregados em nossas cozinhas tornam venenosos os nossos alimentos quando preparados neles sem estarem perfeitamente limpos. Como se deve viver é o que a educação deve ensinar. Fatigaram-te a memória com a geografia política da China, da Rússia, em vez de te ensinarem princípios de fisiologia. Na vida prática, no seio da família qual a utilidade do conhecimento da população do Japão, da perfeita execução do 'miserere', das leis da arte de Raphael? Executavas com perfeição a Traviata, mas com a maioria das que te aplaudiam ignoravas a causa do som, as noções mais elementares de acústica. Muitos sabem a história romana, mas ignoram que o ar atmosférico é uma mistura de oxigênio e azoto, que os pulmões são os órgãos da respiração, que seria uma loucura dormir com flores em um quarto hermeticamente fechado. Como se deve viver, tratar do corpo e conservar a saúde é o ideal da criatura no curto espaço de tempo chamado vida neste mundo de dores e desenganos.¹⁴³

E Antônio Bezerra, em seu livro *Notas de Viagem – parte norte*, afirma:

Poderão acusar-me de que me excedi em fastidiosas digressões literárias, algumas científicas, muitas vezes fora do plano da obra, é exato; mas confesso que o fiz levado tão-somente por um motivo – *o de despertar entre os moços de minha terra o gosto das ciências naturais* pela exposição de ligeiras noções, porque, infelizmente, para mais não dispunha eu de habilitações (BEZERRA, 1965 [1889], pp.17-18)(grifos meus).

¹⁴³ A *Quinzena*, Fortaleza, Anno. I, N° 19, 18 de novembro de 1887, p.151.

Na primeira citação, Rodolpho Théophilo chama a atenção para algo que é substancial aos estudos científicos e à aquisição de conhecimento. Para ele, é necessário que o conhecimento seja algo apreendido para ser utilizado de forma prática e imediata, no cotidiano e que seja empiricamente testado e comprovado. A crítica que Théophilo desfere é contra a justificativa do estudo de algumas áreas do conhecimento ou de alguns temas que não tem utilidade aparente. Portanto, defende o estudo da história natural e das ciências naturais como maneira de conhecer e de tirar utilidade do mundo natural. Para Antônio Bezerra, em livro publicado em 1889, resultado de viagens de prospecções naturalistas realizadas entre os anos de 1884 e 1885, que será analisado detidamente no próximo capítulo, a justificativa da feitura de seu livro diz respeito, tal como Teófilo, ao caráter didático. O aprendizado da história natural como uma das maneiras de conhecimento palpável, que traz uma aplicação prática no dia a dia.

A partir desse trecho, pode-se notar tanto em Théophilo como em Bezerra uma das vertentes das ciências naturais do século XIX, que teve muitos adeptos nesse período, qual seja: a de popularização/ vulgarização das ciências. A proposta de divulgar e vulgarizar os estudos das ciências naturais está bem presente nas palavras desses dois intelectuais. Antônio Bezerra e Rodolpho Théophilo seriam, portanto, os vulgarizadores do conhecimento científico, na medida em que difundiam o conhecimento das ciências naturais de forma didática, aliviando os pesados termos técnicos que acompanham os trabalhos científicos. Segundo Moema Vergara, a função do vulgarizador seria:

[...] traduzir a linguagem utilizada pelos cientistas para a do homem comum, de um nível da mesma língua a outro. Vulgarização é, desta maneira, o meio pelo qual a ciência, escrita em uma linguagem específica, pode ser expressa em uma linguagem comum. (VERGARA, 2003: 14-15).

A possibilidade de “despertar nos moços da minha terra o gosto pelas ciências naturais” encorajou Antônio Bezerra a aceitar o convite do governo provincial para a exploração da natureza do Ceará na década de 1880. As suas descrições, embasadas em uma metodologia científica, e incluindo, portanto, muitos termos técnicos, contrastavam com muitas passagens sutis, nas quais Bezerra procurou sensibilizar o leitor na descrição da pluralidade da natureza do Ceará. Outro indício da proposta de vulgarizar o conhecimento científico das ciências naturais em Antônio Bezerra foi a publicação das

suas narrativas de viagem em folhetins no jornal *A Constituição*, periódico publicado em Fortaleza, ao qual Bezerra enviava as suas narrativas a cada localidade analisada antes mesmo da publicação em formato de livro, o que ocorreu somente em 1889. Compreende-se Bezerra, portanto, a partir do seu papel como divulgador e vulgarizados das ciências naturais. Ele não era propriamente um cientista de formação, mas as suas leituras de obras científicas - as quais foram citadas em todas as suas descrições - deveriam ser transmitidas, ou, mais do que isto, “traduzidas” para um público leigo ou desejoso de iniciar os estudos das ciências naturais.

Os primeiros passos de Bezerra como um naturalista e vulgarizador das ciências naturais - objeto de análise desta pesquisa - utilizando o aparato teórico e metodológico das ciências naturais como maneira de entender o mundo social e também como um estímulo para o desenvolvimento dessa área no Ceará deu-se a partir, propriamente, das suas *Notas de Viagem*.

O século XIX foi o cenário propício para o desenvolvimento da indústria, da tecnologia e da ciência. A Revolução Industrial estava a pleno vapor e os países experimentaram uma condição acelerada de progresso e modernização. A partir da segunda metade do século XIX, esse quadro de valorização do progresso se expandiu, aglomerando outras perspectivas ideológicas, como o positivismo. As palavras-chave desse período, portanto, foram progresso, desenvolvimento, modernidade, todas presentes para a construção de um imaginário coletivo burguês de esperança e profundo otimismo em melhores condições de vivência material. A burguesia comercial, sobretudo os grandes industriais e os construtores de maquinário se beneficiaram desse ambiente, pela obtenção de consumidores, possibilitando o aumento de seus lucros. Porém, a possibilidade de expansão e difusão de suas mercadorias e também da maneira como eram produzidas as mesmas - contando muitas vezes com um profundo desenvolvimento das técnicas e do conhecimento científico - se fez a partir do surgimento das exposições internacionais.

Estas exposições, sendo a primeira realizada em Londres no ano de 1851, a chamada *Great Exhibition*, desvelaram o grau de desenvolvimento atingido pelo capitalismo e pela burguesia comercial ascendente. Elas tiveram a capacidade de reunir as nações em prol do estabelecimento de laços e da possibilidade de conhecer o estágio porque passava cada um dos países participantes. Antes de assumirem caráter Universal, elas eram realizadas em suas respectivas regiões, localmente. De acordo com Pesavento

As exposições funcionaram como síntese e exteriorização da modernidade dos ‘novos tempos’ e como vitrina de exibição dos inventos e mercadorias postas à disposição do mundo pelo sistema de fábrica. No papel de arautos da ordem burguesa, tiveram o caráter pedagógico de efeito-demonstração das crenças e virtudes do progresso, da produtividade, da disciplina do trabalho, do tempo útil, das possibilidades redentoras da técnica, etc. (PESAVENTO, 1997:14).

Dessa forma, as exposições assumiram o caráter de valorização das potencialidades da burguesia. Elas se organizavam geralmente da seguinte maneira: havia um país sede, no qual ocorria a exposição universal e para o qual as outras nações convidadas deveriam se estabelecer; país sede auxiliava os outros países a propósito das diretrizes do “evento”, enviando representantes para cada um desses países; a título de teste e de aperfeiçoamento, as nações que aderiam às exposições realizavam exposições regionais e nacionais, a fim de preparar todo o material e de organizar da melhor maneira possível o seu estande. O material que deveria ser exposto variou de país para país e também das diretrizes estabelecidas em cada exposição. Geralmente, eram expostos produtos manufaturados e naturais, máquinas e possíveis inventos específicos e representativos de cada país, como maneira de compreender as peculiaridades de cada nação.

A exposição de mercadorias e o intercâmbio comercial entre os países participantes dessas exposições internacionais foram as prerrogativas para a realização desses grandes empreendimentos. De um modo geral, a literatura sobre o tema também dá destaque a essa questão, como se nota nas considerações de Pesavento e outros autores citados a seguir. Porém, deve ser notada a importância significativa das concepções científicas e da atividade dos especialistas em ciências naturais de cada país nesses grandes eventos, que, segundo Heloisa Domingues, poderiam ser considerados como “lugares de ciência”, na medida em que promoviam um intercâmbio científico como forma de “mundialização das ciências” (DOMINGUES, 1999: 215). Portanto, ao mesmo tempo em que expunham as riquezas naturais e os objetos da indústria como mercadorias, havia a possibilidade de conhecer o desenvolvimento científico das outras nações, na medida em que “as exposições eram em si um local de pesquisa e observação científica”, para as quais “eram enviados especialistas para estudar o que os demais países expunham” (Idem, *ibidem*: 212).

As exposições eram realizadas preponderantemente em países da Europa. Somente duas exposições foram realizadas na América: a da Filadélfia, no ano de 1876, e a de Chicago, a *World’s Columbian Exposition*, em 1893 (HARDMAN, 2005:64). Os

Estados Unidos, portanto, seriam os responsáveis por representar as américas e divulgar o atual estágio de desenvolvimento americano para o mundo europeu. No que se refere a exposição de Chicago, ela foi considerada a maior até então. Inaugurada em 1892, mas as suas atividades só puderam ocorrer em 1893, a exposição de Chicago comemorou os 400 anos da América. A maneira organizacional dos estandes e dos pavilhões obedeciam um modelo estabelecido pelas exposições anteriores, principalmente no que diz respeito à necessidade de mostrar algo novo ou algum invento ligado ao aprimoramento das técnicas e das ciências. Nesse sentido, a exposição de Chicago trouxe alguns traços das que ocorreram anteriormente, na medida em que “apresentava uma mostra do que o mundo tinha a oferecer em ciência e arte e também dava oportunidade à ocorrência de congressos pretensamente científicos” (PESAVENTO, 1997: 205).

A Exposição Columbiana de Chicago se destacou principalmente pelo conjunto arquitetônico que amalgamava traços arquitetônicos do estilo clássico greco-romano, repleto de esculturas e de referências que representavam a grandiosidade do império romano, como uma forma de se reconhecerem como os “europeus de além-mar” (Idem, *ibidem*: 209). Outro ponto de destaque dessa exposição foi a profunda “estratificação” das raças humanas, estando os brancos no topo da hierarquia das raças, tomando os ideais de Herbert Spencer, que realizou um tipo de interpretação do evolucionismo de Charles Darwin, privilegiando a disputa e dominação do forte pelo mais fraco. Portanto, a exposição de Chicago foi palco das discussões acerca da segregação racial, justamente no período em que os Estados Unidos acabavam de passar pela Guerra de Secessão.

A participação do Brasil na Exposição Columbiana foi bastante expressiva. Os organizadores não pouparam esforços para demonstrar ao mundo o grau de desenvolvimento da indústria e do comércio brasileiros, além dos avanços nas ciências, na literatura e na cultura.¹⁴⁴ Sabia-se que uma bem sucedida exposição do Brasil seria um fator de aproximação com outras nações europeias e a possibilidade de comercializar com esses países, além propriamente do esforço de inserção do país no “rol das civilizações” adiantadas. A “geração de 1870”, e seus membros, muitos

¹⁴⁴ Despacho do Ministro do Ministério dos Negócios da Agricultura, Comercio e Obras Públicas, Rio de Janeiro, em 29 de setembro de 1892: “Convindo que o governo do Brasil se faça representar na Exposição Columbiana de Chicago não só no que diz respeito às industrias agrícolas e fabris, mas ainda em seu desenvolvimento intelectual, especialmente no que diz respeito às suas produções científicas, literárias e artísticas desde os tempos coloniais até ao presente”. **Diário Oficial da União**, Seção 1, 30 de outubro de 1892, pág. 4.

políticos e intelectuais, sabia da importância desse tipo de atividade. Segundo Pesavento:

A vanguarda republicana da geração de 1870 entendia a importância de o país marcar presença em eventos dessa natureza. Afinal, a proposta republicana era justamente entendida como a forma de governo que melhores condições apresentava para levar o país pelos caminhos do progresso e da civilização (PESAVENTO, 1997: 212).

O pavilhão brasileiro foi montado na Exposição e inaugurado em 23 de julho de 1893, com um tom bastante eufórico do presidente da comissão brasileira, Lemos Bastos. Em despacho enviado no mesmo dia da inauguração, ele não poupou elogios à organização e grandiosidade do estande brasileiro.

Teve hoje lugar, em presença dos diretores da exposição, comissários estrangeiros e grande número de convidados, a inauguração do pavilhão, com doze seções, que constituem a exposição brasileira. O pavilhão é considerado o primeiro dos edifícios estrangeiros na exposição, o maior e mais completo que tem feito o Brasil. É superior aos de muitas nações europeias e de todas as americanas, exceção da dos Estados Unidos. A comissão tem recebido e transmite ao governo e ao povo brasileiro muitas felicitações por este grande resultado, que afirma de mais brilhante, perante todas as nações aqui representadas, o adiantamento e o progresso de vossa pátria.¹⁴⁵

A comissão brasileira reuniu todos os esforços possíveis para a realização do empreendimento. Conclamou cada um dos então governadores dos estados da república para o envio de todo o material possível que pudesse compor um quadro mais completo das riquezas da nação.¹⁴⁶ Com a intenção de organizar todo o material e também de promover uma mostra de como deveria ser a maneira de expor os produtos brasileiros, foi realizada uma exposição preparatória para a Exposição Columbiana. Essa Exposição Nacional ocorreu na cidade do Rio de Janeiro, com início previsto para o dia 15 de novembro de 1892 - mas somente ocorreu um mês depois, e término datado para o dia 31 de dezembro de 1892 – sendo adiado o término para o dia 7 de janeiro de 1893 – sendo sediada no antigo prédio do Museu Nacional. Foi designada uma comissão para a recolha e análise de todo o material enviado pelos estados da federação, e os membros dessa comissão foram: José Simeão de Oliveira, presidente; Ladislau Netto, vice-presidente; Adolpho Aschoff, secretário; Francisco de Souza Aguiar, Josino Barroso, Marciano de Aguiar Moreira, Honório Coutinho, Barão de Marajó, Barão de Martin, Pedro G. Paes Leme, José Marins de Toledo, Arthur de Mello e Alvim, Gabriel Osorio

¹⁴⁵ Minas Geares, Ano. II, n.197, 23 de julho de 1893, pág.8.

¹⁴⁶ “O Sr. Presidente da Intendência Municipal solicitou do governo os meios necessários para levar a efeito nesta capital, a exposição preparatória da de Chicago, devendo figurar na exposição todos os Estados da República”. **Jornal do Brasil**, Ano. I, n.93, Rio de Janeiro, 10 de julho de 1891, pág.2

de Almeida, Manoel Buarque de Macedo, Carlos Conrado Niemeyer, Innocencio Marques de Lemos Basio, A.G. Paulo de Frontin, Dr. Julio César Ferreira Brandão, Graciano A. de Azambuja, Orville Derby.¹⁴⁷ As instruções para o envio do material e para a organização da exposição nacional foram aprovadas em 10 de agosto de 1892. Alguns pontos podem ser elencados aqui, como maneira de compreender o desenho que a exposição nacional deveria ter. Nos itens III e IV das instruções, têm-se:

III – Compete à Comissão Brasileira *decidir da admissão e classificação dos produtos*, de acordo com as presentes instruções e com o regulamento e programa formulados, para a Exposição Universal Colombiana, pela Comissão Norte-Americana; IV – Todos os produtos naturais e os resultantes da indústria humana serão admitidos exceptuando-se, porém, os materiais explosivos, fulminantes e os geralmente considerados perigosos.¹⁴⁸

As comissões estaduais tinham o prazo de três meses para o envio do material a ser exposto no Rio de Janeiro. Para cada estado da federação haveria um espaço próprio para a exibição dos seus produtos, e eram nomeados expositores, geralmente representantes enviados dos próprios estados, que deveriam “dirigir por si mesmo a instalação e a exibição dos produtos”.¹⁴⁹ Como será visto adiante, Antônio Bezerra, juntamente com Francisco Freire Napoleão, representarão o Ceará como expositores. Para facilitar a locomoção do material nas dependências e arredores da cidade do Rio de Janeiro, bem como dirimir os custos aos cofres estaduais, a comissão central do Rio de Janeiro decretou a isenção de qualquer taxa de pagamento referente ao transporte de todo o material. No caso da comissão central do Rio de Janeiro, estiveram livres do pagamento as correspondências desta comissão.¹⁵⁰

Durante as sessões, os avaliadores – em sua maioria membros da comissão central – passariam em cada estande, com o objetivo de analisar e de confirmar ou não a escolha dos materiais a serem expostos em Chicago. Os objetos eram examinados cuidadosamente, e aos membros examinadores competia a produção de um parecer sobre o material escolhido para ser remetido à Exposição Columbiana. Novamente, as despesas de traslado de todos os produtos foram pagas pela comissão central. Por fim

¹⁴⁷ **Jornal do Brasil**, Ano II, n.278, 05 de outubro de 1892, pág.3.

¹⁴⁸ **Minas Geraes**, Ano.I, n. 183, 26 de outubro de 1892, pág.3.

¹⁴⁹ Op.Cit. 3

¹⁵⁰ “Autorizou-se o diretor geral dos correios a expedir livre de franquia toda a correspondência da comissão nomeada pelo governo do estado do Rio para auxiliar os trabalhos da exposição de Chicago, procedendo de modo idêntico ao determinado em concessão semelhante”. **Diário Oficial da União**, Seção 1, 24 de julho de 1892, pág.13.

XIX – Encerrada a Exposição preparatória, os objetos serão acondicionados, com assistência ou não do expositor ou do seu representante, e remetidos para Chicago à disposição da Comissão Brasileira. Esta os exhibirá do modo mais convincente, continuando a velar sobre sua conservação até o encerramento da Exposição Colombiana, e os restituirá após a Exposição, de acordo com o artigo 9º.¹⁵¹

A partir do estabelecimento das instruções de envio e de participação dos estados na exposição nacional do Rio de Janeiro, a comissão central do Rio de Janeiro começou a desenvolver os seus trabalhos em prol da maior recolha possível de material dos estados, bem como de sua separação, distribuição e catalogação. Mais uma vez, percebe-se a importância significativa dada à Exposição Nacional e, por conseguinte, à Exposição Columbianiana. A República brasileira não queria mostrar-se abaixo dos outros países em termos de desenvolvimento industrial e científico, esforçando-se ao máximo para representar da melhor forma possível o Brasil. No dia 28 de julho de 1892, a comissão central lançou uma nota para descrever a forma como os trabalhos eram desenvolvidos:

A comissão brasileira está ativa e energicamente acelerando os seus trabalhos para obtenção do maior número possível de objetos e produtos do nosso país, afim de conseguir completo êxito na representação do Brasil. Tem repetido no salão do antigo museu nacional, duas vezes por semana, suas sessões, resolvendo sobre o modo de distribuição do serviço de cada seção afeta por competências dos Srs. Comissários, providenciando para que os produtos naturais, larga e profusamente representados aqui na exposição preparatória de 15 de Novembro até 31 de Dezembro e em 1º de Maio do ano próximo futuro em Chicago.¹⁵²

Os estados que contribuíram para o envio de produtos foram Ceará, Minas Gerais, São Paulo, Pará, Rio de Janeiro, Pernambuco, Alagoas e Amazonas.¹⁵³ Os produtos mais solicitados e enviados foram os que se referem à agricultura, como o açúcar, o algodão o álcool e seus compostos. Destaque especial se deu ao café, um produto de larga ascensão na agricultura brasileira. Aos produtores de café de todos os estados foram pedidas amostras de todos os tipos de grãos de café, na quantidade de cinco quilogramas para cada tipo. A importância dada à agricultura não estava desprezada de interesse. O Brasil já desde o início do século XIX era retratado como o país das maravilhas naturais, do exotismo exacerbado e da profunda ligação homem-natureza. Isso foi uma constante nas narrativas de viajantes exploradores e cientistas estrangeiros, responsáveis por descrever e analisar o Brasil, além de divulgá-lo para os

¹⁵¹ **Minas Geares**, Ano I, n.183, 26 de outubro de 1892, pág.3.

¹⁵² **Jornal do Brasil**, Ano. II, n.209, Rio de Janeiro, 28 de julho de 1892, pág.2.

¹⁵³ MENEZES, Antônio Bezerra de. O Ceará e os cearenses. In: **Revista da Academia Cearense**. Fortaleza: Typographia Studart. Tomo V, 1900, pág.197.

países da Europa, principalmente. Nesse sentido, foi sendo criado um imaginário coletivo a propósito da natureza do Brasil e transformando essa natureza em símbolo para o Império e, posteriormente, para a República do Brasil. Portanto, nas exposições universais esperava-se as peculiaridades naturais brasileiras. Os agricultores e grandes comerciantes, desejosos em obter maiores lucros e um maior comércio de exportação, elevaram, portanto, a agricultura como a seção mais importante da feira preparatória. Além desse fator, outro importante interesse seria utilizar o discurso sobre a natureza para despertar o interesse de imigrantes. No dia 16 de outubro de 1892, o chefe da seção da agricultura, maquinismos e aparelhos agrícolas, Honório Coutinho, realizou um pronunciamento, que dizia o seguinte:

Além da importância atual das relações comerciais com as nações grandes consumidoras dos nossos produtos de vulto na exportação e do desenvolvimento dessas relações, para com aquelas nações que melhor conhecimento adquirirem dos nossos recursos, pela concorrência em Chicago, muito convirá aos interesses da imigração sejam largamente expostos os produtos compreendidos nesta seção (A). A apresentação das amostras em quantidades convenientes, bem preparadas e beneficiadas, as informações determinantes das condições dos climas de nossas várias zonas agrícolas, do custo de produção e do máximo de rendimento na cultura, com os preços médios nas localidades, etc., continuarão seguramente utilíssimos esclarecimentos, para mais patentearmos que o Brasil tem as condições para ser o celeiro do mundo, com climas adequados a todas as raças. Assim despertaremos os incentivos de atração para os bons povoadores do nosso extenso território e pelos produtos de nossas grandes e pequenas indústrias, nos novos impulsores tão legitimamente desejados, para a cooperação à obra do desenvolvimento de nossas riquezas, e portanto do nosso engrandecimento.¹⁵⁴

Portanto, além da questão propriamente econômica do aumento da compra e venda de produtos agrícolas advindos com a exposição preparatória e a exposição de Chicago, bem como do seu desenvolvimento industrial, a possibilidade de povoamento e da imigração de povos de outros países fazia parte do discurso dos organizadores e, portanto, de uma parcela dos políticos e negociantes brasileiros. Assim, divulgar da melhor forma os produtos naturais e o desenvolvimento agrícola do Brasil para as outras nações assumiu um caráter extremamente transformador, na medida em que trazer a mão de obra imigrante, geralmente a baixo custo, seria buscar o engrandecimento do país por meio do trabalho, num discurso que demonstrou o potencial profundamente progressista.

Destaca-se aqui a participação do estado do Ceará na exposição preparatória do Rio de Janeiro e a atuação extremamente ativa de Antônio Bezerra. O início das

¹⁵⁴ **Jornal do Brasil**, Ano. I, n.289, 16 de outubro de 1892, pág.2.

atividades referentes à organização e envio de produtos do Ceará à exposição nacional ocorreu em 5 de junho de 1892, em ofício enviado pelo vice-governador do estado do Ceará à época, o Dr. Benjamim Liberato Barroso. Nesse ofício, consta a nomeação do presidente da comissão do Ceará, bem como dos seus membros. Foi nomeado presidente o comerciante Isaie Boris. A nomeação do presidente da comissão foi significativa por conta da sua atuação como comerciante na capital cearense. Segundo Almir de Oliveira, Isaie Boris era comerciante de importação e exportação da Boris Frères et Cie, desenvolvendo grandes transações econômicas no Ceará em 1892 (OLIVEIRA, 2005:83). Mais uma vez a participação de um negociante nessas exposições denota o significado dessas exposições, movidas, dentre outras coisas, pelo interesse em expandir o comércio a partir da divulgação de produtos locais.

A comissão central do Ceará foi montada em 1892, sendo comunicada ao vice-presidente da comissão do Rio de Janeiro, Ladislau Neto, em julho do mesmo ano. Segundo consta, a comissão foi formada pelos seguintes membros: Isaie Boris, presidente; Antonio Pinto Nogueira Accioly, João Joaquim Simões, Ernesto Antonio Lassance Cunha, William Mardock, João Felipe Pereira, Thomas Pompeu de Souza Brasil, Julio César da Fonseca, Valdemiro Moreira, Manoel Francisco da Silva Albano, Antonio Bezerra de Menezes, Dr. João Marinho de Andrade, José Abdar da Silva, Joaquim Cesar da Rocha e Rodolpho Marcos Theophilo.¹⁵⁵ Coube a Antônio Bezerra o levantamento e catalogação de todo o material referente ao estado do Ceará, contando com o auxílio de Francisco Freire Napoleão, João Evangelista Rebouças, Pedro Theberge, José de Moura e outros. Os 5.604 objetos foram divididos em onze categorias: agricultura, horticultura, floricultura e produtos florestais; viticultura, horticultura e floricultura; gado, animais domésticos e selvagens; peixes e produtos de pescarias; mineração e metalurgia; maquinismo; transportes; manufaturas; belas artes; artes liberais; etnologia e arqueologia. Para o trabalho de rotulação, classificação, numeração e exportação, o Dr. Henrique Theberge ocupou-se da classificação das madeiras; João Sampaio classificou as plantas, juntamente com Antônio Bezerra e Rodolpho Theophilo; e, por fim, João Pereira e Gustavo Job classificaram os minerais. Além do trabalho como organizador do catálogo, Bezerra, juntamente com Francisco Freire Napoleão, foram nomeados os representantes do Estado na exposição preparatória que ocorreu em 15 de dezembro de 1892, no Rio de Janeiro.

¹⁵⁵ **Jornal do Brasil**, ano.II, n. 211, Rio de Janeiro, 30 de julho de 1892, pág.2.

Todo o material referente à representação do Ceará na Exposição Preparatória do Rio de Janeiro deveria ser enviado até o fim de setembro de 1892. Porém, por conta de atrasos com a classificação e catalogação, os objetos só conseguiram ser transportados à capital federal em meados de outubro. Em telegrama enviado pelo presidente da comissão do Ceará, Isaie Boris, ao vice-presidente da comissão central, Ladislau Netto, em 18 de outubro de 1892, consta algumas justificativas sobre o atraso do envio dos produtos cearenses, bem como de um quadro geral do material que seria enviado. Segundo Boris:

Esta comissão não tem descansado uma hora, afim de chegar ao seu desideratum, que era reunir um conjunto completo de produtos cearenses; mas, pela dificuldade de comunicação e escassez de tempo não terá o sucesso desejado. Entretanto, temos reunidos algumas centenas de objetos para seguir brevemente para a exposição preparatória d'ai e consistem em uma grande variedade de produtos florestais, tais como: madeiras, folhas, flores, frutos, raízes, cascos, pelos aromáticos, medicinais e de tinturas, etc., variedade de cereais, legumes, gomas, azeites e outros derivados, variedade de peles, trabalhos de couro, redes, bicos, rendas, trabalho de senhoras e outros artefatos de nossa fauna, diversos objetos de arqueologia, curiosidades, coleção completa da Estrada de ferro de Baturité, acompanhadas de fotografias, plantas, observações meteorológicas e outras, uma boa coleção de minerais do estado, uma coleção de vistas do interior da cidade de Acary e outras fotografias, planta antiga da Fortaleza e estado atual, mobílias modernas, a casa de palha de carnaúba como já avisamos.¹⁵⁶

A sessão A, que reuniu artigos da agricultura, arboricultura, horticultura, floricultura e produtos florestais, era a que tinha maior representatividade. Essa sessão demonstrou a extrema variedade de produtos naturais do Ceará, como a diversificada exposição de espécimes de grãos de milho, arroz, farinha de mandioca, feijão, muitos tipos de algodão, um dos produtos de maior relevo na produção agrícola cearense, raízes de plantas características da flora local, como a carnaúba, dentre outras amostras que favoreceram e seriam motivo, segundo os organizadores, de engrandecimento do estado.

Foram muitos os expositores que enviaram produtos para a exposição preparatória do Rio de Janeiro. Sublinha-se a participação de muitos comerciantes e intelectuais envolvidos com o objetivo de divulgar um Ceará múltiplo e com potencial comercial e científico para o restante do país. Foi formada uma comissão central, sediada em Fortaleza, e outras comissões fora da capital¹⁵⁷ em vários municípios do

¹⁵⁶ **Jornal do Brasil**, Ano. II, n.292, Rio de Janeiro, 19 de outubro de 1892, pág.1.

¹⁵⁷ Outras localidades do estado do Ceará formaram comissões como forma de apoio à comissão central. Eram elas: Acaraú, Aracaty, Araripe, Assaré, Arraial, Aracoiaba, Aquiraz, Baturité, Boa Viagem, Barbalha, Coité, Camocim, Cascavel, Cachoeira, Canindé, Campo Grande, Crateús, Crato, Guaramiranga, Granja, Ipú, Ibiapina, Independência, Limoeiro, Maranguape, Milagres, Mulungu, Morada Nova, Missão Velha, Maria Pereira, Pacoti, Pacatuba, Porangaba, Pereiro, Paracuru, Pedra Branca, Quixadá,

estado. Antônio Bezerra não se deteve apenas na organização de todo o material, mas também contribuiu significativamente na doação de variado material. Em quase todas as sessões, registrou-se algo doado por Bezerra. Na sessão de Agricultura, Arboricultura e Horticultura, ele enviou cafés de vários tipos, óleos de pequi, fumos, tipos de batata, frutos de pau branco, flores de alfavaca, gergelim, mulungu, cajazeira e sementes de variadas tipos. Na sessão D, relativa a Peixes e Produtos de Pescaria, e sessão E, Mineração e Metalurgia, nota-se um expressivo envio de material, sendo as que mais receberam contribuições de Bezerra. São páginas inteiras listadas com espécimes da ictiologia e sobretudo objetos da mineralogia, como rubis, quartzos, gneiss, mica etc. Por fim, destaca-se a sessão M, referente à Etnologia e Arqueologia, nas quais constam o envio de amostras de fósseis de peixes, originárias de Sant'Ana do Brejo, atualmente Santana do Cariri, próximo a região explorada por George Gardner.

A organização de todo o material obedeceu às instruções da comissão central do Rio de Janeiro. Para tanto, exigiu-se dos organizadores habilidades concernentes ao domínio das ciências naturais para a classificação de objetos da agricultura, arqueologia, botânica, zoologia, dentre outros. Nesse momento, as contribuições de Antônio Bezerra, como de outros citados acima, foram valiosas, sendo conferidas reverências aos trabalhos desse intelectual pelo próprio presidente da comissão, como organizador e também representante do Ceará no Rio de Janeiro.¹⁵⁸

A nomeação de Antônio Bezerra feita pelo governador do estado do Ceará à época não foi uma obra do acaso ou uma atitude fortuita. Como relatado no tópico anterior, já em 1884, Bezerra foi enviado pelo governo provincial do Ceará para uma viagem de prospecção naturalista das riquezas naturais da província. As suas habilidades como cientista e vulgarizador das ciências naturais ganharam vulto e, por conta disso, ele foi escolhido para realizar tal atividade. Uma das tarefas atribuídas a Bezerra foi o mapeamento e o inventário das potencialidades da natureza cearense, e, a partir desse levantamento, explorar comercialmente plantas, minérios, bem como analisar as melhores superfícies e climas para o cultivo. Bezerra realizou esses estudos sob uma ótica estritamente científica, lançando mão de uma metodologia das ciências

Quixeramobim, Quixere, Redenção, Russas, S. Matheus, S. Francisco, S. Pedro do Crato, Santa Quitéria, São Benedito, São João dos Inhamuns, Sant'Anna, Sant'Anna do Brejo Grande, Saboeiro, Sobral, Tamboril, Tianguá, Umary, Varzea Alegre, Viçosa. O ESTADO DO CEARÁ NA EXPOSIÇÃO DE CHICAGO. Relação dos cidadãos que compõem as comissões central e locais. Fortaleza: Typografia da Republica, 1892.

¹⁵⁸ Catálogo dos produtos do Ceará, remetidos a Exposição Preparatória do Rio de Janeiro pela comissão central do Ceará. In: **Documentos**: revista do Arquivo Público do Ceará: Ciência e Tecnologia. Fortaleza. V.1, 2005.

naturais, como a classificação em nomes científicos das espécies coletadas, a análise do mundo natural tendo como base os estudos de cientistas-naturalistas renomados no cenário científico nacional e internacional e a utilização de instrumentos científicos com o objetivo de precisar os seus exames.

Todas essas habilidades, adquiridas a partir do extremo esforço intelectual de Bezerra foram as credenciais desse intelectual/naturalista para a participação na catalogação do material a ser exposto no Rio de Janeiro e posteriormente em Chicago. Com extremo empenho da comissão central do Ceará, os produtos do estado chegaram no Rio de Janeiro no início de novembro de 1892 e receberam elogios dos organizadores:

Já se acham nesta capital os produtos com que o estado do Ceará vai figurar na grande exposição de Chicago, em 1893. Estamos informados de que esses produtos são realmente interessantes e vão constituir uma das coleções mais importantes da seção brasileira naquela exposição. Para conseguir esse desideratum do povo cearense, empregou o governador do estado, tenente-coronel Bezerril Fontenelle, todos os esforços, sendo ajudado nessa tarefa pelo Sr. André (sic) Bezerra de Menezes, conhecido homem de letras, que, com o Sr. Francisco Napoleão, acompanhou até aqui a bela coleção de produtos do Ceará, os quais vamos todos ter ocasião de bem apreciar quando se abrir a exposição preparatória.¹⁵⁹

O início da exposição se deu em 15 de dezembro de 1892.¹⁶⁰ Os produtos do estado do Ceará tiveram, efetivamente, grande destaque, sendo o estado que mais contribuiu em termos de quantidade de objetos dentre os estados participantes. Dentre os produtos que figuraram, além das coleções agrícolas citadas mais acima, no catálogo enviado ao Rio de Janeiro constam objetos dos diversos ramos das ciências naturais, como “peixes, pássaros, rochas, minerais em número de mais de duzentas qualidades, instrumentos e utensílios indígenas, curiosíssimos fósseis, uma infinidade, enfim, de objetos sobre trabalhos artísticos”.¹⁶¹ A quantidade de objetos enviados contribuiu para a formação de um outro olhar sobre o estado do Ceará. Na época, por conta do clima e dos regimes de seca, o discurso dos outros estados era de pessimismo quanto à participação do Ceará, pois presumia-se a escassez de produtos da agricultura e de outros ramos da indústria, das ciências e da cultura em decorrência desses processos naturais. No entanto, o que se viu foi o extremo oposto. Os redatores do *Jornal do Brasil* em análise da inauguração da exposição preparatória destacaram o Ceará como o que

¹⁵⁹ **Jornal do Brasil**, ano. II, n.313, Rio de Janeiro, 9 de novembro de 1892, pág.1.

¹⁶⁰ “Em vista do curto prazo que foi dado para a abertura das exposições preparatórias e que deve também ser brilhante, autorizou o Sr. Ministro o adiamento da abertura, marcando-a para o dia 15 de dezembro infalivelmente”. Idem, ano. II, n.330, Rio de Janeiro, 26 de novembro de 1892, pág.1.

¹⁶¹ MENEZES, Antônio Bezerra de. O Ceará e os cearenses. In: **Revista da Academia Cearense**. Fortaleza: Typographia Studart. Tomo V, 1900, pág.198.

“em maior abundância e com mais variados produtos concorreu à exposição”¹⁶². A coleção de madeiras foi exaltada por eles, demonstrando o número exorbitante de amostras. Porém, novamente o valor econômico e de uso para fins práticos sobrepujaram-se, e a constatação de que “muitas delas [madeiras] não tem valor, pois são de plantas que só tem por si o pertencerem à nossa flora, visto não se prestarem às construções ou a outro qualquer mister conhecido”.¹⁶³ Como expositor, Bezerra descreveu com esmero a recepção que os produtos do Ceará tiveram na capital federal:

A opinião pública pendeu simpaticamente para o lado do Ceará, e reconheceu a sua primazia sobre os demais Estados. Daí as felicitações que de dia a dia recebia o seu Presidente da parte dos jornalistas, dos homens de letras, dos amigos do Brasil, dos patrícios, de todos os que se interessavam pelo bom desempenho das comissões, que deviam representar o Brasil em Chicago.¹⁶⁴

O material de todos os estados ficou exposto até o dia 7 de janeiro de 1893, quando foi encerrada a exposição preparatória.¹⁶⁵ No dia 1 de fevereiro de 1893 foi enviado o primeiro lote de objetos que foram selecionados para representar o país na exposição Columbiana. Esta primeira remessa contou com um montante de 504 volumes. No dia 20 de fevereiro, uma segunda remessa foi enviada para a cidade de Nova York, sendo 1.081 volumes, além de 2.244 sacos de café.¹⁶⁶ Os que não obtiveram o aval dos avaliadores, retornaram para os seus respectivos estados. Os objetos enviados pelo Brasil foram bem recebidos pelo público estrangeiro. Segundo Sandra Pesavento:

A mostra brasileira se fez presente em praticamente todas as seções. Naturalmente, o maior destaque cabia ao próprio café. O setor coureiro inovara com um grande globo terrestre feito de pedaços de peles de vários tipos, assim como a seção de recursos minerais organizou sua mostra armada em pirâmide. Na opinião americana, o Brasil havia feito bela figura também no domínio da indústria têxtil, das máquinas e implementos agrícolas, artigos de couro, farmacêutico e outros. Na distribuição final de medalhas, no compêndio geral abarcando todas as categorias o Brasil não ficara tão mal colocado: o país obtivera 421 medalhas (PESAVENTO, 1997: 214).

O estado do Ceará não obteve o mesmo sucesso que havia tido na exposição preparatória. Segundo Antônio Bezerra, “faltou-lhe um representante que fizesse esplendor no estrangeiro a história do seu patriotismo, de sua abnegação, de sua

¹⁶² **Jornal do Brasil**, ano. II, n.352, Rio de Janeiro, 18 de dezembro de 1892, pág.1.

¹⁶³ **Jornal do Brasil**, ano. II, n.352, Rio de Janeiro, 18 de dezembro de 1892, pág.1.

¹⁶⁴ Op. Cit. pág. 1.

¹⁶⁵ **Jornal do Brasil**, ano.III, n.3, 3 de janeiro de 1893.

¹⁶⁶ Idem, ano.III, n.43, Rio de Janeiro, 12 de fevereiro de 1893, pág.2.

riqueza”.¹⁶⁷ Porém, o insucesso do Ceará em Chicago não ofuscou o extreme empenho da comissão em divulgar o grau de “adiantamento” desse estado, não apenas no que diz respeito aos produtos naturais, mas, sim, ao estado atual das ciências, por meio da exibição de coleções científicas acima descritas.

A participação ativa de Antônio Bezerra nessa comissão pode ser analisada sob dois vieses: por um lado, Bezerra exercitou todo o seu cabedal de conhecimento das ciências naturais adquirido ao longo de suas leituras e dos conhecimentos práticos que obtivera anos antes em explorações científicas a mando do poder público local; por outro, percebe-se a proposta desse homem de letras – extremamente afinado com a proposta das ciências naturais – de divulgar e/ou popularizar as ciências naturais do seu estado. Esse duplo viés dos trabalhos de Bezerra como cientista/vulgarizador foi um fator que contribuiu para a nomeação dele como diretor do Museu Botânico do Amazonas e de sócio correspondente do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, ambos sob os cuidados do botânico brasileiro João Barbosa Rodrigues em diferentes momentos.

3.2. Antônio Bezerra e as atividades científicas no Amazonas

Antônio Bezerra viajou para Manaus em 1896, por motivo de penúria financeira a qual passara, em virtude da desvalorização das atividades literárias e científicas em Fortaleza, principalmente após a proclamação da república, como visto anteriormente. Na capital amazonense, esteve ligado a trabalhos em cargos públicos e foi nomeado diretor provisório do Museu Botânico do Amazonas¹⁶⁸ pelo governador do Amazonas entre os anos 1896 e 1898, o Dr. Fileto Pires (1866-1917). A elaboração deste Museu ficou a cargo do naturalista João Barbosa Rodrigues (1842-1909), o qual se tornou seu primeiro diretor, sendo este museu inaugurado no ano de 1884, com atividades mantidas até 1890¹⁶⁹, período no qual Barbosa Rodrigues teve de deixar a diretoria do Museu em

¹⁶⁷ Op.Cit. 10.

¹⁶⁸ Segue a sua nomeação pelo governador do Amazonas, Dr. Fileto Pires, no Diário Oficial do Estado do Amazonas, em 28 de outubro de 1896: “Ao mesmo – Comunicando para os fins convenientes, que nesta data designei o diretor interino da Repartição de Estatística cidadão Antonio Bezerra de Menezes, para substituir o dr. Astrolábio Passos na Directoria do Muzeu, percebendo porém os vencimentos de sua primeira nomeação conforme determinou o exm^o sr. Dr. Governador do Estado, por intermédio de seu secretário, em officio sob n.131 de 19 de mez corrente”; “ Ao sr. Antonio Bezerra de Menezes, diretor interino da repartição de Estatística – Para vossa sciencia e fins devidos comunico-vos que fostes designado por este Departamento para servir na diretoria do Museu, na ausência do dr. Astrolábio Passos”.

¹⁶⁹ Há divergências com relação à data do término das atividades do museu. A historiografia a respeito dos museus de ciências naturais do século XIX, particularmente os trabalhos de Maria Margaret Lopes

virtude da sua nomeação para a diretoria do Jardim Botânico do Rio de Janeiro (LOPES, 1997: 214). Segundo regulamento aprovado em 22/01/1884, este museu:

[...] era destinado ‘principalmente a estudar botânica e quimicamente a flora da província e vulgarizar os seus produtos; devendo coligir e ter sob guarda os produtos naturais e industriais’. Voltava-se também para o estudo da ‘indústria indígena’, ficando encarregado de ‘conservar uma seção etnográfica’.

No Museu Amazonense, Bezerra esteve envolvido em compras de herbários, coleções e livrarias de cientistas europeus.

O Governador do Estado do Amazonas resolve nomear uma Comissão Composta dos cidadãos Coronel José Cardoso Ramalho Júnior, Dr. Henrique Alvares Pereira e Antonio Bezerra de Menezes, para dizer se convém ao Estado a aquisição do herbário e livraria do falecido Dr. Paulo Taubert, e no caso afirmativo, fixar um preço definitivo por que ela deve ser realizada.¹⁷⁰

Além dessas atividades, foi responsável pela publicação de pareceres para a aquisição de equipamentos e instrumentos científicos e na organização do material existente no museu.

Seguindo sobre a trajetória de Bezerra, a sua atuação como diretor do Museu Amazonense foi bastante modesta, porém muito proveitosa no que diz respeito à aquisição de coleções de livros e de material de pesquisa. Bezerra tinha interesse em tudo o que envolvia os temas da História Natural. Apesar de denominar-se como “amador”, percebemos a teia de relações que ele construiu e alimentou durante sua vida, com nomes de peso no cenário científico nacional e internacional. Segundo palavras de Bezerra, em boletim que ele publicou em 1908 para o museu de história natural do Ceará, denominado Museu Rocha:

Mereci honrosas referências do Dr. E. A. Goeldi, digníssimo diretor do Museu Paraense, no Boletim do mesmo Museu, de 1º de setembro de 1894, e ainda aquele ilustre prof. trasladou às páginas 381, 382, 383, 384 e 385, do seu livro *As Aves do Brasil*, o que eu havia escrito a respeito da Pomba de bando, nas minhas Notas de viagem ao norte do Ceará; e mais tarde, em 1896, me enviou os *Albums de Aves Amazônicas*, suplemento ilustrativo á referida obra *Aves do Brasil*, fazendo-os acompanhar de delicado cartão de oferecimento. Muito me distingue com a sua preciosa amizade o Dr. H. von Ihering, diretor do Museu Paulista, desde 1893, em consequência das coleções que enviei á exposição de Chicago, e até o presente continua a me honrar com a mais perfeita estima, remetendo-me assiduamente os trabalhos que tem publicado no Museu a seu cargo (BOLETIM, 1908: 2).

apontam a extinção do Museu do Amazonas em 1890. Segundo esta autora: “A República não salvou o museu, que foi extinto pelo decreto provincial de nº. 42, de 30 de abril de 1890 [...]” (LOPES, 1997: 218). Porém, encontrei fontes que relatam atividades do Museu Botânico do Amazonas entre, pelo menos, os anos 1896 e 1897. Para tanto, conferir os Diários Oficiais do Estado do Amazonas entre os anos citados.

¹⁷⁰ **Diário Oficial Manaus**, quinta-feira, 25 de março de 1897, n. 952, ano. V.

Assoma-se a essas credenciais a nomeação de Antônio Bezerra para assumir o cargo de correspondente do Jardim Botânico do Rio de Janeiro.¹⁷¹

Como vimos, a fundação do Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará, em 1887, e da Academia Cearense em 1894 foram marcos institucionais da consolidação científico-cultural do Ceará. As participações de Antônio Bezerra como co-fundador dessas duas instituições, bem como a circulação nesses espaços, foram importantes para elevar as credenciais do intelectual cearense, dando-lhe relativa autonomia como pesquisador das ciências naturais dentro e fora do Ceará.

O trânsito de Antônio Bezerra em três ambientes para o desenvolvimento de suas atividades científicas evidencia, sobremaneira, a construção de uma rede de conexões e diálogos científicos do intelectual cearense em outros centros científicos. As suas experiências em São Paulo, Rio de Janeiro e Manaus foram fundamentais para a consolidação de Bezerra como um importante naturalista não apenas regional, uma vez que desenvolveu seus trabalhos científicos em outras localidades fora dos domínios territoriais do Ceará. Em tempo, tanto a publicação dos seus livros de viagens naturalistas como a participação na exposição nacional dos produtos do Ceará no Rio de Janeiro foram duas atividades de divulgação científica, e foi por causa dessas atividades que Bezerra viu-se notado nos meios científicos nacionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de dissertação procurou analisar a trajetória de Antônio Bezerra de Menezes como ponto de partida para o entendimento da construção do conhecimento científico das ciências naturais no Ceará. Para tanto, foi realizado um aprofundamento acerca da sua obra como um todo e das suas atividades científicas nesses três estados, permitindo a interligação de alguns pontos que até então se mostravam desconectados nas discussões a respeito da biografia de Bezerra e também sobre as ciências naturais no século XIX nas três localidades supramencionadas.

Primeiramente, foi necessária, portanto, para o entendimento do sujeito histórico aqui estudado, a investigação acerca da formação intelectual de Antônio

¹⁷¹ “Foram nomeados correspondentes do jardim botânico: na capital do Ceará Catalão Mamede e Antônio Bezerra de Menezes; em Sobral, Francisco de Almeida Monte e em Baturité capitão Alfredo Dutra”. Jornal **Gazetilha**, sexta-feira, 03 de abril de 1891, pág. 1.

Bezerra. Como vimos, os primeiros anos de formação no Liceu do Ceará foi importante para a inserção de Bezerra como pertencente aos filhos da elite letrada e dominante no Ceará provincial. Bezerra, como filho de um político, professor e jornalista de prestígio da província, e oriundo de uma das famílias mais influentes daquele período, estaria “habilitado” a se locomover entre a juventude intelectual de Fortaleza, que posteriormente seria o grupo que participaria dos movimentos de modificação da realidade social cearense nas atividades abolicionistas e na criação de associações de fomento ao desenvolvimento das ciências e das letras, a partir, propriamente, da década de 1880. As formações intelectuais de seu pai, Manoel Soares da Silva Bezerra, e de seu tio, Théophilo Rufino Bezerra de Menezes, ambos bacharéis em direito, impulsionaram a ida de Antônio Bezerra a São Paulo, no intuito de obter o título de bacharel em direito na Faculdade de Direito do Largo do São Francisco. Porém, como foi visto, esse objetivo não se concretizou, culminando na desistência de Bezerra e no retorno à capital cearense na década de 1870, sem nenhum título.

Antônio Bezerra se absteve do universo intelectual de Fortaleza, restabelecendo as suas atividades na década de 1880. Esse período modificou consideravelmente a conjuntura local da província, pois foi um período de ebulição das atividades dos intelectuais nos movimentos abolicionistas, na criação de revistas e jornais e na fundação de associações importantes para o desenvolvimento dos estudos das letras e das ciências, caso da criação da Sociedade Cearense Libertadora (1880), do Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará (1887), da Padaria Espiritual (1992) e da Academia Cearense (1894). Nessas associações, aglutinaram-se os intelectuais que formavam a nata da elite letrada de Fortaleza, onde Antônio Bezerra teve destaque como um dos fundadores dessas instituições e contribuiu ativamente.

O delineamento da formação de Antônio Bezerra realizado nestas páginas contribuiu sobremaneira para o entendimento das matrizes de seu pensamento, suas visões de mundo e, sobretudo, as suas concepções a respeito do conhecimento científico, sendo todo esse cabedal exercitado durante as suas viagens de prospecção naturalista no interior do Ceará na década de 1880. Essas viagens naturalistas¹⁷² contribuíram significativamente em vários pontos. Primeiramente, no que diz respeito a

¹⁷² Embora aparentemente tendo sido formadas essas comissões para a fiscalização da situação das coletorias no interior da província, defendemos que essas viagens podem ser consideradas viagens naturalistas, justamente pelo enfoque dado à natureza do Ceará com base em um naturalismo científicista.

segunda viagem naturalista, como o próprio autor deixa claro, os esforços do governo provincial para criar uma comissão com um roteiro que contemplasse várias localidades do norte da província seria importante para “tornar conhecido o Ceará”, tendo em vista que, além de prospecções da natureza, Antônio Bezerra construía a sua narrativa que contemplava as origens, os costumes e grandes feitos realizados pelos moradores e descrevia os contornos geográficos de cada paragem estudada. Essas observações apontadas por Bezerra eram enviadas e publicadas como folhetins em um jornal da capital cearense, por meio do qual os leitores ficavam a par do passo a passo da viagem da comissão.

Um segundo ponto a ser considerado gira em torno da intenção de Antônio Bezerra em “despertar nos moços de minha terra o gosto das ciências naturais pela exposição de ligeiras noções”. Como foi visto, Bezerra lançou alguns apontamentos sobre temas importantes para as ciências naturais do período, elegendo o Ceará como o seu campo de investigação. A sua prática científica fincada na observação da natureza a partir de uma sistemática naturalista, descrevendo o mundo natural em sua complexidade, absorvendo e exercendo *in locu* a metodologia dos vários ramos das ciências naturais tinha como uma das intenções popularizar o conhecimento científico das ciências naturais para os menos habilitados no assunto. Percebe-se que essa lógica permeia toda a sua narrativa, pelo tratamento de assuntos de cunho científico sendo direcionado a um público menos especializado.

Outro ponto acerca do trabalho das comissões chefiadas por Antônio Bezerra diz respeito ao importante registro da biodiversidade da natureza do Ceará. Por meio da prática científica das ciências naturais, principalmente pela identificação, comparação e classificação de espécies da flora e fauna, Bezerra mapeou/documentou a natureza, e, além disso, realizou um comparativo da ocorrência de espécies em diferentes ambientes naturais, nas serras, no litoral e nos sertões cearenses, como forma também de divulgar as riquezas naturais da província.

No capítulo final deste trabalho, a análise ficou circunscrita às atividades do intelectual/naturalista cearense posteriores à publicação de suas notas de viagem. Após a publicação, Bezerra foi convocado a fazer parte de uma comissão direcionada à organização e exposição dos produtos do então estado do Ceará na Exposição Nacional do Rio de Janeiro (1892), preparatória para a Exposição Universal de Chicago (1893).

Por meio de uma metodologia das ciências naturais, ele elaborou um catálogo dos objetos remetidos ao Rio de Janeiro, identificando os doadores/expositores, os locais onde foram coletados/enviados, a classificação de cada produto, de acordo com a taxonomia de cada um e algumas informações adicionais, como os seus usos e sua descrição física. Antônio Bezerra, juntamente com outro membro da comissão do Ceará, foi escolhido para ser o representante do estado, e expôs os produtos do Ceará na exposição do Rio de Janeiro. Tanto na exposição nacional, como nas viagens de prospecções naturalistas, trabalhou-se com a hipótese da divulgação das ciências naturais como uma das concepções do naturalismo cientificista de Antônio Bezerra.

Sem dúvidas, tanto as suas notas de viagens, como essa atividade na Exposição Nacional do Rio de Janeiro foram importantes para a divulgação dos trabalhos de Bezerra como uma das referências para os estudos relacionados à natureza do Ceará. Em decorrência desse destaque recebido, ele foi nomeado sócio correspondente do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, no mesmo período, pelo botânico e então diretor dessa Instituição, Barbosa Rodrigues; foi eleito diretor do Museu Botânico do Amazonas, quando esteve em Manaus entre 1896 e 1901; e recebeu elogios e serviu de referência para naturalistas importantes no cenário científico nacional, principalmente quando se tratava de assuntos da natureza do Ceará.

A partir desse trabalho de dissertação, procuramos lançar algumas luzes sobre a trajetória de Antônio Bezerra de Menezes do início ao fim de sua vida, e, sobretudo, buscamos o aprofundamento das atividades de ciências naturais no Ceará no final do século XIX a partir dele. Algumas lacunas ficaram ainda expostas sem serem preenchidas, principalmente pela ausência de documentos que nos ajudasse a costurar da melhor forma a biografia desse autor. Porém, o que foi escrito aqui procurou ao máximo dar conta de todos os assuntos referentes ao intelectual e estudioso das ciências naturais, que morreu em 1921, em meio ao colorido de suas flores, como não poderia deixar de ser um naturalista, no seu sítio situado do Barro Vermelho, hoje, em sua homenagem, bairro Antônio Bezerra. Segundo os seus contemporâneos, ele faleceu ainda com destacada atividade intelectual, transcrevendo calhamaços de datas de sesmarias, apesar de já demonstrar as marcas da velhice e das doenças que o acometeram.

LISTA DE FONTES

OBRAS DE ANTÔNIO BEZERRA DE MENEZES

MENEZES, Antônio Bezerra de. **Algumas Origens do Ceará**. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2009 (1ª edição de 1918).

_____. **O Ceará e os cearenses**. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1906.

_____. **Descrição da cidade de Fortaleza**. Fortaleza: UFC/Casa José de Alencar, 1992 (1ª Edição em 1895).

_____. **Notas de viagem**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1965 (1ª Edição em 1889).

_____. **Maranguape: Notas de Viagem**. S/I.

_____. **Sonhos de Moço**. Editado por Suitberto Padilha. Ceará: 1876.

_____; SERPA, Justiniano de; MARTINS, Antonio. **Três Lyras**. Ceará: Tyographia Economica, 1883.

PERIÓDICOS

- Ceará

A Constituição, Fortaleza/CE, 1882

A Estrela, Fortaleza/CE, 1860

O Cearense, Fortaleza/CE, 1865 a 1888

O Libertador, Fortaleza/CE, 1881 a 1889

Correio do Ceará, Fortaleza/CE, 1921

O Pão, Fortaleza/CE, 1896

Gazeta do Norte, Fortaleza/CE, 1885 a 1889

Revista **A Quinzena**, Fortaleza/CE, 1887 a 1888

Revista do Instituto do Ceará, Fortaleza/CE, 1887 a 1991

Revista da Academia Cearense, Fortaleza/CE, 1896 a 1900

- Outros

Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 1891 a 1893

Minas Geares, Minas Gerais, 1892 a 1893

A Gazetilha, 1891

RELATÓRIOS

Relatórios de Presidentes de Província do Ceará, 1880 a 1889
Relatório de Inspetoria de Obras Públicas, 1910

DIÁRIOS OFICIAS

Diário Oficial da União, 1892
Diário Oficial do Estado do Amazonas, 1896 a 1901

OUTRAS FONTES

ABREU, João Capistrano de. **Ensaio e estudos** (Crítica e História). Rio de Janeiro: Sociedade Capistrano de Abreu/Livraria Briguiet, 1931.

AGASSIZ, Louis; AGASSIZ, Elizabeth. **Viagem ao Brasil** (1865- 1866). Companhia Editora Nacional, 1938.

ARARIPE, Tristão de Alencar. **História da Província do Ceará**. Fortaleza: Typo-litografia Gadelha, 1958 (1ª edição de 1867).

ALEMÃO, Francisco Freire. **Diário de Viagem** (1859-1861). Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2011.

BATES, Henry Walter. **O naturalista no Rio Amazonas**. Companhia Editora Nacional, 1944.

BELMAR, A.de. **Voyage aux Provinces Brésiliennes du Pará et des Amazones em 1860, précédé d'un rapide coup d'oeil sur le litoral du Brésil**. Londres: Trezise, Imprimeur, 4, Beech Street, Barrican, 1861.

BLAKE, Sacramento. **Dicionário Bibliográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1893, segundo volume.

BRANNER, John Casper. **A suposta glaciação do Brasil**. Revista Brasileira, ano 2, t.6, p.106-113. 1896.

BRAZIL, Thomás Pompeu de Souza. **Estado do Ceará na Exposição de Chicago**. Fortaleza: Typ. da República, 1893.

_____. **Memória sobre a conservação das matas, e arboricultura como meio de melhorar o clima da Província do Ceará**. Ed. Fac-sim. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997.

CATUNDA, Joaquim. **Estudos de História do Ceará**. Fortaleza: Tipo Litografia Gadelha, 1919.

COMISSÃO CENTRAL DO CEARÁ. **Catálogo dos produtos do Ceará, remetidos a Exposição Preparatória do Rio de Janeiro.** Ceará: Typografia Economica, 1893.

GABAGLIA, Giacomo Raja. Ensaio sobre alguns melhoramentos tendentes à prosperidade da Província do Ceará. In: CAPANEMA, Guilherme Schurch de. **Estudos Sobre Seca.** Guilherme Schurch de Capanema e Giacomo Raja Gabaglia. Fortaleza: Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, Museu do Ceará, 2006, pp. 59-155.

GARDNER, George. **Viagens pelo Brasil:** principalmente nas Províncias do Norte e nos Distritos do Ouro e do Diamante durante os anos de 1836-1841. Companhia Editora Nacional, 1942.

GOELDI, Emílio. **As Aves do Brasil.** Rio de Janeiro e São Paulo: Livraria clássica Alves & C., primeira parte, 1894, nota 43, p. 381.

KOSTER, Henry. **Viagens ao nordeste do Brasil.** Companhia Editora Nacional, 1942.

LIAIS, Emmanuel. **Climats, Geologie, Faune et Botanique du Brésil.** Paris: Garnier Frères, 1872.

LIMA, Raimundo Antônio da Rocha. **Crítica e Literatura.** Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1968 (1ª edição de 1878).

MARGOLLÉ, Élie. **Les Phénoménés de La Mer.** Paris: Imprimerie de Dubuisson, s/d.

OLIVEIRA, João Batista Perdigão de. **Catálogo dos jornais, revistas e outras publicações do Ceará (1824-1904).** Fortaleza: Tipografia Guarani, 1905.

SONREL, L. **The Bottom of the sea.** Translated and Edited by Elihu Rich. New York: Charles Scribner and CO., 1870.

STUDART, Guilherme. **Dicionário Bio-bibliográfico Cearense.** Fortaleza: Tipo Litografia a Vapor, 3.Volumes.

_____. **Datas e fatos para a história do Ceará.** Edição fac-sim. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2001. Tomo III.

TEÓFILO, Rodolfo. **Sciencias Naturaes em Contos.** S/I.

_____; REDONDO, Garcia. **Botânica Elementar.** Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997 (fac-símile da edição publicada em 1907).

Trabalhos da Comissão Científica de Exploração: Introdução. Rio de Janeiro, Typografia Universal de Laemmert, 1862;

WALLACE, Alfred Russel. **Viagem pelo Amazonas e Rio Negro.** Companhia Editora Nacional, 1939.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRANTES, Paulo. **Imagens de natureza, imagens de ciência**. Campinas, SP: Editora Papyrus, 1998.
- ABREU, João Capistrano de. **Correspondência de Capistrano de Abreu**. Edição organizada e prefaciada por José Honório Rodrigues. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília, INL, 1977. 3 volumes.
- ADORNO, Sérgio. **Os aprendizes do poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- ALONSO, Angela. **Ideias em Movimento: A geração 1870 na crise do Brasil-Império**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- ALVES, Gilberto Luiz. **O pensamento burguês e o plano de Estudos do Seminário de Olinda (1800-1836)**. Tese de Doutorado. São Paulo: UNICAMP, 1991.
- ANTUNES, Anderson Pereira. **A rede dos invisíveis: uma análise dos auxiliares na expedição de Louis Agassiz ao Brasil (1863-1866)**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2015.
- ARDIGÓ, Felipe (org.). **Histórias de uma ciência regional: cientistas e suas instituições no Paraná (1940-1960)**. São Paulo: Contexto, 2011.
- BARBOZA, Christina Helena. **As viagens do tempo; uma história da meteorologia em meados do século XIX**. Rio de Janeiro: E-papers, 2012;
- _____. **As viagens do tempo; um projeto científico para o Brasil Imperial**. Anais do XXII Simpósio Nacional de História, 2003.
- BASTOS, José Romário Rodrigues. **Natureza, Tempo e Técnica: Thomaz Pompeu de Sousa Brasil e o século XIX**. Dissertação de mestrado. Departamento de História, Universidade Federal do Ceará, 2013.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- _____. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- _____. **Para uma sociologia da ciência**. Lisboa: Edições 70, 2001.
- CAMURÇA, Marcelo. **Marretas, Molambudos e rabelistas**. A Revolta de 1914 no Juazeiro. São Paulo: Maltese, 1994.
- CARDOSO, Gleudsson Passos. **“Cientificamente interpretadas e utilitariamente aproveitadas”**: A Academia Cearense e a Soberania do Conhecimento e das Leis Científicas. Revista Intellectus, ano 06, vol I-2007.

- CARVALHO, José Murilo de. **A construção da ordem: a elite política imperial. Teatro das Sombras: a política imperial.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- COMPAGNON, Antoine. **O trabalho da citação.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.
- COSTA, Emília Viotti. **Da Monarquia à República: momentos decisivos.** São Paulo: Editora UNESP, 2010.
- COSTA, Joao Cruz. **Contribuição à história das ideias no Brasil.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.
- CHARTIER, Roger. **Autoria e história cultural da ciência.** Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2012.
- DANTES, Maria Amélia M. (org.). **Espaços da Ciência no Brasil: 1800-1930.** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001.
- _____. **Fases da Implantação das Ciências no Brasil.** QUIPU, 5 (1988) 265-275.
- DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol. **Ciência: um Caso de Política: as relações entre as Ciências Naturais e a Agricultura no Brasil-Império.** Tese de doutorado. USP/FFLCH, São Paulo, 1995.
- _____. **O Homem, as Ciências Naturais e o Brasil no século XIX.** Acervo, Rio de Janeiro, v.22, nº1, p.167-178, jan/jun 2009.
- _____. **As Demandas Científicas e a Participação do Brasil nas Exposições Internacionais do Século XIX.** QUIPU, vol.12, núm.2, maio-agosto de 1999, pp. 203-215.
- _____; ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. **Raimundo Lopes: dois estudos resgatados.** Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.
- _____; SÁ, Magali Romero...[et al]. **Darwinismo, Meio Ambiente e Sociedade.** São Paulo: Via Lettera; Rio de Janeiro: MAST, 2009.
- _____; SÁ, Magali Romero [et al]. **A Recepção do Darwinismo no Brasil.** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003.
- _____. Spencerism in Brazil: An Introduction. In: LIGHTMAN, Bernard (ed.). **Global Spencerism: The Communication And Appropriation of a British Evolutionist.** Brill Academic Pub; Koninklijke Brill NV, 2016, pp. 192-217.
- ELIAS, Norbert. **Mozart: sociologia de um gênio.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.
- FARIA, Felipe. **Georges Cuvier: do estudo dos fósseis à palentologia.** São Paulo: Editora 34, 2012.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e Abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

FILHO, Júlio César da Fonseca. **O Ceará e a Proclamação da República**. In: Revista do Instituto do Ceará. Fortaleza: Typographia Minerva, 1924, Tomo Especial, XXXVIII, p.352.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FIGUEIRÔA, Silvia. **As ciências geológicas no Brasil: uma história social e institucional, 1875-1934**. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves; VIDAL, Diana Gonçalves [organizadoras]. **Museus: dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013.

FURTADO, Andrade. **Cearense-Padrão**. In: Revista do Instituto do Ceará, Tomo LV, Ano LV, Fortaleza: Tipografia Minerva, 1941, pp. 180-188.

FURTADO, Francisco de Assis Arruda. **Antônio Bezerra de Menezes: sesquicentenário**. In: Revista do Instituto do Ceará, 1991.

GAVROGLU, Kostas. **O Passado das Ciências como História**. Editora Porto. Lisboa, 2007.

GARCIA, Rodolfo. Explorações Científicas. In: **Dicionário Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil**. Rio de Janeiro: IHGB, 1922.

GIRÃO, Raimundo. **Geografia Estética de Fortaleza**. Fortaleza: Edições UFC – Casa de José de Alencar, programa editorial, 1997.

_____; SOUSA, Maria da Conceição. **Dicionário da literatura cearense**. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará, 1987.

GOMES, Ana Carolina Vimieiro. **Uma Ciência Moderna e Imperial: a fisiologia brasileira no final do século XIX (1880-1889)**. Belo Horizonte: Editora Fino Traço, 2013.

GOMES, Angela de Castro. **História e Historiadores**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996.

GUIMARAES, Manoel Luiz Salgado. **História e natureza em von Martius: esquadrinhando o Brasil para construir a nação**. Hist. cienc. saude-Manguinhos [online]. 2000, vol.7, n.2, pp. 391-413.

- HAMBURGUER, Amélia Império et al. **A ciência nas relações Brasil-França (1850-1950)**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp, 1996.
- HARDMAN, Francisco Foot. **Trem fantasma: a ferrovia Madeira-Mamoré e a modernidade na selva**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- HEIZER, Alda; VIDEIRA, Antonio Augusto Passos. **Ciência, civilização e Império nos Trópicos**. Rio de Janeiro: Access, 2001.
- HOBBSAWM, Eric. **A era dos impérios**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1988.
- KHUN, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas**. 10. ed. São Paulo, SP: Perspectiva, 2011.
- KOHLER, Robert E. **Landscapes Labscapes: exploring the Lab-Field Border in Biology**. The University of Chicago Press, 2002.
- KURY, Lorelai Brilhante. **Viajantes-naturalistas no Brasil oitocentista: experiência, relato e imagem**. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, vol. VIII (suplemento) 863-80, 2001.
- _____; LOPES, Maria Margaret; FIGUEIRÔA, Silvia; SÁ, Magali Romero; KODAMA, Kaori; PORTO ALEGRE, Maria Sylvania. **Comissão Científica do Império. 1859-1861**. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Studio, 2009.
- JARDINE, N.; SECORD, J.A.; SPARY, E. C. [editores]. **Cultures of natural history**. Cambridge University Press, 1996.
- LARSEN, Anne. Equipment for the field. In: JARDINE, N.; SECORD, J. A; SPARY, E.C. (orgs.). **Cultures of Natural History**. Cambridge University Press, 1996.
- LENOBLE, Robert. **História da ideia de natureza**. Lisboa: Edições 70, 1ª edição de 1969.
- LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- LIGHTMAN, Bernard. **Victorian popularizers of Science**. Design nature for new audiences. The University of Chicago Press, Chicago and London, 2007.
- LIMA, Nísia Trindade. **Um sertão chamado Brasil: intelectuais e representação geográfica da identidade nacional**. Rio de Janeiro: Revan: IUPERJ, UCAM, 1999.
- LISBOA, Karen Macknow. **A nova Atlântida de Spix e Martius: natureza e civilização na viagem pelo Brasil, (1817-1820)**. São Paulo, SP: Hucitec; FAPESP, 1997.
- LOPES, Maria Margareth. **O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX**. São Paulo: Hucitec, 1997.

_____. **Culturas das ciências naturais.** Ciência & Educação, v.11, n.3, p.457-470, 2005.

LOSADA, Janaina Zito/ PUIG-SAMPER, Miguel Ángel; DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol. **Um álbum para o imperador:** a Comissão Científica do Pacífico e o Brasil. Rio de Janeiro: MAST, 2013.

MAIA, Carlos Alvarez. **História das Ciências:** uma história de historiadores ausentes. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2013.

MARTINS, José Murilo (org.). **Poetas da Academia Cearense de Letras (1894-2009).** Antologia. Fortaleza: publicação da Academia Cearense de Letras, 2009.

MELLO- LEITÃO, Candido. **História das expedições científicas no Brasil.** São Paulo: Companhia Editora Nacional/Brasiliense, 1941.

MONTEIRO, Nivia Marques. **Joaquim Catunda e a recepção do debate evolutivo na segunda metade do século XIX.** Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Ceará. Programa de Pós-Graduação em História Social, 2014.

MOREIRA, Ildeu de Castro. **O escravo do naturalista:** o papel do conhecimento nativo nas viagens científicas do século 19. Revista Ciência Hoje, vol.31, nº 184, pp. 40-48.

MOREIRA, Paulo Italo. **Popularização das Ciências Naturais no Ceará no final do século XIX.** Boletim eletrônico da Sociedade Brasileira de História das Ciências. N. 5, Junho/2015.

NEEDELL, Jeffrey D. **Belle époque tropical:** sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

NETO, Eduardo de Castro Bezerra; LEAL, Vinicius Barros; PINHEIRO, Raimundo Teles. **Os Bezerra de Menezes:** do Riacho do Sangue, da Zona Norte e do Cariri. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1982.

NYE, Mary Jo. **Science in the Provinces:** scientific communities and provincial leadership in France, 1860-1930. University of California Press, 1986.

OLIVEIRA, Almir Leal de et al. **Intelectuais.** Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

_____. **O Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará:** memória, representações e pensamento social (1887 – 1914). São Paulo: Tese de Doutorado, PUC-SP, 2001.

_____. Viagens Científicas e Narrativas Naturalistas: as Problemáticas Evolutivas no Ceará. In: CAVALCANTE (et al). **História da educação comparada: missões, expedições, instituições e intercâmbios**. Fortaleza: Edições UFC, 2013, pp. 253-273.

_____. O litoral do Nordeste do Brasil como objeto científico darwinista: as prospecções de John Casper Branner, 1899-1911. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, vol. 21. n. 3, julho-setembro, 2014, pp. 931-951.

PAIVA, Melquíades Pinto. **Os naturalistas e o Ceará**. Fortaleza: Instituto do Ceará, 2002.

ORTIZ, Renato. **Pierre Bourdieu**. São Paulo: Ática, 1983.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Exposições universais: espetáculos da modernidade do século XIX**. São Paulo: Editora HUCITEC, 1997.

PICKERING, Andrew. **Science as practice and culture**. The University Chicago Press, 1992.

PORTO, Eymard. **Babaquara, chefetes e Cabroeira**. Fortaleza no início do século XX. Coleção Teses Cearenses. Fortaleza: Fundação Waldemar de Alcantara, s/d.

PRATT, Mary Louise. **Os olhos do Império: relatos de viagem e transculturação**. SP: EDUSC, 1999.

ROMANI, Carlo. **Aqui começa o Brasil: História das gentes e dos poderes na fronteira do Oiapoque**. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2013.

Revista Latinoamericana de Historia de Las Ciencias y la Tecnologia, vol.5, num.2, Mayo-agosto de 1988.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. São Paulo: Cortez, 2010.

SÁ, Dominichi Miranda de. **A Ciência como Profissão: médico, bacharéis e cientistas no Brasil (1895-1935)**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.

SÁ, Magali Romero. **O botânico e o mecenas: João Barbosa Rodrigues e a ciência no Brasil na segunda metade do século XIX**. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**. Vol. VIII (suplemento), 899-924, 2001.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SHAPIN, Steven. **Nunca Pura**. Estudos Históricos de Ciência como se Fora Produzida por Pessoas com Corpos, Situadas no Tempo, no Espaço, na Cultura e na Sociedade e

Que se Empenham por Credibilidade e Autoridade. Tradução: Erick Ramalho. 1. Ed. Belo Horizonte/MG: Editora Fino Traço, 2013.

SOUZA, Gastão Galvão de Carvalho. **Louis Agassiz**: um anti-evolucionista no país da biodiversidade. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: HCTE, 2009.

_____. **Conferências de Agassiz após o seu retorno da Amazônia** (maio de 1866). In: DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol[et al]. **Darwinismo, Meio Ambiente e Sociedade**. São Paulo: Via Lettera; Rio de Janeiro: MAST, 2009, pp. 101-112.

THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural**: mudança de atitude em relação às plantas e aos animais, 1500-1800. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

TODOROV, Tzvetan. **A viagem e seu relato**. Revista Let., São Paulo, v.46, n.1, p. 231-244, jan/jun. 2006.

VARELA, Alex. **“Juro-lhe pela honra de bom vassalo e bom português”**: filósofo natural e homem público – uma análise das memórias científicas do ilustrado José Bonifácio de Andrada e Silva. Dissertação (mestrado). São Paulo: UNICAMP. Instituto de Geociências, 2001.

VITOR, Hugo. **O Liceu do Ceará em cem anos**. Fortaleza: Tipografia Iracema, 1945.

ANEXOS

ANEXO I:**Notas de Viagem – Antônio Bezerra****• Roteiro de viagem**

Fortaleza – pág.21

Pecém – pág.28

Frecheiras – pág. 28

Mundaú – pág.28

Serra de Uruburetama – pág.34

Tapajé – pág.35

Almofala – pág.35

Camucim – pág.37

Granja – pág.50

Massapê –pág. 63

Santana –pág. 64

Povoado dos Remédios –pág.76

Pitombeiras –pág.84

Riachão –pág.85

Vila da Palma (Cidade de Coreaú) –pág.90

Viçosa –pág.97

Tubarão – a 12 quilômetros de Viçosa

Tabatinga –pág.126

Coatiguaba –pág.127

Barroão (cidade de Tianguá) –pág.129

Furnalhão –pág.134

Gruta de Ubajara –pág.137

Urucu –pág.147

Ibiapina –pág.148

S. Benedito –pág.159

Campo Grande (Segundo nota, hoje se denomina Guaraciaba do Norte) –pág.174

Ipu –pág.200

Ipueiras –pág.221

Príncipe Imperial (hoje, cidade de Crateús) –pág.229

Vila da Independência –pág.239

Cachoeira(em nota, atualmente cidade de Parambu)

S. João do Príncipe(em nota, chamada de Tauá) –pág.249

Tamboril –pág.266

Santa Quitéria –pág.281

Sobral –pág.305

Vila de S. Francisco (Em nota, cidade de Itapajé atualmente) –pág.326

Itapipoca –pág.341

Acaraú –pág.364

Almofala –pág.379

Mundaú –pág.385

Trairi –pág.388

Palma –pág.422

São Gonçalo –pág.423

Soure(Em nota: retomou o nome de Caucaia) –pág.427

- **Guias**

Luís Gomes –pág.42

Arrieiro Tibúrcio –pág.85

Major João Severiano da Silveira, seu filho; Doutor Castro Natalense; Tenente Prazeres e Lamartine –pág.125

Sr. Norberto

Rev.^{do} Padre Cavalcante Rocha e o seu irmão Arnaut –pág.150-151

Sr. Raimundo Gonçalves de Paula –pág.172

Arrieiro **Antônio Guida** : “*perfeito conhecedor daquelas paragens, como de todo o sertão*” –pág.210

Joaquim Pereira da Graça (Bumbum) –pág.256

José Leandro –pág.321

- **Bibliografia citada**

Kepler – pág.23

Herschel – pág.26

Tyndall – pág.27

L. Sonrel – pág.30

Elie Magollé – pág.30

Maury – pág.30

Schleiden – pág.32

Mr. Girardin – pág. 32-33

Naturalista Plaucus – pág.34

Conquiliologistas : Blainville, L. Keiner, Ferussac e Fischer- pág. 44

Lineu, Illiger, Vieillot, Macgrave –pág.95

Mr. Riccardi –pág.110

Charles Darwin(**Insectivorous Plants** - pág.111; **Voyage of a naturalist** –pág.322; pág.339)

Francis Darwin; Ch.Kellermann; Von Raumer, pág. 339.

Dr. Hooker –pág.111

Dr. Eichler –pág.111

Mr. Eduard Morren

Pfeffer, Bentham, Decaisne e Maxwel Marters –pág.126

Sir Lubock pág.154

Jean de Lery –pág.155

Humboldt

Augusto François Biard –pág.155

Von Martius –pág.158

João Barbosa Rodrigues –pág.158

Professor Decaisne –pág.158

Hans Staden (**Hans Staden wahrhaftige Historia und Beshreibung einer Landschafti**, etc., publicada em 1556)–pág.170

Henri Koster (**Voyage Pittoresque en Amerique**) –pág.170

Ferdinand Denis (**Brésil**) –pág.170

Boisduval –pág.191

Mr. Bernard Deschamps –pág.192

Walter Bates (**The Naturalist on the River Amazonas**); Conde Langsdorff (**Expedition into Interior of Brazil**) –pág.211

Naturalista **Félix Pouchet**; botanista **Ferdinand Muller** –pág.212

J. Pizetta (**Plantes et Bêtes**) –pág.216

Botanista Charles Thunberg –pág.217

Viajante holandês Foerset –pág.217

Anatomista Lyonnet –pág.220

Southall (**Recent origino of man**) –pág.233

Mr. Pictet (**Traité de Paléontologie, I, pág.264**) –pág.233

Naturalista Teodoro Descourtltz (**Ornithologie brésilienne**) –pág.243

Professor Bellynck –pág.250

João da Silva Feijó (**Memórias**) -pág.254

Saint'Hilaire (**Voyage au Brésil**) –pág.259; pág.374

A.B. utiliza outras classificações: Hooker, Bentham e Burmeister –pág.263

Mr. Belmas (**Voyage aux Provinces Brésiliennes**) –pág.270

Em relação aos pássaros: Temminck (**Histoire naturelle générale des pigeons**); Latham (**Synopsis of Birds**) –pág.289

Conde de La Hure (**L'Empire Du Brésil**) –pág.325

R. de Shombrugk –pág.339

Naturalista Alcide d'Orbigny (**Fragment d'um Voyage au centre de l'Amérique meridionale**) –pág.397

Naturalista Dr. Barbosa Rodrigues –pág.407

Grimard; Ch Musset –pág.418

Mr. Fletcher (**Brazil and Brazilians**) –pág.420

- **Locais das pesquisas de campo**

Conchas em Camucim – pág.45

Flores nos arredores de Viçosa pág.107

Minas de cobre –pág. 109

Formação rochosa dos arredores da Serra Grande –págs.184 - 190

Formação rochosa em Ipu –pág.207

Arredores da montanha perto de Ipu –pág.211

Ver pág. 219

No caminho de Ipueiras –pág.220-221

Nos arredores de São João do Príncipe –pág.257

Gruta nos arredores de Santa Quitéria –pág.290

Picos –pág.352

Fazenda **Taboca** –pág.355

Acaraú –pág.372-373

Acaraú -pág.374

Perto de Almofala – A.B. supõe a existência de sambaquis –pág.381

Análise da vida marinha –pág.385

Síntese da vegetação da Província –pág.396

Espécies de árvores que são de boa produção no Ceará –pág.407

- **Coleta de espécies, utensílios, artefatos, extratos, etc.**

- Zoologia

Conchas:

- I. Classe Gasterópodes: gênero: **Helix, Bulimus, Anostoma, Siphonaria, Cassis, Fasciolaria, Littorina, Trochus, Janthina, Fissurella e Tritão** – pág. 44
- II. Classe Pelecípodes: famílias: **Arca, Castalia, Crassatella, Cardium, Venus, Tellina, Donar, Unio, Amphidesma, Thracia** – pág. 45

Hipocampo (cavalo-marinho), gênero de peixes **Lophobranchios** da ordem dos **Osteodermes**

Coleta não especificada de insetos –pág.214-215

Abelhas –pág.301

Cascavel –pág.325

- Botânica:

Flores de plantas leguminosas, papilionáceas, mimosáceas, rosáceas, melastomáceas, passifloráceas e outras –pág.107

Amostras não especificadas de plantas e borboletas –pág.191-192

Algodão (malvácea) –pág.330

- Material geológico e etnológico:

Fragmentos de rocha –pág.109

Fragmentos de louça grossa –pág.123

Tembetá, peça para estudo da arqueologia –pág.154

Amostras de uma pedra, *a que o povo dá o nome de tauá* –pág.159-160

Amostras de Vitríolo branco (sulfato de zinco) –pág.196

Palhetas de mica com brilho dourado –pág.234

Fóssil de um mamífero extinto –pág.233

Ametista –pág.257

Amostras de metal –pág.291

- **Lista: espécies, utensílios, rochas, fósseis, etc., citados.**

- **Macrocystys pyrifera** – **pág.31**

- Plantas salsuginosas e arenosas (Eriocaulonáceas, Portulacáceas, Utriculárias, Ciperáceas)– **pág.43**

- **Remirea marítima** – **pág.43**

- **Scytonema**- **pág. 43**

- Coqueiros (**Cocos nucifera**)

- Mangue (**Rhizophora-mangle**)

- Cucurbitáceas, melões (**Cucumis Melo**)

- Folhas violáceas, infundibuligormes da salsa-da-praia (**Ipoema littoralis**) – **pág. 43-44**

- João-de-barro (**Furnarius rufus**), família dos **Tenuirostros** – **pág.44**

- Classe Gasterópodes: gênero: **Helix, Bulimus, Anostoma, Siphonaria, Cassis, Fasciolaria, Littorina, Trochus, Janthina, Fissurella e Tritão** – **pág. 44**

- Classe Pelecípodes: famílias: **Arca, Castalia, Crassatella, Cardium, Venus, Tellina, Donar, Unio, Amphidesma, Thracia** – **pág. 45**

- Hipocampo (cavalo-marinho), gênero de peixes **Lophobranchios** da ordem dos **Osteodermes** –**pág.45**

- Cajueiros (**Anacardium occidentale**) – **pág. 47**

- Aratus miúdos (**Sesarma pisonii**) e guaiamuns (**Uça Una**), crustáceos da ordem dos **Decapodos brachyuros**, família dos **Cyclometopos** – **pág.49**

- Carnaúbas (**Copernicia cerifera**) –**pág.50**

- Oitílicas (**Pleuragina umbrosissima**) –**pág.65**

- Tamarindos (**Tamarindus indica**) – **pág.69**

- Mandacarus (**Cereus Jamacaru**) –pág.72
- Gameleiras (**Ficus doliaria**) –pág.72
- Algodão (**Gossipium vitifolium**) –pág.73
- Ofídio (**Crotalus horridus**) –pág.88
- Seriemas (**Mycrodactylus crystatus**), família dos Pressirostros –pág.94 – confusão de nomes para essa espécie – Lineu chamou-a **Palamedea**, Illiger **Dicolophus**, Vieillot **Lophorrynghus**, Macgrave **Cariema cristata** e a maioria dos naturalistas **Mycrodactylus crystatus**.
- Paus-d'arco (**Tecoma** sp.) –pág.96
- Abelha preta, que chamam o arapuá, do gênero **Melipona**, ordem dos Himenópteros, família dos Melíferos –pág.101
- João-de-barro (**Furnarius rufus**) pág.107-108
- Cipó de chumbo (**Cuscuta americana**), planta herbácea, de hastes longas e filiformes, gênero da família das Convolvuláceas –pág.110
- **Valisneria spiralis**, **Mimosa pudica**, **Desmondium gyrans** –pág.110
- **Drosera rotundifolia** pág.111
- Família do **Miraculum naturae** – **Dionia** –pág.112
- Crassuláceas da África (**Crassula rochea**); Ficóides ou **Mesembryanthemums**; Asclepídiáceas (**Stapelias**) – pág. 112
- Jaborandi (**Ottonia jaborandy**), rutácia–pág.112
- Lepidópteros dos gêneros **Papilio**, **Heliconia** e **Morpho** –pág.113
- Pétalas: labiadas, infundibuliformes, Crucíferas, Papilionáceas, Umbelíferas, Liliáceas, floculosas, radiadas –pág.113
- Passifloras –pág.126
- Gameleiras (**Ficus** sp.) –pág.127
- Periquito (**Psittacus** sp.) –pág.127:
- Bálsamo (**Myrospermum erythroxyton**) –pág.135
- Mimosáceas, leguminosas, terebintáceas, begoniáceas –pág.137
- Onça (**Felis onça**) –pág.146
- Queixada (**Dicotyles labiatus**) –pág.146

- Goiabeiras (**Psidium guayaba**) –pág.147
- Palmeiras (**Attalea** sp) –pág.150
- **Vallisnerias** –pág.152
- Bichos de pé (**Pulex penetrans**), da ordem dos Dípteros, sub-ordem dos **Sugadores Aphonipterosu Siphonipteros** –Ver pág.156
- Palmeiras bacabas (**Aenocarpus**) –pág.157
- Gênero **Acrocomia**: macaúba (**Acrocomia sclerocarpa**), da 5ª tribo das Coconíneas –pág.158
- (**Mauritia vinifera**), pertencente à 2ª tribo das Calâneas; a carnaúba (**Copernicia cerifera**); o catolé (**Rhapis paramidata**) à 4ª tribo das Corifíneas; a bacaba, a macapuba, a palmeira-da-serra (**Attalea** sp.), o dendê (**Elaeis guineensis**), o côco comum (**Cocos nucifera**) e o tucum (**Astrocaryum vulgare**) à 5ª tribo das Coconíneas –pág.158
- Palmeira-imperial (**Oreodoxa regia**); açai (**Euterpe oleracea**); **Pritchardia felifera**; **Areca oleracea**; **Caryota urens**; **Cycas revoluta** –pá.158
- cesalpíneas, altivas mirtáceas, bombáceas, begoniáceas, urticáceas, **cedrela brasiliensis**, **myracrodruon urundeuva** –pág.163
- Semente do café (**Coffea arábica**); cana-caiana (**Saccharum officinarum**); canela (**Laurus sinnamomum**); pimenta-do-reino (**Piper nigrum**) –pág.178
- Arodéia parasita (**Phelodendron imbé**); bromélias; samambaia (**Tillandsia usneoides**) –pág. 182-183
- Guaribas (**Mycetes barbatus**) –pág.184
- Veado (**Cervus simplicicornus**) –pág.184
- **Aechimeas** –pág.187
- **Terebratula** –pág.188
- Urubus (**Cathartes jóia**) –pág.191
- Borboletas (**Morphos menelaus**); helicônias; **Heliconia sara ehlieonia phyllis**, –pág.191-192
- **Nymphales**
- **Achalinopteros e Chalinopteros** –pág.192
- Currupião (**Xanthornus jamacai**) –pág.197

- Cobra-de-veado (**Boa constrictor**); gato maracajá (**Felis pardalis**) –pág.198
- Conirrosto (Talvez **Carduelis brasiliensis**) –pág.211
- Aranha do gênero **Mígala** –pág.211
- **Acacea jurema** –pág.211
- Pompilo (**Pompilus marginalis**), inseto da tribo dos **Esphegios**, ordem dos Himenópteros(conhecido, segundo Bezerra, como cavalo-do-cão) –pág.212
- **Cassicus persicus** –pág.213
- **Trochilus** –pág.213
- Saúba (**Oecodoma cephalotes**) –pág.214
- Besouros (**Necrophorus vespillo**) –pág.214
- **Necrophorus scutator** –pág.215
- Combretáceas do gênero **Combretum**; frutos: maracanãs (**Conurus gyuanensis**) –pág.221
- Onça negra (**Felix brasiliensis**) –pág.225
- Codorniz ou perdiz, da família dos **Tetraonidae**–pág.226
- Piranhas (**Serrasalmus piranha**) –pág.230
- Psitacídeos –pág.237
- Sabiá da praia (**Turdus lividus**) –pág.243
- Gramíneas **Panicum e Paspalum** –pág.245
- Espinheiro conhecido sob o nome de **favela**, da família das Euforbiáceas–pág.250
- Capim mimoso (**Panicum capillaceum**) –pág.250
- Patativa (**Fringilla plúmbea**) –pág.251
- Abelhas jandaíras (**Trigona jandaíra**) –pág.258
- Coroas-de-frade (gênero **Melocactus**), tribo das Equinócáteas; palmatória (**Opuntia vulgaris**), tribo das Opúncias –pág.263
- Tatu-bola (**Dasypus tricinctus**)–pág.263
- Guariba (**Mycetes barbatus**) e (**Cebus cirrhifer**), ambos da família **Cebidae**, subordem dos Platirríneos, ordem dos Pitecídeos –pág.266

- Leguminosas (**Enterolobium canescens**), variedade de timbuíba, timbaíba, timbuíba ou timboíba (**Enterolobium timbouva**) –pág.268.
- Pereiros (**Aspidosperma pyrifolium**)
- Canafístula (**Cassia fistula**); cedro (**Cedrela brasiliensis**); aroeira (**Myracrodruon urundeuva**) –pág.270
- Espécie de mocós, diferente da conhecida (**Koridon mocó**, Cuv, **Caviarupestris**, de Newied), cuja pele em uns é branca, e em outros é negra–pág.271
- Barriguda (**Bombax ventricosa**); trepadeira chamada cipó-de-leite; gravatá
- Angicos –pág.279
- Coleóptero pertencente à família dos Longicórneos, tribo dos Cerambicídios –pág.280
- Mãe-da-lua (**Caprimulgus grandis**), pássaro da família dos Insessores, grupo **Strisor** –pág.280
- Borrachas (**Jatropha** sp.) –pág.283
- **Avoantes** –pág.287
- **Aves columbae** - pág.288
- Morcegos (**Vespertilio murinus**) –pág.290
- Pau-de-mocó (**Machaerium**) –pág.290
- Amêndoa da andiroba (**Miristica** sp.; em nota: **Carapa latifolia**, Willd.) –pág.300
- Paus-brancos (**Cordia oncocalyx**) –pág.304
- Caracará (**Polyborus caracará**) –pág.322
- Galos de campina (**Pyrgita cucullata**) –pág.339
- Samambaia (**Tillandsia usneoides**) –pág.352
- Goiabinha (**Psidium** sp.) –pág.354
- Uacauã (**Falco cachinans**) –pág.357
- Nictério caboré (**Strix** sp.) –pág.360
- Guinés (**Numida meliagrís**) –pág.360
- Jandaia (**Conurus aurifrons**) –pág.362
- Galinácea (**Rasor**); zabelê (**Cypturus**) –pág.363

- Crustáceos decápodes braquiúros: caranguejos (**Cancer uca**), siris (**Lupa dicantha**), aratus (**Sesarma psionni**) e guairamuns (**Uça uua**); decápodes macruros: camarões (**Penoeus** sp.), e moluscos da classe dos **Pelecípodes** –pág.373
- Redes de tucum (**Astrocaryum vulgare**) –pág.373
- Coroatá (**Bromelia** sp.) –pág.374
- Cucurbitácea (**Momordica charantia**) –pág.374
- Vegetação da beira da estrada : murici (**Malpighia crassifolia**); guajeru (**Multicaules icaco**, em nota: **Chrysobalanus icaco**, Lin.); mangaba (**Hancornia speciosa**); cardos (**Cactus**) –pág.378
- Aves aquáticas: carões (**Aramus**sp), pernaltas da família dos **Rallidae**, colhereiras (**Cancorma cochlearia**), família das **Ciconidae**, garças brancas, miúdas, cinzentas (**Ardea candissima**, **Egretta**, **Tigrina**) e tujujus (**Tantulus loculator**) –pág.381
- Guará (**Ibis rubra**) –pág.381
- Socó-boi, gênero **Ardea** –pág.382
- Capim rasteiro (**Paspalum pastum**, em nota: **Aristida americana**, Lin.) –pág.383
- Urtiga-do-mar (**Physalia caravella**); pernalta (**Caladris arenaria**) –pág.385
- Manacá (**Duranta bicolor**, em nota: **Brunfelsia Lopeana**, Benth.) –pág.387
- Traíras (**Syodus**) –pág.390
- Juriti (**Columba jamaicensis**) –pág.395
- Imburana (**Torresia cearensis**, em nota: **Bursera leptophloeos**, Emfl.) –pág.396
- Canafístulas (**Cassia fistula**) –pág.400
- **Lampiris**, família dos **Malacodermata**, subfamília dos **Telephorinae** –pág.411
- **Golphimia officinalis** –pág.421
- Jeritacaca (**Mephites suffocans**) –pág.425

ANEXO II

Material enviado por Antônio Bezerra para a Exposição Preparatória do Rio de Janeiro (1892)

Seção A: Agricultura, Arboricultura, Horticultura, Floricultura e Produtos Florestais

OBJETOS	LOCALIDADE	CLASSIFICAÇÃO
Café do Crato	Crato	<i>Coffea Arabica Rubiaceas</i>
Café do Acarape	Araripe	Idem
Café da Serra do Machado	Serra do Machado	Idem
Fumo em folhas	Fortaleza	<i>Nicotiana tabacum</i>
Pelo de grão de bode	Fortaleza	<i>Cichona caprifolia - Bromeliaceas</i>
Pelo de grão de muxió	Fortaleza	Baetis maraja
Fibra quioba	Fortaleza	
Fibra xixá bravo	Fortaleza	Agrave vivipara - Bromeliaceas
Água termal	Fortaleza	
Casulo de seda	Fortaleza	
Vinho de genipapo	Porangaba	Não classificado
Óleo piqui	Fortaleza	Pekca. Fam. Rhizophoraceas
Cascas carahubas	Fortaleza	
Cascas trapiá	Fortaleza	Cratava tapia. Fm. Capparidaceas
Batata de porco	Fortaleza	Nymphae Nelumbo. Fam. Nympheaceas
Batata de água-pé	Fortaleza	Ricimes communis F. Euphorbiaceas
Raiz de carrapato	Fortaleza	Menyanthes brasiliensis F. Gencianeas
Raiz de golfo	Fortaleza	
Flor de Alfavaca	Fortaleza	Occimum incarnum. Fam. Lahiadas
Flor sensitive	Fortaleza	Mimosa sensitive. Fam. Leguminosas
Frutos pau branco	Fortaleza	Dialium ferrum. Fam. Leguminosas
Frutos timbahúba	Fortaleza	Fam. Leguminosas
Frutos palmatoria	Fortaleza	Cactus opuntia. Fam. Nopalaceas
Frutos de pajehu	Fortaleza	
Vagens feijão bravo	Fortaleza	Cassia Heptandra. Fam. Leguminosas
Flor de guagerú	Fortaleza	Multicaulis icaco. Fam. Rosaceas
Flor de mata-fome	Fortaleza	Ioudium ipepacuanha F.

		Bignoniaceas
Flor de gergelim	Fortaleza	Fam. Bignoneaceas
Flor de cipó de fogo	Fortaleza	
Flor de mulungu	Fortaleza	Erythrina coralho Dendron. Fa. Leguminosas
Flor de carahubas	Fortaleza	
Flor de ingá	Fortaleza	Imosa. Fam. Leguminosas
Flor cipó de leite	Fortaleza	
Flor encherto passarinho	Fortaleza	Loranthus americanus F. Loranthaceas
Flor muricy pitanga	Fortaleza	
Flor baccomixá	Fortaleza	Sideroxilon vastum
Flor de jurubeba	Fortaleza	Solanum jubeba. Fam. Solanaceas
Flor mellosa	Fortaleza	
Flor batiputá	Fortaleza	
Flor caninana	Fortaleza	Chiococa Brasiliensis. Fam. Meleaceas
Flor pacotê	Fortaleza	Cochlospermum serratifolium
Flor xixá do mato	Fortaleza	
Flor mufumbo roxo	Fortaleza	
Flor gurgury	Fortaleza	
Flor mufumbo branco	Fortaleza	
For ameixa	Fortaleza	Ximenia Americana. Fam. Olacineas
Flor tingui	Fortaleza	
Flor mufumbo	Fortaleza	
Flor perpetua campo	Fortaleza	Gomphrena globosa. F. Amaranthaceas
Flor parahyba	Fortaleza	Simaruba versicolos. Fam. Rutaceas
Flor trapiá	Fortaleza	Crateva tapia. Fam. Caporidaceas
Flor cajaseira	Fortaleza	Spondius lutea. Fam. Anacardiaceas
Flor guagerú	Fortaleza	Ilegível
Flor mufumbo	Fortaleza	
Flor malva do rio	Fortaleza	Sida. Fa. Malvaceas
Flor quiabo bravo	Fortaleza	Hibiscus silvestres Fam. Malvaceas
Flor mufumbo	Fortaleza	
Flor de cajueiro	Fortaleza	Anacardium occidentale. F. Anacardiaceas
Folhas de gericó	Fortaleza	Aristolochia glandulosa
Folhas canela araripe	Fortaleza	Laurus cinamomum. Fam. Lauraceas
Folhas chá bravo	Fortaleza	Thea Americana. Fam. Portulacaceas

Folhas arbusto rosca	Fortaleza	<i>Helicteres meliflua</i> . Fam. Sterculiaceas
Folhas de anil	Fortaleza	Indigofera. Fam. Leguminosas
Flor de besouro	Fortaleza	
Flor de velosa	Fortaleza	
Flor de pitombeira	Fortaleza	
Flor de barrigudinba	Fortaleza	
Flor de rabugem	Fortaleza	
Flor de gonçalo alves	Fortaleza	
Sementes mulungu	Fortaleza	Erythrina coralho Dendron. Fa. Leguminosas
Sementes de sabiá	Fortaleza	Mimosa sp. Fam. Leguminosas
Sementes de barbatimão	Fortaleza	Mimosa virginalis. F. Leguminosas
Sementes de pao d'arco	Fortaleza	
Sementes de mamão	Fortaleza	<i>Carica papaya</i> . Fam. Papayaceas
Sementes de pajehú	Fortaleza	
Sementes de retirante	Fortaleza	<i>Acantheos permum</i> . Fam. Polygalaceas
Flor de pao pombo	Fortaleza	<i>Odina Francoana</i> . F. Anacardeaceas
Semente de deigitalis	Fortaleza	<i>Allamanda cathatica?</i> Apocynaceas
Semente de jurema	Fortaleza	<i>Mimosa jurema alba</i> . Fam. Leguminosas
Semente de grão de bode	Fortaleza	<i>Chinchona caprifolia</i> . Fam. Labiadas
Semente de mororó	Fortaleza	
Semente de cordão S. Francisco	Fortaleza	<i>Phlomis nepetifolia</i> . Fam. Labiadas
Semente de coronha	Fortaleza	
Rasas de joá	Fortaleza	<i>Zezipus joaseiro</i> . Fam. Rhamneas
Couro de onça pintada	Fortaleza	<i>Felis onça</i> . Ordem dos Carniceiros
Cipó mata fome	Fortaleza	
Cipó branco	Fortaleza	<i>Paulima edulis</i> . Fam. Sapindaceas
Cipó liso	Fortaleza	<i>Colletia sarentosa</i> . Fam. Rhanaceas
Cipó de macaco	Fortaleza	<i>Argilia pulchra</i> . Fam. Bignoneaceas
Cipó de leite	Fortaleza	
Cipó duro	Fortaleza	
Cipó pintadinho	Fortaleza	
Cipó preto	Fortaleza	

Cipó de rego	Fortaleza	<i>Caudollea fragilis</i> (?) Fam. Dilleniaceas
Cipó de tiú	Fortaleza	<i>Argilia applicata</i> . Fam. Bignoneaceas
Cipó de geriquity	Fortaleza	<i>Triamospermatapuyá</i> . Fam. Cucurbitaceas
Cipó canga de boi	Fortaleza	<i>Abrus precatorius</i> .Fam. Leguminosas
Cipó cabeça de negro	Fortaleza	
Cipó mofumbo do rio	Fortaleza	Fam. Cucurbitaceas
Cuia	Fortaleza	

Seção B: Viticultura, Horticultura, Floricultura.

OBJETOS	LOCALIZAÇÃO	CLASSIFICAÇÃO
Gameleira em Alcool	Fortaleza	
Jangada em Alcool	Fortaleza	
Torém em Alcool	Fortaleza	

Seção C: Gado, Animais Domésticos e Selvagens

OBJETOS	LOCALIZAÇÃO	CLASSIFICAÇÃO
Casulos maribondo	Fortaleza	
Cobra de Cipó	Fortaleza	
Gato	Fortaleza	

Seção D: Peixes e Produtos de Pescarias

OBJETOS	LOCALIZAÇÃO	CLASSIFICAÇÃO
Piranha	Fortaleza	<i>Senasalmo piranha</i>
Piau	Fortaleza	<i>Seporinus sp.</i>
Sarapó	Fortaleza	<i>Carapos sp.</i>
Gangaty	Fortaleza	<i>Silurus Cangaty</i>
Trahyra	Fortaleza	<i>Macrodon Trahira</i>
Curimatan	Fortaleza	<i>Anodus Amaronum</i>
Jutubarann	Fortaleza	<i>Salmo Jutubarana</i>
Acari-sovela	Fortaleza	<i>Sericoria sp.</i>
Piau branco	Fortaleza	<i>Seporinus sp.</i>
Piau preto	Fortaleza	<i>Seporinus sp.</i>
Piau ferreiro	Fortaleza	<i>Seporinus sp.</i>
Sardinha	Fortaleza	<i>Clupre sp.</i>
Piau de pedra	Fortaleza	<i>Seporinus sp.</i>
Mocinha	Fortaleza	<i>Clupre sp.</i>
Pirambeba	Fortaleza	<i>Salmo sp.</i>
Jundiá	Fortaleza	<i>Silurus sp.</i>
Acorá	Fortaleza	<i>Chromes Acorá</i>
Piaba-rei	Fortaleza	<i>Clupea sp.</i>

Camboatá	Fortaleza	<i>Platistoma sp.</i>
Mandi	Fortaleza	<i>Silurus sp.</i>
Piaba-chata	Fortaleza	<i>Clupea sp.</i>
Acari-barbado	Fortaleza	<i>Serecoria sp.</i>
Esponjas finas	Fortaleza	<i>Spongia usitatissima</i>

Seção E: Mineração e Metalurgia

OBJETOS	LOCALIZAÇÃO	CLASSIFICAÇÃO
Cristal de rocha	Fortaleza	Proveniência: Assaré
Aragonito fibroso	Fortaleza	Do Crato
Amianto fibroso	Fortaleza	De Quixeramobim
Amianto calcario	Fortaleza	Da Serra do Araripe
Amianto concreto	Fortaleza	Da Serra de Baturité e Conceição
Pyrite de ferro	Fortaleza	Do Crato
Ferro pisolitico	Fortaleza	Do Saboeiro
Peroxydo de ferro	Fortaleza	De Maria Pereira
Hematite de ferro	Fortaleza	Do Ipú
Mica feldspathica	Fortaleza	De Quixeramobim
Galena ou chumbsulpho	Fortaleza	Do Crato
Mica foliada no quartzo	Fortaleza	Do Assaré
Carbonato de ferro	Fortaleza	Do Acarape
Peroxydo de ferro sulph ^o	Fortaleza	Do Assaré
Ferro oxydado	Fortaleza	Da Serra de S. Pedro
Sexquioxydo ferro	Fortaleza	De Maria Pereira
Ferro lamellar	Fortaleza	Idem
Ferro olegistico	Fortaleza	Idem
Ferro magnetico	Fortaleza	Do Icó
Turmalina baceilar	Fortaleza	Do Crato
Aragonito	Fortaleza	De Russas
Turmalina cristaes	Fortaleza	De S. Matheus
Linhito Terroso	Fortaleza	Da Serra do Araripe
Cobre sulphorado	Fortaleza	Do Assaré
Schisto micaceo	Fortaleza	Do Canindé
Turmalina cristaes	Fortaleza	Do Saboeiro
Rubis balais	Fortaleza	De Maria Pereira
Granada escura	Fortaleza	De Maria Pereira
Ferro sulfatado	Fortaleza	Do Icó
Cobre oxydado	Fortaleza	De Viçosa
Graphito ou plumb.	Fortaleza	Do Riacho do Sangue
Turmalina	Fortaleza	De Maria Pereira
Silex jaspe negro	Fortaleza	De S. Matheus
Palipero fossilizado	Fortaleza	Do Aracati
Aragonito fibroso	Fortaleza	De S. Matheus
Silex jaspe zonar	Fortaleza	Do Saboeiro
Talco	Fortaleza	De S. Matheus
Linhito compacto	Fortaleza	De Jaguaribe Mirim

Quartzo feldspatia	Fortaleza	Assaré
Quartzo hialino	Fortaleza	De Varzea Alegre
Quartzo ametista	Fortaleza	De Assaré
Graphito	Fortaleza	De Iguatu
Succino	Fortaleza	De Maria Pereira
Soda native	Fortaleza	Do Ipú
Graphito	Fortaleza	De Cachoeira
Geodo contend himonit	Fortaleza	De Araripe
Perite de ferro	Fortaleza	Do Assaré
Talco	Fortaleza	Do Pereiro
Carbonato de cal	Fortaleza	Do Crato
Sienito	Fortaleza	Da Serra da Ibiapaba
Talco schistose	Fortaleza	Do Limoeiro
Porphyro piroximie	Fortaleza	De Araripe
Grés argiloso	Fortaleza	Idem
Calcareo saccharoyde	Fortaleza	Do Acarape
Quartzo hialino resinie	Fortaleza	De Iguatu
Quartzo resinite	Fortaleza	Do Crato
Talco crayeux	Fortaleza	De Milagres
Calcareo silicioso	Fortaleza	De Araripe
Silex jaspoide	Fortaleza	De Iguatu
Grés quartzo	Fortaleza	De Canindé
Carbonato de cal	Fortaleza	De Araripe
Porphyro feldspatico	Fortaleza	De Pedra Branca
Talco	Fortaleza	Da Serra da Ibiapaba
Carbonato de cal	Fortaleza	De Missão Velha
Crés quartzoso	Fortaleza	Do Crato
Schisto bituminoso	Fortaleza	Idem
Silex jaspe vermelho	Fortaleza	Do Jardim
Silex jaspe ordinario	Fortaleza	Do Iguatu
Calcareo pondigue	Fortaleza	De Barbalha
Calcareo Silicioso	Fortaleza	De S. Matheus
Calcareo silico magnesio	Fortaleza	Do Crato
Turmalina	Fortaleza	Do Iguatu
Talco	Fortaleza	Da Serra do Araripe
Alium native	Fortaleza	Do Crato
Quartzo resinite	Fortaleza	De Maria Pereira
Turmalina verde	Fortaleza	De Maria Pereira
Mica em folha	Fortaleza	De Canindé
Grés quartzoso	Fortaleza	De S. Matheus
Cabonato de ferro	Fortaleza	Do Limoeiro
Ferro lamellar	Fortaleza	Do Limoeiro
Schisto argiloso	Fortaleza	De Missão Velha
Schisto Bituminoso	Fortaleza	Do Crato
Idem	Fortaleza	De Assaré
Idem	Fortaleza	De Missão Velha
Quartzo argilo terroso	Fortaleza	De S. Matheus
Granito		Do Jardim

Talco	Fortaleza	Do Assaré
Peroxydo de ferro	Fortaleza	De Saboeiro
Argila smítica	Fortaleza	Idem
Argila ocrosa	Fortaleza	De União
Argila plastica	Fortaleza	De Barbalha
Argila ciliciosa	Fortaleza	Idem
Idem	Fortaleza	Do Icó
Succino	Fortaleza	De Messejana
Turfa	Fortaleza	Do Crato
Quartzo hialino	Fortaleza	De Arronches
Talco chistoso	Fortaleza	De Iguatu
Amianto	Fortaleza	Do Pereiro
Sulfureto antimonium	Fortaleza	De Iguatu
Pyrito de ferro	Fortaleza	Da Serra da Ibiapaba
Ferro oligista	Fortaleza	De Boa Viagem
Sulfureto de ferro	Fortaleza	De S. Matheus
Sulfureto de cobre	Fortaleza	Idem
Quartzo urifero	Fortaleza	Do Ipú
Celestine	Fortaleza	Da Serra da Ibiapaba
Talco schisto	Fortaleza	Do Crato
Quartzo silicioso	Fortaleza	De Iguatu
Quartzo amethista	Fortaleza	Idem
Argila salifera, salgema	Fortaleza	De S. Matheus
Salgemma	Fortaleza	Idem
Calcareo cristalisado	Fortaleza	Da Serra da Ibiapaba
Schisto metamorfico	Fortaleza	De Assaré
Schisto ordinario	Fortaleza	De Missão Velha
Quartzo porphyroido	Fortaleza	Idem
Carboanto de cal	Fortaleza	De Iguatu
Grés calcareo	Fortaleza	De Barbalha
Grés quartzoso	Fortaleza	Da Serra de S. Pedro
Calchisto	Fortaleza	De Canindé
Grés compacto	Fortaleza	De Barbalha
Gneiss	Fortaleza	De Iguatu
Dolorite	Fortaleza	De S. Matheus
Ica schisto	Fortaleza	De Iguatu
Grés argiloso	Fortaleza	De Barbalha
Argila refratária	Fortaleza	De Assaré
Granito	Fortaleza	De S. Matheus
Silex quartzoso	Fortaleza	De Russas
Quartzo micaceo	Fortaleza	De Iguatu
Porphyro quartzifero	Fortaleza	De S. Matheus
Quartzoso calcareo	Fortaleza	Idem
Mica chisto	Fortaleza	De Iguatu
Sflex Agatha	Fortaleza	De Saboeiro
Colcos chistoso	Fortaleza	De Pedra-Branca
Silex quartzoso	Fortaleza	De Aracati
Carbonato de cal	Fortaleza	De Araripe

Calcareo	Fortaleza	De Barbalha
Grés quartzoso	Fortaleza	Da Serra de S. Pedro
Mica chisto	Fortaleza	De Iguatu
Cristal de rocha	Fortaleza	De Sant'Anna do Brejo
Mica em folha	Fortaleza	De Porangaba
Mica em pó	Fortaleza	De Assaré
Idem	Fortaleza	De Varze-Alegre
Cré fina	Fortaleza	De Saboeiro
Idem	Fortaleza	De S. Matheus
Cré	Fortaleza	De ALvras
Sulfato de ferro	Fortaleza	De Milagres
Idem	Fortaleza	De Jardim
Areas quartzosas	Fortaleza	De Jardim
Areas argilosas	Fortaleza	Idem
Grés calcareo	Fortaleza	De Canindé
Carbonato de cal	Fortaleza	De Araripe
Pegmalite	Fortaleza	Idem
Grés argiloso	Fortaleza	De ABrbalha
QUartzo hialino	Fortaleza	De Assaré
Silex jaspe	Fortaleza	De Araripe
Phillade	Fortaleza	Da Serra da Ibiapaba
Amphibole negro	Fortaleza	De Pedra-Branca
Scisto metamorphico	Fortaleza	De Assaré
Argila	Fortaleza	De Barbalha
Grés quartzoso	Fortaleza	De Cachoeira
Pegmatite	Fortaleza	De Jardim
Prphiro quartzoso	Fortaleza	De Assaré
Grés feldspatico	Fortaleza	Do Pereiro
Quartzo	Fortaleza	De Iguatu
Calcario silicioso	Fortaleza	Da Serra da Ibiapaba
Peroxydo de ferro	Fortaleza	De Quixadá
Mica scisto	Fortaleza	De Iguatu
Celestine ferruginoso	Fortaleza	De S. Matheus
Peroxydo de ferro	Fortaleza	Do Pereiro
Gneiss	Fortaleza	Iguatu
Hematite de ferro	Fortaleza	De Santa Quitéria
Carbonato de cal	Fortaleza	De União
Carbonato de ferro	Fortaleza	Do Aracati
Cré calcareo	Fortaleza	De Boa Viagem
Idem	Fortaleza	De Quixeramobim
Idem	Fortaleza	De Jaguaribe-mirim
Idem	Fortaleza	Do Crato
Idem	Fortaleza	De Varzea Alegre
Areia argila terrosa	Fortaleza	De Iguatu
Areia argila luminosa	Fortaleza	De Iguatu
Areia argila ferruginosa	Fortaleza	Idem
Areia argilosa	Fortaleza	Idem
Areia magnesia	Fortaleza	Idem

Areia argilosa	Fortaleza	Idem
Idem	Fortaleza	Idem
Areia ferro argilosa	Fortaleza	Idem
Areia argila feldspatica	Fortaleza	Idem
Areia cilico terrosa	Fortaleza	Idem
Areia argilosa	Fortaleza	Idem
Areia argilo terrosa	Fortaleza	Idem
Areia silico ferruginosa	Fortaleza	Idem
Areia argilo marnosa	Fortaleza	Idem
Areia argilo terrosa	Fortaleza	Idem
Areia argilosa	Fortaleza	Idem
Areia argilo magnesio	Fortaleza	Idem
Areia argilo calcareo	Fortaleza	Idem
Areia argilo quartzosa	Fortaleza	Idem
Areia argilo ferruginosa	Fortaleza	Idem
Areia argilo marnosa	Fortaleza	Idem

Seção H: Manufaturas

OBJETOS	LOCALIZAÇÃO	CLASSIFICAÇÃO
Rede de seda	Fortaleza	
Rede azul	Fortaleza	
Bengala de canela de veado	Fortaleza	
Rebenques de couro	Fortaleza	
Colcha de algodão	Fortaleza	
Toalha de algodão	Fortaleza	
Couro de onça sussuarana	Fortaleza	
Chapéu de palha de carnauba	Fortaleza	
Idem	Fortaleza	
Tigela	Fortaleza	
Chácaras e pires de madeira	Fortaleza	
Polvarinho de madeira	Fortaleza	
Caixa de chifre	Fortaleza	
Vaso de argila do Icó	Fortaleza	
Cordas de algodão	Fortaleza	
Bornal de tucum	Fortaleza	
Espingarda	Fortaleza	
Cabeçada de couro	Fortaleza	
Alpercatas de couro	Fortaleza	
Cilhas de algodão	Fortaleza	
Copo de argila do Icó	Fortaleza	
Tecido de algodão	Fortaleza	
Idem	Fortaleza	

Seção L: Artes Liberais

OBJETOS	LOCALIZAÇÃO	CLASSIFICAÇÃO
Horas de Recreio	Fortaleza	
Notas de Viagem	Fortaleza	

Seção M: Etnologia e Arqueologia

OBJETOS	LOCALIZAÇÃO	CLASSIFICAÇÃO
Peixe petrificado	Fortaleza	
Idem	Fortaleza	
Machado indígena	Fortaleza	
Idem	Fortaleza	
Vaso Indígena	Fortaleza	
Utensílio Indígena	Fortaleza	
Idem	Fortaleza	
Idem	Fortaleza	
Cadinhos	Fortaleza	
Vaso calcareo	Fortaleza	
Ossos petrificados	Fortaleza	